

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CLÁUDIO KURY FREITAS

**INTERAÇÕES E PRÁTICAS EM COLETIVOS CIDADÃOS VOLTADOS À
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CENÁRIO SOCIODIGITAL BRASILEIRO:**
Estudo de caso do Coletivo POA Inquieta

São Leopoldo
2025

CLÁUDIO KURY FREITAS

**INTERAÇÕES E PRÁTICAS EM COLETIVOS CIDADÃOS VOLTADOS À
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CENÁRIO SOCIODIGITAL BRASILEIRO:
Estudo de caso do Coletivo POA Inquieta**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do título de Doutor em Ciências
Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gadea

Coorientadora: Profa. Dra. Adriane Ferrarini

São Leopoldo
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

F866 Freitas, Cláudio Kury.

Interações e práticas em coletivos cidadãos voltados à transformação social no cenário sociodigital brasileiro: estudo de caso do coletivo POA Inquieta / Cláudio Kury Freitas. – 2025.

206 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2025.

“Orientadora: Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gadea”.

“Coorientadora: Profa. Dra. Adriane Ferrarini”

1. Sociologia digital. 2. Porto Alegre Inquieta. 3. Ação coletiva.
4. Movimentos sociais. I. Título.

CDU 316.482.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecário: Maicon Juliano Schmidt – CRB 10/2791)

CLÁUDIO KURY FREITAS

**INTERAÇÕES E PRÁTICAS EM COLETIVOS CIDADÃOS VOLTADOS À
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CENÁRIO SOCIODIGITAL BRASILEIRO:
Estudo de caso do Coletivo POA Inquieta**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do título de Doutor em Ciências
Sociais, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS).

Aprovado em 23 de abril de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro (Orientador)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Profa. Dra. Marília Verissimo Veronese
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Profa. Dra. Adriane Vieira Ferrarini
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof. Dr. Jose Ivo Follmann
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente ao meu pai, que completou 88 anos de vida, e acreditou em mim quando de minha decisão por fazer um Doutorado, e sem bolsa ter seu pronto respaldo. Sua serenidade e equilíbrio me acompanham desde meu mestrado, e aos quase 90, poderá ver seu filho se tornar um doutor em tema que é tão legítimo e contemporâneo.

Agradeço por estar forte e resiliente até o final de uma jornada tão árdua, não apenas pelos estudos, mas por conseguir transpor perdas e fenômenos únicos pelo caminho. Ademais, por chegar até aqui com saúde mental e física, e condição de ainda permanecer pesquisando e me dedicando a construir uma sociedade menos distante, mais inclusiva, mais crítica e construtiva. E, em um momento de tanta pujança tecnológica, agradeço por poder estudar pessoas, suas verdades, percepções, concepções, crenças e disposições, tendo ainda o privilégio de trazer tema relevante justamente abordando o momento sociológico de nosso tempo, onde vejo o grande, talvez maior de todos, desafio de equalização entre maturidade social e maturidade tecnológica.

Agradeço à minha ex-orientadora, professora Adriane Ferrarini, e ao meu atual orientador, professor Carlos Gadea, por me aceitarem, me abraçarem cada qual em seus momentos, e me darem energia para continuar a agregar conhecimento, mas acima de tudo aprender diariamente com as novidades que o campo e a pesquisa apresentam.

Devo agradecer a sempre acolhedora presença da professora Marília Veronese, e ao suporte técnico administrativo incansável da Maristela Simon, sempre pronta a me salvar diante das armadilhas burocráticas institucionais, escudeira do bem. Devo também, aproveitando, saudar ao corpo docente que de maneira geral, dentro do possível, abraçou minhas inquietações e anseios. E, obrigatório citar o papel de tantos colegas de PPG, pessoas queridas que a vida me apresentou. Solícitas, alegres, lutadoras, e incentivadoras a todo momento, como aquela torcida ao lado da pista em que eu corria exausto, caindo, e seus “gritos” me empurrando até a linha de chegada. Valeu especialmente Carina, Jana, e Damaris, vocês são demais.

Por fim, agradecer às bancas, e saberes reunidos prontos a pavimentarem meu caminhar acadêmico. Cada paralelepípedo desta via vale muito para mim. E à

amostra de pesquisa que consegui reunir, depoimentos valiosos que propiciaram pesquisa de fôlego.

“O ato de agradecer não é apenas uma expressão de cortesia, mas uma forma simbólica de reconhecimento e reciprocidade que fortalece os laços sociais.”

— Goffman, Erving (1967). *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*.

A pesquisa acadêmica frequentemente exige sacrifícios pessoais, como longas horas de trabalho, renúncia a atividades de lazer e até mesmo impactos em relacionamentos pessoais. A dedicação necessária para produzir conhecimento original pode ser emocionalmente e fisicamente desgastante, mas também é profundamente recompensadora para aqueles comprometidos com a busca do saber (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2008).

RESUMO

Esta tese analisa a construção coletiva e prática cidadã, sob as interações e perspectivas sociodigitais, através do estudo de caso do Coletivo Porto Alegre Inquieta e sua dinâmica articular de transformação social, entendendo na prática seu modelo, potencialidades e limitações. A trabalho também apresenta como pano de fundo a subcategoria da Sociologia, chamada sociologia digital, recente construto acadêmico que endossa o contexto de formação e atuação das ações e projetos coletivos focados na cidade. O arcabouço teórico somado à construção e execução da pesquisa de abordagem qualitativa ocorreram entre os anos de 2021 e 2023. Inicialmente, formulou-se um roteiro de entrevistas em profundidade. Foram 16 entrevistas no total com atores atuantes em maior ou menor grau de participação no Coletivo, além de egressos. Após a realização das entrevistas, foi possível extrair categorias de análise, bem como obter subsídios para a confecção de um robusto instrumento de pesquisa. Para validar percepções e as categorias, conduziu-se coleta e estudo de respostas aos questionários, dados por amostra robusta de 128 pessoas. Reforçaram-se as categorias dinâmica e articulação, interação e colaboração, transformação individual e coletiva, comunicação sociodigital, política e sustentabilidade. Sob olhar da Sociologia digital, duas tipologias obtiveram maior destaque, análises sociológicas do uso digital e sociologia digital crítica. As seis categorias de análise foram mantidas na investigação maior: dinâmica e articulação; interação e comunicação; transformação individual e coletiva; comunicação sociodigital; política; sustentabilidade. O objeto de estudo, a jornada epistemológica e metodológica estão devidamente embasados pela observância da teoria clássica e introdução de contemporâneas, com a devida contextualização, a partir dos estudos de Georg Simmel, Manuel Castells e Deborah Lupton. Como contribuição teórica, tem-se a abertura de caminho para continuidade de estudos sob a lente da Sociologia digital, investigando e aprofundando o modelo aqui trazido, e replicando em outras iniciativas coletivas e demais fenômenos sociais dos tempos atuais em preparação para um entendimento presente e futuro. Como contribuição empírica, sugere a replicação e adaptação do instrumento de pesquisa a outros formatos de inovação social para poder extrair conhecimento dos mesmos e melhorar seus resultados perante a sociedade através de visão emancipatória e cidadã.

Palavras-chave: Sociologia digital, Porto Alegre Inquieta, ação coletiva, Porto Alegre.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to analyze the collective construction and citizen practice, under sociodigital interactions and perspectives, through the case study of the Porto Alegre Inquieta Collective and its articulated dynamics of social transformation, understanding in practice its model, potentialities and limitations. The work also presents as a backdrop the subcategory of sociology, called digital sociology, a recent academic construct that endorses the context of formation and performance of collective actions and projects focused on the city. The theoretical framework added to the construction and execution of the qualitative approach research took place between 2021 and 2023. Initially, an in-depth interview script was formulated. There were 16 interviews in total with active actors with a greater or lesser degree of participation in the collective, in addition to alumni. After conducting the interviews, it was possible to extract categories of analysis, as well as obtain subsidies for the creation of a robust research instrument. To validate perceptions and categories, responses to the questionnaires were collected and studied, given by a robust sample of 128 people. The categories of dynamics and articulation, interaction and collaboration, individual and collective transformation, sociodigital communication, politics and sustainability were reinforced. From the perspective of digital sociology, two typologies gained greater prominence: sociological analyses of digital use and critical digital sociology. The six categories of analysis were maintained in the larger investigation: dynamics and articulation; interaction and communication; individual and collective transformation; sociodigital communication; politics; sustainability. The object of study, the epistemological and methodological journey are duly based on the observance of classical theory and the introduction of contemporary theories, with due contextualization, based on the studies of Georg Simmel, Manuel Castells and Deborah Lupton. As a theoretical contribution, the path is paved for the continuation of studies under the lens of digital sociology, investigating and deepening the model presented here, and replicating it in other collective initiatives and other social phenomena of the present times in preparation for a present and future understanding. As an empirical contribution, the replication and adaptation of the research instrument to other formats of social innovation are suggested, to be able to extract knowledge from them and improve their results for society through an emancipatory and citizen vision.

Key-words: Digital sociology, Porto Alegre Inquieta, collective action, Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visão circular sobre teorias sociais.	53
Figura 2 – Imagem conceito do Coletivo a partir das diversas iniciativas e interesses registrados.....	71
Figura 3 – Analogia dos elevadores de maturidade	83
Figura 4 – Unidade de análise e outras considerações em Estudos de Caso	91
Figura 5– Viabilização financeira para o voluntariado	139
Figura 6 – Envolvimento em projetos do POA Inquieta.....	141
Figura 7 – Dificuldades e limites do POA Inquieta	149
Figura 8 – Diagrama de redes de Paul Baran (1964).....	164

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Ação na Praça da Alameda ao lado da EMEF Marcílio Dias	27
Fotografia 2 – Ação na Praça da Alameda ao lado da EMEF Marcílio Dias	27
Fotografia 3 – Reunião de criação e definição para a construção da Associação da Alameda.....	28
Fotografia 4 – Registro do primeiro grupo integrante da AMAI	29
Fotografia 5 – Roda de Conversa colaborativa para criação de princípios, UNISINOS, Porto Alegre	45
Fotografia 6 – Roda de Conversa com Sebastião Uribe na EMEF Marcílio Dias	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sobre sistematização de Participação Social	73
Gráfico 2– Sobre sistematização de Ação Coletiva.....	74
Gráfico 3– Sobre sistematização de Movimentos Sociais	75
Gráfico 4– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	117
Gráfico 5 – Perfil por idade dos respondentes	117
Gráfico 6 – Perfil por idade dos respondentes	118
Gráfico 7 – Distribuição demográfica entrevistados	119
Gráfico 8 – Nível de escolaridade da amostra.....	121
Gráfico 9 – Trajetória e participação no Coletivo.....	127
Gráfico 10 – Quem te convidou ao POA Inquieta?.....	129
Gráfico 11 – Meio por onde chegou ao POA Inquieta?	130
Gráfico 12 – Por qual spin você entrou no Coletivo?	131
Gráfico 13 – Participação no POA Inquieta por Spins?.....	132
Gráfico 14 – Participou ou deixou de algum Spin.....	133
Gráfico 15 – Razões para saída de algum Spin	134
Gráfico 16 – Viabilização financeira para o voluntariado.....	140
Gráfico 17 – Participação em projetos do Coletivo.....	141
Gráfico 18 – Resposta sobre envolvimento direto em projetos do POA Inquieta	142
Gráfico 19 – Resposta sobre envolvimento AÇÕES do POA Inquieta	145
Gráfico 20 – O que é o POA Inquieta para você?	146
Gráfico 21 – O que significa/significou o POA Inquieta para você?	147
Gráfico 22 – Autocrítica sobre participação no POA Inquieta.....	148
Gráfico 23 – Espaço de construção oportunizado no POA Inquieta.....	149
Gráfico 24 – Resposta sobre dificuldades e limites no POA Inquieta.....	150
Gráfico 25 – Informações sobre a comunicação interna no POA Inquieta	151
Gráfico 26 – Atualização sobre acontecimentos do Coletivo POA Inquieta	151
Gráfico 27 – contribuição para o fluxo de informações POA Inquieta	152
Gráfico 28 – contribuição para o fluxo de informações POA Inquieta	153
Gráfico 29 – Intensidade de contribuições do POA Inquieta para a cidade.	154
Gráfico 30 – Fatores de impacto positivo do POA Inquieta para a cidade	155
Gráfico 31 – Conhecimento sobre projetos do POA Inquieta para a cidade	156
Gráfico 32 – Visão sobre impactos de ações e projetos	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Norteadores POA Inquieta	43
Tabela 2 – Consolidação categoria Dinâmica/Articulação	108
Tabela 3 – Consolidação categoria Interação/Colaboração	109
Tabela 4– Consolidação categoria Transformação individual/coletiva	110
Tabela 5 – Consolidação categoria Comunicação sociodigital.....	112
Tabela 6 – Consolidação categoria Política	113
Tabela 7 – Consolidação categoria Sustentabilidade.....	115
Tabela 8 – Formações complementares da amostra, resposta não obrigatória (N=60).	122
Tabela 9– Outras áreas de atuação, resposta não obrigatória (N=90)	124
Tabela 10 – Razões para permanecer nos spins e/ou Coletivo	134
Tabela 11 – Envolvimento marcante em projetos	143
Tabela 12 – Lista complementar do significado do POA Inquieta - percepções.....	147
Tabela 13 – Comentários finais sobre o estudo e o POA Inqueita	157

Um professor distribuiu um balão para cada aluno, orientando-os a enchê-lo, escrever seu nome nele e deixá-lo no corredor. Em seguida, o professor misturou todos os balões e deu aos alunos cinco minutos para encontrarem o seu. Apesar da busca agitada, ninguém conseguiu achar o próprio balão. Foi então que o professor sugeriu que pegassem o primeiro balão que encontrassem e o entregassem à pessoa cujo nome estava escrito nele. Em apenas cinco minutos, todos estavam com o seu balão de volta. O professor então explicou: 'Esses balões representam a felicidade. Se ficarmos apenas procurando pela nossa, dificilmente a encontraremos. Mas, quando nos preocupamos com a felicidade dos outros, acabamos encontrando a nossa também'. (História de autor desconhecido, amplamente compartilhada em mídias digitais).

Em um mundo onde as conexões digitais se tornaram a base das relações humanas, as redes não são apenas ferramentas tecnológicas, mas manifestações do desejo humano de pertencer, colaborar e transformar. A ação coletiva no ambiente digital é a prova de que, mesmo em um espaço virtual, é a empatia e o propósito compartilhado que movem sociedades inteiras (SHIRKY, 2008).

Na modernidade líquida, os laços humanos se tornam cada vez mais frágeis e descartáveis, mas a busca por conexão permanece (BAUMANN, 2000).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 DA PESQUISA DE CAMPO	19
2.1 CAMINHO METODOLÓGICO E CONEXÃO.....	20
2.2 MUITO MAIS QUE UMA PRAÇA	25
3 CONTEXTUALIZANDO CENÁRIOS	30
3.1 DO CONTEXTO AO CASO	36
3.2 NO CASO, O OBJETO.....	38
3.3 PERSPECTIVA DE LONGO PRAZO	46
4 ALICERCE TEÓRICO - AÇÕES E MOVIMENTOS PRÉ E PÓS DIGITAIS	49
4.1 TEORIA SOCIAL.....	53
4.2 DAS FORMAS TRADICIONAIS DE AÇÃO, INDIVÍDUO E COLETIVO	57
4.2.1 Emancipação na prática	63
4.3 NOVAS PAUTAS E FORMATOS ORGANIZACIONAIS DE MOVIMENTOS SOB TEORIAS DAS REDES SOCIAIS E ATOR REDE	64
4.4 SISTEMATIZANDO E APROXIMANDO A AÇÃO COLETIVA CIDADÃ	71
4.4.1 Participação Social	72
4.4.2 Ação coletiva	74
4.4.3 Movimentos Sociais	75
4.4.4 O debate teórico derivado da sistematização.....	76
5 ERA DIGITAL EM SI.....	81
5.1 AVANÇO TECNOLÓGICO E INTERAÇÕES SOCIODIGITAIS: LADO BOM E LADO RUIM	81
5.2 SOCIOLOGIA DIGITAL, CATEGORIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS	84
6 ANÁLISES E REGISTROS DOCUMENTAIS	91
6.1 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE, CONSTRUINDO O INSTRUMENTO	91
6.2 OUVINDO O GRANDE GRUPO	116
7 DESTAQUES DE PESQUISA E RELATÓRIO FINAL.....	162
7.1 BOLHAS SOCIAIS A PARTIR DA AMOSTRA EMBASADA	165
7.1.1 Indivíduos e redes	166
7.1.2 Bolhas sociais, ampliando o conceito.....	166
7.4 DAQUI PARA FRENTE	170
REFERÊNCIAS.....	171

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE (N=16).....	181
ANEXO B – INSTRUMENTO DE PESQUISA QUALI/QUANTI (N=128).....	184

1 INTRODUÇÃO

Esta tese analisa a construção coletiva e prática cidadã, sob as interações e perspectivas sociodigitais, através do estudo de caso do Coletivo Porto Alegre Inquieta e sua dinâmica articular de transformação social, entendendo na prática seu modelo, potencialidades e limitações. Introduce-se assim, portanto, uma visão geral do que o leitor encontrará ao longo do trabalho, contextualizado teórico e empiricamente sobre o que há, e o que se pode esperar do modelo estudado.

Tem-se no estudo de caso também uma análise de como as mudanças tecnológicas reconfiguram a sociedade em rede e estas contribuem em ações coletivas horizontais com objetivo de transformação. Como objeto do trabalho, o Coletivo Porto Alegre Inquieta, originado da sociedade civil, político, e suprapartidário, formado por cidadãos. Caracterizado aqui como ação coletiva cidadã após o devido embasamento, o estudo contempla abordagens sociológicas a partir das práticas sociais promovidas por iniciativas coletivas de transformação, articuladas sob a lente sociodigital.

Na delimitação geográfica natural, está a cidade de Porto Alegre, onde o Coletivo nasceu e atua de diferentes formas. Assim, a pesquisa avalia, revela, e amplia perspectivas sobre as movimentações ocorridas desde o final de 2017, ano do nascimento do Coletivo, somadas às perspectivas políticas sustentáveis de longo prazo, um desejo premente aos integrantes, fundadores e participantes, atores sociais da cidade.

As contribuições empíricas e teóricas advém do corpus de pesquisa, sob o pano de fundo da subcategoria da Sociologia, chamada de sociologia digital, promovendo o diálogo entre autores clássicos e contemporâneos das ciências sociais, cruzando a literatura com as de outras áreas que contribuem para a interpretação do que as sociedades globais e locais enfrentam desde a abertura plena de conexão nos anos 2000. Esta conexão promove a interação e convergência entre sociedade, estado, economia e emancipação coletiva. Destas interações, surgem oportunidades de pesquisa dentro de um novo contexto intermediado por plataformas, ambientes digitais e pela influência da internet em si. Ao mesmo tempo, podem ser identificados obstáculos à operação e governança coletiva, e na adequação de políticas públicas.

Caminhando academicamente desde 2015 por pesquisas investigando fenômenos sociodigitais, o autor pode construir conhecimento sobre o novo século alicerçado em plataformas, as pontes levantadas, derrubadas e adaptadas se levando em conta os diversos tecidos sociais, realidades econômicas e, no caso brasileiro e do sul global, necessidades de resiliência urbana, cujo maior exemplo é a cidade de Medellín, inspiração do Coletivo POA Inquieta.

A referida trajetória do autor se inicia analisando fenômenos ligados à chamada economia colaborativa, no ano de 2015. Ainda que tratando do tripé economia, digital e sociedade, o olhar pendia mais para a maneira encontrada pela sociedade americana de contornar o impacto econômico da grande crise do subprime em 2008. Naquele contexto há vínculo forte entre tecnologia disponível e equilíbrio econômico. Porém, mesmo que mais ao norte global existam exemplos revigorantes de cidades como Barcelona e Lisboa por exemplo (BALULA, 2011), situações de crise humanitária e deficiência urbana tendem a um peso menor dentre os problemas existentes na sociedade do chamado “primeiro mundo”.

De fato, ao sul do hemisfério existem imensos desequilíbrios sociais, e bem menor estrutura urbana. Com o histórico de estudos sobre economia colaborativa, ou compartilhada, surge para o autor, enquanto ativista do Coletivo POA Inquieta, oportunidade de trazer o conhecimento de suas pesquisas, aliando-as a novas descobertas acadêmicas, particularmente a sociologia digital, trazida aqui a partir dos livros de Lupton (2015) e Marres (2017). Forma-se então cenário inédito para pesquisa, unindo o curso de ciências sociais, a investigação maior da subcategoria sociológica, aplicado e em benefício ao próprio Coletivo. O Coletivo POA Inquieta, foco dessa pesquisa, conta hoje com uma população em torno de dois mil integrantes conectados via WhatsApp, em mais de 30 grupos de interesse, que atuam em diferentes níveis de engajamento e articulação. Seus papéis são relevantes de acordo com cada ação pensada e definida, obtendo-se o mais indicado àquela solução. Se a pesquisa sociológica por si só já se mostrava atraente em razão do modelo peculiar do Coletivo, contemplá-la também sob olhar da Sociologia digital agregou ineditismo, importante no aprofundamento esperado em uma tese de doutorado. Até porque, há carência de informações estruturadas hoje sobre números do Coletivo, e a dinâmica de conexões por exemplo. Sua operação e organicidade demandam conhecimento mais apurado para atualização das informações divulgadas em seus canais oficiais.

O caminho teórico percorrido ratifica a importância da literatura clássica em relação às questões humanas e relacionais, na formação de grupos, movimentos, articulações, reivindicações históricas e seus elementos necessários à ligação com teorias afins do século XIX. Especialmente a partir dos anos sessenta com a formação das redes relacionais, até o embasamento focado no estabelecimento das redes sociais humanas. E, chegando então à virada do século e anos 2000, sob o embasamento teórico das redes sociais digitais, culminando na subcategoria da Sociologia.

Nesse estudo de caso, método escolhido portanto, as perguntas principais surgidas foram: De que maneira a participação coletiva dos envolvidos nos trabalhos, voluntários e cidadãos atendidos, flui e transforma a partir da articulação sociodigital e consequentes projetos, dando sustentabilidade ao Coletivo? De que forma este trabalho e iniciativas, são percebidos pelos atores envolvidos? Quais características são essenciais e referenciais destas práticas voltadas à transformação social propostas e trabalhadas pelo Coletivo?

Tais questionamentos desencadearam na grande pergunta de pesquisa, em um olhar amplo, indagando como mudanças tecnológicas neste século podem reconfigurar as redes sociais e sociedade em si, contribuindo para ações em formatos horizontais e perspectivas de transformação social. Tem-se então uma análise interna, do próprio objeto, aprofundando conhecimento e trabalhando documentalmente o Coletivo.

Da grande pergunta, caminhos foram traçados para:

- a) Caracterizar o perfil, motivação, engajamento e interações dos integrantes do Coletivo Porto Alegre Inquieta, a partir das articulações coletivas internas e externas;
- b) Analisar as práticas de governança do Coletivo Poa Inquieta em meio sociodigital, assim como seus desdobramentos em projetos voltados à transformação social;
- c) Identificar ações realizadas e em desenvolvimento pelo Coletivo, bem como seus possíveis efeitos para a cidade de Porto Alegre;
- d) Estimar o modelo social de rede do Coletivo a partir da teoria das redes sociais, analisando níveis de relações e interações de seus integrantes;

- e) Construir conhecimento e generalização para aplicação de estudo em outros coletivos.

Dito isso, a presente tese possui 8 capítulos, que dessa introdução para a contextualização de cenários culminam no estudo de caso e suas perspectivas. O tópico 3 a seguir contextualiza e traz o leitor ao objeto de estudo, citando situações emblemáticas dele. No capítulo 4, o leitor tem a oportunidade de navegar pelos alicerces teóricos, a partir da teoria social, suas formas tradicionais, um subtópico sobre emancipação. Na sequência do capítulo são mostradas pautas recentes e formatos sociais novos. O capítulo 4, teórico, traz uma sistematização feita quantificando publicações sobre participação social, ação coletiva e movimentos sociais e encerra em um debate teórico.

O capítulo 5 apresenta o foco na era digital, os avanços tecnológicos e prepara o leitor para entender adequadamente do que se trata a sociologia digital. O capítulo 6 trata das análises e registros de pesquisa, dedicando atenção a conteúdos extraídos de entrevistas em profundidade. Na segunda parte do capítulo lê-se sobre o conteúdo extraído do questionário disponibilizado ao Coletivo como um todo, respondido de maneira significativa.

O capítulo 7 traz os achados de pesquisa, onde se comenta os diversos pontos considerados relevantes, para melhoria, replicação, ou descontinuação em termos da ação coletiva. E destes, através de elementos de grounded theory, estabelece-se a evolução do conceito de bolhas sociais com abordagem sociológica pura, considerando características extraídas das respostas, da vivência social e sociodigital do autor, da participação direta e indireta em projetos, rodas, outras construções dentro do Coletivo, do contexto de pesquisa ocorrido durante a pandemia de COVID-19 e passando por ela, nos trabalhos executados até final de 2023.

Por fim, os tópicos 8 e 9, trazem as referências multidisciplinares utilizadas para o trabalho e os documentos anexos principais.

2 DA PESQUISA DE CAMPO

É complexo explicar o movimento que culminou na pesquisa envolvendo diferentes nuances com o apelo aparentemente contraditório. Isso se deve ao fato de comumente as pessoas pensarem em temas como inovação ou tecnologia de maneira restrita a ambientes de negócios ou a uma parcela da população com escolaridade e circulação em determinadas camadas, ou bolhas sociais, que enquanto conceito, nesse momento ainda ocorre sob visão sociológica de exclusão ou proteção social no que tange ao acesso plural.

Ao tomar contato com o Coletivo POA Inquieta, em fevereiro de 2018, o autor identifica oportunidades genuínas de estar com pessoas de potencial transformador, demonstradas suas expertises e intenções também verdadeiras naquele momento de estarem juntas construindo algo diferente, em um formato igualmente novo, ainda focado na economia criativa. O caminho era natural. Afinal, na realidade dos presentes aos primeiros encontros, mesmo com a pretensão clara e legítima por uma cidade melhor, a visão ainda guardava distância do que faria diferença verdadeira no processo criativo e inclusivo de Porto Alegre para boa parte dos integrantes que permaneceriam ligados ao Coletivo.

Tomado de inquietação, o autor expande relações, e em um dado momento decide compartilhar conhecimento e aprendizado em um dos grupos criado como base de trabalho do Coletivo, voltado à inovação social e diversidade. O entendimento do autor e aderência ao grupo em questão é de que, embora educador, sua contribuição poderia ser maior pelo caminho da inovação social, por acreditar que a formação humana e cidadã antecede o processo educacional. São complementares, não excludentes.

Sendo catalisador de emblemáticos encontros, o grupo de inovação foi das principais portas de entrada para pessoas que chegaram, se juntaram, acreditaram juntos no propósito e em pouco tempo se viram articulando e liderando ações coletivas e projetos que marcaram a jornada do POA Inquieta. Enquanto esta articulação desenvolvia uma nova rede de participantes, paralelamente havia efervescência e vontade enquanto todos se moviam pela empolgação de encontros tão diferentes das rotinas de cada um.

Do ponto de vista de pesquisa, presenciar a fluência das mídias sociais e plataformas facilitando a chegada de novos integrantes, transformando os modelos de encontros, dando maior velocidade e alcançando mais e mais pessoas de

diferentes bolhas sociais – conceito tratado de maneira especial nesse trabalho – tornou tangível a visão de como tanto teoricamente quanto metodologicamente as mídias e plataforma alteram o curso natural de pesquisas atualmente.

A transformação da Internet, desencadeada pela ampla difusão das redes sociais, coloca dois desafios à etnografia: teórico e metodológico. Em nível teórico, o etnógrafo tem de lidar com o facto de que os meios de comunicação social tendem a estruturar as interações online através de formas sociais muito fluidas, efémeras e dispersas – uma condição que leva a repensar radicalmente as categorias etnográficas clássicas, tais como campo, comunidade, identidade, participante, ética etc. (Postill 2008). Em nível metodológico, as redes sociais configuram-se como ambientes que fornecem ao etnógrafo um conjunto de ferramentas predefinidas que realmente organizam o espaço e o fluxo de interação (pense nos retuítes e hashtags do Twitter) (Marres e Gerlitz 2015), que de certa forma canalizam e restringir o âmbito de acção do etnógrafo e desafiar a própria abordagem. Dadas estas premissas, o que parece ser metodologicamente desafiador e promissor para a etnografia contemporânea não é a tentativa de adaptar as técnicas qualitativas clássicas de análise aos ambientes online, mas sim compreender o que podemos aprender dos ambientes online em termos de novos métodos e métodos. novas linguagens, na medida em que são úteis para renovar a disciplina da etnografia (Pink *et al.* 2016; Ruppert, Law e Savage 2013). Na seção seguinte, reflito sobre a possibilidade de combinar Métodos Digitais com etnografia. Especificamente, mostro como os Métodos Digitais podem inspirar o etnógrafo através de novas estratégias metodológicas e quadros conceituais que são úteis para mapear as estruturas sociais e os processos culturais implantados em ambientes de mídia social (CALIANDRO, 2018).

2.1 CAMINHO METODOLÓGICO E CONEXÃO

Este tópico descreve os aspectos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. São apresentadas as categorias extraídas para o máximo aproveitamento do estudo, especialmente pelo ineditismo dele no que tange o modelo do objeto de estudo e seu contexto de atuação. O método e estratégia contemplados nesse tópico configuram abordagens qualitativas. O método empregado para cumprimento dos objetivos definidos se alinha e compõe parte de um trabalho contínuo, de anos, amplo, de um grupo de pesquisa coordenado pela professora Adriane Ferrarini, que já iniciou estudos e discussões sobre temas que orbitam o Coletivo, a economia solidária, criativa e assuntos afins.

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radical- mente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceitos e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social. A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujei- to e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos moti- vos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações

tornam-se significativas. No entanto, não se assume aqui a redução da compreensão do outro e da realidade a uma compreensão introspectiva de si mesmo. É por isso que, na tarefa epistemológica de delimitação qualitativa, há de se superar tal idéia, buscando uma postura mais dialética dentro daqueles três aspectos descritos por Bruyne *et al.* (1991): a) o movimento concreto, natural e sócio-histórico da realidade estudada (sentido objetivo); b) a lógica interna do pensamento enquanto sentido subjetivo; e c) a relação entre o objeto real visado pela ciência, o objeto construído pela ciência e o método empregado (sentido metodológico) (MINAYO; SANCHES, 1993).

Unindo expertises e interesses comuns, estabeleceu-se esforço em ter não apenas um esgotamento de opiniões em torno de elementos chave dentro do Coletivo, mas também a ampliação, e validação ou não de seus pontos de vista - suas óticas do que há, acontece, internamente e de dentro para fora - pelas demais pessoas que ocupam espaços pela cidade, em diferentes iniciativas, e que se ligam ao Coletivo pelos spins específicos.

A partir de 16 entrevistas em profundidade com articuladores e egressos do Coletivo, com maior ou menor participação, são geradas informações e ideias para composição de um robusto instrumento de pesquisa, conduzido online e divulgados dentro dos grupos do Coletivo. A amostra quali e quanti conta com 128 respostas validadas. Dada a crescente de alternativas de pesquisa em razão dos instrumentos digitais disponíveis, optou-se pela construção e formação de questionário na plataforma Google. (FREITAS; JANISSEK-MUNIZ; MOSCAROLA, 2004). Para as entrevistas em profundidade, que serviram como base ao questionário, usou-se a plataforma Microsoft Teams, por dois motivos: o primeiro pela agilidade, comodidade e alcance permitido, porque no período de 2023 quando o trabalho metodológico ganhou tração, é quando se inicia lentamente a retomada da vida normal, ou novo “normal”, como ficou conhecido o período seguinte à pandemia de Coronavírus. (SANTOS; COSTA, 2022).

Um processo que pareceu moroso, inclusive aos olhos do próprio pesquisador, por fim se provou compreensível diante do período tão inusitado vivido durante a deflagração da pandemia mundial de Covid 19, bem como seus impactos diretos na mobilidade individual e coletiva nas cidades e seus ativismos muito alicerçados na presença humana. No caso do Coletivo POA Inquieta, viu-se um arrefecimento forte, sendo que um grande ativo, as rodas de conversa presenciais, deixou de existir por conta das políticas de isolamento impostas pela pandemia, demandando criatividade extra de todos.

Com foco de tese, e sob todos os obstáculos impostos pelo contexto e situação emocional advinda de experiências pessoais e sociais, demandou-se longo tempo de investigação. Por conta disso, o instrumento de pesquisa permaneceu aberto no ano de 2023, sendo necessária a provocação do pesquisador em busca da ampliação da amostra, mais robusta, representativa e qualificada. Buscando maior sustentação, defende-se a visão do alicerce teórico. Por mais trivial que pareça ao universo acadêmico de leitores, o embasamento a seguir pretende justificar um delineamento não criado, mas bem experimentado, e ousa partir daí até o cenário de pesquisa na nova realidade sociodigital em campo. Assim, qualquer pessoa interessada poderá constantemente buscar aqui, se achar necessário, conhecimento de literatura e causa.

Myers (2009, p. 22), afirmou que qualquer pesquisa deve ser construída tomando como ponto de partida uma série de passos que contemplem suas bases filosóficas e perspectivas teóricas, como o método de pesquisa, as técnicas de coleta de dados, a abordagem para análise de dados e um relatório escrito. A pesquisa, segundo Gil (2007), pode ser definida como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, cujo objetivo fundamental é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. Também, Stone (1978, p. 29) explica que o requisito base do método científico consiste no pesquisador testar empiricamente as predições e proposições sobre fenômenos do mundo real.

A análise de dados deve ser empreendida com base nas proposições teóricas que levaram ao estudo de caso, e desta forma, neste capítulo são realizadas considerações quanto ao tipo de estratégia de pesquisa utilizada, desenho de pesquisa, etapas de preparação do estudo e coleta de dados. Assim, esta pesquisa é desenvolvida em etapas distintas para facilitar a gestão, onde cada fase resulta em um marco de auxílio à fase seguinte (YIN, 2001).

Diante dos preceitos teóricos, a estratégia de se conduzir como estudo de caso ocorre por duas razões principais: 1. por permitir e requerer multiplicidade de métodos; 2. Aplicar-se a estudos com poucas referências de literatura e pesquisas anteriores. Em ambas as situações, o Coletivo POA Inquieta se enquadra. É um objeto específico, com poucas similaridades a outras iniciativas da sociedade civil, portanto com escassos exemplos de resultados, mas sim referências e inspirações que servem como fatores formadores do Coletivo. Também, pelo fato de o objeto deste estudo ter nascido da soma entre iniciativa da sociedade civil e seus grupos

de WhatsApp, simbolizando convergência sociodigital. Assim, a estratégia aborda dois fenômenos pouco estudados, o Coletivo no formato e dinâmica, e a análise sob lente sociológica digital.

Dada a abrangência de escopo, lógica de execução e táticas, tornar finalidade de pesquisa um fenômeno, situação, organização, movimento, ou no caso dessa tese, um Coletivo social, pressupõe-se a adoção de um estudo de caso. O parecer de elementos chave, a preparação do instrumento, a averiguação de campo, presencialmente via ativismo e articulação, e ainda a aproximação digital desbravam e entendem a realidade presente e pincela a perspectiva futura através dos depoimentos colhidos em várias unidades de análise (MUCIO MARQUES; CAMACHO; DE ALCANTARA, 2015).

O estudo de caso possibilita e encoraja pesquisadores a considerar questões que podem não ser averiguadas com outras abordagens de pesquisa. (COOPER; MORGAN, 2008). Esta afirmação corrobora com Yin (2005), ao afirmar que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que não pode ser classificada como qualitativa ou quantitativa, porque seu foco no fenômeno estudado requer múltiplos métodos e fontes a serem exploradas, descritas e explicadas sob seu contexto. O POA Inquieta é um fenômeno amplo e complexo que precisa de análise global, mostrando a aderência à vida real política e social, sem perder a visão de indivíduos e o processo de organização coletiva (YIN; 2001, p. 21).

Destacam-se então três características desta estratégia de estudo escolhida que precisam estar descritas:

- 1) O estudo de caso pode ser explanatório, promovendo relação causal entre variáveis na explicação de um fenômeno;
- 2) O estudo de caso pode ser descritivo, detalhando as intervenções de pesquisa, situações reais ocorridas, e destacando tópicos sobre o fenômeno; e
- 3) O estudo de caso pode ser exploratório, aplicável em fenômenos com poucos dados consolidados e disponíveis. No caso da presente pesquisa, esta alternativa parece ser a ideal, pela gestão possuir poucas comparações na realidade onde se encontra, bem como referências bibliográficas e, especialmente, pesquisas anteriores a seu respeito.

O trabalho transitou sobre as três características do método, e para tal enfrentou desafios múltiplos, que também tem alicerce na literatura, porque as questões emocionais que emergiram, ameaçaram firmemente o próprio objeto de estudo. A preocupação do pesquisador foi constante em manter viva a amostra, adaptar metodologias com o devido rigor, inclusive ético. E, por coerência, cabe ainda embasar brevemente tal rigor. Houve, para tomada e interpretação dos dados com a devida isenção, a necessidade de afastamento pessoal, que evitou comprometimento e validade dos resultados.

Como participante efetivo do Coletivo, o autor, a partir de impactos emocionais dentro e fora do POA Inquieta, decide se afastar para ter uma lente externa com a intenção de mitigar viés de análises por conta da vivência prévia adquirida em diversas atividades. Em estudos sociológicos o afastamento por vezes se faz necessário, justamente considerando o fato destes se tornarem interessantes tendo como ponto inicial a descoberta de relevâncias às pesquisas (DENZIN, 2009).

Assim, tendo consciência e usando da mesma coerência acadêmica, cabe ressaltar que:

- a) Evitar a contaminação emocional favorece a pesquisa qualitativa crítica e a análise objetiva dos dados gerados. É uma postura reflexiva, atenta aos possíveis preconceitos existentes, bloqueando vieses que contaminem a interpretação das respostas e testemunhos. Trata-se também de preocupação na perspectiva etnográfica com a postura científica correta;
- b) A literatura de O'connor, (2018) embasa o caráter exaustivo e desgastante do processo. Embora sua abordagem envolva temas como violência, desigualdade e sofrimento humano, pode-se depreender que o trabalho junto a comunidades menos assistidas de Porto Alegre se enquadre, com agravante da condução dos trabalhos durante período inédito, tanto pela realidade sociodigital de virtualidade imposta, como pelas mazelas e perdas da pandemia severa entre 2020 e 2022, com sequelas ainda por anos. As similaridades de sintomas de ansiedade e depressão tiveram impacto direto no pesquisador, sendo que o estudo de O'Connor fora feito justamente em população de doutorandos;
- c) O período de pandemia representou um enorme desafio que alterou o curso de pesquisa. O delineamento inicialmente proposto propunha uma triangulação de métodos. Porém, com o afastamento das pessoas por

conta de isolamento social e novas demandas que toda a sociedade sentiu também individualmente, um dos métodos se tornou inviável pela certeza de mortalidade de amostra mínima. Assim, o foco esteve em nutrir uma amostra forte para o presente. Por conta das tarefas decorridas do chamado “novo “normal”” e da necessidade de reforçar o estudo, optou-se por manter o questionário aberto por mais tempo, adaptando a metodologia em um contexto de perda latente de produtividade acadêmica (MYERS *et al.*, 2020).

O período de pandemia SARS-CoV-2 representou algo inédito, inóspito, inesperado, e desmobilizador de muitas iniciativas coletivas. Estudar um Coletivo social, ora adotado como ação coletiva, só foi possível pelo tipo de reação obtida pela conexão restante e ferramentas digitais, suportadas pela sociologia digital. A ligação desses pontos manteve o estudo de pé, desafiando a saúde mental do pesquisador, ativista por princípio, ativado por consequência, e preservado pela ética científica e os desafios das condições externas e internas à vida individual e coletiva. Do ponto de vista científico, as justificativas do tópico presente se fazem necessárias e servem como contextualização e entendimento de dados coletados e testemunhos obtidos.

O tópico a seguir inclusive serve como exemplo claro da necessidade de afastamento físico e emocional do objeto, por conta de seu envolvimento.

2.2 MUITO MAIS QUE UMA PRAÇA

As rodas de conversa ganham tração na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Dep. Marcirio Goulart Loureiro e em dado momento começam a emergir histórias sobre uma praça. A praça ao lado da escola, com o passar dos anos teve ocupações de traficantes pela falta de cuidado local, e em situações de chuva ainda alagava parcialmente expondo esgoto, porque ele não tinha dique ou canalização correta.

O poder público pouco olhava para a comunidade, quiçá para a praça especificamente. Segundo Christian e seus vizinhos, eles tinham um plano para construírem um centro cultural ao lado da escola, mas o abandono e uso indevido da praça impediam as crianças de frequentarem adequadamente o local.

Propõe-se então um evento de cocriação para serem elencadas as prioridades locais. No dia do evento com sede na EMEF, membros do Coletivo e da comunidade local se dividiram entre dinâmicas mediadas e cuidados com adultos e crianças. Toda comunicação ao longo do evento e anterior a ele ocorreram em plataformas digitais e grupos de WhatsApp para maior celeridade nas soluções e captação de recursos diversos para realização de obras e sustentação do dia de atividades no espaço escolar.

Por se tratar de um terreno público, a intervenção no mesmo requereu preparo, que fora mediado por uma ativista do Coletivo, de nome Rita. Quando mencionada a capacidade de articulação e trânsito por diferentes setores da cidade, parte dela se torna tangível em situações pontuais como a da praça, local praticamente esquecido pela prefeitura da cidade, mas vital para a harmonia social daquela localidade. Esta importância emergiu a partir dos diálogos, interações mediadas e dinâmicas de rodas de conversa com pessoas da comunidade da Alameda. Ratifica-se que o foco das conversas desde o início era extrair insights para melhorar a rotina das pessoas tendo como ponto de partida a escola pública local. Mas, a observação e vivência nas interações mostrou com clareza que a principal requisição dos habitantes locais da Alameda era a Praça da Alameda.

Na representação e liderança local de Christian, o desejo de obter um “centro cultural” com operações paralelas às da EMEF, já que Esta ladeia a praça, torna-se secundário quando a recuperação e reconstrução da praça ganha um simbolismo de retomada social da própria comunidade. Para ajuste dos vários problemas constatados na área, houve uma mobilização que envolveu moradores e suas redes, bem como os voluntários do POA Inquieta, coletando doações físicas e correndo em conjunto o trabalho burocrático com agentes públicos no sentido de viabilizar autorizações para as alterações que iriam ocorrer.

Fotografia 1 – Ação na Praça da Alameda ao lado da EMEF Marcílio Dias



Fonte: Acervo POA Inquieta (2019).

Fotografia 2 – Ação na Praça da Alameda ao lado da EMEF Marcílio Dias



Fonte: Acervo POA Inquieta (2019).

Esta evolução coletiva com êxito gerou energia adormecida na comunidade local. Após a conclusão dos serviços, houve um churrasco com os moradores envolvidos e muita celebração. A esperança de perspectivas melhores e empolgação da comunidade chegou até a surpreender integrantes do Coletivo, que admirados interagiam e descobriam ali a força de atos genuínos em torno de algo tão, diga-se básico, para os inquietos visitantes, mas gerador de autoestima fundamental para pessoas tão sofridas e por vezes esquecidas.

Indivíduos que levam permanente sentimento de fragilidade pela precariedade de vida, de repente recebem uma injeção de ânimo, enxergam suas capacidades de colaboração e trabalho em grupo. O desafio passa então a ser deixar aquelas pessoas com a autonomia necessária para buscarem seus direitos e melhorias sem a dependência de atores sociais como os do POA Inquieta. Surge então a ideia de se criar uma associação local, cujo líder reconhecido e legitimado é Christian.

Fotografia 3 – Reunião de criação e definição para a construção da Associação da Alameda



Fonte: Registrada pelo autor (23/12/2019).

Sua residência se torna o centro de tomada de decisões e posterior local de referência para o que viria a se tornar a primeira Associação Comunitária local, cujo nome foi carinhosamente dado pelos moradores de Associação dos Moradores da Alameda Inquieta (AMAI), em homenagem ao Coletivo POA Inquieta e toda construção feita. Internamente, tem-se neste trabalho um dos marcos da participação ativa do POA Inquieta em Porto Alegre. Afinal, engajou-se, empoderou-se, deu-se visibilidade e dignidade, auxiliando no processo de reconhecimento dos moradores em si mesmos, mostrando-lhes o caminho autônomo e suas capacidades de transformação. A AMAI se formou e mais um grupo de WhatsApp também, mantendo o gerenciamento e interação à distância e constante dos movimentos e situações da comunidade com seus incentivadores, tutores e apoiadores do Coletivo POA Inquieta.

Fotografia 4 – Registro do primeiro grupo integrante da AMAI



Fonte: AMAI (2020).

O exemplo acima contado, traz uma vivência empírica do campo que corrobora com estudos teórico sociais mencionando indivíduos, círculos e coletividade. a novidade aqui está no tipo de interação dos agentes externos, no caso o POA Inquieta e um novo contexto sociodigital apresentando rapidamente necessidades e possibilidade de transformação.

A foto 4, do final de 2019, mostra o momento de criação em grupo, em parceria e proximidade. Em 2020, tem-se foto 5, já sob um contexto da pandemia de Covid 19. Os trabalhos iniciados com a AMAI via gerenciamento de WhatsApp foram essenciais para auxílio continuado e ligação com um mundo exterior na própria cidade, vítima de políticas de isolamento social por conta da pandemia.

O que conduz a uma leitura de formatos diferentes de trabalho dedicado à transformação social e realidade de ação coletiva, se aproxima do POA Inquieta, que abraça modelos presenciais essenciais como as rodas de conversa e dinâmicas presenciais. E, acrescenta que a proposta de não constituição formal de movimento social permite a ele enfrentar o cenário pandêmico que se abate sobre o mundo entre 2020 e 2022. Ainda que distante de um modelo ideal, o estudo mostra vantagens contextuais, bem como expõe fatores identificados como chave de sucesso para crescimento do Coletivo, revelando suas lacunas. Ações coletivas tem se adaptado e experimentado formatos para atender aos anseios, tanto daqueles que desejam atuar na transformação, quanto das pessoas beneficiadas, assistidas por estas iniciativas, porque todos sentem o gradativo aumento de ansiedade e estresse desse mundo, dito, moderno. (ABRAHÃO; LOPES, 2022).

3 CONTEXTUALIZANDO CENÁRIOS

Diferentes tecnologias aumentam a comunicação, a informação, a interação e aceleram as mudanças sociais. As novas plataformas tecnológicas e as interações sociais propõem a chegada de uma nova era, devido ao impacto de tais mudanças (RODRIGUEZ, BUSCO & FLORES, 2015). Por meio de acessibilidade, é possível se ampliar a participação de diferentes comunidades (BOTSMAN, 2010), dando-lhes em igual proporção, condições para colaborarem entre si, através de melhoria na qualidade dos serviços (LEE, SHIN, LEE, 2015; SANDOVAL & ALMAZAN, 2015).

O aumento da participação sociodigital através dessas conexões propicia caminhos mais velozes para todo tipo de interação. Interação que aproxima além de mercados, pessoas e suas realidades, provocando-as a saírem de suas bolhas de convivência, exigindo atitudes mais assertivas e justas (PORTES, 2014). Segundo Barnes e Mattsson (2016), com as tecnologias disponíveis, baseando-se nas plataformas digitais, ou fazendo uso delas no desenvolvimento de seus negócios, as pessoas cada vez mais interagem, recomendam, dão feedback e empreendem. Assim, adquirem uma mentalidade não apenas de consumo, mas de troca e colaboração.

O sentido de colaboração alavancado por instrumentos de mídia digital e vivências sociais pode agregar e acelerar esforços coletivos de diferentes origens e lentes no sentido de auxiliarem determinado contexto, seja por uma causa específica ou por várias, como o caso aqui proposto. Para tanto, conceitos novos se aliam aos já conhecidos e relevantes dentro das Ciências Sociais em extensos trabalhos de políticas públicas, interações sociais e participação social, por exemplo (SECCHI, 2010; HAM; HILL, 1996; CAYRES, 2017).

Em aproximação a este cenário, a tese apresentada perpassa reconfigurações dos anos recentes onde se inserem mudanças significativas nas formas das pessoas em sociedade se moverem e abraçarem os fenômenos ocorridos, com ou sem interferência direta de tecnologias. De qualquer forma, hipóteses frequentes em estudos, seja nesse, ou diferentes envolvendo as Ciências Sociais nos anos 2000, provavelmente atualizarão estados políticos, micro e macrossociais a partir de contexto em recorte das capacidades disponíveis no dado momento de análise sobre um fenômeno, ação, movimento ou ativismo que possa alterar a si ou cenário socioeconômico apresentado. Nessa linha de raciocínio, alguns resgates embasados podem ajudar na compreensão do leitor.

Em países do Norte global, por exemplo, mais particularmente na Suécia, sob uma visão mais justa socialmente, há uma vertente chamada de “Welfare Technologies”. Lá, experiências geradas em torno da melhor aplicabilidade das ferramentas abrangem parte da população idosa, com maior ou menor proximidade delas. De acordo com Frennert e Baudin (2021), Tecnologia de bem-estar é um conceito que tem sido usado por formuladores de políticas públicas nos países nórdicos na última década, referindo-se a uma transformação digital e abordagem de todo o sistema além de uma única tecnologia assistiva. O conceito envolve o conhecimento e uso de uma tecnologia que pode manter e/ou aumentar a sensação de segurança, atividade, participação e independência para uma pessoa de qualquer idade que tem ou está em risco aumentado de ter/desenvolver uma deficiência.

No caso do programa nórdico, onde a conexão e acesso à internet tendem a estarem mais disponíveis, o sucesso das iniciativas de políticas inclusivas pode parecer mais óbvio, ainda que existam obstáculos estruturais e de crenças relativas à adoção e uso de instrumentos digitais.

Porém, há desafios, porque no contexto digital, as ações e iniciativas tem escalabilidade, nem sempre atingindo os pontos de interesse como esperado. É o caso, por exemplo, do estudo de Virginia Eubanks em seu livro *Automating Inequality* (2019), onde revela três casos em que a tecnologia e automação obtém resultados frustrantes na aplicação de políticas públicas, destacando a disparidade existente na chamada Era Digital. Um dos casos ocorre no estado americano de Indiana, sobre a interação de sistemas voltados para política de bem-estar social. Outro caso se refere a um programa assistencial pensado para população sem teto da cidade de Los Angeles, onde um algoritmo calcula e compara o nível de vulnerabilidade de milhares de pessoas sem teto com o objetivo de os colocar em locais apropriados. Porém, a base de dados usada é inadequada e a tomada de decisão imprecisa, gerando mais desigualdade e injustiça social.

Por fim, o terceiro estudo ocorre sobre um sistema automatizado criado para política de bem-estar para crianças no condado Allegheny, na Pensilvânia. Neste caso, a modelagem estatística empregada na automação enquadra uma família em certos perfis e deixa os pais em completa apreensão de perderem sua filha. Ou ainda, uma mulher de Indiana que, morrendo, tem seus benefícios totalmente cortados por conta de um processo automatizado estatisticamente.

O trabalho de Eubanks (2019) é um contraponto emblemático, porque demonstra um lado negativo da tecnologia, o uso precário de dados tanto de

governos quanto de organizações não governamentais para categorização e rastreamento das diferentes classes socioeconômicas sujeitas a estas políticas. Neste sentido, mostra o quanto a automação pode surtir efeito contrário, agravando mais as desigualdades existentes, ao invés de reduzi-las. Em uma descrição geral do livro de Eubanks, a escritora Dorothy Roberts destaca:

Os EUA sempre usaram sua ciência e tecnologia de ponta para conter, investigar, disciplinar e punir os destituídos. Como a casa dos pobres do condado e a instituição de caridade científica antes deles, o rastreamento digital e a tomada de decisão automatizada escondem a pobreza do público de classe média e dão à nação a distância ética necessária para fazer escolhas desumanas: quais famílias recebem alimentos e quais passam fome, quem tem moradia e quem continua desabrigado e quais famílias são desmembradas pelo Estado. Nesse processo, eles enfraquecem a democracia e traem nossos valores nacionais mais queridos (Automating Inequality: How High-Tech Tools Profile, Police, and Punish the Poor, 2019. Disponível em Acesso em 15 dez. 2021).

Descendo ao Sul global, tais obstáculos podem ser maiores pela menor maturidade digital e também social, menor acesso ao uso correto e desejo das políticas públicas em favorecerem meios que agilizem e encurtem distâncias.

Entretanto, é fato que no Brasil o volume de aparelhos conectados a redes sem fio, 3G e 4G está aumentando dia a dia. De acordo com o PNAD (2019) “O crescimento da conexão de domicílios à internet aconteceu de forma mais significativa na área rural. O percentual de domicílios conectados saltou de 49,2%, em 2018, para 55,6%, em 2019, o que corresponde a um aumento de 6,4 pontos percentuais. Nos domicílios urbanos, a utilização da internet subiu de 83,8%, em 2018, para 86,7%, em 2019.” O mesmo estudo ainda traz o seguinte:

A banda larga móvel passou de 80,2% nos domicílios em 2018 para 81,2% em 2019. Já a banda larga fixa passou de 75,9% para 77,9%. A proporção de domicílios que contam com os dois tipos de conexão saltou para 59,2% em 2019. O percentual era de 56,3%, em 2018. O telefone celular continua sendo a principal ferramenta utilizada pelos conectados. Ele foi encontrado em 99,5% dos domicílios com acesso à rede mundial de computadores. Depois vem o computador, com 45,1%, seguido pela televisão (31,7%) e tablet (12%). Em 2019, entre as 183,3 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade no país, 143,5 milhões (78,3%) utilizaram a internet nos últimos três meses. Jovens adultos entre 20 e 29 anos foram os que mais acessaram. O uso é maior entre estudantes (88,1%) do que entre não estudantes (75,8%). Os estudantes da rede privada (98,4%) usam mais do que os da rede pública (83,7%) (WWW.GOV.BR. Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet, 2019. Disponível em Acesso em 20 set. 2021).

O crescimento de acessos no ano de 2020 à internet, dado o cenário de pandemia, onde especialmente muitas atividades migraram para ambientes online,

dá um salto significativo, um fenômeno perceptível em diferentes tecidos sociais. Como cita a Pesquisa sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros (TIC Domicílios) 2020, registrada pela Agência Brasil em novembro de 2021. De acordo com o Comitê Gestor de Internet no Brasil, “a internet e os dispositivos móveis passaram a desempenhar papel central durante a pandemia, possibilitando a continuidade de atividades empresariais com o home office, do comércio com as vendas online, prestação de serviços públicos, atividades educacionais com o ensino remoto e de saúde com as tele consultas”. Porém, o Comitê destaca que as desigualdades sociais foram agravadas pelas diferenças no acesso à tecnologia.

O cenário posto, juntamente com dados quantitativos de acesso e qualitativos de percepções sobre possibilidades e obstáculos estruturais de acesso e uso das tecnologias no Brasil, configuram campo disponível para estudos de fenômenos sociais, seja antes, durante ou após o primeiro ciclo crítico da pandemia global. Cabe destacar que no período de aumento do tráfego na rede, a cidade de São Paulo obtém o maior em nível mundial, ultrapassando a cidade de Frankfurt na Alemanha.

A pesquisa recorrente do comitê mostra neste recorte que ao todo 81% da população brasileira é usuária da internet, mas o acesso às diferentes tecnologias é muito desigual, segundo a TIC Domicílios. A presença da fibra ótica chegou a 56% das casas em 2020, sendo de 59% nos domicílios urbanos e 29% nos rurais. Por classe social, a fibra está em 83% da classe A e em 38% das classes D e E. Já o acesso exclusivamente pelo telefone celular foi de 11% na classe A e chegou a 90% nas D e E, ficando numa média geral de 58%.

Se, como visto anteriormente, em países ditos mais desenvolvidos econômica e socialmente, existem soluções já pensadas mirando a parte da estrutura referente ao uso adequado de tecnologias por camadas que possam usufruir melhor destas para aumento de qualidade de vida, no Brasil, ainda que com aumento de acessos, lida-se com desigualdades e necessidade de a sociedade buscar meios que equilibrem acesso e uso por parte da população em geral.

A rede de conexão desequilibrada pode comprometer o desenvolvimento social e parte importante passa pelo sistema, por exemplo, educacional do país. Em sequência aos resultados, o pesquisador do Centro de Desenvolvimento da Gestão Pública e Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/DGPE), João Marcelo Borges, revela:

O que a gente aprendeu com a pandemia e as desigualdades no acesso às tecnologias de informação e comunicação é que, se nós não enfrentamos desigualdades anteriores, novos desenvolvimentos da sociedade vão não só agravar aquelas, mas reproduzir-se em novos campos. Nós vimos que as desigualdades, que são a marca principal socioeconômica da sociedade brasileira, marcaram a resposta do país à pandemia e vão marcar, necessariamente, o desenrolar dos próximos passos tanto para estudantes como para o sistema de ensino (www.agenciabrasil.com.br. Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais, desigualdades de inclusão digital foram acentuadas, 2021. Disponível em Acesso em 30 nov. 2021).

No Brasil hoje, há iniciativas coletivas e colaborativas que utilizam da tecnologia e dos dados para encontrarem saídas ao desequilíbrio social e educacional existente na sociedade. Com formato definido de ONG e institucionalizado, o movimento Social Good Brasil (SGB), onde cultivam a cultura de dados para soluções socialmente sustentáveis, através de sua plataforma concebida para aproximar atores sociais às empresas que possam ajudar e endossar o voluntariado. Os pilares deste movimento são a colaboração, o compartilhamento e a criatividade. E há uma estrutura presente para formação e crescimento em rede, aproveitando o potencial das plataformas. Da mesma forma, a disponibilidade da conexão abre portas a iniciativas locais, descentralizadas e nem tão formais.

A chamada “ação coletiva contemporânea” envolve iniciativas com menor grau de estruturação e organização que os movimentos sociais e é portadora de forte componente colaborativo na busca por enfrentar desafios sociais ou atender a demandas públicas. Tais ações apresentam caráter fluido e horizontal, traços culturais advindos da configuração da sociedade globalizada como uma rede forjada a partir das tecnologias de informação e comunicação (Castells, 1999). Para além de um formato organizacional, a rede é também uma ferramenta metodológica contemporânea ao tratar a sociedade e as estruturas sociais construídas a partir de redes como sistemas abertos, dinâmicos e suscetíveis de inovações. (Castells, 2001; 2008).

Para alguns pesquisadores, a rede substitui a categoria “movimento social”, o redefinindo como redes de mobilização social. Para outros, a rede é uma ferramenta dos movimentos sociais que retratam a sociedade civil em sua diversidade, sem cair em visões totalizadoras da unicidade, ou ainda, captando a unidade na diversidade através da teia. Desta forma, a rede permite uma releitura dos movimentos sociais em processos de territorialização (Scherer-Warren, 1993, 1999, 2007). Ademais, uma visão dos movimentos como redes permite compreender melhor as mudanças na dinâmica interna da ação coletiva.

A tecnologia digital revela um fenômeno sociológico relevante atualmente, em plataformas online e demais sistemas computacionais inteligentes que têm sido usados na última década em diferentes movimentos, do transporte à educação, da vida em família ao ativismo, e assim por diante. Hoje, o ambiente digital promove oportunidades de conexão das análises sociais com as intervenções sociais. Mas, isto ocorre porque as sociedades digitais interagem de maneira complexa em relação, por exemplo, à vida social e ao conhecimento, ou à pesquisa social e à ação social (MARRES, 2017).

Tanto para oportunidades quanto para situações nem tão oportunas assim, tem-se continuamente possibilidades do ponto de vista de pesquisa. Um exemplo corriqueiro é o surgimento diário de ferramentas e softwares oferecendo soluções aos mais diversos problemas e necessidades. Ou então, o olhar às próprias armadilhas que a conexão impõe à sociedade, no sentido de torná-la mais dependente, desequilibrando o convívio físico em razão do relacionamento virtual (VAN DIJCK, 2013).

Neste sentido, interessante mencionar a característica descentralizada presente nas iniciativas coletivas e anterior às ferramentas digitais. O que parece ser um privilégio do cenário de conexão em redes digitais, já é notado por Scherer-Warren (2004) quando aborda a formação de movimentos sociais, suas configurações assistêmicas e capacidade de articulação contrapondo hegemonias. Dado o recorte temporal do referido artigo, previamente ao surgimento dos dispositivos móveis, importante contextualizar que as leituras caminham reconhecendo a formação de movimentos mais articulados sob a forma de redes visando empoderamento político dos atores envolvidos.

Scherer-Warren cita, por exemplo, movimentos como a Via Campesina, cujo objetivo é agir em redes complexas, com foco antissistêmico e articulador frente ao modelo vigente do Agronegócio. A professora rotula tal sistema como rede de movimento social (RMS).

O rótulo RMS adere ao estudo e abre oportunidade para o caso mostrar novas abordagens, considerando pontos importantes pelas características de homogeneidade dos atores, as múltiplas possibilidades de interações, e o potencial democrático das relações sociais em suas ações políticas. Outro ponto a ser considerado é a construção dos modelos de redes sociais apontando os laços mais e menos fortes, mantendo a estrutura acima de variações nos pontos nodais de sua formação. O estudo de caso desse trabalho ocorre dentro de um novo tipo de

arranjo social que atende às exigências do atual momento histórico onde os interesses comuns dos movimentos sociais estão mais sinérgicos e diversos, com pautas amplas como educação pública, condições de trabalho, utilização dos recursos naturais, diferenças de gênero, violência etc. (SCHERER-WARREN, 2006).

Por fim, localmente, como exemplos de experimentação com plataformas, cita-se a prefeitura do município de Canoas que em 2011 implementou um portal chamado *Ágora Virtual Canoas*, onde se possibilitava o acesso de eleitores via chat com prefeito, subprefeito e secretários para demandas da cidade. No mesmo ano, a UNISINOS protagonizou um projeto de aproximação de pessoas e atores públicos para discussão sobre temas da cidade de Porto Alegre, via portal “*portoalegre.cc*” (SERRA JUNIOR; ROCHA, 2013). O Portal atualmente parece estar desativado neste domínio, constando uma página da prefeitura de Canoas. Hoje, existe um novo campo a ser explorado, mais autorregulável, orgânico, caótico, com visão de longo prazo, oportunidades, e ameaças, chamado POA Inquieta, mediador, articulador e agente.

3.1 DO CONTEXTO AO CASO

Em um momento novo das sociedades locais e globais, sob novos paradigmas tecnológicos, mostra-se relevante trazer à literatura acadêmica nacional a análise sociodigital e das redes sociais que se formam e criam vínculo, ou não, em novos formatos como os do “Porto Alegre Inquieta”. Sua penetração em diferentes tecidos sociais e mediação com administração pública, universidades, comunidades e empresariado, usando a bandeira da economia criativa e cultura cidadã tendem a servir como modelo escalável para outras cidades. Ao mesmo tempo, pode contribuir para estudos referenciais em outras cidades do sul global.

Kaufmann (2016) indaga: Como “o digital” faz diferença política e social, e como nós fazemos sentido desta diferença? Sua argumentação busca saída no tratamento usualmente isolado dado às práticas políticas e à tecnologia, deixando suas realidades sociotécnicas analisadas individualmente. O foco é justamente avançar na discussão de que o olhar sobre a tecnologia é, também, ferramental, mas não somente. Igualmente, o olhar funcional das pessoas enquanto usuárias é incompleto. A prática social dá significado e molda os recursos disponíveis nos artefatos tecnológicos. A proposta de Kaufmann transmite coerência com uma realidade algorítmica onde a mudança é frequente, na medida em que pessoas

interagem e se adaptam às realidades possibilitadas pelos recursos digitais. Possíveis categorias de análise como interação, autonomia, articulação, emancipação e processo parecem fazer muito sentido.

A virada de século e os desdobramentos sociais e informacionais detectados por Manuel Castells (1996) mostram o quanto é preciso estudar as organizações sociais neste novo cenário, como se conectam, se articulam se gerenciam e resolvem problemas, porque este trabalho seminal explora as transformações sociais, econômicas e culturais decorrentes da revolução digital e da ascensão das redes de comunicação, sob uma lente realmente sociológica.

Após o surgimento do Coletivo “Porto Alegre Inquieta” em seu formato “orgânico, sistêmico e até certo ponto caótico”, pode-se arguir se ele se configura como ação coletiva, movimento social, ou plataforma de participação social. A análise se configura pertinente para possíveis enquadramentos ou descobertas, porque desde a abertura e popularização da Internet movimentos surgem ancorados pelo ativismo e potencial alcance de suas reivindicações, corriqueiramente posicionados sob a aura de lutas e protestos, ou seja, confronto.

Apesar da aparente indecisão sobre a categorização do objeto deste estudo de caso, por se tratar de estrutura que perpassa diferentes formações e por não ser uma rede convencional, institucionalizada, com uma personalidade jurídica própria ou posição estanque, tende-se a adotar o rótulo de um Coletivo. É como a maior parte da amostra pesquisada se refere, e Este tipo de formação se mostra mais contemporânea, menos adotada no cenário menos conectado, mais simpático aos novos contextos sociais, o que ficará mais claro no decorrer da leitura, próximos tópicos e capítulos.

O desafio e a perspectiva crítica em relação às plataformas e às próprias mídias sociais é ir além da disponibilidade do ambiente digital para o citado estado de confronto. A provocação necessária foi fazer com que a pesquisa progredisse do sentido por vezes simplista e utópico que estes ambientes dão aos ativistas de um modo geral. Investigações mais densas sobre a complexidade das interações e verdadeiras mudanças e conquistas coletivas se mostram relevantes para transpor esta percepção simplificada do papel das mídias e plataformas na mediação de interações entre atores e circulação das informações (LUPTON, 2015 p.154).

Com amplitude de visão, o tratamento dado ao sentido de Plataforma se alia ao recorte temporal contemporâneo onde ambientes digitais integram iniciativas humanas e cidadãos, assim como quaisquer ações com intensão transformadora, em

diferentes níveis, macro ou microssociais, em âmbito federal, estadual, municipal ou comunitário. Assim, a riqueza do estudo envolve também abordagem de “plataforma habilitadora cidadã”, uma expressão utilizada por lideranças do Porto Alegre Inquieta, o que se descola das abordagens usuais, centradas em digitalização e literacia para convivência com Esta.

Desta forma, seguindo oportunidades de pesquisa identificadas por Deborah Lupton sob a lente sociodigital, e participando do Coletivo ‘Porto Alegre Inquieta’, parte-se aqui para construção de uma literatura original com foco em transformação social. Seja com a densa investigação pelo método de pesquisa, ou somando a partir da literatura existente sobre movimentos, coletivos, participação social, interação entre atores públicos, a inspiração do estudo está em adicionar conhecimento acadêmico e prático à teoria social contemporânea. Os tópicos a seguir objetivam pavimentar o caminho conceitual, desde o objeto de pesquisa à análise empírica depreendida. Dito isso, apresenta-se o POA Inquieta, objeto de pesquisa, em complemento à contextualização.

3.2 NO CASO, O OBJETO

Na virada do XX para o século XXI, os conceitos de redes sociais e colaborativas ganham tração através das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Sob este contexto, emerge o conceito de que Manuel Castells rotula como Sociedade em Rede. A Sociedade em Rede é um novo formato de organização social baseada em um novo paradigma econômico-tecnológico e informacional, que se traduz não apenas em novas práticas sociais, mas em alterações da própria vivência, de espaço e do tempo como parâmetros de experiência social. Nesse modelo, a organização social, seja ela micro, em relações mais próximas, ou macro, em escala político global, sustenta-se e é alterado pela tecnologia, por uma economia conduzida em três pontos essenciais: informacional, global e em rede.

Na era informacional, as organizações bem-sucedidas são aquelas capazes de gerar conhecimentos e processar informações com eficiência. Assim como podem se adaptar à geometria variável e ser flexíveis o suficiente para se ajustar à rápida transformação cultural, tecnológica e institucional. O Coletivo POA Inquieta propõe um novo modelo de organização social que cria conexões, processa informação com rapidez e é flexível para se adaptar as transformações da sociedade

contemporânea em todas as suas perspectivas, funcionando sob o fluxo de uma sociedade em rede.

Mas, o que é o POA Inquieta, sucintamente? Inicialmente, um grupo de amigos, composto por empresários e integrantes de associações empreendedoras e criativas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Em 2017 se reuniram pela primeira vez para falarem sobre suas inquietações em relação à cidade, bem como desejos e visões para solução de problemas cotidianos sob a ótica da economia criativa. Esta primeira articulação se deu pela plataforma WhatsApp. Os integrantes conversaram e decidiram convidar outros amigos e possíveis interessados, sem a pretensão de se tornar um “movimento” ou “Coletivo social”. A visão tinha foco mais econômico, em princípio. O grupo de WhatsApp teve grande adesão, e decidiram realizar novo encontro presencial.

A articulação online realizada pelo grupo culminou em um evento sediado no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), à época no centro da capital. Ainda restrito à rede de contatos focada em negócios criativos e empreendedorismo, o evento chamou atenção pelas falas aos presentes, que incluía visão acadêmica da quádrupla hélice da Inovação, que vale aqui, como parêntese, ser explicada.

"Quádrupla hélice da inovação" se refere a um conceito que expande o tradicional modelo de tríplice hélice de inovação, composta por Instituições, Setor Público e Setor Privado. Adiciona-se assim um quarto elemento para melhorar e integrar o processo de inovação, a sociedade civil, conforme detalhamento a seguir (OpenAI, 2024):

- Universidades e Instituições de Pesquisa (Academia): Este componente representa o papel das instituições de ensino superior e organizações de pesquisa na geração de conhecimento, pesquisa básica e aplicada, e na formação de recursos humanos qualificados. As universidades são cruciais na transferência de conhecimento para a sociedade e na formação de futuros inovadores.
- Setor Privado (Empresas): As empresas desempenham um papel essencial na inovação ao transformar ideias e conhecimento em produtos, serviços e soluções práticas que podem ser comercializadas. Elas são responsáveis por investimentos em pesquisa e

desenvolvimento (P&D), por aplicar novas tecnologias e por impulsionar o crescimento econômico.

- Setor Público (Governo): O governo desempenha múltiplos papéis na quádrupla hélice, incluindo a criação de políticas públicas que incentivam a inovação, o fornecimento de financiamento para pesquisa básica e aplicada, a regulação de setores de alta tecnologia e a criação de infraestrutura que suporta o ecossistema de inovação.
- Sociedade Civil (Comunidade): A sociedade civil engloba organizações não governamentais (ONGs), grupos comunitários, cidadãos e consumidores. Ela desempenha um papel crescente na inovação ao exigir soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais, influenciar políticas públicas relacionadas à inovação e participar ativamente de processos de inovação aberta.

A interação entre estes quatro elementos ocorre de maneira dinâmica e colaborativa, formando uma hélice contínua de inovação que busca maximizar os benefícios econômicos, sociais e ambientais da inovação. Assim, como o conceito da quádrupla hélice permite a visão abrangente e participação de diversos atores em consonância, remete ao contexto do Coletivo que abraça dimensões de estudo em torno de temas como Sociedade, Economia e Emancipação. Portanto, mostra suporte a um novo olhar sob um ecossistema de inovação sustentável e inclusivo. Justamente em tópicos inclusivos, sustentáveis, parte-se para a ampliação de escopo do ainda tímido movimento, sendo que a abordagem de quádrupla hélice traz para o encontro a “Sociedade Civil”.

As discussões então ganham intensidade e após duas horas de evento, acerta-se um novo encontro, e neste novo encontro, novos personagens surgem. Esta sequência ocorre em uma instituição representativa, a Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA).

Nesse novo e maior evento, surgem lideranças e representantes ainda desconhecidos, entre si e dos encontros anteriores. Eles chegam por indicações e convites de pessoas atuantes na rede empreendedora e comunitária. Também na ocasião se desenvolve um trabalho intenso e coordenado, introduzindo-se outra prática que se tornaria recorrente em evento do Coletivo, metodologias de mediação e organização.

O primeiro grupo de WhatsApp, gerador, foi chamado de grupo raiz. Porém, havia diferentes expectativas, visões, interesses e expertises entre os integrantes. Então, o encontro ocorrido na ACPA serviria como direcionador para áreas de maior interesse e foco. Utilizando um jargão mercadológico, os grupos derivados e aprofundados ganharam nome de “spin-offs”. É um conceito oriundo do meio corporativo, indicando caminho criativo e mais focado visando atender a pontos ou nichos específicos. Cabe ressaltar aqui que usualmente surgirão expressões pouco populares, demonstrando outra peculiaridade do Coletivo, gerado e concebido em camadas sociais diferentes, ávidas por mudanças, mas não por sofrerem diretamente os tantos problemas da cidade, mas conscientes destes e do desejo de melhorias.

Hoje, o POA Inquieta articula, por exemplo, projetos nas áreas de Inovação Social, Segurança, Economia Criativa, Turismo, Educação, e Mobilidade, Sustentabilidade, Gastronomia, Urbanismo entre outras. O mapeamento da economia criativa de Porto Alegre, realizado em 2019, representa uma das primeiras grandes entregas sociais do Coletivo. Este é importante para gerar novos projetos e subsidiar as iniciativas existentes com métricas e dados em breves séries históricas.

A construção coletiva ocorre de forma simples e imediata, com um discurso positivo, sem qualquer hierarquia entre seus membros, através de grupos de WhatsApp e muitas dezenas de encontros presenciais. Nesse contexto diverso, muitos perguntam se o Coletivo Porto Alegre Inquieta é um movimento político. Em resposta a tal dúvida, Cesar Paz, cofundador do Coletivo adiciona:

[...] sem tergiversar, digo que sim. É político pela própria natureza, pela visão do bem comum, por ter como base a construção coletiva, a capacidade de negociar e de ter, fundamentalmente, o diálogo como instrumento a favor transformação local. De qualquer sorte, posso também afirmar que o POA Inquieta não é ideológico e muito menos partidário, por consequência, é inclusivo, é diverso e é complexo (Cesar Paz, co fundador do Coletivo POA Inquieta, acessado em janeiro, 2021).

O Coletivo POA Inquieta se apresenta como um fenômeno social e contemporâneo, um modelo orgânico e sistêmico de inovação social, mas, acima de tudo, uma plataforma integradora de pessoas e articuladora de projetos que caminham a favor da transformação da cidade de Porto Alegre pela construção de uma cultura cidadã, facilitando a integração de diferentes atores e regiões da cidade, públicos e privados. Ele representa um novo modelo de organização social que cria

conexões, processa informação com rapidez e é flexível para se adaptar às transformações e mudanças de rotas.

O Coletivo não tem CNPJ, se organiza de maneira horizontal, seus integrantes debatem temas que vão da segurança pública à inteligência artificial, misturam ideologias e visões de mundo e se dizem mais interessados nos efeitos de suas ações do que no movimento em si. Em comum, o que os aproximadamente “2.000 integrantes” do Porto Alegre Inquieta têm é que vivem na mesma cidade, acham que a capital do Rio Grande do Sul pode ser um lugar melhor e que a sociedade civil tem um papel central nesse objetivo, contribuindo para estudos sobre as crescentes interações entre sociedade e Estado.

Eu destaco, entre essas novas formas, os coletivos; eles têm formas de engajamento e de construção de ações coletivas diferentes das adotadas pelos dos movimentos sociais. Muitos coletivos expressam um novo ciclo geracional de protestos, insurgências ou atos colaborativos/solidários, assim como uma nova cultura política no campo da participação social. São diferentes também das ONGs – não precisam de CNPJ para se formar ou fazer uma parceria (GOHN, 2024).

A não institucionalização, comum e presente em iniciativas coletivas (LAVALLE, 2018) é por vezes citada em encontros e rodas de conversa, expondo muitas vezes o descontentamento e a não representatividade através de políticas públicas, postas pelos respectivos atores, mas sem o alcance devido por serem decisões tomadas sem anuência das pessoas comuns. Assim, através de práticas, entregas e concepção de projetos, os atores articulam soluções e estimulam atores políticos, remetendo a uma espécie de construção não formal, porém eficiente, já que o poder público começa a conceder espaço ao Coletivo.

O campo empírico reforça o estudo proposto na medida em que parte de inspiração aplicada com sucesso em uma cultura latino-americana, portanto próxima das realidades emergentes e complexas das epistemologias do Sul. A realidade brasileira, mais especificamente de Porto Alegre, traz semelhanças e o problema de fenômenos advindos da desigualdade contemplam o campo destacado pelo POA Inquieta, usando modelos próprios e ferramentas estratégicas com ou sem distanciamento físico.

Como ponto de partida, a inspiração para tornar o POA Inquieta possível, foi Medellín, na Colômbia. A cidade passou de uma das localidades mais perigosas do mundo, posto que ocupava há duas décadas, e que hoje é reconhecida mundialmente por ser uma das . Se em 1991, houve 380 assassinatos para cada

100 mil habitantes (20 vezes mais que o registrado no Rio de Janeiro em 2017), em 2015 Este índice baixou para 20 mortes em 100 mil, 94% a menos.

O indicador, entretanto, não foi impactado apenas por políticas heterodoxas de segurança pública. O co fundador do Coletivo, empreendedor Cesar Paz, diz que:

O maior fator de transformação de Medellín, o processo instrumental mais inspirador foram as rodas de conversa que aconteceram lá durante cinco anos. Eram discussões envolvendo todas as comunidades baseadas no princípios de olhar a cidade do futuro. Não interessava a ideologia ou se a pessoa havia tido algum tipo de problema com a prefeitura, a ideia era construir. Instrumentalmente, essas conversas têm um efeito muito importante, de gerar confiança e afeto para poder desenvolver projetos e um futuro em comum.

No caso de Porto Alegre, via o Coletivo Poa Inquieta, estes encontros pessoais ocorrem em várias regiões da cidade, reunindo pessoas diversas. Em algum momento, os mais presentes e atuantes passam a serem chamados de articuladores. Estes realizam encontros mensais para participarem de dinâmicas vivenciais e elaboração de diretrizes mínimas de organização sistêmica. Ainda que seja uma iniciativa orgânica e desprovida de hierarquia formal, faz-se necessário o estabelecimento de regras e norteadores. Na tabela a seguir, apresentam-se os norteadores do Coletivo:

Tabela 1 – Norteadores POA Inquieta

Norteadores POA Inquieta
Tolerância ao erro - cultura do erro como recurso de aprendizado; o quanto o “erro rápido” pode estar conectado a nano-acabativas?;
Faça!!! - Você não precisa pedir autorização para ninguém; liberte-se;
Somos amáveis - Somos amáveis com o próximo e conosco mesmo; como buscar a transformação coletiva sem oportunizar a transformação de cada um;
Confiamos em todas as formas de ação coletiva e criativa;
Amamos *NANOACABATIVAS* - Pequenas e importantes entregas;
Não temos regras, temos pequenos acordos de convivência;
Todos são bem-vindos;
Não institucionalizar (Please);
Nosso compromisso não é com o movimento, é com a transformação positiva da cidade; Positivo = abundância;

Trabalhamos com a criatividade e com o conhecimento;
Acreditamos que não existe criatividade sem diversidade, muito menos sem sustentabilidade;
Não estamos ligados a partidos ou ideologias;
Somos Inquietos.

Fonte: Coletivo POA Inquieta, adaptado pelo autor.

Assim como norteadores, há princípios criados nos eventos referidos anteriormente de maneira colaborativa por integrantes em longos encontros dentro de espaços de estudo, procurando pensar diferente e construir em conjunto. O resultado, abaixo, uma lista, e ao mesmo tempo um paradigma diante da proposta estrutura descentralizada e orgânica.

Vamos simplificar o que construímos e validamos sobre o movimento Coletivo POA INQUIETA em relação aos seus norteadores:

1. O que é:
2. Propósito:
3. Princípios:
4. Valores:
5. Acordos de Convivência:

1. O que é? Coletivo de pessoas que se organizam de forma ativa e colaborativa na cidade de Porto Alegre visando à transformação local.

2. Propósito

Articular pessoas, recursos e iniciativas locais através da co criação para a transformação de Porto Alegre numa cidade mais inclusiva, criativa e sustentável.

3. Princípios

Transformação local, inclusão, diversidade, criatividade, sustentabilidade, confiança, respeito, abertura, transparência, e valorização da vida.

4. Valores

Empatia, visão sistêmica, ética, senso prático, respeito à natureza, inovação, corresponsabilidade, coexistência, interdependência.

5. Acordos de convivência:

1- Todos são bem-vindos

2- Pensar diferente, fazer junto.

3- Fazer coletivamente é o mais importante. Todas as ações são valiosas.

- 4- Ser cuidadoso com as palavras
- 5- Não vincular o Coletivo a partidos políticos e ideologias
- 6- A disseminação das ações do Coletivo deve dar crédito ao Coletivo.
- 7- Não utilizar a marca para favorecimento pessoal ou comercial.”

Fotografia 5 – Roda de Conversa colaborativa para criação de princípios,
UNISINOS, Porto Alegre



Fonte: Moyses Costa, articulador (2019).

A série de dinâmicas, que ocorrem em espaços de Educação para se organizarem ideias novas em um sistema assistêmico como o proposto pelo POA Inquieta, dão-se em período anterior à pandemia de Covid 19. Muitas pessoas se juntam e colaboram voluntariamente pela aposta em um modelo inovador, diferente e qualificado para a cidade de Porto Alegre. Ainda que possam existir interesses dos mais variados, a mediação conduz os participantes ao processo criativo e identificam possíveis e diversos caminhos.

A razão para a diversificação pode vir das óticas que se formam a partir das Bolhas Sociais, expressão pela qual o autor expõe a amplitude de pontos de vista sobre pautas comuns a toda pessoa cidadã participante nos processos. Atrevendo-se ao conceito, argumenta-se que as bolhas ilustrariam os círculos sociais onde as pessoas nascem, crescem e se formam, tendo então suas percepções particulares de mundo, com seus benefícios, ou não, às coletividades onde se associam.

A interação, intrínseca à sociedade, ocorre por meio de ações recíprocas entre indivíduos que constituem uma unidade, levando em consideração sempre determinados fins. A cooperação e a colaboração, na visão de Simmel (1983), estão associadas ao conceito de interação; isso porque apenas quando os indivíduos produzem ações que influenciam uns aos outros acontece a interação, em razão de impulsos ou propósitos. A

importância da interação reside no fato de que é por meio dela que se forma a unidade; o agrupamento de indivíduos em torno de um empreendimento compreende, também, a formação de círculos sociais. (TOMAÉL; MARTELETO, 2013).

3.3 PERSPECTIVA DE LONGO PRAZO

No ano de 2020, mesmo sob um cenário restritivo pela pandemia do novo Coronavírus e a doença Covid 19, ocorrem eleições estaduais para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e municipais para renovação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Embora o POA Inquieta, enquanto Coletivo orgânico, busque saídas alternativas à cultura estabelecida, popularmente de dependência do poder público, este se configura como uma via de acesso de pessoas comuns às políticas e destas políticas a grupos diversos de atores que vão além do perfil tecnocrático formulador das políticas que supostamente provém soluções esperadas diante de problemas reconhecidos por estes mesmos atores. Da mesma maneira, ressalta-se o papel de atores civis do Coletivo intermediarem relações e carregarem demandas periféricas às esferas mais distantes do campo popular, sobre problemas existentes com potencial de se tornarem políticas públicas de longo prazo, sem a exclusividade tradicional da demanda partir de corpo estritamente técnico de atores públicos (LASSWELL, 1951).

A característica de políticas públicas até os dias atuais em Porto Alegre é de ocupação de pautas para respectivos mandatos, de quatro em quatro anos. Este problema é reconhecido como campo de disputas políticas e desalinhamento de soluções projetadas para serem sustentáveis. O uso desta rede social de atores diversos tem ocorrido por identificação de lideranças, conexões, e conhecimento implícito, tácito ou ambos (MARQUES, 2019). Estabelece-se assim a formação de movimentos focados com uma agenda própria, mas abrangente, retirando da zona de conforto tanto gestores quanto empreendedores públicos, em um esforço multidisciplinar em direção a novas agendas, mais extensas e sustentáveis (CAPELLA, 2015).

Neste referido período de 2020, portanto além da iminência das campanhas eleitorais, em meio à pandemia de Covid 19 impondo limitações das mais variadas, o Coletivo propõe um documento formal para congregar outras iniciativas civis e agentes públicos, eleitos ou concorrentes. A proposta resgata a necessidade de projetos participativos na cidade. Mas, vai adiante, destacando a urgência na visão de longo prazo, vencendo barreiras do costume político partidário em buscar ações

de quatro em quatro anos, repetindo as dietrizes mais dos partidos eleitos do que de seus eleitores.

Tem-se então um documento formal, chamado “Carta POA2050”. A comunicação é clara ao explicar o propósito de sua concepção e compartilhamento com diferentes iniciativas da cidade e, especialmente, dos agentes públicos concorrentes a cargos eletivos, neste momento e nos seguintes pleitos. O Coletivo exalta os saberes dos cidadãos e cidadãs de Porto Alegre, ressalta a necessidade de projetos participativos de longo prazo e deste conhecimento de causa justifica que a união de diferentes causas, cores e bandeiras ocorra por uma Porto Alegre sustentável, solidária e criativa.

A sensibilidade e tempo adequados para introdução de um documento propositivo e emblemático converge com o contexto eleitoral mencionado, e tem sua operacionalização articulada em diferentes plataformas digitais, de conversa, armazenamento de dados, coleta de informações e articulação. Encontros virtuais foram feitos com candidatos à prefeitura da cidade e a postos legislativos da câmara de vereadores. Nestes debates mediados por atores civis do Coletivo, interagiram pessoas de diferentes partidos e visões políticas, bem como pessoas da sociedade civil. Neles, houve a leitura do documento e consequente chamamento ao endosso do mesmo por parte dos presentes concorrentes. Diante das limitações sanitárias e polarização existentes no Brasil, iniciativas assim podem ser boas alternativas, tanto para “cyberotimistas” e “cyberpessimistas” (BEZERRA, 2008)

Sob ações deste tipo, o Coletivo busca apoio no trabalho por problemas devidamente reconhecidos na cidade, acrescenta o diferencial da união e visão de longo prazo em torno de novas lideranças e decisões políticas. A carta consolida problemas, mas já é parte da formulação de soluções ao ser apresentada a atores civis e públicos pedindo seus acordãos com o documento. Diante disso, iniciam-se as discussões de um novo cenário colaborativo, criativo e convergente. A ideia é construir o fluxo que se alinhe com o processo de políticas públicas. É uma janela de oportunidade para comuns e empreendedores de políticas dispostos a cooperar. Os problemas são diferentes e ao mesmo tempo comuns a distintas comunidades e bairros, e a sociedade que opera isoladamente até então. Concomitantemente, estes problemas podem ter protagonismo da sociedade civil, a combinação com indicadores existentes e alcance de viabilidade de soluções. (GOTTEMS *et al.*, 2013).

Este processo em torno da ação coletiva na composição de um documento endossado por pares e por candidatos ao poder público tem conexão teórica com Kingdon (2011) e seus múltiplos fluxos políticos, nos dias atuais, podem ganhar aceleração na aproximação das redes sociais formadas por atores diversos, em torno do interesse público. A conexão estabelecida neste ato narrado se aproxima da constatação de Castells (2011) de que as forças dos atores sociais de uma rede exercem poder sobre outros atores em suas redes específicas através de formas e processos específicos.

Assim como na sociedade em rede, na formação das próprias redes sociais digitais e o paradigma da conexão tecnológica aproximando os sujeitos políticos, cria-se a oportunidade de discussões para apontarem lentes teóricas que sustentam o estudo proposto e o objeto aqui apresentado, citando Castells:

O contrapoder é exercido na sociedade em rede pela luta para mudar os programas de redes específicas e pelo esforço para interromper as chaves que refletem os interesses dominantes e substituí-las por chaves alternativas entre as redes. Os atores são humanos, mas os humanos são organizados em redes. As redes humanas atuam em redes por meio da programação e da comutação de redes organizacionais. Na sociedade em rede, o poder e o contrapoder visam fundamentalmente influenciar as redes neurais da mente humana (CASTELLS, 2011).

Igualmente, provoca no debate teórico a questão dos laços mais fortes ou não necessários à condução dos processos de articulação entre o poder social e poder público, dada a evolução dos meios comunicacionais e computacionais de mediação para ideias, propostas, e soluções participativas, isto é, de um cenário de redes sociais onde os nós mudam de acordo com as estruturas novas (LIU *et al.*, 2017), passando por simbolismos e ferramentas, configurando formatos novos de sociedade em rede (COSTA; AUGUSTO; KATO, 2020).

4 ALICERCE TEÓRICO - AÇÕES E MOVIMENTOS PRÉ E PÓS DIGITAIS

Movimentações sociais dentro de diversos tipos de sociedade, mais notórias historicamente no norte global a partir da primeira metade do século passado, foram responsáveis por alcances e inclusões importantes de pessoas e grupos marginalizados ou deixados em segundo plano na rotina social vigente. Já na segunda metade, a partir dos anos sessenta, através de pesquisas e publicações principalmente, tem-se registros com pesos semelhantes nas sociedades onde ocorreram. Redes espontâneas e descentralizadas como o POA Inquieta contrapõem modelos existentes em outros recortes de tempo, anteriores à Era Informacional de Castells. E na análise empírica descrita mais a frente nesse trabalho, categorias que emergiram das falas conectam processos identificados e postos em novidade ao modelo marxista de foco nas contradições estruturais do sistema capitalista, dando pouca relevância aos processos formativos de ação coletiva, como seu poder de articulação, organização política e ideologia.

A principal preocupação da análise marxista clássica tem sido definir as pré-condições da revolução através do exame das contradições estruturais do sistema capitalista. Centrando a sua investigação na lógica do sistema, subestimou os processos pelos quais emerge a ação coletiva, bem como a articulação interna dos movimentos sociais (mobilização, organização, liderança, ideologia) e as formas pelas quais a revolta passa ao tornar-se uma classe movimento. De acordo com esta visão, surge o partido, como organização centralizada, bem como a articulação interna da expressão social da ação coletiva, e a conquista do aparelho do Estado continua a ser o objetivo primeiro desta ação. Toda forma de ação que não pode ser reduzida ao modelo do partido é, portanto, diminuída em valor ou considerada marginal. Se o partido se tornar Estado, o novo poder será, por definição, o intérprete fiel dos conflitos e reivindicações coletivas (MELUCCI, 1980).

Fora dos círculos políticos representativos de grupos de interesse, Bell (1976) apresenta um estudo referencial importante para seu recorte temporal, apontando as mudanças sociais no período chamado pós-industrial. Período este que traz à tona o papel fundamental dos computadores na produção de bens materiais pela indústria, organizações e governo. Mas, principalmente, inaugura a era da sociedade da informação, onde o poder de transformação social emerge, alimentado pelo processamento de dados e informações. Desde então, percebe-se mais e mais o papel informativo e formativo das tecnologias na vida social (MARRES, 2017).

Em consonância com Marres, os sociólogos Savage e Burrows (2007) trazem provocações metodológicas sobre a própria atuação de pesquisadores de ciências

sociais. Eles recorrem à era dos dados e da informação computacional para argumentar que nos últimos quarenta anos os sociólogos têm basicamente se utilizado de surveys e entrevistas em profundidade para sustentar seus estudos, e que durante um longo período, tais métodos se justificaram. Porém, atualmente, com a demanda de dados e recursos de pesquisa possíveis, tais práticas se tornaram menos segura.

Tanto nestas ponderações quanto nas características distintas do Coletivo Porto Alegre Inquieta e sua organicidade, configuraram-se no corpus da pesquisa sociológica oportunidades desafiadoras, e importantes, agregando valor sob a ótica de pesquisa em ciências sociais. Por isso se opta pela transição de literatura clássica e atual, considerando momentos relevantes, porque estes contêm quase todas as características do cenário vigente, exceto pelo acréscimo tecnológico de interação e propagação de ideias, reivindicações e realizações coletivas. O estudo de um Coletivo social com as qualidades aqui citadas, o embasamento teórico sobre os indivíduos, grupos, círculos e sociedade, aportando ainda o estudo sociológico digital em meio às redes sociais, sugerem um caminho particular, peculiar e original.

Sobre o objeto do estudo deste trabalho, ressalta-se que, ao menos no Brasil, há escasso material nas bases sobre tal formato, seus modelos de conexão, sua realidade horizontal e orgânica em princípio sem o desejo de qualquer institucionalização. Quanto à prática coletiva e iniciativas ligadas às redes e conexões, digitais ou não, existe literatura, mas focada em ação específica, grupo específico, reivindicação particular, ou apontamento teórico isolado em categoria.

No caso de apontamento teórico, cita-se a categoria de articulação em rede reportada por Scherer-Warren (2006). E, mais recentemente, considerando também a auto-organização e autogestão coletiva sob o efeito da reciprocidade e necessidade diante de um sistema capitalista de troca. Gaiger (2020), sobre as condutas de coletivos atualmente, diz que, em geral, não se amoldam à pauta de movimentos específicos, menos ainda ao estilo das negociações econômicas típicas do sindicalismo. Dito isso, depreende-se que os formatos parecem seguir as mudanças sociais deste século, alterando as dinâmicas de governança e articulação, ainda que com demandas semelhantes às já existentes. O autor segue o seguinte descritivo característico dos coletivos, acompanhando visões teóricas de literatura referencial, conforme destaque a seguir:

[...] o leitor deve ter visto que nos referimos a um tipo de coletivos: aqueles, minimamente organizados e estáveis, que se autogovernam e buscam, em alguma medida, dar conta das necessidades e aspirações da vida comum, nos três sentidos da palavra: comum por serem questões próprias da vida cotidiana (e não efemérides, causas momentâneas ou situações extraordinárias), por serem assuntos partilhados coletivamente (e não uma causa externa ou de interesse particular) e por se tratar do protagonismo da gente comum (e não apenas de militantes ou líderes altruístas). Agindo assim, esses coletivos buscam escapar e se contrapor a variadas formas de dominação, expropriação, exploração e opressão (WRIGHT, 2015). Possuem um caráter não estritamente classista, mas sim interclassista, associável a uma “nova classe global de desfavorecidos” (Sassen, 2010: 152-157). Para a autora dessa formulação, Saskia Sassen, Esta classe deveria ser percebida, graças sobretudo à disseminação da internet e às possibilidades de conexão, como uma das forças sociais emergentes no cenário atual da globalização (GAIGER, 2020).

Nota-se na citação acima que o trabalho discorre sobre peculiaridades e especificidades das situações em que grupos ativistas e reivindicatórios se encontram, envolvidos em um contexto e discussão teórica aberta a questões tradicionais como as economias solidárias e a participação de pessoas em iniciativas submissas ao modelo capitalista, sem desconsiderar o avanço no tempo e as novas possibilidades de construção social e política.

Gaiger (2020) contextualiza o cenário histórico de crises para ações coletivas variadas. Neste interim se encontra em Barbosa e Fernandes (2018) a discussão abrangendo o ativismo e questões relativas às pluralidades comunicativas proporcionadas pelas mídias sociais e à presença da Internet nas sociedades de hoje. A crise aqui, ou problema, ou desafio, é a questão de acesso da maioria à estrutura de conexão, bem como o conhecimento em saber usar o que a tecnologia disponibiliza. Cria-se então um vácuo participativo, deixando uma parte apenas da sociedade apta à ação neste ambiente, o que os autores classificam como cidadãos digitais ativos e participativos.

De Moraes (2003), em um período anterior à Internet plenamente móvel que surge em 2007 a partir dos smartphones, em uma abordagem de controle corporativo por conteúdos informacionais, à época mais presentes em mídias de massa como TV aberta, por exemplo, chamava atenção para a necessidade de iniciativas cidadãs surgirem em contraponto a um novo cenário possível de sufocamento por parte das grandes corporações detentoras dos investimentos em informação. Aderente ao estudo aqui presente, o autor afirmou:

Os obstáculos se sucederão, porque a organização da cidadania é lenta, sujeita a dilemas, tensões, avanços e recuos, ainda mais com a necessidade de concatenação em âmbito global. A despeito das dificuldades, penso ser essencial uma coordenação de esforços por parte

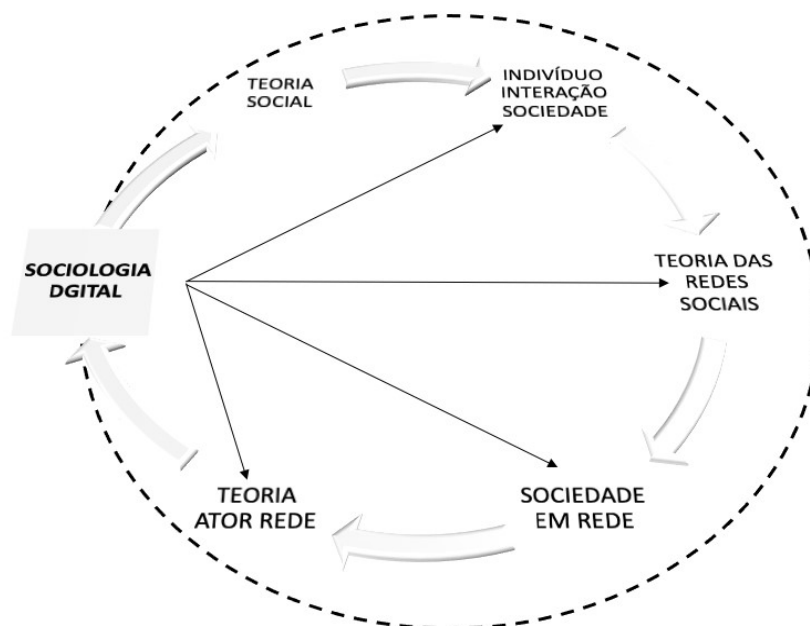
de entidades e foros cívicos empenhados em mundializar as prerrogativas da cidadania e viabilizar sistemas de comunicação mais pluralistas e descentralizados (DE MORAES, 2003).

Considerando o recorte temporal, o período pandêmico global e local, a realidade acadêmica, empírica e a oportunidade de análise aprofundada em um ambiente menos usual do que apresenta até então a literatura revisitada pelo autor, faz-se a opção de se levar em conta as bases tradicionais da literatura. No entanto, a atenção se volta ao protagonismo da literatura que faz a passagem entre este e o século passado, e as incorporadas às ciências sociais já na década passada, reconhecendo o valor do momento atual e futuro potencial de transformação social em formatos orgânicos, descentralizados e conectados. Ao mesmo tempo, nas leituras e na consequente busca por comprovações no campo de pesquisa, o trabalho identifica desafios, em formulação de políticas, conversas entre grupos sociais distintos, organização coletiva e articulação sustentável que perpassa o curto prazo de supostas ações que mudem constantemente de quatro em quatro anos.

Porém, ao estudar um Coletivo com suposto sistema de governança peculiar, transitoriedade aparentemente inovadora, passando por um fenômeno social impactante como a pandemia de Covid 19 e sob a realidade de aumento, forçado ou não, de conexão pelas redes sociais e digitais, percorre-se um caminho teórico que parte da própria teoria social em compilações como Elliot (2009), a interação social de Simmel (1970;2016), a construção de redes sociais desde Dunn (1977), a sociedade em rede de Castells (2002;2011), os simbolismos e a junção de atores humanos e ferramentais em Latour (2002) e o recente construto da Sociologia digital ancorados em Lupton (2015), Nascimento (2016) e Marres (2017).

Pela autonomia esperada, e crítica, o autor parte de uma visão circular, como perspectiva de constante renovação. Seja do objeto de estudo, do contexto em que se encontra e da necessidade constante de estudos envolvendo o cenário das ações em contato com as tecnologias, sociais e/ou digitais. Elabora-se assim uma figura, onde se ilustra que a teoria social e as ciências sociais podem referenciar as bases, os pilares, e no ciclo contínuo abraçam as novas teorias e contextos que operam ininterruptamente e afetam as mudanças em sociedade, positivas ou não. Sob esta ótica, o autor traça o caminho teórico que julga pertinente para manutenção de sua vigilância epistemológica, já que atua como articulador no Coletivo objeto de estudo.

Figura 1 – Visão circular sobre teorias sociais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Importante citar que o processo aparentemente caótico dos processos envolvidos nas construções sociais e digitais em grupos de transformação representa o raciocínio não linear, presente no pensamento complexo de Edgar Morin. Elucidando a força do pensamento não linear neste mundo atual, cita-se então:

O modelo mental linear é necessário para lidar com os problemas mecânicos (abordáveis pelas ciências ditas exatas e pela tecnologia). Mas não é suficiente para resolver problemas humanos em que participem emoções e sentimentos (a dimensão psicosocial). Por exemplo, o raciocínio linear aumenta a produtividade industrial por meio da automação, mas não consegue resolver o problema do desemprego e da exclusão social por ela gerados, porque essas são questões não-lineares. O mundo financeiro é apenas mecânico, mas o universo da economia é mecânico e humano (MARIOTTI, 2007).

4.1 TEORIA SOCIAL

No ato de exercer a pesquisa sociológica, considerar a trajetória da teoria social pode elucidar dúvidas e evitar pré-conceitos existentes em diversas áreas e público sobre suas intervenções e conclusões. Ao mesmo tempo em que a teorização social enfrenta o desafio de retomar a estima pelas ciências sociais, uma safra de pesquisadores surgida a partir dos anos setenta especialmente, e por conta

das realidades sociais das recentes décadas, tem obtido importantes conquistas, partindo da teoria de base e indo além da Sociologia pura.

Os aspectos que mais chamam atenção nesta retomada de relevância são a abrangência e variedade dos pesquisadores. Hoje, os cientistas sociais trabalham com perspectivas mais abrangentes, transversais, estudando em áreas como economia, geografia, ou ciência política. Mesmo assim, há percepção de que a teoria social tem uma função específica em pesquisas empíricas e é algo abstrato, incerto. No entanto, um aspecto até então pouco referenciado pela prática teórica social, é a habilidade intelectual mediadora na condução investigativa de fenômenos diversos (SILVA; BAERT, 2014).

Sem a presunção de querer enaltecer a teoria social na área científica, cabe destacar que a característica transdisciplinar é hoje evidente em campos de pesquisas e ciências. Por exemplo, mesmo a área da matemática possui evolução em relação ao surgimento de sua representação através de linguagens novas, adaptadas às tecnologias recentes. Ou seja, as transformações que ocorrem afetam a sociedade, tornando a teoria social o principal componente do debate intelectual (SILVA; BAERT, 2014).

As ciências sociais precisam da teoria social para a condução do que e como estudar fenômenos em todas as áreas de pesquisa, como um balizador intelectual, uma fonte de equilíbrio da razão de pesquisa. Tal visão é necessária a fim de restabelecer um caminho e terreno deixados à margem na segunda metade do século anterior e de certa forma vigente ainda atualmente. O caminho mais lógico dos estudos científicos em detrimento da subjetividade social humana tem mantido um protagonismo nos estudos, como se houvesse certezas e parâmetros definidos. Apesar disto, as transformações sociais, os conflitos, as dissoluções, e as dúvidas acadêmicas permanecem. Em todos estes aspectos da vida humana há o papel intelectual da teoria social na preservação do diálogo científico (BAERT; SILVA, 1998;2002).

A queixa existente sobre posturas um tanto inesperadas por parte de pesquisadores sobre assuntos elementares e corriqueiros, vem provocando cisões no meio científico quanto à percepção da teoria social e sua importância. Mas, felizmente, há uma corrente coesa de pesquisadores que preserva e acolhe o caráter diversificado hoje da teoria social, porque a conduta humana não possui um único sistema de análise (GIDDENS,1999).

Elliott (2009) traz a discussão sobre o papel da teoria social e como provocação ao argumento oferece uma densa definição desta:

A teoria social é a análise sistemática dos contornos de desenvolvimento amplos da modernidade, envolvendo a reconstrução multidisciplinar de termos, questões e problemas nas ciências sociais, como agência humana, intersubjetividade, estrutura social e sociedade. Ao contrário da filosofia, a teoria social está mais diretamente preocupada com a experiência imediata de nossas vidas e especialmente de nossas vidas nos tempos difíceis em que vivemos. Ou seja, a teoria social está mais preocupada com questões ontológicas do que epistemológicas. Além disso, a teoria social não pertence a nenhuma disciplina das ciências sociais, embora tenha certamente sido institucionalizada e profissionalizada em algumas disciplinas - como sociologia, ciência política e antropologia, por exemplo (ELLIOTT, 2009, p. xi).

Este autor expõe que a abrangência tamanha das definições e abordagens de pesquisa teóricas sociais desde os anos setenta até pelo menos a última década e, ao mesmo tempo, a constante relação entre as agendas humanas e a estrutura social. Nesta linha, tem eco em Giddens (1999) identificando a importância das pesquisas nas atividades humanas e manifestando clareza ao considerar dúbia a relação de entendimento de outras áreas sobre a multidisciplinaridade teórico-social.

A teoria social na chamada “sociedade moderna” se configura como consequência de uma epistemologia racional estrutural de países que trazem desde os séculos quinze ou dezesseis suas visões morais e ética de trabalho, estudo, conhecimento. Esta forma de enxergar problemas e tratar situações, considerando-se os desníveis sociais históricos e paralelamente olhando para um futuro sob a visão de, por exemplo, o modelo moral e educacional parece paradoxal, em parte posta na citação a seguir:

A essência do moderno, portanto, é calcular as chances de que o futuro possa ser melhor, assim, agir de forma a aumentar as chances de se fazer melhor neste futuro. Como essência, entretanto, a racionalidade está longe de ser facilmente alcançável ou mesmo amplamente compreendida. Ainda assim, se pensarmos na racionalidade como uma ética que orienta a vida cotidiana (e não como um princípio abstrato de investimento econômico ou teoria jurídica), é possível ver o que pode significar. Claro, a racionalidade funciona de maneira diferente em lugares diferentes. Se for uma ética de calcular probabilidades, as probabilidades diferem de acordo com as diferenças sociais e culturais, de modo que a aplicação da ética será diferente; daí as variações nos ideais iluministas originais. Ainda assim, há um fio detectável que aparece tanto nas diferentes vidas dos modernos quanto nas diferentes regras das sociedades modernas, e muito mais. O que é comum aos indivíduos modernos quanto às estruturas sociais modernas é uma ética de viver para o futuro, não para o passado - e de organizar a vida e o comportamento de maneiras que tornem isso possível (ELLIOTT, 2009).

A citação de percepção comum à vida das pessoas como indivíduos, isto é, partindo de seus comportamentos em diversas estruturas sociais, mostra um certo nível de autonomia perpassado pela teoria social clássica, já que em outros tempos estes mesmos indivíduos se limitam a seus círculos, com poucas alternativas de ligações a outros grupos. As ações humanas individuais, que no recorte temporal de estudos clássicos endossados pela teoria social ficam subpostas às percepções de seus grupos sociais, com o passar das décadas observam mudanças. O surgimento das interações em rede ganha destaque na segunda metade do século vinte (BARAN, 1964). E mostra que, embora a estrutura técnica ou social possa influenciar os indivíduos moldando os mesmos de acordo com tempos e eventos determinados, suas conexões oferecem possibilidades novas, ainda que possa resistir o modelo cultural que intensamente aos seus ciclos restrinja ações (RODRIGUES, 2009).

Diferentes organizações sociais emergem em razão de novas possibilidades de construção humana em sociedade. Mesmo que crenças e valores persistam como agentes limitadores para transformações mais velozes e em volume maior quando dimensionados à sociedade, individualmente se enxergam chances verdadeiras de transformação, rompendo os parâmetros sociais (POWELL, 2005).

O argumento epistemológico e ontológico passa a ser, portanto, o de que a pessoa humana é tida como um real agente transformador e provocador nas dinâmicas sociais. Tais propostas de mudanças nas organizações sociais presentes podem contribuir para uma acentuação autônoma, tanto individual quanto coletiva. E, se no entendimento clássico, crenças e valores de grupos sociais determinavam seus comportamentos morais e éticos, em uma estrutura de conexão mais fluida como a existente na sociedade moderna, as mesmas crenças e valores já não são absolutas, porque mesmo de caráter Coletivo, podem mais e mais sofrerem interferência pelo aumento de interações (FRANÇA, 2006), representações simbólicas (LATOUR, 2002) e conexão e troca entre os indivíduos (RODRIGUES, 2009).

Rodrigues (2009) reporta autores que têm visões semelhantes sobre indivíduos, valores, vivência, interação social e suas respostas aos desafios cotidianos, considerando a segunda metade do século anterior e o início deste século vinte. Também traz à tona estudos que identificam a agenda humana e os processos de perdas e ganhos dentro de determinadas circunstâncias do ambiente social. Estes resultados positivos ou negativos são consequência de experiências dos atores sociais, levando-se em conta suas condições socioculturais e suas próprias vivências.

Ao percorrer a literatura, mesmo a clássica, encontram-se elementos formadores do que se vê hoje na sociedade civil, mais conectada e mais ciente de seus problemas, mas ainda em busca de saídas articuladas e dinâmicas novas que possam de fato fazer a diferença em ações e políticas voltadas à malha social da cidade mediante o processo de participação e conscientização cidadã (JONES; GAVENTA, 2002). Assim, opta-se pela condução teórica que mostre um caminho lógico e porque não dizer também cronológico, desde a provocativa evolução teórico social, destacando o papel de cada pessoa, suas interações cada vez mais automáticas e automatizadas, associando grupos de interesse (RODRIGUES, 2009).

A sociologia traz a transdisciplinaridade e emergência importantes para que se entenda mais e mais o que motiva os indivíduos a cooperarem, colaborarem e se associarem às ações sociais e participarem de movimento dentro de determinados contextos regrados socialmente (PIRES; VAZ, 2012). Por Esta razão, o estudo de caso de fenômeno contemporâneo com mecânica aparentemente inovadora carece de alicerce teórico do ponto de vista comportamental individual e projeção à sociabilidade. Os estudos pioneiros de Georg Simmel balizam e preparam para entendimento o que se tem hoje, com roupa nova, digital (MISKOLCI; BALIEIRO, 2018).

4.2 DAS FORMAS TRADICIONAIS DE AÇÃO, INDIVÍDUO E COLETIVO

Quando se trata de pautas das lutas por direitos trabalhistas e sociais, o formalismo estrutural das ações coletivas tradicionais se debruça sobre sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais. São organizações criadas a partir de emergências por garantias básicas humanas a melhores condições de vida. Historicamente cuidam de grupos usualmente ocupantes de espaço marginal nas diversas sociedades, especialmente em países com maiores abismos sociais. Considerando Esta ponderação da professora Maria da Glória Gohn, entende-se aqui que a construção econômica, política e cidadã considere não apenas os grupos formados e atuantes em blocos, mas as vozes individuais e seus ecos na geração de uma sociedade melhor através das interações, um dia sociais, e atualmente sociodigitais.

Em uma de suas várias percepções, Simmel (1986) afirma “a individualidade de ser e fazer crescer, geralmente, na medida em que se amplia o círculo social do indivíduo”. A necessidade dos indivíduos em se diferenciarem dos demais, no mesmo ou em diferentes círculos recorre à necessidade de se conseguir mais para o

sustento de cada um. Percebe-se que esta acentuação de diferenças pode ter uma razão de pertencimento.

Com o desenvolvimento individual e surgimento de diferenciações, grupos sociais acabam por ampliar seus alcances, chegando a outros grupos através de níveis de especialização. Aparecem agremiações de interesses e tais agremiações são como clusters sociais em níveis de diferenciação, cada qual com suas peculiaridades e níveis de especialização individual, o que lhes confere posicionamentos acima ou abaixo nos círculos sociais.

Da mesma forma, níveis de diferenciação tendem ao aumento de individualização e ruídos, que levam pessoas a migrarem para novos grupos. Tomando-se a questão produtiva e as bases igualitárias individuais, o autor cita condições iguais em termos de qualidade e quantidade produzida por indivíduos num dado contexto em que há normatização que controlava? e protegia uns dos outros de obterem mais vantagens. Ocorre que não é possível evitar a diferenciação, ao passo que a produção diferenciada proporciona a possibilidade de aumento de ganhos ao dono do negócio.

No entanto, aqueles que produziam continuavam em seu grupo, enquanto uma parte se diferenciava e alcançava mais. Graus de diferenciação também conduzem a níveis de direitos desiguais, enquanto uns alcançam menos e se vem com direito de terem mais, o que os leva à formação de novos grupos de interesses comuns. Tais aproximações e afastamentos de interesses tem aderência na ideia de que diferenciação e individualização afrouxam laços com os mais próximos, enquanto aproximam pessoas mais distantes. Propõe-se aqui a discussão sobre o relacionamento dos indivíduos, em seus grupos, em sociedade, em conteúdo e forma. Percebe-se que a sociedade de hoje continua formada por pessoas comuns.

Para Simmel (1983;1986), a sociedade é a soma de indivíduos em interação. A interação ocorre entre indivíduos, de maneira genuína e direta. E, parte de duas premissas, o conteúdo e a forma. Por conteúdo se entende algo intrínseco, que parte do próprio indivíduo, com potencial de influência em outras pessoas. Ocorre que o conteúdo apenas é insuficiente para a interação, que depende de sua união à forma de se passar este conteúdo, seja por conversas, gestos ou expressões variadas (VANDENBERGHE, 2019).

E diante desta leitura sociológica, tende-se a crer que a interação por si só caracteriza o ato de sociabilidade, onde se vai mais a fundo analisando os vínculos reais, evitando possíveis vieses estéticos (LEVINE, 2015). Porém, a sociabilidade

envolve uma autonomia em relação à realidade factual. Um exemplo desta característica é praticar alguma atividade que gere interação com outros indivíduos, mas que ao mesmo tempo fuja de uma realidade que os rodeia, de maneira autônoma. Um exemplo que mostra a lente de Simmel e seu método de recortar fenômenos, examinar suas multiplicidades e possibilidades, explicando suas respectivas coerências (LEVINE, 1971).

Como Este trabalho aborda um fenômeno sociológico envolvendo o Coletivo POA Inquieta, composto por sociedade civil e os diversos círculos sociais da cidade de Porto Alegre, traz-se a lente de Georg Simmel do que forma uma sociedade: a interação entre indivíduos. Como contribuição ao diálogo cabe acrescentar a leitura relevante de Alves (2013) que desenvolve “dez mandamentos da interação”, com o objetivo de tornar clara a compreensão sobre interação e sociabilidade de Simmel. Como fonte de potenciais categorias de aprofundamento sob a lente de Simmel, destacam-se alguns pontos úteis ao presente trabalho:

Para haver sociabilidade, é preciso que haja a autonomização na interação entre quem está em sociação. Por autonomização se entende o ato de se liberar de determinados laços das realidades da vida. Tal como um jogo se esvazia da vida à medida que passa a ser um mero entretenimento. O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos e interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por este estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais, este é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64. Grifos ALVES, 2013).

Sabe-se que interesses e necessidades individuais, conteúdos, fazem com que indivíduos se juntem. Isso por si só, se configura numa interação, ou seja, sociação. No entanto, para que tal vinculação se converta em sociabilidade é preciso que esses indivíduos além de estarem sociados por interesses específicos, se relacionem em razão de um “sentimento e por uma satisfação mútua de estarem socializados”. Numa relação em que a sociabilidade consista numa derivação da interação. Dito de outro modo, para que a relação seja de sociabilidade é preciso que ambas as pessoas que estejam envolvidas, sintam o prazer nessa sociação. Caso, somente alguns tenham este sentimento em detrimento de outros, Esta união não será nada mais que uma interação:

Outro ingrediente da sociabilidade consiste no ato dos indivíduos apreciarem o processo de sociação em si, sem nenhum outro objetivo que não seja o de estar sociado. “O “impulso de sociabilidade” extrai das

realidades da vida social o puro processo de sociação como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra (SIMMEL, 1983, p. 169). (ALVES, 2013).

Schütz (1945), em artigo recente publicado em português por Koury (2019), antes mesmo de diversos fenômenos sociais, como a própria sociedade pós segunda guerra mundial (GOTTDIENER, 2019), crises econômicas em escala global como a do petróleo nos anos setenta (DE MIGUEL *et al.*, 2006), ou local, como o reestabelecimento democrático do Brasil (FRANZOI; DE MORAIS, 2014), traz experiências que rotula de múltiplas realidades.

As relações sociais múltiplas, segundo Schütz (1945;2019), derivam da experiência originária da totalidade do self do outro na comunidade do tempo e do espaço. E diz ainda que qualquer análise teórica da noção de “ambiente” - um dos termos menos clarificados usados nas ciências sociais atuais - teria que começar a partir da relação face a face como uma estrutura básica do mundo da vida cotidiana.

Este estudo do “self”, o intrínseco que pode ou não convergir com um outro indivíduo, sendo inteiro ou parcial, em uma abordagem sociológica chama a atenção para a comunicação mais fluida ou não entre pessoas, numa copresença e uma parceria. A leitura de Schütz remete aos construtos sociais e de sociabilidade, bem como extrapola os limites das ciências sociais. Comunicação e copresença para entendimento em diálogos e contatos, envolvem construtos relativos ao compartilhamento, colaboração, confiança e ao próprio self (BELK, 1988).

Ainda sob o arcabouço sociológico de Schütz (1945;2019), é citada a questão temporal, o tempo de vida, o tempo histórico, que faz conexão com o passado e o momento atual. Pode haver sobreposição ou interposição nesta temporalidade, o que este autor chama de “movimento de cavaleiro”, em uma alusão ao movimento da respectiva peça em um jogo de xadrez. Assim como o tempo, e as formas, existem os ambientes em que as múltiplas realidades se encontram e se comunicam.

Os movimentos e perspectivas acima conversam construtivamente com as dinâmicas de Simmel (1983;1986) e demais materiais sobre sociedade, sociabilidade e interação, e convidam à ampliação do contexto teórico, especialmente ao se contemplar o raciocínio de comunidades como possíveis conjuntos de relações e interações, além do próprio sentido colaborativo. Simmel ainda acrescenta, sobre a sociedade, que há duas evidências: uma puxada para modelos de influência, chamativos e extravagantes, conduzindo comportamentos; e

modelos mais apáticos como os militares, relações diferentes sobre individualidades, elevadas. Porém, no grupo com diferenciações mais fortes que em outros meios, sendo estas mais fortes.

Na discussão sobre ambientes, interações, comunidades e desigualdades, posiciona-se a lente de Farfán (1998), quando trata das relações sobre comunidades. A razão do convite ao artigo deste autor se justifica no fato do presente trabalho buscar diálogos empíricos teóricos tratando sociedade, conexões e o contexto atual de exposição social das diferenças, emergidas da primeira pandemia deste século.

Farfán resgata a pauta sobre comunidades e contempla justamente a temporalidade, as mudanças, e a própria teoria sociológica moderna, com pano de fundo na teoria social de Ferdinand Tönnies. O tratamento dado às comunidades em um dado recorte histórico vem se moldando às novas realidades, ainda que haja herança de outros tempos. Tal herança se mostra comumente ao se abordar desigualdades sociais. (FARFÁN, 1998).

A ruptura histórica apontada por Farfán cita Georg Simmel quando traz de volta sua pergunta fundamental em Simmel (1986), sobre como a sociedade se forma através do indivíduo. Esta citação entre os autores parece reforçar a transitoriedade dos temas e suas complementariedades. porque, ao se estudar comunidades e o respectivo comunitarismo representando as diferentes realidades e desigualdades, somadas ao distanciamento dos tecidos sociais, apresenta-se uma lacuna, uma necessidade de olhar atento ao poder individual e suas relações formadoras de círculos sociais e posteriores ambientes em comunidades. Simmel (2006) diz que quanto mais estreito é nosso círculo, menor nossa individualidade, o que parece razoável, como se esta proximidade representasse uma intimidade tamanha, a nos tirar o tempo de pensarmos ou dedicarmos a nós mesmos.

As mudanças sociais ao longo dos tempos acabam endossando a convergência sobre a incapacidade de o individualismo puro determinar construção contínua e saudável em meio à sociedade como um todo. Da mesma forma a permanência do self sem contato e comunicação que valha. Este endosso ganha apoio nos estudos de Maffesoli (2006), interpretando as comunidades como tribos de interesses. Apesar deste autor considerar a importância da visão de interesses em comum e vantagem da desindividualização, menciona o aprisionamento possível pelos grupos de interesse de viés religioso, político ou algum outro fenômeno grupal que tenda à proteção própria em detrimento do todo social. Se por um lado os

grupos de interesse possuem o privilégio de extraírem pessoas de seus mundos próprios, por outro tendem em muitos casos obterem sucesso por serem atrativos de pertencimento. Os indivíduos buscam inclusão por suas crenças, e aparentemente a visão global social se perde dentro do conformismo inclusivos destas tribos de interesses. Mesmo assim, servem como um degrau, uma abertura ao contato com outros grupos de interesse. Os demais grupos de interesse podem contribuir com a visão de sociedade, reestabelecendo ou alterando crenças, mas é preciso facilidade de conexão.

Estabelecendo conexão com Simmel, as tribos podem representar a “moda”, um limitador social, porque deixam os indivíduos nivelados em um campo de influência, aparentemente libertando grupos sociais e reduzindo o espaço individual, numa relação submissa. Porém, o homem, ser, é alguém nem totalmente individual, ou coletivo, o que remete justamente à capacidade transitória deste dentro de grupos sociais, ou na migração entre diferentes grupos. À migração, pode-se depreender o sentido de liberdade individual de escolha.

O conceito de liberdade individual tem vários significados, porque como atores sociais nos inserimos em vários grupos e realidades. Por exemplo, cita-se desde a liberdade de escolha de um cônjuge, até a liberdade de escolhas de natureza econômica. O significado de individualidade geralmente se divide em duas direções: a liberdade, a responsabilidade do indivíduo e sua palavra dentro dos grupos sociais; e, a qualidade do homem individual em se diferenciar do demais.

As análises sobre contextos familiares, os Estados onde se inserem, possuem diferenças, como as de sociedades mais antigas, ou nações do norte e do sul. A questão da individualidade habita várias constelações sociológicas, centradas no “homem individual”. Este pode estar num grupo menor e se tornar parcialmente individual, na medida em que um grupo social aumenta. Características estas que aparecem em conflitos políticos de países como os EUA e o suporte contínuo das liberdades individuais.

A liberdade da realidade americana, por exemplo, é correlacionada com a “provincialidade” italiana, politicamente regionalista e mostram-se 3 camadas de correlação: indivíduos soltos, os círculos pequenos que estes formam, e o grupo social grande e compreende todos. A devoção pela liberdade individual aqui tenderia à rejeição da camada média. (SIMMEL, p.755, 1986).

Os autores mencionados até aqui servem como referências fundamentais do ponto de vista sociológico. Bem como apresentam pesquisas abrangentes e até

visionárias, dadas as realidades onde viveram e estudaram. Talvez, a palavra conexão fique omissa em seus textos por estar fora das realidades vividas por eles, porque evidentes eram a presença, a comunicação olho no olho, face a face e os ambientes estarem limitados ao alcance visual.

O referido alcance já serve para as abordagens da própria teoria social, dos simbolismos existentes nas relações e na formação da amplitude das redes. Trata-se a partir deste ponto de trilhar o caminho desta construção e seu embasamento teórico na intenção de se melhorar a compreensão a respeito das junções sociais, um dia apenas físicas, e hoje híbridas, em múltiplas redes.

4.2.1 Emancipação na prática

Geralmente movimentos tradicionais agem em bloco desde sua concepção, baseados em uma pauta maior e uníssona. Como descrito no tópico sobre o modelo referencial de Medellín na Colômbia, as rodas de conversa envolvendo pessoas comuns, a interação e escuta às necessidades existentes se tornaram rotina nas iniciativas e sensibilizações do Porto Alegre Inquieta. Pensando em possíveis pontes para tais encontros, trabalha-se muito a rede de contatos em diferentes tecidos sociais. Entre conversas em apresentações do Coletivo, oportunidades de fala e escuta se manifestam. Quando essas se concretizam existe a percepção de neutralidade amistosa pelos espaços ideais utilizados para as rodas, sedes de representações das comunidades e bairros, ou, os mais simbólicos e respeitados, as escolas.

Sim, as escolas em comunidades menos estruturadas se mostram como espaços seguros, acolhedores e convergentes. Assim, chegou-se à Escola Municipal de Educação Fundamental (Emef) Dep Marcirio Goulart Loureiro, à Rua Saibreira, microrregião 4 da cidade, chamada Partenon. Ricardo, então diretor, recebe lá pessoas do Spin Educação primeiramente. As pautas giram em torno do tema. Aos poucos, em rodas agendadas sem um calendário definido, mas com organização, metodologia e intermediação delas, vão surgindo moradores, educadores, pais e mães, até alunos, filhos dos pais participantes, ou simplesmente curiosos por saberem da novidade habitando seus espaços de segurança e aprendizado.

À medida que as interações avançam, superando desconfiâncias, alguns personagens começam a chamar atenção pelas abordagens, interesses e

revelações. Christian é destes que após participar de uma das rodas de conversa na escola, propõe levar mais pessoas que tem algo a dizer e que por confiarem nele, compareceriam. Assim o faz, e o que tinha objetivo de propor soluções puramente educacionais tendo o ambiente escolar como sede, torna-se uma via de construção cidadã com aceitação genuína e mediação plena.

Individualmente frágeis, passam a formarem força ativa que, orientada pelos membros do Coletivo, alavancam trabalhos e reivindicações adormecidas. Uma das características do POA Inquieta é o poder de articulação em várias áreas da sociedade. Na situação específica desta comunidade e seus objetivos, introduz-se um agente ímpar, chamado Santiago Uribe. Ele esteve a frente do Gabinete de Resiliência de Medellín e participou de inúmeras ações articuladas entre poder público e comunidades. A convite do Coletivo, Santiago esteve na EMEF Marcirio e conduziu umas das mais emblemáticas rodas de conversa já realizadas em Porto Alegre desde o início em 2017.

Uma aula que iniciou com muita escuta. Em seu espaço de fala, ele chamou pelo nome cada uma das mais de 30 pessoas presentes ao encontro. Por si só, a atitude já engajou boa parte dos presentes, atentos ouvintes de cada palavra proferida por Uribe. Christian estava lá também e junto com seus vizinhos pode enxergar um pouco mais sobre o poder Coletivo e seu impulso nos desejos individuais carentes e expostos ali. Deste ponto em diante, fez-se uma grande reflexão sobre os próximos passos locais.

Fotografia 6 – Roda de Conversa com Sebastião Uribe na EMEF Marcírio Dias



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

4.3 NOVAS PAUTAS E FORMATOS ORGANIZACIONAIS DE MOVIMENTOS SOB TEORIAS DAS REDES SOCIAIS E ATOR REDE

A temática de redes pode ser uma linha de equalização entre diversas ciências, porque é transdisciplinar, exata e subjetiva, porque congrega a leitura tecnológica, algoritmos e funções matemáticas, a psicologia das relações humanas,

em um processo de organizar novos padrões na sociedade. Curiosamente, atores neste novo cenário mudam muito as relações de poder, uma vez delineado por controles puramente sociais, coordenando a participação para legitimá-lo (CORRÊA, 2012).

Samet (2013), por exemplo, conceitua as redes como coleções de ligações que se combinam através de regras específicas e se comportam como se estivessem vivas. Segundo o educador, as redes estão vivas pela constante mudança. As mudanças ocorrem na velocidade da migração das conexões e concentrações em diferentes locais. Estas combinações formam estruturas, e estas estruturas em rede é que dão corpo à teoria das redes.

As estruturas se compõem por “links”, “hubs” e nós (nodes). Os nós representam pequenos elos, mas a partir do ganho de importância, eles obtêm crescimento, e este dentro do contexto de redes puras representa aceleração de parâmetro logarítmicos. Tal descrição tem origem na matemática, sob as Funções de Poder (SAMET, 2013). Uma conexão pode, por ação ou reconhecimento, tornar-se um nó, reforçar-se e crescer ainda mais e se estabelecer como um “hub”, onde marcará posição na rede, com características descentralizadas (PANG; GOH, 2016).

A literatura pelo autor revisada mostra que o tema das redes passa por muitas áreas do conhecimento e no tocante às ciências sociais traz oportunidades de utilizar recursos de outras disciplinas com benefício e endosso às pesquisas feitas a partir deste mais abrangente olhar de sociedades que tem suas culturas hoje muito influenciadas pelos indivíduos que as compõem e pela dinâmica das redes e tecnologias. O caminho de estudo corrobora partindo das redes puras de dados e elementos para as redes sociais, onde a interação apresenta oportunidades e desafios.

Como visto na literatura de Simmel, as relações humanas merecem atenção na cultura de movimentos na sociedade, partindo das interações e relações interpessoais entre pessoas e formação de grupos de interesse. Aspecto evidenciado também na Psicologia por Fritz Heider, autor do livro “The psychology of interpersonal relations”, já nos anos cinquenta, bem antes de toda a conexão e tecnologia hoje disponíveis: “os psicólogos sociais têm se interessado principalmente nas relações entre as pessoas quando grupos maiores desempenham um papel. Nestes casos surgem problemas que são mais conspícuos e de importância mais óbvia do que aqueles que caracterizam as relações entre duas pessoas” (HEIDER, 1958).

Se em Heider (1958) se tem o aspecto psicológico partindo de micro vínculos para grupos maiores, configurando um princípio de rede, em Milgran (1967) o estudo de redes ganha simbolismo em seu artigo chamado “Small World Problem”. Neste, Stanley Milgran estuda uma amostra de duzentas e sessenta e quatro pessoas e estabelece ao final um grau de separação de 5.2 indivíduos, conectores e alvo. À amostra, o pesquisador pediu que diferentes cadeias em Nebraska e Massachusetts buscassem uma pessoa em cidade diferente de onde os demais residiam. Descobriu-se que de cada ponto de partida, em média, três pessoas foram usadas como intermediárias para que a pessoa alvo fosse atingida, através de sessenta e quatro cadeias, representando quarenta e oito por cento do total. O estudo é conhecido e referenciado como “seis degraus de separação” (TRAVERS; MILGRAM, 2011).

Quando Simmel fala sobre a ação do indivíduo ser relevante em relação ao grupo, ou Coletivo, refere-se ao mesmo como ser autônomo e que suas interações podem ser positivas para o todo. Sob a visão de Durkheim, por exemplo, os indivíduos são dominados pela realidade de um grupo que age sobre eles, ao que denomina de realidade coletiva. Importante trazer estas lentes e suas abordagens por trabalharem a perspectivas de grupos, e de redes sociais. Na sequência do micro ao macro, tem-se o indivíduo, sua relação mais próxima íntima, seu grupo próximo de família e amigo, e coletivos maiores dentro das sociedades (BELK; JOIREMAN; DURANTE, 2016). Enquanto grupos sociais são formados por pessoas próximas, estas pessoas ao olharem para outras pessoas em grupos diferentes, passam a formarem laços, mais fortes ou não (GRANOVETTER, 1973).

Os laços estudados por Granovetter, as distribuições de redes de Baran, os estudos sobre indivíduos e sociedade de Simmel, a sobreposição da sociedade à autonomia do indivíduo de Marx, a realidade coletiva de Durkheim conduzindo crenças individuais, entre vários estudos aqui identificados, mostram a formação de vínculos entre pessoas. Quando a sociologia e a teoria social se voltam aos estudos das redes sociais, estas reproduzem os esquemas de Baran (1964), apresentam novos conceitos e terminologias, expandindo e trazendo a peculiaridade exponencial do século atual, com o fluxo da Internet e ampliação das conexões (KLEINEBERG *et al.*, 2015).

Dois aspectos comprovados em pesquisas sobre redes sociais são a transdisciplinaridade e a estruturação dinâmica. Na Física, por exemplo, Newman (2001;2002;2003;2004) estuda as peculiaridades estruturais destas redes, segue o caminho de identificação do alargamento e expansão delas, posteriormente

contempla as estruturas mostrando diferentes funções. E, nesta sequência, aborda os aspectos únicos que diferenciam as redes sociais de outros tipos de redes.

Nesta realidade de estudos analisando o fluxo e crescimento de redes sociais, bem como sua formação, é comum a utilização de modelos matemáticos localizando nós e vértices, mas tais estudos carecem de comprovação empírica, limitando-se à análise de modelagens (JIN; GIRVAN; NEWMAN, 2001). Constatando tal lacuna, a proposição de pesquisas passa no início dos anos dois mil permeia diferentes áreas da ciência buscando entender padrões estruturais no comportamento de agendas individuais em sistemas complexos, as respectivas interações com tais sistemas e, a interação entre as pessoas envolvidas nestas redes complexas (NEWMAN, 2002).

Modelos matemáticos e estatísticos trazem relativa atualidade e aderência em pesquisas sobre redes, especialmente se forem considerados seus campos de análises, como a própria Internet. Outros campos como redes neurais, redes alimentares, redes metabólicas, fluviais e até de linguagem semântica, comprovam a capacidade existente e a própria complexidade. Mesmo assim, como as pessoas são os agentes fundamentais nas dinâmicas de redes, as disciplinas exatas voltam atenção à necessidade de complementarem suas pesquisas considerando o fato histórico de abordagens sobre as redes sociais e as conexões entre as pessoas, plenamente retratada na literatura do século passado. Isto é, bem antes da ubiquidade tecnológica dos dias atuais (NEWMAN; PARK, 2003).

Em Newman (2003) os modelos projetados mostram correlação em conexões reais. Primeiramente as pessoas possuem vínculos mais próximos, e depois estabelecem uma projeção com a probabilidade de ocupação do vínculo “p”. Estas modelagens mostram que o vínculo próximo auxilia os indivíduos na possibilidade de expandirem seu conhecimento a outros grupos sociais. Este resultado comprova duas situações: 1. A transdisciplinaridade existente nas pesquisas sobre redes; 2. Alinhamento com estudos de outras disciplinas, prévios às modelagens de Newman. Aqui, faz-se também referência às pesquisas, por exemplo, de Russel Belk, sobre a extensão do indivíduo, compartilhamento, colaboração, e consumo, numa visão sociológica e mercadológica (BELK, 1988). Por fim, técnicas de estudos de redes perpassam áreas da ciência, e no caso das redes sociais, possuem algumas características semelhantes com redes puramente tecnológicas e biológicas, onde simulações ponderadas podem indicar vínculos importantes. Mesmo assim, as modelagens puras podem não esclarecer completamente força de vínculos, porque podem refletir e esclarecer fenômenos pontuais específicos, como rotas de voos

para estudo de tráfego, mas não similaridades entre os aeroportos entre os trechos estudados (NEWMAN, 2004).

Liu, *et al.* (2017) iniciam seu livro citando obra de Scott (1991), ratificando as três linhas de pesquisa consideradas básicas para o desenvolvimento inicial da teoria das redes sociais e respectivas análises:

- a tradição da análise sociométrica, que se baseia nos métodos da teoria dos grafos da matemática, ramo que estuda as relações entre objetos de um determinado conjunto;
- a tradição das relações interpessoais, que privilegia a formação de cliques entre um grupo de indivíduos;
- e uma tradição antropológica que explora a estrutura das relações comunitárias em sociedades emergentes.

Sob a visão de Dunn (1983), esta teoria emerge a partir de quatro premissas:

- a) Estrutura de conhecimento - Estruturas e processos são constituídos por relações entre pessoas, objetos, eventos e ações - e não por atributos de indivíduos (como cientistas sociais, formuladores de políticas e disseminadores) ou entidades categóricas;
- b) As relações são estruturadas, com estruturas vistas como regulares nos padrões de relações entre entidades concretas;
- c) As relações estruturadas envolvem propriedades comportamentais evidentes (por exemplo, frequência de contato direto), bem como cognitivos (como congruência de crenças, orientação e significados);
- d) Propriedades comportamentais e cognitivas emergem de relações estruturadas, incluindo transações e trocas significativas; relações não são propriedades intrínsecas do indivíduo ou de entidades categóricas.

Por fim, a organização das relações sociais, portanto, torna-se um conceito central na análise das propriedades estruturais das redes dentro das quais os atores individuais estão incorporados e para detectar redes sociais emergentes como fenômenos que não existem no nível do ator individual (DUNN, 1977). No caso, avança-se para outras teorias que consideram conexões e simbolismos.

A Teoria Ator Rede, por exemplo, nascida na década de oitenta (BIJKER; LATOUR, 1988), revela um momento onde a tecnologia efetivamente ocupa espaço no desenvolvimento, do próprio humano, deste coletivamente e em convívio social. O aparato tecnológico fabricado e utilizado tanto para pesquisa quanto para absorção de informações cria oportunidades ao aumento e utilização de repertórios citados por Clemens (1977), por exemplo. Desde então, até a abertura da internet na virada deste século, seguindo a visão teórica de Latour (1987) e Castells (2011), e a consequente revolução que os dados gerados, as expectativas sociais, o ativismo de grupos, a articulação em rede e o convívio com equipamentos tecnológicos geram à sociedade, chega-se a modelos coletivos não institucionalizados (CAYRES, 2017), mas ao mesmo tempo organizados em suas demandas sociopolíticas.

Se as ações coletivas obterão sucesso maior neste novo contexto histórico, a ciência há de conhecer mais e mais os mecanismos necessários para aumento do vínculo saudável entre os diversos atores, naturais ou não. Afinal, hoje, diferentemente das associações de mulheres americanas no século anterior, destaca-se que apesar de articuladas e inteligentes, careciam de celeridade de comunicação à época, dependentes de mensagens que tardavam em chegar aos atores por elas demandados para efetivação das políticas de melhoria social.

Por esta razão especialmente, este estudo se propõe a avaliar um caso atual de iniciativa da sociedade civil, porque há possibilidade de generalização do modelo articulado pelo POA Inquieta. Seu modelo intermedia aproximações de atores sociais de diferentes origens, destes com atores estatais, operando por canais diversos, mas especialmente digitais, facilitando acessos, conversas, gestão do conhecimento pelos dados gerados e, acima de tudo, entregas e devoluções à sociedade. A mecânica de hoje é diferente, mas as lições aprendidas historicamente, os caminhos traçados, os obstáculos transpostos e exemplos de sucesso destacadas aqui pela literatura científica, servem como parâmetros inquestionáveis, porque mesmo tecnológicos, prevalece ainda o aspecto humano em sociedade, e estes podem ser bem menos maduros que a tecnologia presente e as redes disponíveis.

A teoria social contemporânea tem representado as sociedades pelo mundo como caracterizadas pela informação gerada e propagada. Reflexo das novas formas de redes sociais através das tecnologias online, através de variadas plataformas que inspiraram não apenas sociólogos, mas teóricos sociais a

pesquisarem como estas tecnologias influenciam comportamentos em sociedade (CASTELLS, 2000) (CASTELLS, 1996).

Quando Castells (1996) apresenta seu conceito de sociedade em rede, já há uma realidade computacional estruturada. Com esta realidade posta e a posterior popularidade das mídias sociais juntamente com computadores mais acessíveis, as pessoas começam então a descobrir caminhos novos de interação, relacionamento e construção. Apesar da constatação, o selo “sociologia digital” ganha força apenas ao final da primeira década dos anos dois mil (MARRES, p.12, 2017). As tecnologias de mídia digital foram reprojatadas para apoiar a conexão e a troca de interação social, mas fazem isso ao custo de tornar a vida social analisável e influenciável (MARRES, 2017, P. 75).

O avanço de lançamentos de aparelhos, processadores, e bandas de conexão já fazem com que o ambiente digital seja o ambiente natural da vida das pessoas, dada a ubiquidade tecnológica. No pandêmico especialmente, e inevitavelmente, as pessoas se encontram com as novas tecnologias e precisam interagir constantemente em novos formatos, distantes e conectados, gerando um material social rico para estudos (LUPTON, 2020).

Dada a organicidade, o Coletivo POA Inquieta absorve os conceitos e relações de modelos em rede, bem como os propaga, desde sua concepção, passando pelo espalhamento dos seus diversos grupos, onde as interações ocorrem em maior ou menor grau, com maior ou menor vínculo, obedecendo suas peculiaridades e realidades. O modelo de redes e sociogramas ilustra e dimensiona o corpus de pesquisa, trazendo-o para quem lê o entendimento aproximado do que existe conceitualmente.

interações entre indivíduos, suas visões, interações, contextos e pretensas transformações.

Como o volume de publicações é grande, especialmente no caso do desejo em observar os tratamentos às categorias escolhidas, faz-se uma revisão documental, tendo como base o portal de periódicos da CAPES, através do sistema informatizado anexo ao portal da UNISINOS. As buscas feitas concentram-se entre dez e dezoito de julho de dois mil e vinte um. Segue-se aqui a metodologia e apresentação de Struecker e Hoffmann (2017) em sistematização sobre participação social.

- Sistemáticamente, as pesquisas no portal seguem as seguintes regras e filtros:
- Artigos;
- Apenas periódicos revisados por pares;
- Busca avançada, termo contém no título (por exemplo, Participação Social);
- Refinamentos: Termo em inglês, em português, averiguando a categoria em si;
- Corte: Social Sciences General, ou, quando aplicável, Ciências Sociais em geral.

Sob tais critérios, elencam-se a seguir as categorias principais revisadas. Além da busca por si só, observam-se as temáticas abordadas e a possibilidade de alinhamento com o estudo de caso. Igualmente, apontam-se eventuais aproximações ou distanciamentos do caso empírico e da discussão teórica, objetos deste trabalho.

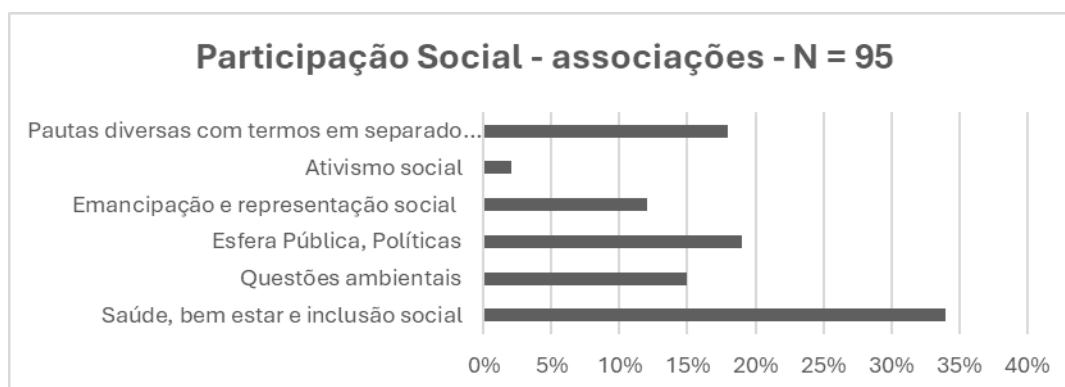
4.4.1 Participação Social

Na busca pela categoria “Participação Social”, em um primeiro momento genérico, sem restrição por ano de publicação, chega-se a um número superior a vinte e duas mil publicações, tornando inviável análise em tempo curto. Assim, após refinamentos, obtém-se um número de noventa e cinco publicações. Refinando “tipo de recurso: Artigos”, “Tópicos: Social Sciences (General), Participação Social e Social Participation”, e “nível superior: Periódicos revisados por pares”, pode-se

filtrar conteúdos e analisar os mesmos com certa brevidade. As publicações tratam a participação social com olhar inclusivo, reflexivo, combativo, colaborativo e também analítico. A maioria dos artigos na busca mostram a categoria fidedignamente, tornando necessário o destaque de cada percentual.

A fim de associar os artigos sistematizados a temas comuns a seus títulos e resumos, estes cinco grupos ocorrem com maior e menor frequência, parametrização a ser seguida nas demais categorias, conforme mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Sobre sistematização de Participação Social



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

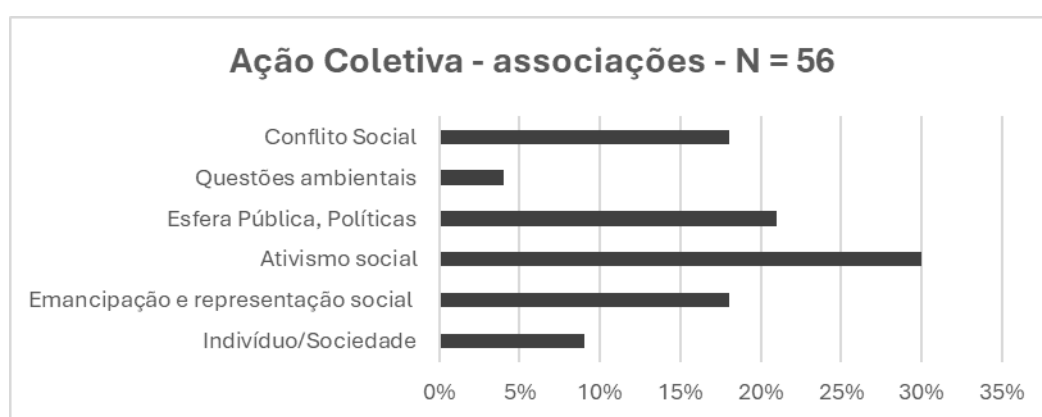
Percebe-se pelo gráfico que a pauta inclusiva é majoritária nas publicações sobre participação social, tendo em seguida artigos abordando decisões políticas ou a ação e interferência da esfera pública em temas sensíveis socialmente (PASSOS, 2011), indo também em direção desta inclusão mostrando mais atores geradores de participação (GOMES; GOMES FILHO, 2013). Outras subcategorias identificadas como muito presentes estão ligadas às pautas de meio ambiente e ao próprio envolvimento social através de atividades ligadas à participação das pessoas em, por exemplo, reciclagem de resíduos em consonância com políticas públicas (PIRES; VAZ, 2012).

Embora apareça com apenas dois por cento, o construto ativismo merece referência, por fazer parte da discussão teórica presente, e também por orbitar em outras áreas. No entanto, neste destaque estão questões mais ligadas à perspectiva de conflito de Abers e Bülow (2011). Por fim, tem-se pelo sistema uma quebra da expressão, tratada no gráfico como pautas diversas, já que o critério inicial é que a expressão conste no título por completo, e não em pontos diferentes dos textos.

4.4.2 Ação coletiva

Nesta categoria, o número de publicações resultantes de busca, respeitando os parâmetros de sistematização propostos, mostra cinquenta e seis artigos para tabulação. Interessante perceber que, mesmo tentando manter os clusters do gráfico 2, ao se mudar a categoria, surgem novas associações e necessidade de novos clusters, ainda que perpassando os já identificados.

Gráfico 2– Sobre sistematização de Ação Coletiva



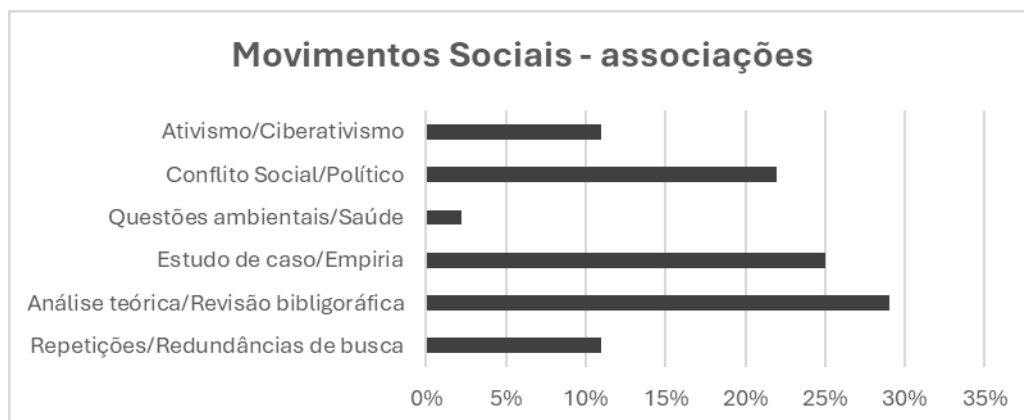
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A categoria revisitada apresenta ampliação no espectro de assuntos e aumento na incidência de pontos como conflitos (MUTZENBERG, 2015) e ativismo (FELTRAN, 2010). Identificam-se também publicações abordando a relação do indivíduo para a sociedade (NUNES *et al.*, 2016). Emancipação e representatividade encontram-se resguardadas e associadas ao gênero feminino (OLIVEIRA, 2008) que encontra forte espaço no debate teórico. Ainda nas questões de conflito e do ativismo, que ocupam quase cinquenta por cento desta categoria, surge literatura justamente abordando o sociólogo Charles Tilly, criador da Teoria do Confronto Político (ALONSO; BOTELHO, 2012). A raiz do construto conflito vem de longe, afinal, ações ocorrem em tempos e contextos adversos onde se requer junção de interesses por causas específicas que moldam a adaptação social e mudando a sociedade mundo afora. Causas estas que partem de grupos pequenos, mas com proporções macrosociais (COLEMAN, 1986).

O subtópico a seguir traz convergências entre participação social e ação coletiva, adicionando novas subcategorias, atualizando a própria literatura e preparando para a discussão teórica da respectiva categoria mais adiante.

4.4.3 Movimentos Sociais

Gráfico 3– Sobre sistematização de Movimentos Sociais



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Com vários rótulos, especialmente a partir do século vinte e um, os movimentos sociais encontram-se em atualização de tratamento e até reestruturação, perpassando a sociedade civil na manutenção da participação social. Convergem e se misturam ao conceito de ação coletiva, cedem espaço a discussões teóricas, ganham status de modernidade por expressões como “Novos movimentos sociais”, incorporam-se no contexto da sociedade conectada e imersa em tecnologias (PRUDENCIO, 2004). Portanto parecem objeto de estudos e revisões acadêmicas frequentes.

As adaptações citadas à categoria estão refletidas no gráfico 3, onde alguns construtos se repetem com intensidade, caso dos conflitos sociais, que aqui se misturam aos políticos. Outro item que se soma à análise é o ciberativismo (BERNARDES; BARBOSA, 2018), que chega sob influência da sociedade pós-industrial conectada deste novo século, brindada com a necessária relação virtual provocada por uma pandemia sem precedentes, com sequelas econômicas e sociais, estimulando ações que, mesmo parecendo distantes de seus objetivos, permanecem constantes e articuladas (ABERS; BÜLOW, 2020).

A sociedade em rede oferece um novo escopo de trabalho científico sobre os movimentos sociais, e o gráfico da base sistematizada traz um retrato interessante ao revelar que os índices de estudos de casos, revisões bibliográficas e vivências empíricas se mantêm altos. Seja pelas mídias sociais (CARLOS, 2011), articulação em redes (MISOCZKY, 2009), avaliando o próprio crescimento e relevância dos movimentos sociais (ELIAS, 2016), endossando o trabalho de pesquisa

(MEDEIROS, 2012), ou pelo próprio ativismo já citado (MACHADO, 2007), torna-se rico e possivelmente inesgotável o trabalho de resgate sobre a literatura dos movimentos sociais.

4.4.4 O debate teórico derivado da sistematização

A sociedade da informação é caracterizada pela abertura dos sistemas, movimentação não linear, com grande fluxo e fluidez. Diante disso, tem-se grande tensão e disputas por poder considerando o fluxo ilimitado. Sob uma lente construtiva, Lash (2006) propõe uma reflexão sobre a necessidade de se equalizar fluxo com fluidez de informação nas plataformas digitais. Ter noção da diferença entre fluxo e fluidez ajuda a reduzir a dominância da cultura em cima de dados digitais. A ênfase em dados reduz o fluxo saudável referente à sociedade da informação.

Touraine (2006) afirma, ao atualizar percepções sobre movimentos sociais, que quando nos encontramos na sociedade da informação, não é possível encontrar formas de organização ou de produção que traduzam diretamente uma dominação social. Ao mesmo tempo, o sociólogo defende que não existe motivo para se abandonar o conceito de movimento social em sociedades separadas pelo modelo industrial, adotado em formato clássico nos séculos dezenove e vinte. Há o entendimento de que pesquisadores e estudiosos em geral precisam ter cuidado com o uso do conceito de acordo com o recorte temporal analisado, especialmente nos modelos de sociedade moderna.

Abers e Von Bülow (2011) trazem para o debate a variação de literatura sobre os movimentos sociais, dando-lhes também conceito de sociedade civil, na tentativa de ampliar a visão e universo de pesquisa. Embora considerem interessante e válido o movimento acadêmico, chamam atenção para uma possível exclusão de atores, ao passo que para alguns lidar com o fenômeno na esfera civil, pode subtrair o papel de atores públicos, tirando-lhes relevância, ou importância, o que para estas autoras configura-se num equívoco.

Mesmo que em alguns casos os atores estatais nem precisem serem mencionados, é importante manter a relação destes, sob pena de ativismo partindo do próprio estado. A proposição de manter a interação entre iniciativas civis e estado gera vínculos que facilitam os trabalhos sob uma ótica de redes, onde o conflito precisa ser evitado e a interação entre agentes de dentro e de fora do estado possa

ocorrer e pavimentar o caminho do conceito de sociedade civil em comparação com movimentos sociais.

A proposta de Abers e Von Bülow (2011), num contexto de sociedade e atores em rede coloca no debate a teoria das redes (CASTELLS, 2011), que para alguns pesquisadores pode ter uma raiz funcionalista, onde a sociedade opera de maneira sistêmica e organizada, mas que de tão organizada é considerada a principal entidade de outra teoria, a do conflito (COLEMAN, 1986). McAdam, Tarrow e Tilly (2009) colocam a relação entre movimentos sociais e estado diretamente ligada ao conflito, o que aparenta um nível constante de desconfiança, não cedendo espaço estatal a atores de movimentos sociais civis.

Considerando a realidade dos anos dois mil, Prudêncio (2004) menciona Touraine e sua provocação feita pouco antes da virada de século, colocando o sujeito em primeiro lugar e definindo valores de identidade se sobrepondo aos movimentos sociais propriamente ditos. Cita, por exemplo, o fato de na sociedade contemporânea haver lutas por democracia mais nas relações sociais, ao invés de objetivos mais amplos como a melhoria da sociedade em geral. Assim, os movimentos sociais ficam restritos à contestação da lógica social vigente, defendendo o sujeito e seus respectivos grupos.

Embora a atuação de movimentos voltados a grupos de interesse possibilite oportunidades políticas (ABERS; SERAFIM; TATAGIBA, 2014), cabe ressaltar que a própria literatura mostra a importância relacional entre atores de dentro e fora da estrutura estatal (ABERS; BÜLOW, 2011), com interesse maior, ou que possa ter maior impacto à sociedade como um todo, hoje, e a longo prazo (GERTLER *et al.*, 2018). Esta importância de troca e crescimento orgânico conta com exemplos em escala nacional, mencionando por exemplo as conquistas históricas das mulheres americanas no início do século vinte. Elas identificaram suas potencialidades coletivas e de maneira articulada foram, pouco a pouco, se projetando e se inserindo mais e mais na rotina decisória de políticas públicas que não apenas as beneficiavam, mas tinham escala em diversas camadas sociais, por gerações (SKOCPOL, 2019).

A diferença entre o período histórico americano destacando a emancipação de mulheres, mães, seus filhos, herdeiros e demais sujeitos sociais beneficiados, mostra a importância da articulação e atenção aos processos de construção social para se poder atingir melhorias de fato, como cronologicamente, no caso das mulheres, uma série de conquistas de direitos em relação ao mercado de trabalho,

através de construções associativas e representativas, utilizando inteligentemente os valores sociais maternos relevantes para aquela sociedade (CLEMENS, 1977).

De acordo com Clemens, o papel desempenhado por estas mulheres foi fundamental para a transformação dos repertórios de ação política na Era Progressista. Construção semelhante ocorre também neste período no Brasil, a partir da visão das mulheres sobre a necessidade de participação no trabalho e proteção social (MORONARI, 2006). Mesmo assim, com tamanho repertório acumulado, as reivindicações permanecem necessárias atualmente. O que pode, e parece, ter mudado é a velocidade das demandas por melhorias, o contato entre os atores, humanos ou não, em uma rede que não dorme. Esta constância fora identificada por pesquisadores de diversas vertentes e ciências e, como mostrado até o momento, ganham conexão com a sociedade contemporânea e seus artefatos (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011).

Segundo Latour (1987, p. 8), a ciência tem duas faces: uma que conhece, e outra que ainda não se conhece. Talvez, inquieto com as possibilidades identificadas de maneira transdisciplinar, mas com efeitos sociais importantes, o antropólogo, sociólogo e filósofo tenha iniciado seus estudos do que viria a se tornar uma teoria para alguns controversa, crítica, mas inevitavelmente considerada por uma quantidade grande de estudos envolvendo a sociedade moderna e suas interações sociais.

Resgatando Simmel, a sociedade é a soma de indivíduos em interação. A interação ocorre entre indivíduos, de maneira genuína e direta. E, parte de duas premissas, o conteúdo e a forma. Por conteúdo se entende algo intrínseco, que parte do próprio indivíduo, com potencial de influência em outras pessoas (SIMMEL, 1986). Diante desta leitura sociológica, tende-se a crer que a interação por si só caracteriza o ato de sociabilidade. Porém, a sociabilidade envolve uma autonomia em relação à realidade factual. Um exemplo desta característica é praticar alguma atividade que gere interação com outros indivíduos, mas que ao mesmo tempo fuja de uma realidade que os rodeia, de maneira autônoma. (FRANÇA, 2006). Talvez a expressão mais autônoma socialmente seja justamente a união de indivíduos em formatos coletivos e o trabalho esperado, que sob tal lente, tende mais à construção unindo atores diversos, ao invés do oposto relacional, a negação (OLIVEIRA; DOWBOR, 2020).

As pesquisas sobre ações coletivas e movimentos sociais têm-se referenciado num amplo elenco de abordagens e teorias. Através de esforços de sistematização acadêmica, contribuições teóricas têm sido agrupadas em torno de algumas abordagens que permitem distingui-las quanto ao enfoque analítico, às categorias centrais da análise e à definição do campo de investigação (WARREN; SCHERER-WARREN, 1997).

Ainda no recorte temporal do artigo de Scherer-Warren, que precede a abertura da Internet e na sequência o início da popularização de mídias digitais, ressalta-se o tratamento das categorias mais frequentes quanto aos movimentos sociais. As heranças citadas a partir dos anos de 1960, são da Teoria de Novos Movimentos Sociais (TNMS) numa abordagem mais europeia, ou leitura mais americana relativa à Teoria da Mobilização de Recursos (TMS). Scherer-Warren ressalta o descolamento de novos movimentos na América Latina da herança funcionalista e o caminho cada vez mais sinérgico entre a TNMS e TMS, sugerindo novos modelos associativos e de ações coletivas.

Interessante trazer para a discussão a professora Maria da Glória Gohn quando cita em artigo no ano de 2020 a “novidade contemporânea” dos coletivos e suas novas roupagens, dentro do contexto das redes, rompendo com formatos conhecidos e um tanto desgastados do ponto de vista de lutas em espaço tradicionais, porque há novos fluxos informacionais e de comunicação.

Do mesmo modo, havia também o cenário de emergência de uma nova estrutura de comunicação digital, estruturada em redes distribuídas de comunicação, que altera o fluxo de comunicação (Benkler, 2006) e permite que os diversos segmentos sociais participem ativamente do debate público por meio do processo de autocomunicação de massa, conforme argumenta Castells (2013). Dentre as experiências de organização e de ação da sociedade civil que passaram a reconfigurar tanto o cenário político-organizacional quanto as reflexões teórico-analíticas sobre as mobilizações, os protestos e as experiências organizacionais, registram-se os “coletivos”. Embora os coletivos pensados mais amplamente como experiências organizacionais inspiradas em princípios autonomistas, na organização horizontal e na desconstrução da ideia de liderança formal e vertical—não sejam um fenômeno inerente ao momento presente, portanto, sem relações com experiências anteriores, a atenção dispensada a este fenômeno ressurgiu muito recentemente, no Brasil, como uma nova agenda de pesquisa. Como toda “novidade” em análise, a literatura e o campo de estudos sobre os coletivos ainda é um esforço em construção e em expansão, com o desenvolvimento de novas abordagens e métodos de pesquisa, que visam dar conta das inúmeras formas de “coletivos (GOHN; PENTEADO; MARQUES, 2020).

A provocação por parte da lente teórica sociológica digital, entre diferentes argumentos, reside em tratar o próprio contexto de vida das sociedades hoje em dia, onde há a interferência dos algoritmos no cotidiano das pessoas, moldando comportamentos e decisões. O reconhecimento da velocidade e alteração possível

diante da realidade de comunicação digital remete a novos paradigmas de pesquisa, novos modelos de operação coletiva, e relacionamento dos atores além dos gabinetes decisórios de poder e execução, podendo contribuir com celeridade em diferentes camadas, o que pode representar ganhos sociais inéditos, bem como danos, a depender da gestão aplicada em cada iniciativa com proposta coletiva e cidadã.

5 ERA DIGITAL EM SI

A Era Digital, caracterizada pela evolução das tecnologias da informação e comunicação (TIC), tem transformado profundamente a sociedade. Este período notadamente começou com o desenvolvimento da internet e das tecnologias digitais, e está moldando a maneira como as pessoas se comunicam, trabalham, aprendem e interagem umas com as outras.

Por parte do autor, a observação tem sido atenta sobre este período, desde a docência cobrindo áreas de Marketing e Comunicação até as pesquisas ocorrendo dentro destes dois momentos chave na história recente digital, entrada em cena de plataformas digitais moldando negócios e a popularização plena da conexão alterando a vida em sociedade.

São densos conteúdos com olhar em economia colaborativa, compartilhada, e mais recentemente, solidária e criativa. Se as redes sociais apontadas desde as teorias sociais e aprofundadas por Castells tinham formatos e alcances praticamente delimitados a áreas geográficas ou grupos de pessoas, a partir da popularização da Internet na virada do século, tudo mudou.

Entram em cena as primeiras plataformas abertas e interativas da Internet 2.0, onde as pessoas tinham possibilidade de produzirem e propagarem conteúdos. Posteriormente, o desenvolvimento de aparelhos de conexão permanente, como a então marca de categoria Blackberry, precursora de inovações e erros estratégicos no setor agente de mudanças, dos telefones móveis (YANG, 2022).

Definitivamente marcantes nessa nova Era, os smartphones da Apple lançados em 2007, abrem um mundo novo para a conexão sociodigital em larga escala e tempo real. Desde então, identificam-se benefícios e armadilhas deste convívio, onde há espaço permanente de aprendizado e reflexão sobre o quanto se acerta e o quanto se erra no uso de plataformas e ferramentas, seja em nível global, ou local, pesquisando clusters específicos como um Coletivo de Inovação Social e afins.

5.1 AVANÇO TECNOLÓGICO E INTERAÇÕES SOCIODIGITAIS: LADO BOM E LADO RUIM

Talvez para o universo das ciências sociais e tecnologia sejam expoentes os sociólogos Anthony Giddens (Livro A terceira via) e Manuel Castells (Livro A sociedade em rede). Eles olham e estudam o mundo desde a noção de globalização

até a conexão endêmica e seus efeitos sociais e transformacionais. Se nos anos 70, por conta da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), estudava-se seus impactos sobre construtos como o “Digital Divide”, à época considerando o limite de acesso aos artefatos tecnológicos, atualmente há campo vasto de estudo sob o tema “divisão”. A tecnologia digital torna mais clara a visão do que funciona e das desigualdades existentes, começando pela dificuldade de acesso qualificado, lacuna de aprendizado, e conteúdo, mantendo assim os privilégios de poucos, mesmo com interconexão plena (ROGERS, 2001).

Castells (1996), já prevê a amplitude da comunicação e disseminação das informações ao entender que as redes ganham ferramentas de produção de conteúdo inéditas. Tal possibilidade tende a benefícios econômicos a partir do alcance de novos mercados em velocidade muito maior, o que na visão de Giddens (2000) pode ajudar na melhoria de qualidade de vida a partir da melhoria de infraestrutura das cidades.

Giddens (2002) ainda traz a categoria interação à tona quando menciona os benefícios de as pessoas poderem explorar o mundo de maneira diferente através da interconexão, favorecendo a diversidade cultural e descoberta de práticas e tradições, o que pode ajudar na compreensão de outros cenários. Algo perceptível no Brasil, por exemplo, dada sua dimensão continental e as diferenças culturais e sociais.

Porém, como há potenciais benefícios, o avanço da tecnologia evidencia situações das mais diversas, os problemas emergem, ficam expostos. As sociedades pré conexão já sofrem com desigualdades em seus modelos sociais. E o desenvolvimento de parte do mundo ganha velocidade com a entrada da conexão, enquanto o modelo desenvolvimentista instalado permanece. Esta constatação é apontada por Castells (1996), mencionando países que se aproveitam da conexão para si próprios enquanto os já menos favorecidos permanecem à margem do mesmo mundo, só que agora conectado, mais exposto.

Nesta sequência de marginalização, a lacuna de conhecimento sobre o “novo mundo digital”, somada à crescente automação provoca rupturas na estrutura tradicional de trabalho, com alto nível de precarização, e podem atingir ainda mais as pessoas menos preparadas e distantes tecnologicamente.

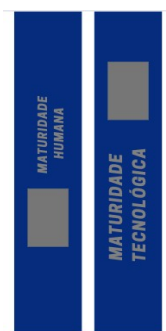
A professora Martha Gabriel, referência em assuntos ligados à Tecnologia e Educação na cultura corporativa brasileira, aponta que os 3 luxos da vida cotidiana são o silêncio, o tempo e a privacidade. E a perda de privacidade está entre os mais

sérios vieses da evolução tecnológica, com inúmeros estímulos e possibilidades de participação nas plataformas de mídia social e nas vidas de outras pessoas habitam grupos em comum, como por exemplo grupos de WhatsApp (FORGIARINI BALÉM; FREITAS, 2012).

No caso da Internet, analisando globalmente, nota-se que há um controle dos meios digitais nas mãos de poucas empresas, que são muito grandes e podem se configurar em poder influenciador, como eram os canais de televisão, as chamadas mídias de massa, antes da popularização digital. Politicamente, aborda-se o conflito por controle e poder também no ambiente digital, sendo, portanto, um sério problema para a sociedade global. A diferença entre o antes e o agora é que sob o ambiente de conexão, ainda que sujeito ao poder maior dos provedores e políticas que possam interferir nas redes, as pessoas hoje podem produzir, publicar e propagar seu próprio conteúdo. Assim, tem-se uma descentralização da informação, que ao mesmo tempo democratiza e torna a exposição algo a ser interpretado, de acordo com as lentes de quem absorve os conteúdos. Vale para questões de relações internacionais, nacionais, e governamentais, ao passo que a governança tanto pública quanto privada sofre os efeitos das reações em rede.(ZUBOFF, 2022).

Em resumo, o que fica identificado é o fato de termos sociedades que operam em dissonância com a evolução tecnológica. É como se em um elevador estivessem as pessoas em sociedade e no outro, subindo em velocidade bem maior, o desenvolvimento tecnológico, tratado aqui como maturidade humana e maturidade tecnológica. Assim, tem-se um cenário de grandes oportunidades na correção de distorções de poder, correções de injustiças sociais e melhoria da qualidade de vida. O desafio está em “se equalizarem as velocidades dos elevadores”, em analogia, com a sociedade atuando com visão cidadã, qualificando as redes sociais existentes.

Figura 3 – Analogia dos elevadores de maturidade



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

5.2 SOCIOLOGIA DIGITAL, CATEGORIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

Nas bases de pesquisa nacionais, ao se buscar pela expressão “sociologia digital”, deixando abertos todos os filtros, encontram-se trabalhos iniciais abordando a subcategoria. Esta busca considera preliminarmente as bases Scielo, e posteriormente na base indexada Scholar, do Google. A opção de utilizar a segunda ocorre pelo poder dos algoritmos rastrearem publicações indexadas, hoje fidedigno. As principais publicações brasileiras tratando diretamente sobre sociologia digital estão associadas a Miskolci (2016;2017) - professor coordenador registrado na instituição UFSCar e atualmente na Unifesp, Nascimento (2016), Telles (2017) e Padilha e Facioli (2018). Em todas essas publicações, há abordagem histórica, reflexão sociológica e revisões com o objetivo de trazer o tema à evidência atual e necessária.

Na UFSCar, sob coordenação do Prof. Jacob Lima, existem pesquisas envolvendo a temática da Sociologia digital. De modo geral, são trabalhos ligados a comportamentos em ambientes tecnológicos como de produtores de softwares, trabalhos em home office, ou influência de mídias digitais. No ano de dois mil e vinte se iniciaria nessa instituição um programa voltado à sociologia digital, tratando desse e de outros fenômenos sociais relacionados, como economia colaborativa e compartilhada.

Demais publicações nos serviços de busca trazem as palavras “sociologia” e “digital” separadamente, tratando de pautas relativas, em sua maioria, a questões sociais ligadas a representatividades, ativismo, ou influência de mídias digitais, sem endereço ou embasamento da própria subcategoria sociológica. Em resumo, nas buscas até aqui não são encontrados registros de pesquisas em coletivos sociais abordando a temática sociodigital e de redes em consonância.

A Sociologia Digital se apresenta como um fenômeno social atualmente. Como exemplo deste, tem-se as plataformas de mídias sociais como Facebook, WhatsApp, a inteligência perversa e presença computacional, acesso a smartphones e tecnologias de dados. Na última década especialmente, experimentam-se mudanças de toda ordem: na educação, no convívio familiar, no ativismo social, na gestão ambiental e até de prisões. Um amplo leque de mudanças no convívio entre as pessoas após a inserção digital em suas vidas e este desenvolvimento tecnológico tem implicações sociais importantes (MARRES, p.8, 2017).

Como construto recente, portanto com verdadeiro potencial de crescimento em pesquisas e descobertas, a sociologia digital tem identificadas, primariamente por Lupton (2014), quatro dimensões: Prática digital profissional - uso de ferramentas de mídia digital para fins profissionais: construir redes, construir um perfil eletrônico, divulgar e compartilhar pesquisas e instruir alunos; Análises sociológicas do uso digital - pesquisando as maneiras pelas quais o uso da mídia digital pelas pessoas configura seu sentido de self, sua personificação e suas relações sociais; Análise de dados digitais - usando dados digitais para pesquisa social, quantitativa ou qualitativa; Sociologia digital crítica - realizando análises críticas e reflexivas de mídias digitais informadas pela teoria social e cultural.

Pontuando, adota-se nesta tese a base conceitual da Sociologia digital, construto teórico importante do estudo de caso, definida por Lupton (2015) como: “disciplina que se concentra em entender o uso de mídias digitais como parte da vida cotidiana e como as várias tecnologias contribuem para padrões de comportamento humano, relações sociais e o conceito de si mesma”. Com este pano de fundo, pretende-se utilizar a escalabilidade coletiva do movimento Porto Alegre Inquieta, surgido ao final do ano de 2017 em Porto Alegre, ancorado pela ferramenta WhatsApp.

Lembra-se que o momento do estudo ocorre em um contexto de pandemia global, onde o afastamento físico das pessoas passa a ser pré-requisito para o convívio, e a articulação digital ganha especial atenção ao se consolidar como maior via de conexão entre atores sociais e estatais. Subliminarmente presente, Esta subcategoria sociológica pode contribuir também sob o paradigma existente dos estudos sociais e lacuna percebida em pesquisas na área diante da atração de disponibilidade dos dados online. Reforçam-se nas pesquisas as ideias de se argumentar sobre o que os textos e pesquisas oferecerem aos leitores, conclusões factíveis ou, apenas apoio para julgamentos políticos (BACK, 2012).

Como dito anteriormente, o desafio tanto teórico quanto empírico é avançar comprovando hipóteses de funcionamento do modelo proposto, positivas ou não, tendo como base os conceitos existentes e levando em conta a natureza humana presente nos diversos terrenos sociais e políticos. E, no sentido de ilustrar caminhos de possível generalização, responder à questão posta na introdução deste trabalho: Será possível resolver problemas reais privilegiando mais conversas e articulações, enfraquecendo a concepção de conflito, concedendo espaço e reconhecimento a exemplos de construções anteriores de movimentos sociais, interações, círculos,

participação social, coletiva, em rede e as próprias teorias sociais e das redes, agregando valor? Ousando precipitar a resposta ideal esperada, apresenta-se uma entrega sólida, importante e vigente, concebida nos moldes da articulação entre pessoas, meio digital e poder público municipal, dando alavancagem emancipatória.

A sociedade da informação é caracterizada pela abertura dos sistemas, movimentação não linear, com grande fluxo e fluidez. Diante disso, tem-se grande tensão e disputas por poder considerando o fluxo ilimitado. Sob uma lente construtiva, Lash (2006) propõe uma reflexão sobre a necessidade de se equalizar fluxo com fluidez de informação nas plataformas digitais. Ter noção da diferença entre fluxo e fluidez ajuda a reduzir a dominância da cultura em cima de dados digitais. A ênfase em dados reduz o fluxo saudável referente à sociedade da informação.

Igualmente fluida é a maneira como a informação se propaga pela Internet e suas quase incontáveis plataformas, sites e aplicativos. Indivíduos produzem conteúdos e desejam que ele seja compartilhado por outras pessoas. O aparato apresentado permite espalhar todo tipo de informação, construtiva, rápida e assertiva. Ao mesmo tempo, pode gerar intensas distorções, ruídos, acúmulos, redundâncias e até inércia coletiva. Tal capacidade está alicerçada na intensidade maior ou menor de compartilhamento e distribuição, variando de acordo com a rede social, estruturas econômicas e físicas. Na dinâmica coletiva vivenciada tanto no objeto de estudo quanto em outros meios afins, ocorre o mesmo fenômeno, cujo conceito, segundo Jenkins (2013) se chama “spreadable” (do inglês espalhável), onde os conteúdos e dados compartilhados tem alcance longo, embora nem sempre tenha o resultado esperado e amostra relevante mostrará no capítulo empírico.

A cultura de dados tem sido colocada como objeto de estudo social na literatura. Muitas entidades públicas e privadas, de mídia ou de negócios, consideram os dados muitas vezes como fim e verdade absoluta no que tange ao conhecimento (DUNHAM, 2015). Por outro lado, pesquisadores sociais e teóricos em geral tem mostrado que a informação, assim como outros construtos, emerge da sociedade e possuem vida social e vitalidade próprios (LIMA, 2021). Dados digitais estruturam conceitos de identidade, relações, escolhas e preferências de acesso a serviços ou espaços de convivência. Tais dados são produtos de criatividade e decisões complexas em busca de soluções e gerenciamento de problemas (SAVAZONI, 2018). Além de consumidora de informação, a sociedade desde a

abertura da internet possui prosumidores que criam dados com seus conteúdos e participações na sociedade em rede (RIFKIN, 2014).

Também tem se estudado a participação social e a produção de conteúdo através de plataformas. As grandes plataformas começam a evidenciar em seus termos e regras que a propriedade dos conteúdos não pertence aos que nela produzem informações. Usualmente, usuários ignoram os termos e regras movidos pela necessidade de participação e inclusão na indústria da mídia e dos dados, ao passo que estas, conhecendo tal necessidade, arbitram regras dentro de seus domínios. O que alimenta a ideia de se ter nas plataformas apenas a mediação de coletivos, e não a administração de conteúdos criativos emergentes dos participantes e produtores de conteúdo e soluções (LUPTON, 2014).

Lupton (2012) relata sua jornada dentro do universo de uso e aprendizagem em diferentes plataformas digitais, e como esta vivência tem sido aliada na interação com pares, descoberta de pesquisas semelhantes às suas, trocas constantes de informações e expansão de si mesma enquanto estudiosa. Dando seu próprio relato, toma a experiência para traçar o paralelo com a subdisciplina sociológica, e diz, por exemplo:

A sociologia digital pode oferecer um meio pelo qual o impacto, o desenvolvimento e o uso dessas tecnologias e seu impacto e incorporação nos mundos sociais e nos conceitos de individualidade podem ser investigados, analisados e compreendidos. Parece-me que, dadas as maneiras como as tecnologias digitais se infiltraram na vida cotidiana e se tornaram uma dimensão tão importante de como as pessoas coletam informações e se conectam socialmente com outras, o mundo digital deve agora ser uma característica central do estudo e da pesquisa sociológica. Os sociólogos não devem apenas aprender a usar a mídia digital para fins profissionais, mas também devem realizar pesquisas que explorem o impacto dessas mídias na vida cotidiana a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva (LUPTON, 2014 p.4).

A atenção às abordagens de pesquisa envolvendo as relações sociais e seu desenvolvimento com o impulso digital ocorre desde o próprio surgimento da Internet. Temáticas das mais variadas têm sido consideradas e pesquisadas, exercendo interdisciplinaridade, o que demonstra o quão pervasivas são as tecnologias.

Pesquisadores se utilizam das ferramentas para estudarem compartilhamento de informações, bem como os dados gerados pelas comunidades online nas análises de pautas sociais, desde estudos sobre Anorexia e grupos dedicados ao suporte desta doença, até estudos indenitários de minorias étnicas que compartilham

suas identidades online. A sociologia digital dá aceleração e suporte no estudo por representações sociais, de si mesmas, seus padrões de sociabilidade na rede digital, articulando ações neste contexto (LUPTON, 2013).

Ponto também importante e paradigmático para pesquisadores nas ciências sociais, sociologia e afins, é a coleta de dados disponíveis nas trocas e experiências intermediadas digitalmente, na articulação, desenvolvimento e execução de projetos e iniciativas (HOWISON; WIGGINS; CROWSTON, 2011). No entanto, estes dados cada vez mais disponíveis desde a abertura popular da Internet, no início deste século, rotulada como “web 2.0”, o que pode servir como oportunidade para pesquisadores sociais, detentores de ampla visão e capazes de análise apurada sobre as interações provenientes da sociedade em rede neste novo contexto chamado por Castells de “Capitalismo Informacional” (UPRICHARD, 2012; SAVAGE; BURROWS, 2007).

Conforme traz Thrift (2005), em um artigo tratando sobre reflexões políticas de esquerda e sua oportunidade futura no novo cenário posto, “.... A teoria trata de construir melhores questões que possam revelar aspectos do mundo que até então foram negligenciados ou não imaginados.....”. Este comentário se insere em um dos argumentos do autor sobre a necessidade de evolução de argumentos de ideologia e condução política. Na sequência, aponta para as mudanças nas práticas de poder, moldadas e mutantes paralelamente ao surgimento de novas tecnologias. Na medida da disponibilidade informacional, constroem-se novas estratégias pró ou contra, de acordo com as interações dos atores e de ações políticas conflitivas. Em resumo, de acordo com Uprichard, a argumentação central tanto de Burrows quanto de Thrift é que a pesquisa sociológica precisa não apenas ir além da própria evolução dos fatos e realidades, mas também se valer das novas caixas de ferramentas disponíveis.

Seus argumentos vão além de injetar e-science (de volta) na sociologia, para oferecer um repensar radical do que a caixa de ferramentas metodológicas do sociólogo contemporâneo precisa ser. Eles apontam que, nos primeiros dias da disciplina, os sociólogos eram considerados os inovadores metodológicos da época, com a pesquisa por amostragem e a entrevista diferenciando-os de outras disciplinas em sua capacidade de conhecer o social de maneiras estimulantes. Em contraste, os sociólogos contemporâneos estão seriamente atrasados, metodologicamente falando, em comparação com os esforços de, digamos, empresas comerciais, que estão muito mais em sintonia com as necessidades computacionais necessárias para reunir e explorar o dilúvio de dados que é onipresente para vida social moderna (UPRICHARD, 2012).

A oportunidade de pesquisa e atualização teórica e empírica parece latejar ao se averiguar que tanto nas raízes metodológicas, quanto na disponibilização de dados crescente, existem dinâmicas diferentes e relações em mudança e evolução, seja negativa ou positiva (GALLIERS *et al.*, 2017). Junto a este cenário, estão os indivíduos, os movimentos coletivos e grupos sociais, lidando com suas vivências digitais, sob suas pegadas deixadas online e efeitos das ferramentas usadas (NASCIMENTO, 2020). Para os pesquisadores, a coleta, depuração, análise e revelação de informações sob o histórico de dados, apresenta novos desafios, porque as expectativas se elevam diante da prometida verdade destes dados coletados e dos resultados efetivamente úteis para a sociedade a partir dos coletivos cotidianos (HOWISON; WIGGINS; CROWSTON, 2011).

Sob o manto digital e político, a sociedade ainda encara desafios, influencia e é influenciada por plataformas e grupos dissidentes destas através das afinidades identificadas, ou narrativas construídas. Para o melhor trânsito nestes ambientes, coletivos, comunidades, e demais grupos de interesses comuns precisam agir respeitando a governança adequada. Caso contrário, podem cair em um espaço sujeito à ação de atores com viés populista (KATEMBERA, 2021; BÜLOW, 2021).

As possibilidades de alteração de comportamento e ao mesmo tempo a necessidade de sobrevivência em sociedades hipersensíveis, plenamente expostas ao capitalismo informacional e ávidas por conhecimento gerado com qualidade fazem surgir na academia brasileira, por exemplo, capacitações como a proposta por Bülow (2021) abordando a realidade democrática, o digitalismo, o ativismo e as tecnologias que impactam na qualidade dos movimentos sociais.

De maneira apropriada Dominique Cardon, diretor do Médialab da Sciences Po, carrega a inquietação dos efeitos dos algoritmos e do Big Data na sociedade, e como este contexto pode afetá-la. Vivendo no meio industrial, com profissionais em organizações, cita que eles já indagavam sobre os efeitos da tecnologia na sociedade, muito além dos produtos tecnológicos com os quais lidavam. Diante destas questões, Cardon conduz por mais de vinte anos o tema sociológico digital, tratando da articulação entre as abordagens das ciências sociais que se atentam à transformação da nossa sociedade, do indivíduo, do seu equipamento cognitivo, da estrutura relacional onde as pessoas vivem, e da forma organizacional que elas trabalham (WITH; CARDON, 2010).

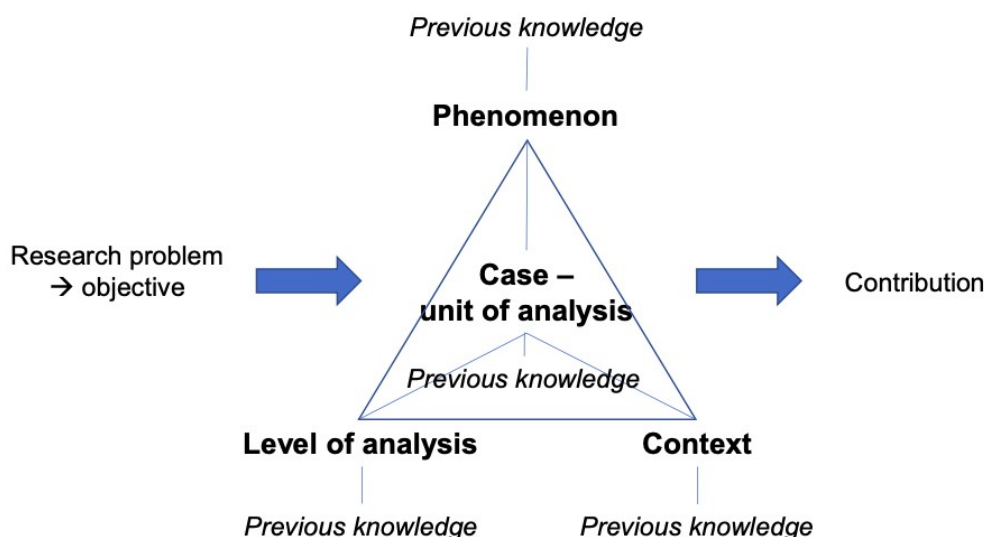
Como diz seu próprio criador, chama-se “rede mundial de computadores”, e deve ser democrática, inclusiva e acessível. A Internet deve ser uma rede de

preservação de direitos e facilitadora de conquistas coletivas, não discriminação e igualdade de gênero, direito à educação e demais direitos consagrados na Carta dos Direitos Humanos Fundamentais. A rede indexada foi criada para a humanidade preservar e ampliar direitos fundamentais. (BERNERS-LEE, 2020).

Neste estudo de caso se carrega a responsabilidade de não apenas exemplificar um modelo de movimento de participação social integrado por plataformas digitais, mas aprofundar o entendimento das relações das pessoas entre si articuladas nesta nova dinâmica em prol de uma melhoria político cidadã. Ainda serve de inspiração aos pares da academia no sentido de clarear o conceito sobre a sociologia digital. Embora estude também a relação humana com ferramentas, é muito mais ampla, mostrando como os dados gerados podem ser usados na sociedade e impactando comportamentos de diferentes atores. As teorias sociais tendem a progredirem aliando o legado dos estudos já feitos em períodos menos conectados tecnologicamente, entendendo as possibilidades e obstáculos deste contemporâneo cenário (NASCIMENTO, 2020).

6 ANÁLISES E REGISTROS DOCUMENTAIS

Figura 4 – Unidade de análise e outras considerações em Estudos de Caso



Fonte: Martinsuo (2021)

Conforme o gráfico explicativo de Martinsuo (2021), o problema de pesquisa posto apresenta o fenômeno sociodigital e o investiga a partir de um estudo de caso. Chegamos ao nível de análise de fato investigando pessoas que atuaram e se distanciaram do Coletivo POA Inquieta, que cofundaram, participaram mais diretamente e ainda orbitam em projetos determinados, outros que permanecem articulando, atores políticos em frequente trânsito junto aos projetos e ideias, abraçando e homenageando ainda integrantes que fizeram parte, e tiveram suas trajetórias interrompidas por falecimento. De certa forma, o trabalho executado serve como registro destas passagens importantes para a ação coletiva e para a cidade de Porto Alegre, através de olhares cidadãos.

6.1 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE, CONSTRUINDO O INSTRUMENTO

Como o período de validação de entrevistas e questionários ocorreu em meio ao cenário de isolamento imposto pela pandemia de COVID 19, a metodologia se debruçou ainda mais nas ferramentas digitais. Por exemplo, as entrevistas em profundidade se deram pela plataforma Microsoft Teams. O trabalho de concepção dos instrumentos e roteiros foram compartilhados pela plataforma Google. Os agendamentos e combinações foram geridos via plataforma WhatsApp. O caminho

ilustrado nos anexos dessa tese demonstra uma maneira de conduzir pesquisas que é própria dos anos atuais na era digital.

Lembrando que 2020 a 2021 corresponde à fase da emergência e auge da pandemia mundial de Covid-19, com alterações significativas no cenário do associativismo civil. Grupos e movimentos sociais tradicionais retraíram-se das ruas, novas formas de manifestação surgiram como de entregadores de mercadorias por aplicativos, e novas formas de solidariedade nas comunidades mais carentes, via associações e redes comunitárias de compras, apoios etc., recriando, de forma totalmente diferente, o associativismo popular das décadas de 1970 e 1980 (GOHN, 2024).

O próprio processo de pesquisa já delineia uma nova configuração de relações sociais sob a ótica acadêmica. Por isso também, o roteiro contemplou 3 momentos e em cada um se pode identificar elementos do objeto de estudo, do perfil individual e Coletivo, sua experiência sintomática e sua análise da própria ação coletiva e perspectivas subjetivas.

Com o volume de dados e informações tendendo a se avolumar, fez-se uma leitura que identificasse categorias sociodigitais onde as tipologias de Lupton (2015) encontrassem vínculo. Da mesma forma, trazendo ao universo empírico, as que encontrassem convergência e validação entre as entrevistas e a amostra alcançada com o questionário online.

Em resumo, para as entrevistas em profundidade, 16 no total, foram 3 grandes tópicos:

- IDENTIFICAÇÃO E PERFIL DO(A) ENTREVISTADO(A);
- ATUAÇÃO NO Coletivo;
- ASPECTOS SUBJETIVOS SOBRE O Coletivo POA INQUIETA.

Do ponto 1, o destaque maior e ponto de transição para a etapa dois das entrevistas era que a pessoas entrevistada falasse sobre si e sua aderência ao Coletivo. Interessante notar desde a própria fundação até a atratividade, como foram se aglutinando perfis diferentes, num processo de articulação e dinâmica peculiares.

[...] era uma cidade “tencionalmente criativa”, mas muito pouco articulada, então comecei a provocar algumas reuniões tratando sobre Este tema, né? [...] aí a gente cria um grupo de WhatsApp com essas pessoas e a gente nesse grupo do WhatsApp de Porto Alegre começa a se articular um pouco melhor a partir desta conexão, a partir deste grupo raiz. Existe até o grupo criado com este nome, do primeiro grupo criado, só não consigo descobrir nesse momento a data de criação do grupo [...] os primeiros grupos foram economia criativa e sustentabilidade, além de grupos pós digital, inovação

social, educação e diversidade (transcrição fala Cesar – Articulador, cofundador).

Ou ainda na proximidade e afinidade de projetos, cita-se:

A gente vai se identificando com algumas pessoas e a gente vai construindo daí alguns projetos, né? E aí a gente começou com a casa Marta e Maria [...] Eu acho que a gente quase que criou uma marca, né? Quase não, a gente criou uma marca, né? A gente só não explora isso como marca, mas é como se as pessoas abrissem portas quando a gente chega falando, né? Eu vou te dar um exemplo, eu estou agora a frente, desde o começo do ano, do comitê de empreendedorismo feminino do gabinete de inovação da prefeitura. Eu acho que o POA Inquieta foi um resgate, diria, para mim. Aí, vou dizer que representa na minha vida e o que que ele é, assim, numa palavra, ou talvez uma frase mais específica, acho que ele foi um resgate de valores. Assim, eu tenho uma veia muito social, uma âncora de carreira que é a dedicação a causas. Eu acho que o POA Inquieta trouxe para mim, esta oportunidade, este espaço". "eu acho que a gente não consegue fazer mais, porque a gente tem uma grande dificuldade de propagar o que a gente faz, né? A gente já falou sobre isso, sobre registros, quem tem muitos registros [...] eu acho que um caminho é a gente assumir que tanto a gente quanto o movimento não somos novos. Eu acho que a gente, como um Coletivo, tem muito para aprender ainda. Como trabalhar de forma colaborativa, né? Como a gente pode trazer novos atores para fazer parte? Quando eu falo em movimento, eu acho que as pessoas vão se identificar com a causa e elas querem participar (Transcrição fala Mônica - Articuladora - *in memoriam*).

Nos tópicos 2 e 3, os depoimentos seguem pincelando históricos e participações individuais na coletividade, e o trânsito do POA Inquieta em diferentes esferas da sociedade local, por projetos, comunidades, e administração pública.

Seja dentro dos projetos do PACTO, seja dando para o POA inquieta, é esta noção de que tu podes estabelecer redes de relacionamento e que esses registros de relacionamento podem te dar individualidade ao mesmo tempo. Pode estudar socialização e engajamento. Coisas maiores, né? Então, assim é desde o início, é o que eu noto um pouco. É o que eu noto também nos projetos do pacto. A lógica é respeitar o entendimento de que existe uma certa auto-organização desse sistema (Transcrição de Luiz Carlos – Articulador/Ator público).

A articulação do POA Inquieta conquistou externamente, talvez pela percepção de “marca social” citada pela entrevistada Mônica, um assento permanente na mesa da iniciativa do Pacto Alegre mencionada por Luiz Carlos, juntamente com outras entidades tradicionais, conservadoras. Fatos assim parecem estabelecer pontos inovadores, dada a não institucionalidade do Coletivo e seu caráter social, inovador e criativo. Porém, há leituras diferentes de acordo com as lentes a seguir:

[...] reocupação era reunir uma rede dos diferentes sistemas que existem em Porto Alegre, caso contrário, não teríamos a possibilidade de trabalhar com o sistema. As partes deveriam estar ali interligadas de uma forma independente, mas responsável, era este princípio. Tempos depois houve uma reunião no Sebrae [...] então, em termos de educação, o que concretamente a gente tem feito? Olha quantos movimentos tem aí por fora. Agora todo mundo faz pacto, faz aquilo interior, mas da educação... E nós, entre aspas, começamos o POA inquieta antes (Transcrição de RITA - articuladora).

[...] no início a gente trabalhava muito esta questão de identidade do coletivo, de comunicação, de posicionamento. Acho que ficou meio abandonado. Acho que ele não tem identidade [...] não comunicamos (Transcrição de Tania – articuladora egressa).

A compreensão e antagonismo de depoimento como os anteriores remetem ao início, ao processo articulado desde então, encontra pontos positivos e negativos por uma lacuna de identidade e posicionamento e podem ter consequências nas dinâmicas de funcionamento. Por partir de interesses genuínos, mas puramente voluntários, promover aproximação com outras iniciativas de maior suporte pode representar ganhos de relevância.

Uma coisa muito importante, muita gente inicia participando, mas poucos seguem pondo a mão na massa e isso é o que sempre pesa, né? Todos os projetos praticamente que deram certo, precisaram envolver recurso. Quando não tem recurso, é muito difícil de tu estares.

Considero este o principal ativo do Coletivo, a capacidade de aproximar pessoas de áreas totalmente distintas. Então, se tu souberes isso, se souberes ativar a pessoa no momento certo, na duração certa com que ela pode estar fazendo o que ela se sente confortável, esta rede acaba em certo momento se acionando, daí eles executam.

Atualmente, coletivo é consultor para uma série de atividades de questões que a cidade tem. Então, para nós, isso é muito legal. Este posicionamento, esta colocação onde a gente está, dentro de uma comunidade, dentro do território, fazendo um piloto que esteja respaldado pelo estado, que você responde respaldado pelo poder público (Transcrição de Cleiton – articulador).

O depoimento de Cleiton revela aspectos de funcionamento do Coletivo, das limitações do voluntariado e como essas parecem impactar na eficácia e perenidade de projetos desenvolvidos. A escassez de recursos pela não institucionalização dificulta o caráter executivo, enquanto o poder de articulação penetra em diferentes esferas, contribuindo com decisões públicas e captando recursos privados para movimentos pontuais. Embora não seja uma constante, as informações do articulador em conjunto com as anteriores de Rita, Mônica e Tânia somam percepções de dinâmica e articulação. Para o autor, uma primeira categoria a ser considerada.

As entrevistas, que foram tratadas como conversas guiadas, dado o conhecimento do pesquisador com os interlocutores, desde o início mencionavam

vantagens articuladoras do Coletivo e a formação de redes, impulsionada pelas diferentes expertises daqueles que se propunham em participar com maior ou menor intensidade, ou entrando e deixando o Coletivo. O depoimento a seguir é interessante e serviu como base importante atendendo à pauta das redes e diversidade na construção do questionário.

No início eu entendi o POA Inquieta como local de projetos e depois eu fui entendendo que não, que não era um local de projetos, que era um local de conexões. Então, acho que é esse entendimento. O Cesar falava muito sobre isso né? Que parece uma fábrica de projetos e não é que é mesmo uma fábrica de projetos? É uma fábrica principalmente de conexões. Através do POA Inquieta eu realizei muita coisa. A última façanha foi assumir a diretoria da Associação Comercial de Porto Alegre, fruto das relações do POA Inquieta. Então essas eu acho que são ramificações no sentido quantitativo, interessante ver assim, né? O que o POA Inquieta construiu, assim, de forma invisível? As idas a Medellín, tem uma função invisível. Outra coisa, eu acho que, por exemplo a gente chegar através do POA Inquieta numa entidade 164 anos que nunca tinha elegido uma presidente mulher, tem grande valor construído sob articulação. Na verdade, o coletivo vai criando aquele efeito de onda assim, aquela pedrinha d'água, né? De novo, chegar lá na ACPA foi um feito A Associação comercial hoje entende este local de diversidade, não é? Coloca uma presidente mulher e provavelmente o primeiro diretor negro ou autodeclarado. Acho que autodeclarado é melhor, talvez já tenha passado outros diretores negros, mas não autodeclarados. Porque isso é um fator, né? E talvez também não negro retintos que é pior, eu ainda eu ainda passo por branco. Mais um negro retinto? Acho que ainda temos que caminhar nessa questão do negro retinto no Coletivo. No POA inquieta, eu sinto falta dos negros retintos (Transcrição de Cristiano – Ativista Negro e articulador egresso).

Cristiano transitou pelo Coletivo desde uma roda de conversa, articulada via WhatsApp a partir do então chamado Spin Inovação Social e Diversidade. Como boa parte das pessoas atuantes, tem um histórico de atuação junto a uma causa específica. No caso, a negritude na cidade, sua representatividade e transformação social. Iniciando pelas rodas de conversa do referido spin, envolveu-se em diversos projetos e iniciativas junto ao POA Inquieta, como o projeto cidade aberta. Dividiu articulação no spin onde tomou conhecimento e se juntou, fazendo mais um elo favorável dentro das forças colaborativas da cidade. Ele ainda ressalta esta característica articuladora sobre, por exemplo, protagonismo.

Hoje eu tenho uma articulação dentro dos povos tradicionais de matriz africana, sou uma liderança do movimento, apesar de não ser um babalorixá, né? Eu sou eu, sou um orixá. A minha casa é de muita visão afro centrada, de visão política, de visão de movimento, não é? Então hoje ocupo este lugar, né? Sou uma liderança do movimento afro. Então esses lugares que eu fui, o que eu vou ocupando assim, né? Mas eu nunca gosto da coisa do protagonismo, isso não me seduz (Transcrição de Cristiano – Ativista Negro e articulador egresso).

O protagonismo individual parece um paradigma presente desde que as escolhas dos primeiros spins surgiram no início de 2018. Naquele momento as pessoas, maioria até então desconhecida entre si, mas com desejo comum pela cidade de Porto Alegre, pareciam seguir suas expertises e tão apenas aquilo. O desejo de fazer parte e construir colaborativamente projetos para a cidade estimulou, mas cada individualidade trazia suas expectativas.

Eu tinha interesse Empresarial e o interesse genuíno aí de provocar isso por entender que a economia criativa tinha um potencial desenvolvimento na cidade. Inclusive eu diria que o movimento Coletivo Porto Alegre inquieta talvez tenha a gênese nestas discussões iniciais que tem como referência a economia criativa e articulação de várias tentativas empreendedoras de iniciativas empresariais. "... eu acho que a tecnologia economia criativa, vai perdendo um pouco de espaço e esta dimensão social aparece. Acho que nos anos seguintes com mais força começa a se conectar de uma forma mais objetiva com problemas mais conectados, mais ligados da Periferia (Transcrição de Cesar – Co fundador do Coletivo).

Como o próprio Cesar menciona, a raiz da então junção que seria cunhada de movimento, aqui surge com o devido embasamento configurada como ação coletiva, emergindo dia após dia à medida que as interações ocorrem. O foco econômico perde força, ainda que necessariamente permaneça a visão empreendedora e capacitadora através de achados da visão dos integrantes, e das comunidades e esferas de atuação. O que se destaca é o desejo transformador, cada vez mais social.

Portanto, há um descentramento da forma de movimento para outras formas de organizações sociais, coletivos e redes, que atuam em diferentes esferas e instâncias, com modos diferenciados de ação, articulando práticas de resistência e de transformação social (Gohn, 2014, p. 7).

A transformação pessoal passando à coletiva emerge de uma fala significativa de Cristiano quando relata sua própria jornada de vida e olhar para si, quando de uma guinada se vê com atenção ao próprio entorno e círculo familiar. Entendendo sua limitação como cidadão, empresário, negro, move-se em busca de transformação individual e coletiva. Ele relata sua percepção sobre poder fazer a diferença, através de sua influência e representatividade perante os terreiros e comunidade preta em geral. Movimentos positivos tanto no cenário de articulação quanto na projeção ou perspectiva transitiva do estado individual para o Coletivo, sendo que ele, assim como outros entrevistados, encontrou no próprio papel de

articulador dentro do Coletivo a possibilidade de atingir objetivos mais abrangentes sob um modelo de ativismo diferente.

Eu sempre fui, eu acho. Eu gosto de falar um pouco disso, eu sempre fui até 2014 um negro empresário. E de terrível, nunca me envolvi com as questões sociais, nunca. Eu fui me envolver com as questões sociais quando em 2014 eu fui à falência. E da falência, tive que me repensar no meu lugar de homem negro de terreiro, pai. Comecei a pensar muito sobre legado. Qual o legado que tu vais deixar, né? Tu vais deixar dívida ou vai deixar história, né? Que que tu vais deixar? Então eu começo a pensar muito sobre legado. Então, eu faço muita coisa que financeiramente pode não me render tanto, mas vai deixando uma alguns pontinhos dentro do legado (Transcrição de Cristiano – Ativista Negro e articulador egresso).

Há necessidade de destacar falas de Cristiano por um detalhe já descrito aqui, o conceito de bolhas sociais. Afinal, como qualquer iniciativa coletiva, especialmente sob cenários inéditos como os vividos durante e pós pandemia, pontos bons servem de exemplo, bem como outros que merecem atenção pela falta de aderência, dada a origem da formação do Coletivo, majoritariamente de tecidos sociais não periféricos. Fica evidente a relação quando perguntado sobre a diferença do Coletivo POA Inquieta para outras iniciativas como os movimentos negros, ou de mulheres, por exemplo.

É muito diferente porque as dores do Coletivo são dores comuns da cidade. É aí que eu acho que a grande dificuldade de aderência, porque quando a gente vai para o movimento de mulheres, por exemplo, depois vai para o movimento de mulheres camponesas e a gente vai aprofundando a dor, a gente vai entendendo que ela tenha uma aderência maior, porque tem uma dor comum, né? Que nem o movimento negro unificado, tem uma maior aderência porque a dor é comum? E talvez dentro do POA Inquieta a aderência não seja tão grande, porque a dor não é tão comum, é uma dor em transformar a cidade, mas não é uma dor comum. Ela incomoda, mas não dói, sabe? (Transcrição de Cristiano – Ativista Negro e articulador egresso).

Orbitando no universo das diferenças entre expectativas individuais e coletivas, resgata-se também fala importante de uma pessoa, com perfil mais jovem, estudante, bolsista universitário, de nome Antônio. Citam-se essas características por serem diferentes dos demais articuladores e participantes com atuação direta constante ou mais aderente em determinados momentos através de projetos específicos gestados sob articulação do Coletivo.

Este entrevistado esteve envolvido diretamente nas dinâmicas mais abertas onde, especialmente entre o final de 2018 e 2019, houve atração de novas pessoas para participarem do que estava ocorrendo. Onde ele cita:

Então, acho que no geral, assim, as pessoas mais ativas eram sempre um grupo bem próximo, né? Tendo várias dinâmicas, momentos propícios para a gente estar interagindo, né? Inclusive, alguns facilitadores que eu me lembro, como naquele casarão bonito que a gente fez reunião dos articuladores uma vez sim, momentos que estavam sendo organizado justamente para a gente, criando dinâmicas de conseguir se comunicar da melhor maneira possível, né? Era prazeroso está ali, naquele ambiente, não dá para dizer de outro jeito. Por mais que depois eu fui tendo divergências. Não é? Sempre foi e sempre será um ambiente agradável de estar muito bem com as pessoas próximas debatendo (Transcrição de Antônio – Estudante bolsista Unisinos e articulador egresso).

Antônio chegou ao Coletivo através de seu trabalho como bolsista da professora pesquisadora Adriane Ferrarini, e o que seria uma experiência acadêmica, por algum tempo se tornou um ativismo articulador. Projetos que foram concebidos dentro deste intervalo de tempo incluíram seus esforços colaborativos, especialmente coleta de materiais para uma iniciativa sobre gestão do conhecimento do próprio Coletivo, que acabou não avançando como desejado. Outro projeto que teve início e teve sua participação, onde ele destaca em sua entrevista, foi o Cidade Aberta, que tem o objetivo de integrar regiões negligenciadas da cidade de Porto Alegre, como a Vila Santa Terezinha e a região das ilhas, tradicionalmente reduto de graves problemas sociais e urbanísticos.

Esta entrevista em profundidade destacou suas contribuições, e suas divergências, ambos pontos de atenção para o instrumento de pesquisa seguinte. O apelo mais célere e ansioso por resultados, culminou em ruídos que ele aponta ideologicamente e politicamente. Um fato curioso e que merece destaque em suas impressões é justamente a questão geracional. Apesar de Esta ser uma pauta para futuras pesquisas em relação às expectativas jovens e ações coletivas, ter seu depoimento ajuda muito na construção do questionário direcionado ao grande público do POA Inquieta. Fica claro seu motivo de adesão, convergências e divergências que enquanto agradáveis, mantiveram-no ativo e próximo, posteriormente o desestimulando.

Eu acho que o principal é que tipo, eu nunca compartilhei muito dessa ideologia do Coletivo, né? Tipo, eu estava ali naquele momento porque eu estava vendo um monte de coisa acontecer. Queria participar daquilo, queria, enfim “vou ver”, mas acabou que eu acho que tipo, isso não foi suficiente para me manter ali. Legal foi desenvolver os projetos com pessoas que, enfim, tem só tem mais acordos, não são políticos. Então acho que este é o principal ponto, né?” (Transcrição de Antônio – Estudante bolsista Unisinos e articulador egresso).

E, divergindo, após ser instigado pela condução da entrevista, trouxe:

Posso falar assim? Há então esta posição marxista, né? Tipo, então, partindo daí, eu olho para o Coletivo, assim, eu vejo tipo tá, tem pessoas com interesses objetivos materiais diferentes nesse espaço, querendo pensar um projeto de cidade, né? Então, que o projeto de cidade é sua principal coisa que eu vejo, tipo, para mim nunca foi clara a ideia, sabe? Qual é este projeto de cidade que transformar a cidade, no quê? E, tipo, partindo daí tudo, tu começa a olhar onde está, quais são os acordos mínimos que a gente tem? Tipo, qual é o programa mínimo que a gente tem que a gente está querendo propor, né? É basicamente isso, um projeto lá de 30 anos, mas que sabe, me olho e tipo, não consigo. Assim, materializar que política é esta. Porque no fim é isso, uma pauta está propondo uma política para a cidade para 30 anos, né? E daí? Tipo do comércio, olhar para ações que não são ligadas diretamente ao Coletivo. Mas sei lá, o pacto alegre ali que está avançando com o projeto neoliberal na cidade, tipo um exemplo bem prático, inclusive, que eu estava, de certa forma envolvido foi com uma doação de um de um prédio que a UFRGS...?" (Transcrição de Antônio – Estudante bolsista Unisinos e articulador egresso).

Como último destaque às falas do jovem egresso, emerge a fronteira conceitual do que aqui se trata como ação coletiva, a abordagem de redes contextualmente apontando a percepção da subjetividade do POA Inquieta, estimulada no roteiro das entrevistas em profundidade.

Porque eu olho para o Coletivo, eu fico pensando, ok, mas isso não parece muito um Coletivo, né? É uma rede, uma rede. É claramente uma rede de pessoas, estão conectadas com objetivos muito diversos, né? Um para networking, outros que querem regionalmente, promover projetos interessantes, transformar a cidade, cada um tem o seu ou sua agenda ali, né? Em alguns momentos, convergem em projetos bacanas, como já teve diversos, né? Em outros não. Não vai para a frente como a gente já viu também. Então me parece que uma rede de pessoas talvez seja a melhor definição para o Coletivo, né? Porque é um Coletivo. Eu não consigo ver um, sabe um Coletivo de pessoas sem este mínimo de acordos, que eles se propõem, tá? Nós temos estes coletivos que propõem tais e tais e tais coisas, por esta cidade, né? Porque tu pegas a própria definição que a gente vale juntos, inclusive, foi nesse encontro que eu mencionei, naquela casa bonita ali (Transcrição de Antônio – Estudante bolsista Unisinos e articulador egresso).

Sobre percepções subjetivas e diferenças no ambiente do Coletivo, cabe ressaltar um comentário muito pertinente de Karen, articuladora, que se juntou ao grupo antes da pandemia, esteve por um período afastada e voltara para somar esforços em situações posteriores à esta. Considera-se Esta fala muito emblemática, dado o histórico pessoal e trajetória em diferentes movimentos, coletivos e projetos voltados à cidade.

O que eu percebo é que nós queremos liderar situações, ao invés de sermos ponte, né? Nós queremos chegar e em vez de servir de ponte e articular situação, a gente quer chegar e se colocar à frente da situação. O ponta comunidade é uma delas. Este Congresso Popular de Educação, eu acho que é um outro exemplo. Não é necessidade de o Ponta Comunidades fazer Este Congresso por eles. Esta comunidade, este grupo, se tu estás ali,

este grupo tem necessidades muito concretas de sobrevivência. Sobre educação, Congresso popular, educação não é agora. Isso é nossa necessidade. E aí nós colocamos este grupo à nossa disposição, a nosso serviço. Sabe? Fazemos disso uma grande coisa. Por exemplo, como é que é um processo de chegar numa comunidade? É saber o que que esta comunidade deseja. Não chega lá e pergunta para ela, qual é o teu sonho? Que que tu queres?

Ei, vamos construir isso juntos. Né? E aí, assim, tu serves de ponte e de possibilidades de transformação (Karen, articuladora e ativista social).

Trazer o depoimento acima mostra como as entrevistas em profundidade fomentaram adequadamente o questionário maior ao grande grupo de pessoas. A visão crítica menciona movimentos, projetos e ações que ocorrem concomitantemente ao Porto Alegre Inquieta e por estimulação dele. No caso, um movimento, Ponta Comunidades, e uma ação, o Congresso Popular de Educação para a Cidadania.

Um egresso articulador do POA Inquieta, ativista de outro Coletivo, o Misturaí, Gabriel Goldmeyer, que se juntou ao Coletivo através de intensa atividade e relevância em articulações sociais dentro e fora de Porto Alegre, fez contato com Cláudio Freitas em junho de 2021 e contou sobre a ideia do projeto Ponta. Era um momento em que as distâncias precisavam serem vencidas, e através do ambiente digital, a articulação e ligação de diferentes agentes mostrava força e vitalidade. O conceito do Ponta era convergir diferentes lideranças e interessados de diferentes comunidades da cidade a uma plataforma, e a partir dessa se construir um ambiente colaborativo, angariando interesses, necessidades e desejos para então de maneira otimizada, rápida e consistente se chegar a soluções para problemas recorrentes e indesejados na vida de tantos cidadãos, especialmente os periféricos.

Pela disponibilidade de conexão, facilidade de acessos, e até pela ansiedade de ver tudo acontecendo, o processo foi rápido. As primeiras conversas via WhatsApp estabeleceram ações. Primeiramente 20 associações foram ligadas a um grupo de WhatsApp aberto por Gabriel, pouco tempo depois do por assim dizer “ponto zero” com os dois articuladores Cláudio e Gabriel. Dia 18 de junho de 2021, houve a primeira reunião online para apresentação do então projeto Ponta Comunidades, articulado via POA Inquieta.

Considerando-se o período de pandemia, já em um momento de relativa flexibilização, ocorreu às 17:30 do dia 14 de agosto de 2021 uma reunião especial na ONG Surfar, mediante inscrições, com limite de 40 pessoas pelas restrições impostas pelo distanciamento social. A prioridade era participação de ONGs e lideranças comunitárias. Após o primeiro encontro e proposta propagada por

Gabriel, no mês seguinte, em 12 de setembro, ocorreu mais um com maior número ainda de representantes comunitários, ONGs e outros atores sociais, incluindo mais integrantes do POA Inquieta. Uma enorme roda de conversa com momento posterior de socialização, um grande almoço. O evento foi marcante também pelo local simbólico, a Sociedade Floresta Aurora, o mais antigo clube negro de Porto Alegre.

Resgatando o ponto levantado por Karen citado acima, a construção feita entre personagens Gabriel (Misturaí) e Cláudio (POA Inquieta) originou mais um grande grupo, o Ponta Comunidades. Dentre as discussões e trocas, surge a ideia de se estabelecer um primeiro Congresso de Educação para a Cidadania, com o objetivo de, com metodologia das rodas historicamente feitas nas reuniões do POA Inquieta, dar escuta a quem não tem para quem falar e expor adequadamente suas dificuldades. Nascendo de dois coletivos que no projeto se unem, tem-se a impressão pela entrevistada sobre uma espécie de unilateralidade, sendo que possivelmente fosse melhor ter, segundo ela, maior participação da comunidade palco da ação, na elaboração das pautas.

Um ponto recorrente nas falas dos entrevistados é justamente a grande capacidade interna do POA Inquieta, seus membros, talento intelectual e facilidade de transitar em diferentes meios, camadas, ou como aqui o autor atualiza, bolhas sociais. É como se o campo de resistência destas bolhas não representasse obstáculo difícil de ser transposto quando há ação coletiva e articulação dos chamados inquietos.

Da mesma maneira o potencial interno enfrenta desafios em si mesmo, seja na gestão interna, ou na sensibilidade de pautas perante projetos e comunidades de atuação, sendo que os hábitos e realidades vividas por muitos no Coletivo podem lhes fornecerem visões diversas, mais ou menos aderentes às necessidades e expectativas sociais dos grupos, por exemplo, participantes do Congresso realizado.

Aí vamos ver o que que nós, Coletivo POA inquieta, temos de recurso dentro de nós daí temos um homem do Sindilojas, não sei quem da associação comercial... Não sei quem de não sei de onde, sabe? Não sei quem da brigada militar que pode ajudar esta comunidade, servir de ponte para ela (local do congresso de educação).

Temos também o pessoal do spin arquitetura e urbanismo que podem ir lá. Aí a gente está servindo de ponte. Mas como a realizar este sonho que comunidade deseja? No POA Inquieta está faltando de novo, ouvir o que as pessoas querem e está se dizendo para elas o que é cidadania, educação. E daí? Será que é isso? Não sei. Eu não tenho resposta para tudo, sabe? Não, eu não, não sou como diz o outro. Não sou pagadora de regra. Acho que hoje em dia tem muita gente dando regra e dando resposta para tudo. Pouca gente escutando aos outros. O quanto e especialmente quando a gente trabalha com periferia? Menos ainda, dos que pressupõem que ao

chegar na periferia, tu sabe a resposta do que a periferia precisa? (Karen, articuladora e ativista social).

Percebe-se que a experiência prévia e vigente dos entrevistados é frequentemente mencionada, e a busca pela ligação e justificativa de onde estiveram, o que viveram e que sentem no momento da entrevista é a talvez o elo importante para outras conversas, sendo que depoimentos se somam, como o de Isabel, outra inquieta que acompanha o POA Inquieta desde os primeiros trabalhos incluindo a formação dos spin offs temáticos, dos quais os respondentes são egressos, participam de alguma maneira ou atuam mais fortemente por aderência às suas atividades de cunho social, ou não, que os trouxeram interesse pelo formato do Coletivo.

Se em convergência, citam-se projetos e relevância deles na atuação do próprio Coletivo, surge uma lacuna importante para a longevidade e sustentabilidade do todo. Parte da transcrição da fala de Isabel se concentra justamente na importância da retenção e distribuição correta de comunicação, com objetivo de maior e melhor aproveitamento do capital humano envolvido.

Mas essas informações poderiam ser abastecidas num banco. Né? Num canal de comunicação, porque se tiver só o retratinho de alguém, um exemplo, não é participante. O que que ele está envolvido agora está envolvida com o ponta (exemplo de projeto citado)? A pessoa não está envolvida com a ponta, está envolvido com a mentoria, na associação comercial, que é onde eu estou agora. Eu estou num mergulho de uma editoria, bem séria e muito gratificante, mas ela é meu começo, meio e fim de uma relação com associação comercial, que foi uma relação provocada pelo POA Inquieta. "... eu não posso assoviar e chupar cana ao mesmo tempo, porque eu adoraria estar envolvida (mais tempo). Fui à primeira reunião do POA, e quando vejo o tamanho do Coletivo, vejo que está precisando de energia, disponibilidade. Se eu ficar envolvida com a ponta, eu diminuo a qualidade do que eu estou fazendo com associação comercial e com a própria NAU, da Camila Borelli, que é um que era um projeto que eu tinha já apresentado ano passado, uma situação ligada à economia criativa e então, eu como em quietude através de parcerias, então, na verdade, não existe não proximidade. O que a gente está é perdido na visibilidade (Coletivo). E dá esta sensação, então, às vezes, de distanciamento. Por exemplo, quando a gente trabalhou no projeto do Marta Maria com as meninas do capital humano, mas eu e o Duarte falamos do projeto (Isabel, articuladora egressa, designer e inquieta social).

E continua...

Se não é um escândalo o que a gente fez no sentido de falar de que era bacana o projeto, ninguém ia ficar sabendo que a gente estava fazendo, entendeu? E um projeto muito querido que o pessoal só ficou sabendo por que a gente teve a chance de se encontrar, pensa, presencialmente lá na, no clube, aquele de almoço e apresentação de projetos (final de 2022). Mas essas reuniões então que a gente tinha de apresentação de grupos ou em

que pé que nós estamos, né? Isso faz falta. Eu sinto falta então de não diria mais confraternizações, mas mais mesas de trabalho de nós por nós (Isabel, articuladora egressa, designer e inquieta social).

Além da presencialidade, Isabel cita a necessidade de alguma administração de dados e conteúdos. Em contraste à proclamada organicidade do Coletivo, surge uma fala contundente sobre comunicação e exposição do que fora feito nos anos de existência vividos e compartilhados. Alguns inquietos realizam trabalhos relevantes e tais realizações tendem a se perderem no volume intenso de mensagens com menor peso e necessidade. Da mesma maneira, a não publicidade dos feitos podem gerar sensação de mais conexão do que execução e entregas.

Muitos indivíduos chegam e chegaram por uma aspiração pessoal, e encontraram sentido Coletivo posteriormente à entrada e conhecimento das práticas do POA Inquieta. Por outro lado, o depoimento da entrevistada pede que o Coletivo prevaleça ao individual, e que a linguagem utilizada seja adequada, reforçando o protagonismo Coletivo. Dessa forma, segundo Isabel, altera-se a sensação de estar em um grupo de pessoas com apenas intenções, tornando-se exemplos a serem seguidos e modelados.

[...] entendeu? Um Congresso POA Inquieta, né? Vamos sentar-nos na mesa todos nós e dizer “oi, tô com saudade de ti, o que está fazendo”? Eu torço profundamente que se tenha esta mínima organização formal, a palavra da nossa área, administração, né? Uma mínima organização, uma mínima linguagem que possa ser exponencial, risada, esta linguagem. Né? Porque mesmo que ele seja orgânico (o Coletivo), mas pelo menos uma alguma coisa assim que alguém lendo ou vendo uma apresentação já entenda Este espírito que a gente construiu e que hoje a gente entende e que a gente está nele é porque a gente encontrou o sentido, ou individual ou Coletivo, de fazer alguma coisa. O que você pergunta para mim em segundo lugar, como é que eu vejo? Eu vejo novamente como mais um grupo de pessoas que eu tive a Felicidade de conhecer. Não só de ideias, mas de garra ou de exemplos, ou de capacidade, é realmente de realizar e de me ensinar, de me trazer informações também, de estar aberto ao que eu posso trocar. Eu enxergo assim, com muita naturalidade. Só gostaria do Coletivo, talvez pensar, se tivesse um pensamento a médio e longo prazo da sua permanência enquanto relevância dentro da cidade ou através de projetos. De escrever projetos, editais aconteceram que eu fiquei pensando que o Coletivo poderia ter se inscrito para marcar terreno dentro dos territórios. Você entendeu? É como se estivesse faltando uma cúpula. Não, não é uma cúpula. É, realmente diria uma cúpula ou bureau de execução de projetos para marcar esta relevância de prospecção de projetos ou de informações sobre projetos que estão disponíveis e circulando, né? Dentro da governança ou dentro das diversas secretarias, né? E não que essas informações só chegassem porque eu sou amigo do rei da Dinamarca, eu fiquei sabendo lá na comunidade porque eu casualmente fui lá no ponta. Você entende o que eu quero dizer? Não é questão de status, mas é questão de como é que a informação pode ser abraçada (Isabel, articuladora egressa, designer e inquieta social).

Da comunicação clara e abrangente, parte-se nestes relatos também para a necessidade real da disseminação de informação, organização de conversas e atualização do “o que está sendo, foi, ou será feito”, para que não se fique apenas no plano virtual ou disponíveis a um grupo específico. Além desses aspectos, a própria capacidade de execução e entregas por parte do Coletivo.

[...] ajudar mais nesses projetos pelos quais nós nos engajamos para resolver algum problema. Porque o que acontece é que se um projeto pelo qual alguém me convidou em fevereiro para fazer leva 5 meses de reuniões de conversa, porque tem uma coluna vertebral estruturada em termos de projeto, só tem uma ideologia de projeto? Se Este projeto é para tirar uma criança da rua e leva tanto tempo, esta criança continua na rua. E tem de pôr isso que eu acho, que a velocidade de uma organização da comunicação. Nela inclusive se descarta aquilo que a gente está perdendo tempo e não vai acontecer. Isso é um cronograma de conversas que a gente possa ou esgotar aquela possibilidade e descartá-la, né? Porque aí você me perguntou, o que eu vejo em relação é que eu não tenho agora uma radiografia dos grupos, mas se parar para pensar, as comunicações que são feitas na resenha, eu vejo poucos os outros grupos darem recado nas resenhas sobre ou então os grupos não sabem que podem, né? Será que os grupos estão sabendo que qualquer coisa boa que acontece lá dentro de alguém ele pode narrar ali na, né? Você entendeu (o POA Inquieta) como um fenômeno que os outros peguem de benchmarking e apliquem, porque se aplicarem com as ferramentas corretas é um produto pronto. Interação não é imagina, né? Imagina é que lindo. Alguém precisando de talentos não é de capital humano, de recursos e ter um banco de dados para consultar (Isabel, articuladora egressa, designer e inquieta social).

Além de relevantes observações e apontamentos da entrevistada, sua ampla percepção e sensibilidade mostram a razão desta ter sido a mais longa das entrevistas em profundidade. Falas e vivências reveladas que se traduzem nos pontos positivos e carências de refinamentos necessárias ao atingimento de metas mais ambiciosas do Coletivo em si, e não apenas de um spin ou grupo de pessoas dentro do grande grupo.

E sobre refinamentos, além de questões pertinentes às dinâmicas vigentes, comunicação e interação, surgem complementarmente aspectos políticos envolvendo capacidades de execução e da própria formação em grupos de interesse do Coletivo. Rita, professora, ativa em diversas iniciativas, especialmente voltadas à capacitação e educação, em sua entrevista mostra preocupação com partidarismos que tendem à perda de foco das ações potencialmente transformadoras para a cidade, com benefícios a todos os cidadãos.

Cabe reforçar que o período de realização dessa pesquisa ocorre em meio à saída de um estado de fragilidade social intensa, a pandemia mundial. Ainda sob reflexos de conturbadas administrações públicas em todos os níveis, com impacto

direto e indireto sobre a cidade de Porto Alegre também. Em ambiente de grande polarização, os subgrupos, spins offs, do POA Inquieta passam por grandes desafios, especialmente pelas interações digitais entre pessoas de diferentes formações sociais e políticas. Adiciona-se a tal contexto um depoimento valioso de uma integrante antiga do Coletivo, Rita, talvez a mais experiente entre todos os integrantes mais ativos, dada sua vivência, idade, e trânsito por variadas esferas públicas e privadas. Seu papel foi fundamental na formação da Associação dos Moradores da Alameda Inquieta (AMAI). E em sua entrevista deixa notória sua inquietação com a baixa resiliência política daquele momento, bem como a necessidade de olhar aos mais velhos, os chamados “cinquenta mais” (50+). Chama-se atenção para pauta geracional, sendo que suas observações apontam em certo momento para o desinteresse de mais novos sobre pautas inclusivas dos mais velhos, bem como direcionamentos políticos fora do propósito do Coletivo.

[...] aí percebi lamentavelmente a minha ex universidade, como está trás, entendi ainda de metodologias de formas de agir. Os cursos tradicionais são sempre de um mesmo formato, tá? E as pessoas que são convidadas são pessoas que esperam receber tudo, prontinho, tudo direitinho. Mas para o fim delas. Não estão pensando em Porto Alegre, então um dos primeiros encontros que nós tivemos aberto, promovido juntamente com a PUC, este foi dos 50 mais e a nossa proposta era mostrar outras possibilidades que as pessoas com 50 anos ou mais podem fazer, podem se envolver. E a reação de uma boa parte daquele público foi, não, nós queremos é poder viajar, encontrar alguém que organize isso, tá? Nós não precisamos nos preocupar com cuidado do idoso. Entendi que ele que se cuide, coisas dessa ordem que a mim bateram muito mal. Uma pessoa só se manifestou nesse sentido. Ah, como seria bom poder pensar num programa, num projeto que levasse as pessoas até atividades manuais entre outras atividades. Até Clube de leitura, coisas dessa forma mais intelectual (Rita, articuladora, educadora).

Enquanto continua a mencionar seu distanciamento de grupos específicos dos coletivos voltados para questões inclusivas de pessoas mais velhas, e a questão da pouca fluidez na comunicação, Rita continua:

Não, eu praticamente meio que me afastei do grupo porque existe todo um discurso sobre as dificuldades dos 50 mais. Temos que ajudar os 50 mais..., mas eu não percebo uma coisa mais concreta, mais consistente, mais diferenciada. Eu percebo que cada spin está em seu caminho, não se conversa muito um grupo com outro. Há também uma repetição desnecessária de mensagens (menciona aqui outra pessoa do Coletivo, nome ocultado pelo autor), um exagero que prejudica a interação saudável. Infestar os spins na tentativa de discutir políticas partidárias em relação ao que está acontecendo com resíduos e o meio ambiente etc. Mas toda vez que se leva o menos, eu já desisti de me manifestar só de ouvir, tá? Toda vez que se leva uma contribuição de reflexão, esta contribuição já é deturpada e vista sobre o ponto de vista político partidário. Então aí a gente percebe que não há (espaço para opiniões) não. O ano (de eleições) é de revelação verdadeira. Entender se o POA Inquieta é um movimento, é

político, partidário, de uma tendência? Ou se é um movimento voltado para Porto Alegre e não um movimento voltado para mim (qualquer membro) ter visibilidade e poder arranjar uma possibilidade de emprego, renda? E aí, e aí eu vou, vou pelos meus caminhos. Certo? Nesse instante, até eu me dar conta se sou eu que estou fazendo uma leitura equivocada, entende? Ou se a realidade é esta mesmo, tá? Eu estou mais na posição de ouvinte. Agora, é Claro, existem momentos que o ouvinte contribui. É que a que ouvinte, diante do que está sendo dito e visto da forma como está sendo visto, entendi, é importante que me manifeste para ajudar. Entendo que para levantar alguns questionamentos que o grupo possa fazer para ver mudanças de caminho (Rita, articuladora, educadora).

Sobre tais questionamentos e inquietações, Rita menciona uma situação pontual, onde obtém informações relevantes de acontecimentos no exterior, a partir de encontros no conselho de inovação e tecnologia de Porto Alegre, do qual fez parte ativamente como servidora e hoje interage em momentos específicos, como o citado a seguir. Ela coloca que direcionou a dois grupos de interesse de acordo com as pautas de sustentabilidade, e manifesta sua frustração por seus relatos não serem adequadamente recebidos, ou ao menos acolhidos.

Como eu estava te dizendo, uma última situação lá no conselho, nós estamos buscando soluções alternativas sobre o ponto de vista de ciência, tecnologia, inovação, que acontece pelo mundo afora. E como é que o mundo está resolvendo problemas que são problemas, digamos assim. Resgate de cultura, coisas dessa natureza. E tem assim, acho que listamos uns 20 mais ou menos, e aí eu repassei para o pessoal de sustentabilidade, de resíduos, tá? Para perceberem o que que está acontecendo mundo afora? Qual não foi a minha decepção, entende de dizer que está lá fora, estão fazendo isso, isso e aquilo, mas nós aqui em Porto Alegre temos esta dificuldade. Objetivo não era isso, mas aí a gente vê aquela dificuldade do pessoal de sair, do estar e olhar como as coisas acontecem, e como o mundo se desenvolve, entender como o mundo encontra soluções alternativas, porque sempre daquelas ações governamentais tomadas vieram de propostas concretas por parte da sociedade. É dizer às pessoas que estão na administração pública hoje não são pessoas que conhecem todas as áreas, se valem dos seus assessores que por sua vez, não conhecem todas as coisas, porque não aceitar propostas vindas de fora analisá-las, digamos assim, de um ponto crítico de verdadeira possibilidade de atualização? Entendi agora que se é só para atirar pedras, eu fico como ouvinte. Até para entender por que que aquela pedra daquele tamanho é atirada contra aquelas pessoas. A segunda coisa que eu vejo importante, a minha contribuição é ouvir o máximo que eu posso. Para retirar disso alguma sugestão alternativa de solução, entende? Mas não para continuar apontando os pontos negativos. Mas apontar, entendi o que pode ser feito (Rita, articuladora, educadora).

Nesse ponto do estudo já se percebem sentimentos comuns em relação a tópicos de governança faltantes, lacunas e ruídos de interação, ansiedades não atendidas por caminhos mais longos que o esperado por pessoas que se engajam mais, articulam, dedicam tempo voluntário com interesses genuínos. Quando Rita se manifesta, por exemplo, sobre lacunas de entrega como “Olha quantas coisas foram

lançadas e não ter, não tiveram continuidade ou terminaram”, e tom semelhante se tem em outras conversas da primeira fase, aproxima-se o ponto de saturação, repetição de pontos de vista que validam a coleta, e alicerceiam a formação do instrumento digital de pesquisa ao grande grupo de inquietos.

A densidade das entrevistas que consumiram tempo, dados, e esforço investigativo para extração do máximo de subsídios para formação do questionário maior, ajudaram na compilação de categorias identificadas, a serem postas à prova diante da percepção do grande grupo. Expõe-se, portanto, a seguir o compilado de categorias com depoimentos chave que as validam. São experiências apontadas por quem vive e viveu diretamente até então os desafios impostos pela construção de uma cidade melhor, mas sob o monitoramento de agentes e processos ainda ancorados no formato usual de movimentos tradicionais, formais, e suas pautas específicas. No caso do POA Inquieta, a ação coletiva contínua e descentralizada, por vezes desarticulada parece exigir mais de todos os agentes envolvidos, especialmente pelas interações relatadas, no contexto ainda herdeiro do hiato pandêmico que afastou a todos fisicamente, mas os manteve de alguma forma ativos por meio de conexões digitais.

Tabela 2 – Consolidação categoria Dinâmica/Articulação

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Dinâmica/ Articulação	<p>"Era uma cidade tencionalmente criativa, mas muito pouco articulada, então comecei a provocar algumas reuniões tratando sobre esse tema, né? [...] aí a gente cria um grupo de WhatsApp com essas pessoas e a gente começa a se articular um pouco melhor a partir desta conexão deste grupo raiz existente até o grupo criado [...] Os primeiros grupos organizados foram economia criativa e sustentabilidade e esse grupo pós digital, inovação social, educação e diversidade" (CESAR).</p> <p>"Preocupação era reunir em rede os diferentes sistemas que existem em Porto Alegre, caso contrário, não teríamos a possibilidade de trabalhar com. As partes deveriam estar ali interligadas de uma forma independente, mas responsável, era esse princípio. Tempos depois houve uma reunião para isso no Sebrae. "No início a gente trabalhava muito essa questão de identidade do coletivo, de comunicação, de posicionamento. Acho que ficou meio abandonado. Acho que ele não tem identidade [...] não comunicamos (Tania), então, em termos de educação, o que concretamente a gente tem feito? E olha quantos movimentos tem aí por fora. Agora todo mundo faz pacto, faz aquilo interior, mas da educação. E nós, entre aspas, começamos o POA Inquieta antes" (RITA).</p> <p>"Uma coisa muito importante, muita gente inicia participando, mas poucos põem a mão na massa e isso é o que isso que sempre pesa, né? Os projetos que deram certo, todos os projetos praticamente que deram certo, extinguíram-se. É recurso, precisa envolver recurso. Quando não tem recurso, é muito difícil de tu estar. [...] considero este o principal ativo do coletivo. É essa capacidade de aproximar áreas totalmente distintas. Ativar a pessoa, no momento certo, na duração certa com o que ela pode estar fazendo, onde ela sente confortável, empatia[...] é essa rede que acaba em certo momento se acionando, daí as pessoas então vão e fazem. [...] atualmente, coletivo é consultor para uma série de atividades de questões que a cidade tem. Então, para nós, isso é muito legal. Esse é o posicionamento, essa colocação que a gente acabou conquistando. [...] a gente está dentro de uma comunidade dentro do território, fazendo um piloto que esteja respaldado pelo estado, que você responda respaldado pelo poder público. Mas a iniciativa é privada, né? É quem tem o recurso para capitalizar coletivo" (CLEITON).</p> <p>"A gente vai se identificando com algumas pessoas e vai construindo daí alguns projetos, né? E aí a gente começou com a casa Marta e Maria [...]. Eu acho que a gente quase que criou uma marca, né? Quase não, a gente criou uma marca, né? A gente só não explora isso como marca, é como se as pessoas abrissem portas quando a gente chega falando. Eu vou te dar um exemplo, eu estou agora a frente, desde o começo do ano, do comitê de empreendedorismo feminino do gabinete de inovação da prefeitura[...]. Eu acho que O POA Inquieta foi um resgate, diria, para mim. Devo dizer que representa muito na minha vida. Acho que numa palavra não caiba. Talvez numa frase mais específica. Eu acho que ele foi um resgate de valores, eu tenho uma veia muito social, tenho uma âncora de carreira onde a dedicação a causas ocupa muito espaço. É algo que o POA Inquieta trouxe para mim, é essa oportunidade ou esse espaço [...]. É, eu acho que a gente não consegue fazer mais, porque a gente tem uma grande dificuldade de propagar o que a gente faz, né? A gente já falou sobre isso, sobre registros, que tem muitos registros [...] eu acho que um caminho é a gente assumir que o movimento não é novo. Eu acho que a gente, como um coletivo tem muito para aprender ainda. Como trabalhar de forma colaborativa, né? Como a gente pode trazer novos atores para fazer parte, né? Quando eu falo em movimento, eu acho que as pessoas vão se identificar com a causa e quererem participar" (MÔNICA – <i>in memoriam</i>).</p> <p>"Seja dentro dos projetos do PACTO, seja para o POA inquieta, é essa noção de que tu podes estabelecer redes de relacionamento e que esses registros de relacionamento podem te dar individualidade ao mesmo tempo que estudar socialização e engajamento em coisas maiores, né? Então, assim é desde o início, é o que eu noto um pouco. Noto também nos projetos do pacto. É interessante respeitar essa lógica de que existe uma certa auto-organização desse sistema" (LUIZ CARLOS).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 3 – Consolidação categoria Interação/Colaboração

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Interação/colaboração	<p>“Reunir pessoas que tinham alguma influência na academia, no poder público, na sociedade civil organizada para discutir (CESAR). [...] Existe a criação do primeiro grupo de WhatsApp e segundo momento já aparecem as pessoas ligadas à inspiração de Medellín. No momento seguinte, quase simultâneos no grupo e posteriormente essa morfologia começa a se organizar melhor a partir do momento que a gente cria. Articuladores fazem uma reunião de articuladores onde indicam quem seriam os responsáveis por cada um desses grupos e pela ordem deles, muito importante trabalho. [...] eles são ainda e responsáveis por um grupo específico de articuladores que acabou respondendo de alguma forma pela pelo que a gente poderia chamar de governança no coletivo" (Cesar).</p> <p>"Claro que a minha preocupação predominante foi na área da educação. Tanto na educação infantil, fundamental, médio e superior. Até porque, no médio e superior eu tive uma atuação bem incisiva. Na realidade eu percebia que todos os problemas que Porto Alegre tem, se a gente for estudar efetivamente a causa, percebe-se que as pessoas que se envolvem nesses problemas têm algumas dificuldades de habilidade, de relacionamento e tem alguma dificuldade de ouvir, expõem primeiro a sua ideia e dificilmente se demovem nessa ideia que é ponto de partida (RITA).</p> <p>Hoje eu faço parte do grupo raiz e estou em todos. Para mim, funciona muito como uma curadoria de conteúdo, é um lugar onde eu me alimento de informação, de conhecimento, de inovação, de comportamento. Acho que é um lugar que ele tem esse papel. Eu sou uma passiva dentro dos grupos, mas eu consumo, porque eu acho que o que tem ali é o que tem de mais inovador em termos de ciência social, de colaboração, de designer, de tecnologia, sabe, realmente tem gente muito inquieta ali, trazendo muita coisa. Então para mim, hoje ele funciona como uma fonte de informação... eu conheci muita gente. Eu fiz negócios, inclusive, por meio do coletivo, conheci clientes no coletivo... tem um monte de ideia, mas tem que gerar negócio, uma expansão de relações. Algumas foram profissionais, umas foram profissionais e afetivas, outras foram só afetivas. [...] eu</p>

	<p>me identifico com essas pessoas, que são inquietas, desacomodadas, com mindset aberto, que procuram o novo, que estão buscando uma nova economia, uma nova forma de viver, uma nova forma de transformar uma nova forma de produzir uma nova forma de ganhar dinheiro. Também é desse novo momento de vida que a gente está vivendo, de tolerância, de persistência, de tolerar daqui a pouco uma pessoa ignorante. [...]. A tolerância é um valor atualmente e acho que o coletivo faz com que a gente exercite isso (Tania).</p> <p>"[...] e aí eu repassei para o pessoal de sustentabilidade, de resíduos, para perceberem o que está acontecendo mundo afora. Qual foi a minha decepção, de dizer que tá lá fora, estão fazendo isso, isso e aquilo, mas nós aqui em Porto Alegre temos essa dificuldade. A gente percebe aquela dificuldade do pessoal de sair, de olhar como as coisas acontecem e como o mundo se desenvolve e encontra soluções alternativas, porque sempre aquelas ações governamentais tomadas vieram de propostas concretas por parte da sociedade. [...] existe um grupo de comunicação, mas que na realidade de novo está preocupado em informar e não está preocupado em preparar as pessoas, abrir caminhos, por resistências individuais. Eu vejo que ainda estamos numa fase em que o nosso tempo dedicado ao poa inquieta está cada vez mais se restringindo. Eu vejo essa variável, mas existem um monte de outras variáveis. Talvez muitos não se envolvam tanto, por causa disso, não existem nano acabativas que a gente possa levar adiante. Ponto forte, com essa caminhada de um lado mais presencial e depois, com a pandemia e esse momento de pós pandemia, existe uma coisa que é o espírito colaborativo" (RITA).</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 4– Consolidação categoria Transformação individual/coletiva

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Transformação individual/coletiva	<p>Eu tinha interesse Empresarial e também o interesse genuíno aí de provocar isso por entender que a economia criativa tinha um potencial desenvolvimento na cidade inclusive eu diria que o movimento coletivo Porto Alegre inquieta ele começa e talvez a Gênese nestas discussões iniciais que tem como referência é a economia criativa e articulação de</p>

várias tentativas empreendedora de iniciativa empresariais. [...] eu acho que a tecnologia economia criativa, vai perdendo um pouco de esposa e essa dimensão social aparece eu acho que nos seguintes com mais força começa a se conectar de uma forma mais objetiva com problemas mais conectado mais ligados da Periferia.

"[...] eu acabo entendendo que ele vem fazendo parte de um processo de mudança de transformação na cidade, ele colabora de uma forma objetiva com esse processo de discussão e reflexão sobre transformação. Isso é um papel assim entendido, eu falo nesse conceito de plataforma administradora, né?" (CESAR).

"Não é necessário que a comunidade faça esse Congresso, por eles. Esse grupo tem necessidades muito concretas de sobrevivência. Educação, Congressos populares, educação, não é agora. E sobre essa pauta, cabe perguntar se, somos nós que induzimos e criamos essas demandas ou é interculturalidade, uma interação orgânica? [...] acho que hoje em dia tem muita gente dando regras e dando respostas para tudo. Pouca gente escutando os outros" (KAREN).

"Porto Alegre melhorou e é possível que o poa inquieta também tenha uma participação nisso. Eu noto porque quando a cidade vai lá e coloca o secretário de inovação e os governadores, os prefeitos, para conversar com esses principais influenciadores. Fundos de investimento se levantam, novas oportunidades aí dos empresários se conectarem, fazer alguma mudança na cidade acontecer" (MIRIÃ).

"Foi muito importante ir a Medellin porque eu eu consegui linkar economia criativa com os projetos, com os processos de de impacto, né? Sobretudo dentro da da das comunidades, das regiões mais vulneráveis. Desde aquela época final de 18 para todo 19, eu comecei a valorizar e tentar trazer mais esse lado social" (CLEITON).

"[...] que alguém lendo ou vendo uma apresentação já entenda esse espírito que a gente construiu e que hoje a gente entende porque a gente encontrou o sentido, individual ou coletivo, de fazer alguma coisa. Eu vejo novamente como mais um grupo de pessoas que eu tive a Felicidade de conhecer" (ISABEL).

"Realmente poder participar de um projeto que eu entenda que fez diferença na minha vida, mas porque gerou o impacto em outras pessoas. Vou te dar um exemplo da rede cidadã, né? Que eu tive que assumir, porque acabaram assumindo a escola de gestão. E eles deram

	<p>para mim daí.</p> <p>Mesmo que sejam pequenas, acabativas, né muito, não é? Na vida de outras pessoas e transformam, né? E eu falo isso porque eu acho que a gente se transforma, né? Num projeto desses, numa ação dessas, a gente se transforma. Talvez tenha a ver com o que tu colocou a respeito do de um protagonismo único, né? É pulverizar um pouco esse protagonismo até pelo aspecto da palavra coletivo, né?" (MÔNICA – <i>in memoriam</i>).</p> <p>"Todo esse processo do pacto e do POA Inquieta me transformaram, né? Eu comecei a entender uma Riqueza de construção da cidade muito maior" (LUIS CARLOS).</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 5 – Consolidação categoria Comunicação sociodigital

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Comunicação sociodigital	<p>"20 de novembro é a data que realmente muda e começamos a nos juntar de uma forma diferente utilizando o WhatsApp como uma plataforma de mensagens instantâneas. E a partir dali tudo começa a ganhar uma dinâmica um pouquinho diferente da anterior" (CESAR).</p> <p>"[...] alguém que tem interesse com e ter uma vinculação dentro do coletivo assim, né? Algum local que já tenha afinidade, foi o que eu já percebi, já que muita gente entrou e saiu, mas por quê? Porque não entendeu direito ou porque super valorizou o que podia estar acontecendo, porque ficavam esperando algumas coisas acontecerem e não tomavam pé da na nossa realidade, não se ligava, né?" (CLEITON).</p> <p>"[...] atualmente eu vejo o coletivo como um espaço em que mais as pessoas estão para poder fazer conexões, para poder desenvolver projetos e a partir dali, né? [...] é caótico. Cada um fala alguma coisa. Depois o pessoal acha que não tem, tem uns que acham que não tem que ser assim, mas de outro jeito. Mas assim, olha aí, esse foi um dos motivos que deu muita briga, teve gente que saiu por causa disso e tal, do Whats. Inclusive outros grupos se criaram inspirados no coletivo, né? Tudo digital na criação primeiro e no desenvolvimento. É complexo, né? Porque a gente faz chamada por ali, as comunicações, né? Ninguém usa telefone. Quando perguntou, eu acho que o coletivo é um grupo digital que se reúne no físico" (CLEITON).</p>

	<p>"[...] as comunicações que são feitas na resenha, eu vejo poucos os outros grupos darem recado nas resenhas ou então os grupos não sabem que podem, né? (ISABEL).</p> <p>"Agora tinha umas trilhões de mensagens no WhatsApp e a vontade era de jogar longe o telefone, porque eu vou ter que responder uma por uma agora, né? Porque eu fiquei um tempão sem olhar. Tem coisas que se perdem, inclusive quando está em grupos de WhatsApp, não ler tudo que passou já, é um Monte de mensagem que não vai voltar para trás" (MÔNICA).</p>
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 6 – Consolidação categoria Política

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Política	<p>"[...] hoje a prefeitura me chama para saber nossa opinião sobre pautas diversas. E aí, vamos lá, sou agente. Mas quando a gente trabalha por exemplo a carta para 2050, onde se começa a discutir uma visão de longo prazo e uma discussão que contou com documento formal, no qual se discutiu muito com candidatos a vereadores e candidatos a prefeito. Em fatos assim eu tenho certeza que a gente tá plantando ali uma necessidade de fazer uma reflexão sobre o modelo mental da classe política. Essa visão de longo prazo, a gente tá tratando" (CESAR).</p> <p>"Eu acredito muito na micropolítica. Não acho que é do macro que vai acontecer, eu acho que a gente tem que partir de pequenas coisas" (KAREN).</p> <p>"Eu sou marxista, né? Então, partindo daí, eu olho para o coletivo, e assim, eu o vejo com interesses e objetivos materiais diferentes nesse espaço, querendo pensar um projeto de cidade, né? Então, que projeto de cidade é esse? Para mim, nunca foi claro... Quais são os acordos mínimos que a gente tem?" (Antonio).</p> <p>"Toda vez que se leva uma contribuição de reflexão, essa contribuição já é deturpada e vista sob o ponto de vista político partidário. É do contra. Então, o que que a Rita vem se meter? Em colocar isso, ela vira nazista, neofascista. E assim vai, tá? Então aí a gente percebe o poa inquieta. Esse ano vai ser para mim o ano de revelação verdadeira, se o poa inquieta é um movimento, é político</p>

	<p>partidário, de uma tendência ou se o poa inquieta é um movimento voltado para Porto Alegre e não um movimento voltado para eu ter visibilidade e poder arranjar uma possibilidade de emprego, renda. E aí, eu vou pelos meus caminhos" (RITA).</p> <p>"As pessoas que estão na administração pública hoje não são pessoas que conhecem todas as áreas, se valem dos seus assessores, que por sua vez, não conhecem todas as coisas. Por que não aceitar propostas vindas de fora, analisá-las, digamos assim, de um ponto crítico de verdadeira possibilidade de atualização? Fazer uma proposta e mandar para quem de direito?" (RITA).</p> <p>"Dentro desse processo, inclusive, a Ana é uma das diretoras da economia criativa, né? Do estado. Hoje ela faz parte, e uma das articuladoras da economia criativa, né? A gente está agora na cidade passando por um período que acabou o orçamento participativo, que foi minguando. Então agora a gente está chegando no momento que a cidade precisa de uma nova maneira de de ser escutada..." (CLEITON).</p> <p>"Para realmente mostrar o trabalho que a gente fez, que levou um ano e meio praticamente, desenvolver uma campanha linda e um projeto lindo para acontecer dentro do Ministério Público, né?" (MÔNICA).</p> <p>"É que eu não vou sair do pacto, né? Porque acho que essas 2 coisas vão cada vez mais sincronizar, né? Então a gente tem trazido atores da gestão pública por essa via. É a gestão pública interagindo com atores do coletivo e do pacto. Eu pessoalmente, assim como outros representantes do poder público, com o pacto para mim ou o poa inquieta, é muito mais importante nessa noção de engajamento das pessoas, que ele é uma porta de entrada, entendeu? É quase que uma rede de voluntários mesmo. Eu não me preocupo que o poa inquieta tenha grandes projetos porque ele é super importante pra mim como base de relacionamento para poder chegar numa série de outros grupos. Eu cheguei numa série de programas através de estar dentro do Poa inquieta, né? Ou seja, eu transferi lideranças importantes da comunidade para trabalhar em programas" (LUIS CARLOS).</p>
--	--

Fonte:Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 7 – Consolidação categoria Sustentabilidade

CATEGORIAS IDENTIFICADAS	DEPOIMENTOS
Sustentabilidade	<p>"Eu enxergo um potencial não aproveitado no coletivo, sabe? Um capital intelectual. Não é? E é um capital de influência. Gostaria que a gente focasse em coisas mais reais" (KAREN).</p> <p>"[...] a minha contribuição é ouvir o máximo que eu posso, para retirar disso alguma alternativa de solução, mas não para continuar apontando os pontos negativos, e sim apontar o que pode ser feito. Nisso, vejo que a poa inquieta está perdendo um pouco. Olha quantas coisas foram lançadas e não tiveram continuidade ou término" (RITA).</p> <p>"Só gostaria que o coletivo, talvez tivesse um pensamento a médio e longo prazo da sua permanência enquanto relevância dentro da cidade ou através de projetos. A interrogação que o coletivo tem como sobrevivência ou marca presença, estrutura para longevidade ou ele vai servir à tua tese se esgotando nele? Você entendeu como um fenômeno que os outros possam pegar de benchmarking e aplicarem, porque se o fizerem com as ferramentas corretas, é um produto pronto" (ISABEL).</p> <p>"Acho que a minha expectativa é de pequenas entregas, isso aprendi, trabalhando muito, em projetos POA Inquieta, que se a gente impactar uma pessoa no nosso entorno, a gente está fazendo muito. Então a gente tem que parar de achar que temos de impactar uma comunidade inteira, uma cidade inteira. Eu acho que isso vai acontecendo na medida em que as pequenas entregas ocorrerem" (MÔNICA).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Reforçando e buscando convergência ou aderência teórica e empírica, sob o olhar sociodigital intrínseco nessa tese, há duas tipologias principais, mais presentes no contexto do estudo de caso. Especialmente considerando o período durante e pós pandemia, com aprendizados e adaptações, em razão do distanciamento forçado. Assim, das quatro tipologias de Lupton (2015), adota-se olhar mais atencioso para duas:

- Análise digital do uso da tecnologia – Seja antes, durante, ou após a pandemia global, estudos sociológicos já surgem interessados no papel da conexão e incorporação digital na vida das pessoas. E no caso aqui, não é

diferente, pela comunicação, articulação, administração de atividades e redes de pessoas.

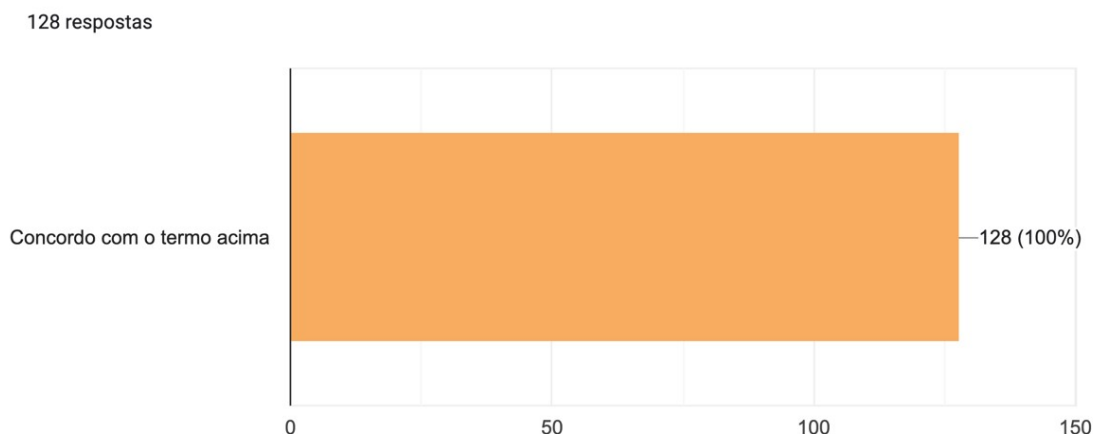
- Sociologia digital crítica – Dados produzidos, atores envolvidos, coleta e interpretação do comportamento em sociedade após todos estarem tão comprometidos tecnologicamente, em um processo muitas vezes dependente, questionando o papel da própria sociologia enquanto disciplina, seu desenvolvimento e possível obrigatoriedade em considerar pautas digitais em estudos sociais.

Coerente com as tipologias em questão, a metodologia transita tanto qualitativamente quanto quantitativamente através do questionário digital enviado ao Coletivo em geral. Segundo Lupton (2015), a pesquisa sociológica digital chega até a uma sobreposição sobre pesquisas abordando antropologia digital, culturas digitais, estudos sobre Internet e geografia digital. Do ponto de vista sociológico, há olhares sobre as relações de poder, relações sociais, individuais ou identitárias de grupos sociais e economicamente diferentes, e como tais relações podem afetar privilégios e desvantagens.

6.2 OUVINDO O GRANDE GRUPO

Como já explicado no tópico de processo metodológico, foi construído um questionário robusto de pesquisa para que pessoas de todos os spins pudessem serem ouvidas, tivessem voz. Afinal, o estudo de caso busca também aprofundar a visão interna do Coletivo e como a conexão ocorre, ou não, da maneira esperada. O instrumento combina o número representativo com opiniões desde a chegada, permanência, ausência ou afastamento dos respondentes, terminando as indagações procurando evidências, sob a percepção da amostra, da sustentabilidade e longevidade da pretensa ação coletiva permanente.

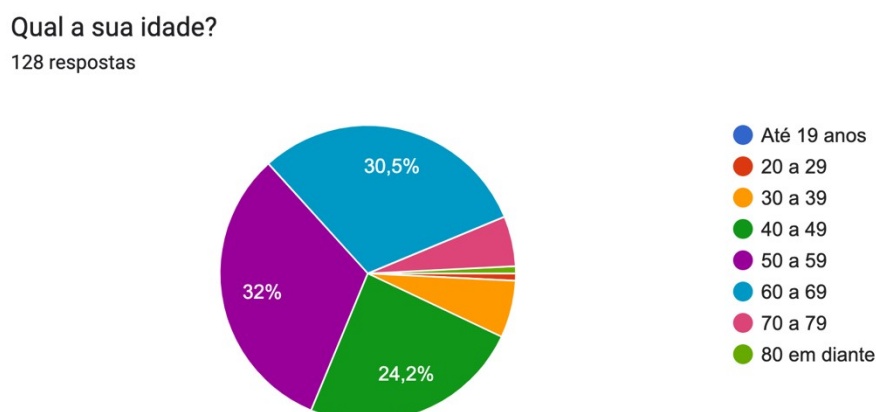
Gráfico 4– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Estatisticamente robusta, a amostra N=128 foi unânime em validar a intenção e rigor de pesquisa ao tomar tempo respondendo às perguntas a partir do termo de consentimento, obedecendo ao critério formal acadêmico. Ao olhar leigo pode soar preciosista, porém estabelecimento de critérios éticos é o primeiro passo para tornar um estudo como o presente algo replicável e aceito. O questionário foi disponibilizado na plataforma Google, onde ela dá opções de tornar obrigatórias ou optativas as respostas. No caso do termo, foi o primeiro filtro, com resposta obrigatória. Se a pessoa não assinalasse e concordasse com o termo, não avançaria nas respostas. Portanto quem respondeu ao instrumento de pesquisa tinha real interesse e seriedade nas escolhas e relatos.

Gráfico 5 – Perfil por idade dos respondentes



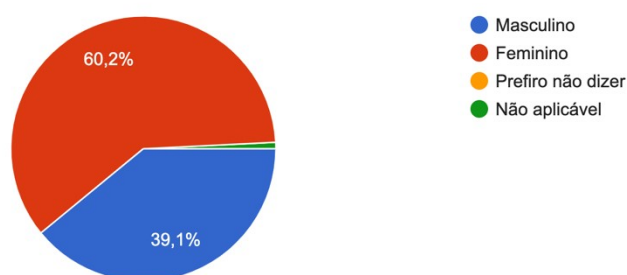
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

É visível a atividade e engajamento da amostra no tocante à faixa etária, o que pode apontar para questões de vivência maior em ações sociais, trabalhos e interlocuções políticas. Ao mesmo tempo, levando-se em conta a característica formativa do Coletivo, a partir da plataforma digital WhatsApp e sua operacionalização em torno dela, pontos positivos e limitantes já se estimam. Afinal, gerações convivem com maior ou menor entrega e habilidade através de ambientes sociodigitais. Se por um lado, os quase 63% estão acima dos 50 anos, um indicativo dos interesses acima citados, por outro a pouca representatividade dos mais jovens tende a corroborar com a tese de que os jovens se engajam mais futilmente com meios digitais ou suas plataformas, deixando temas de interesse social menos relevantes (MORAIS; BAQUERO, 2016).

Seguindo nas respostas de perfil, a identificação de gênero foi básica pelo escopo do estudo ter abordagem diferente, embora possa se conduzir abordagem de pesquisa somente sob a lente plural e inclusiva/exclusiva, sob instrumento específico. De qualquer maneira, toda amostra respondeu sem ressalvas, com apenas 1 respondente assinalando “não aplicável”.

Gráfico 6 – Perfil por idade dos respondentes

Como você classifica seu gênero?
128 respostas



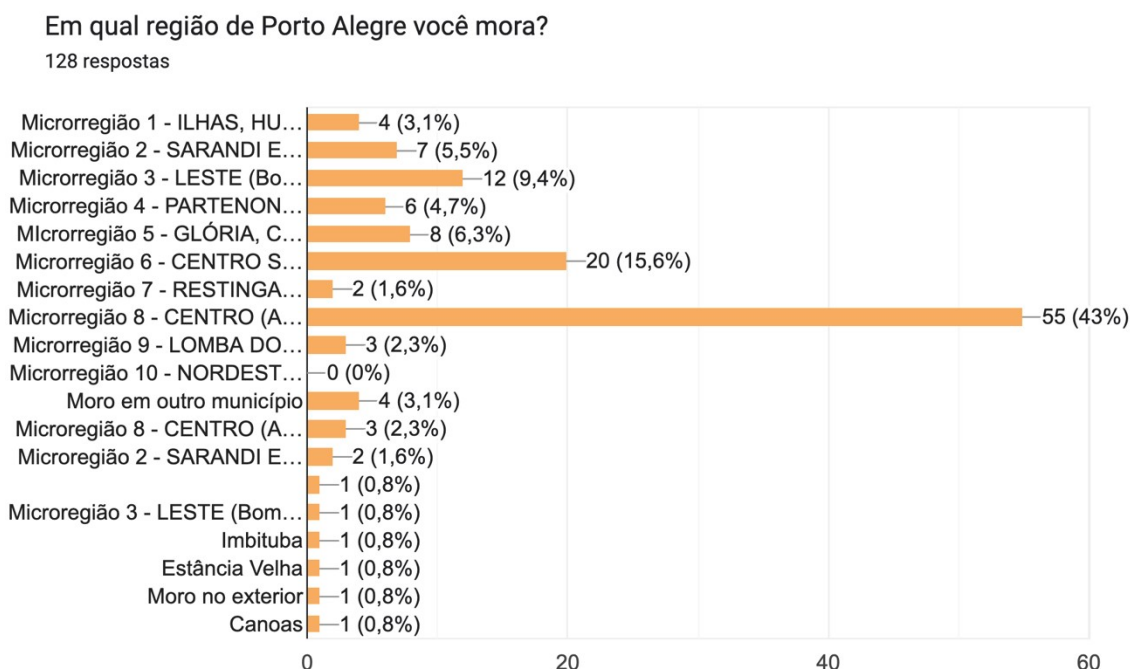
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nas rodas em comunidades, dinâmicas, reuniões de projetos ascendentes e contatos diversos com diferentes pessoas, uma verdade comum, várias vezes ditas por moradores de pontos distintos, como o Morro da Cruz, ou a região das Ilhas banhadas pelo lago Guaíba na região de Porto Alegre, é o fato de as mulheres se envolverem mais nas ações transformadoras de seus entornos. Especialmente em regiões mais carentes, as mulheres são as cuidadoras e pontes para transformação. Segundo relatos de moradores e moradoras, elas acabam sendo referência e

maioria por conta de não terem seus maridos e/ou pais por perto, levados pelas drogas, tráfico, prisões, ou por já terem falecido, principalmente pelos motivos citados aqui. Assim, o papel de cuidadoras e protetoras se acentua.

Com a devida astúcia, o pesquisador traça um paralelo com o protagonismo feminino no POA Inquieta, dadas as iniciativas, participação em grupos e ações, bem como na sensibilização social em torno do que pode ser melhor para cada meio social. Dessa amostra robusta, 60% são mulheres, ativistas, articuladoras, educadoras, representantes de comunidades e engajadas pelo presente e futuro. E sobre sensibilidade, a demografia da amostra segue o mesmo caminho ao mostrar boa distribuição, mas também o envolvimento de bolhas sociais mais centrais, de tecidos sociais mais privilegiados, porém aptos e dispostos ao trabalho conjunto e abertura a novas realidades. Interessante a distribuição da amostra e seu endosso à pesquisa.

Gráfico 7 – Distribuição demográfica entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A seguir segue o descritivo das microrregiões de Porto Alegre, constantes na pergunta sobre localização dos entrevistados. Opta-se por deixar aqui a lista completa para facilitar a leitura e orientação do leitor. Na plataforma Google Docs, é

possível através do efeito “mouse over” fazer a leitura das microrregiões. No entanto, no processo de clipagem, o recurso fica indisponível.

- Microrregião 1 - ILHAS, HUMAITÁ E NAVEGANTES (Anchieta, Arquipélago, Farrapos, Humaitá, Marcílio Dias, Navegantes e São Geraldo);
- Microrregião 2 - SARANDI E NORTE (Boa Vista, Cristo Redentor, Higienópolis, Jardim Floresta, Jardim Lindóia, Jardim Itu Sabará, Jardim São Pedro, Passo D'Areia, Santa Maria Goretti, São João, Sarandi, São Sebastião e Vila Ipiranga);
- Microrregião 3 - LESTE (Bom Jesus, Chácara das Pedras, Jardim Carvalho, Jardim do Salso, Jardim Itu Sabará, Morro Santana, Três Figueiras e Vila Jardim);
- Microrregião 4 - PARTENON (Cel. Aparício Borges, Partenon, Santo Antônio, São José e Vila João Pessoa);
- Microrregião 5 - GLÓRIA, CRUZEIRO E CRISTAL (Belém Velho, Cascata, Cristal, Glória, Medianeira e Santa Tereza);
- Microrregião 6 - CENTRO SUL E SUL (Camaquã, Campo Novo, Cavallhada, Espírito Santo, Guarujá, Hípica, Ipanema, Jardim Isabel, Nonoai, Pedra Redonda, Serraria, Teresópolis, Tristeza, Vila Assunção, Vila Conceição e Vila Nova);
- Microrregião 7 - RESTINGA E EXTREMO SUL (Belém Novo, Chapéu do Sol, Lageado, Lami, Ponta Grossa e Restinga);
- Microrregião 8 - CENTRO (Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro Histórico, Cidade Baixa, Farroupilha, Floresta, Independência, Jardim Botânico, Marcílio Dias, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont' Serrat, Petrópolis, Praia de Belas, Rio Branco, Santa Cecília e Santana);
- Microrregião 9 - LOMBA DO PINHEIRO (Agronomia e Lomba do Pinheiro);
- Microrregião 10 - NORDESTE E EIXO BALTAZAR (Mário Quintana, Passo das Pedras e Rubem Berta).

A Microrregião 8 abrange uma gama de bairros de classe média, superior, ou bem superior e pela proporção de respondentes estarem nestas áreas, mostra além de poder aquisitivo, exposição a problemas que tem se agravado na cidade, especialmente no tocante à segurança, assunto frequentemente comentado em

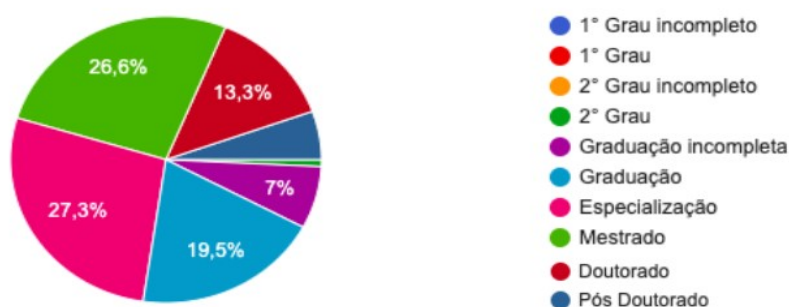
rodas de conversa, e pauta que possui um spin específico dentro do Coletivo. Aliás, um dos primeiros a ser formado. Além disso, o Centro Histórico, a Cidade Baixa e o Menino Deus, por exemplo, possuem intensa vida comercial e noturna, o que atrai população de baixa renda e moradores de rua em busca por algum suporte. Esta população nestas regiões conta com frequente suporte de trabalhadores voluntários, boa parte deles também integrantes do POA Inquieta. Apesar de abraçar demograficamente os referidos bairros, há grande diferença entre eles, e o fato de a amostra trazer tantos da Microrregião 8, coloca à disposição da pesquisa bom material para análise sob perspectivas de bolhas sociais tão diversas.

Pela demografia, tem-se um nível de escolaridade geral bem desenvolvido, outra característica marcante dos integrantes do Coletivo, em grande parte. Dado inclusive extraído em várias entrevistas em profundidade, quando os entrevistados relatam a grande capacidade intelectual disponível e o desafio de utilizar estes talentos de maneira organizada, estruturada e executiva. Talvez os dados extraídos até aqui expliquem boa parte das conquistas da marca POA Inquieta, através de articulações, eventos, rodas, inserção de quadros na administração da cidade e até encontros com candidatos em eleições e em dado momento com o prefeito da capital riograndense, evento emblemático e suprapartidário.

Gráfico 8 – Nível de escolaridade da amostra.

Qual a tua escolaridade?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Ao mesmo tempo, pode explicar igualmente uma lacuna executiva, porque apesar do trânsito aparentemente fluido em associações e gabinete municipal, a percepção de solução para problemas urgentes por vezes tarda. Por Esta razão o conceito de bolhas sociais emerge e destaca que o desejo de fazer algo pode não

tracionar conforme as expectativas de todas as partes, sendo que surgem ideias muito boas, e a execução com entrega fica comprometida, conforme revelado em depoimentos das entrevistas em profundidade.

Das perguntas filtro, passa-se a outras questões não obrigatórias, mas igualmente relevantes, porque tão importante quanto a escolaridade tradicional e formal, para fins de trabalhos voltados à sociedade no modelo Coletivo, colaborativo, formações adicionais aplicadas a contextos trazem um nível de conhecimento empírico e essencial às trocas, especialmente em rodas de conversa.

Se a amostra em termos de formação tradicional possui quase uma homogeneidade, as complementares apresentam “de tudo um pouco”, colocando um tempero diferente na fórmula da ação coletiva. A tabela abaixo consolida a variedade de respostas, que desta vez traz menos respondentes (N=60), por não ser obrigatória e por não ser aplicável em alguns casos em que a pessoa não se sinta na obrigação de revelar alguma outra formação que não julgue pertinente, ou simplesmente não possua.

Tabela 8 – Formações complementares da amostra, resposta não obrigatória (N=60)

Você possui outra(s) formação(ões) que queira destacar? Em caso afirmativo, qual(is)?
Engenharia
Especialização em terapia comunitária e terapia familiar sistêmica
Especialização em Educação Ambiental
Psicologia
Fluxonomia 4d
Técnica em meio ambiente
Engenheira civil, Gestora ambiental
Certificação PO – CSPO
Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino. Especialista em Avaliação Institucional. Especialista e Computação Educacional. Conselheira certificada. Mentora em Inovação.
Tecnóloga em Laticínios e Especialista em Projetos Culturais e Sociais
Economia, Comunicação Social e Marketing
Técnica em Secretariado. Diplomada e Especialização em Língua e Cultura Italiana.
Especialização
Sou professora e Fotógrafa

Mediadora de conflitos de políticas públicas
Especialização em Terapia Familiar e em Terapia Comunitária Sistêmica, MBA em ESG
Assistente Social
Pós-graduação psicologia, Mediação, Facilitadora de círculo de construção de paz, psicanálise
Terapia de família e Mediação de conflitos
Educadora ambiental e artesã
Nanodegree em mkt digital.
Prático em Design
Conselheiro de Inovação, Mentor de Negócios Inovadores & Impacto Social
Graduação: Matemática e Marketing Pós-graduação: Gestão de Pessoas e Gestão de Projetos MBA: Marketing e Vendas, Psicologia Organizacional. Business Partner e Consultoria Empresarial. Mestrado: Gestão Estratégica de Marketing e Vendas.
Turismo é Economia
MAGISTERIO
Técnica em Comunicação Visual
Radialista
Aromaterapia clínica
Especialista em modelagem do vestuário
Fitoterapeuta
Lider Climática do Climate Reality Project
Biologia
pedagoga e advogada
Engenheira > Administração > Sociologia
Sou cientista social com especialização em gestão social
Ayurveda, Reiki, etc...
Especialista em Educação Ambiental e Planejamento Ambiental
Vendas, pela ADVB
Conductor Ambiental, Agente Socioambiental
Cursos em produção cultural
Bacharel e mestre em Ecologia, atualmente servidora pública no cargo de analista ambiental
Informática Educativa

Pós-graduação em História
Só estudante de direito
Reiki
Historiador
Pedagogia
Em Psicanálise
Gestor Público
Pós-graduação Design Produtos
Medicina, Direito e Artes Visuais
professor da escola politécnica da Unisinos

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Da heterogeneidade extraída na questão anterior, segue-se o instrumento indagando sobre movimentos e ações em que as pessoas se envolveram ou se envolvem além do POA Inquieta. Aqui o número de respostas antes da limpeza de dados é N=90, não sendo obrigatória a resposta.

Tabela 9– Outras áreas de atuação, resposta não obrigatória (N=90)

Você atua em outros espaços de participação cidadã, além do Poa Inquieta? Em caso afirmativo, qual(is)? Respostas: N=90
Eu mencionaria o CPEC caso ele seja considerado como um espaço de participação cidadã.
Pacto Alegre, Ponta Cidadania
Ponta comunidade
Secretária da APIPA (Associação das Protetoras Independente de Porto Alegre), conselheira do Instituto Mira-Serra
Diretora de gestão de pessoas voluntária da Fundação Projeto Pescar
Movimento Xangri-lá Horizontal
Orçamento Participativo e Cmdua
Instituto TodaVida
Instituto da Transformação Digital, IDG (Inner Development Group)
GISA - Grupo Interinstitucional de Cooperação Socioambiental
Partido político
Instituto de Transformação Digital. Associação do Bairro Glória.

Coletivo 4ºDistrito, Associação Amigos MAC, Projeto Prefeitura de Praças e Fórum de Justiça e Segurança Região Centro.
Sou presidente de uma OSC de caráter étnico.
Conselho Municipal Economia Criativa
Grupo Mulheres do Brasil, PONTA Cidadania, Grupo Salvem o Menino Deus
Atua em Caxias do Sul - RS
Agapan
Comunidade B (sistema B)
Ponta Cidadania / Cidade Educadora
Cidade Educadora (Porto Alegre)
Sim, no Ponta Cidadania e no Pacto pela Educação do RS
Conselho Municipal do Meio Ambiente
OABRS, IGCC, ICI, IARGS, IBDFAMRS
Associação Instituto Ecoa
Lions
Pacto Alegre, Porto Alegre Valley
Não, não atuo mais, já atuei em alguns coletivos de Empreendedorismo Feminino. Atualmente tenho ideia de me inserir mais nos espaços para pessoas com necessidades especiais (principalmente TEA) com comorbilidades associadas.
Sim ICP
Feira Ecológica André Forster e Conselho de Feiras Ecológicas de Poa
Coletivos de turismo
EMANCIPA MULHER, ONG THEMIS
SIM Vila flores
Centro espírita, grupos de apoio a dependência química.
Mural Lixo Zero
Várias
Agapan
Hoje não mais
Movimento Porto Alegre Cidade Educadora
Agapan, Coletivo Preserva Marinha, Comitê Popular Esperançar
European Geosciences Union, Policy and Science work group
AAG, CT-ANPUR/COMAM/POA, CONAPAM, CPOrgânicos-SP, Mosaico Mantiqueira, REMAP e outros espaços internacionais na temática socioclimática.
Conexão Afroteia e RME

Projeto Periferia e outroa voluntariados
Fórum de Agricultura Urbana de Porto Alegre (FAUPOA)
FAUPOA - Forum Agricultura Urbana
OP CMDUA Atuapoa e rede preservapoa
Conselho Matutar -Projetos Pedagógicos -Litoral Norte
MDCA
Forum Ambiental de Porto Alegre, PV-RS, Mulheres Que Abraçam a Terra, Coletivo Preserva Redenção, Grupo de Apoio à Mulher, outros.
Temática do Livro, Leitura, literatura e Bibliotecas e Bibliotecas
Instituto TodaVida
Movimento Pró-Frente Ampla, Movimento Ambiental
Conselheira Nacional do PV
Gostaria de informar que sou de Porto Alegre e minha família mora no Bairro Partenon. Eu moro em Araranguá desde 2010. Sou professora do Departamento de Energia e Sustentabilidade da UFSC. Então, tenho acompanhado e divulgado as ações do POA Inquieta via whatsapp.
Campo das Políticas Públicas e da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.
Central de Movimentos Populares e Atua POA.
Vila Flores
Movimento ODS
Sim. ACPA, Federasul, ADVB
Articulação Nacional de Educação popular em Saúde ANEPS SC, PICS, Plantas Medicinais, agroecologias e REIKI pelo SUS
Nao atuo no poa inquieta. Só acompanho
AEPPA - Associação de Educafores Populares de Porto Alegre
Gente do Bem (ação de apoio a crianças em casas de abrigo do estado); Zona de Inovação Sustentável de Porto Alegre (ZISPOA)
Sou jornalista, integro o grupo com a finalidade de saber de ações e obter informações. Assim estou também no grupo Coletivo Preserva Redenção
De forma pontual (em demandas coletivas que necessitam de quorum físico para serem consideradas - Mulheres Mirabal, Lanceiros Negros, MTST e outros movimentos sociais) junto a movimentos sociais, e também em denúncias de toda ordem (quando as presencio) a autoridades competentes.
Associação Cultural Vila Flores, Projeto social Madre Assunta Marchetti
Prefeito de Praça em Poa
Terceiro Setor. Malucos do Bem. Câmara Municipal

Grupo 4 Distrito
Sim, ATUAPOA, Preserva Redenção, Preserva Harmonia, Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro/RS
sim. ARZB, OPNRS, conselho criativo da Virada Sustentável, Comitê Sinos, Frente Brasileira contra incineração, ABNT, pacto poa sem lixo,

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

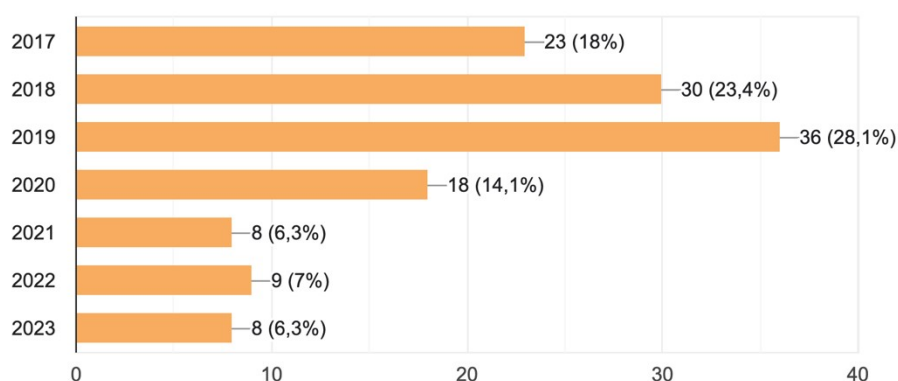
Percebe-se que posições ocupadas por muitos integrantes estão ligadas diretamente a setores de influência e aptos a qualquer tipo de articulação. Em contraste, pessoas ocupam posições em áreas particularmente sensíveis e usualmente pressionadas por más condições e precariedade estrutural, seja física ou de gestão em quaisquer níveis. Pode-se dizer isso a partir de corriqueiros embates e reivindicações colocadas em spins do POA Inquieta relativos às pautas de resíduos e sustentabilidade, recentemente e especificamente no universo da reciclagem de lixo e a situação sofrida de uma população de catadores. Ações coletivas do POA Inquieta se repetem em apoio a esta causa.

É um efeito que está na gênese do Coletivo, por diferentes motivos, as pessoas aqui solícitas estão olhando além de suas janelas, buscando suporte Coletivo às suas inquietudes. Um desejo que esta camada da população tem alimentado desde o surgimento do primeiro grupo de WhatsApp, em 2017, e que foi tracionando e ganhando adeptos de todas as partes, conforme o gráfico a seguir, onde o instrumento identifica trajetórias e atuações no Coletivo. Aqui, mesmo não sendo obrigatória, obteve-se totalidade de respostas N=128.

Gráfico 9 – Trajetória e participação no Coletivo

Quando você conheceu o coletivo (ano)?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O destaque a partir do gráfico acima é para aproximadamente 70% dos respondentes estarem no POA Inquieta desde antes de 2020, ano no qual a OMS, em maio, declarou o estado de pandemia global. Durante o período pandêmico houve entradas de novos integrantes pela facilitação mediada por tecnologia e conexão digital. Chama atenção também que estes antigos participantes são os mais engajados no estudo, remetendo a uma base mais concentrada, em meio a uma aparente organicidade e dispersão gerada por múltiplas conexões, problema de comunicação apontado nas entrevistas em profundidade.

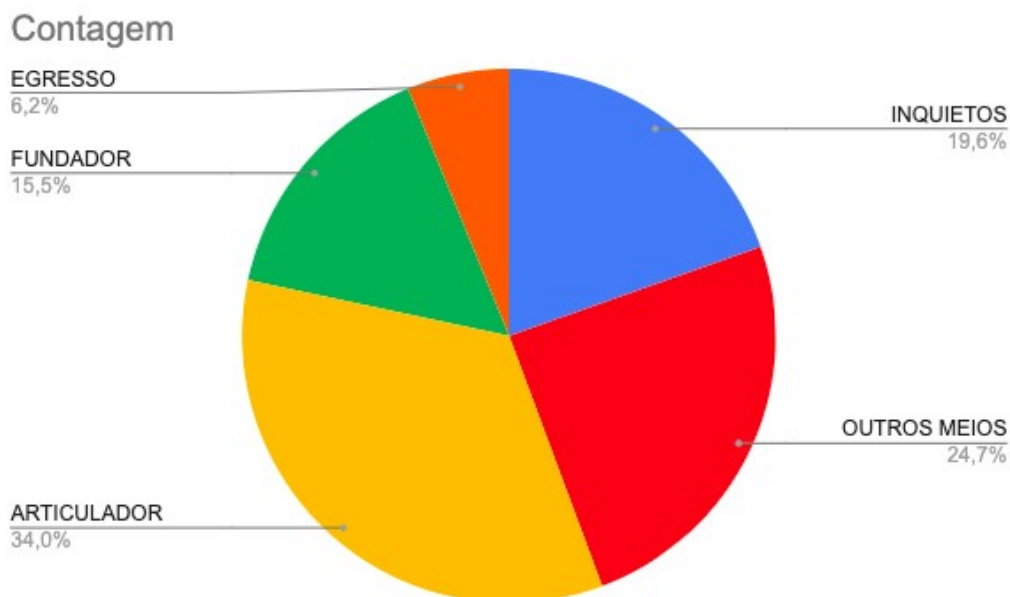
A rede de pessoas se expande sob influência especial de articuladores do Coletivo. A questão posterior, com retorno N=97, clareia esta afirmação, com participação desses no chamamento de mais pessoas a se juntarem na ação coletiva, sob um modelo diferente de atuação e construção. Outro ponto de atenção é, por exemplo, o papel de Isabel, uma vez articuladora ativa, hoje egressa, mas em movimento constante em prol do POA Inquieta por acreditar na capacidade instalada no mesmo. No movimento de captação de pessoas, ela tem papel relevante, e mesmo operando diretamente em outras frentes, permanece articulando e mantendo o fluxo aberto para possibilidades junto ao Coletivo.

No gráfico a seguir, está a distribuição de respostas à pergunta “Alguém te convidou? Quem?”. Como “egresso”, está o grupo de pessoas que já estiveram atuando diretamente no Coletivo e agora se dedicam a seus próprios projetos de vida e/ou iniciativas outras em Porto Alegre, com objetivo semelhante aos do POA Inquieta. São ex articuladores especialmente, como o caso de Isabel. Por “Inquietos”, entendem-se os que atraídos pelo espaço dado pelo Coletivo chamaram outros a se integrarem. Apesar de o percentual desta categoria estar maior que a de “egressos”, o fato de estar pulverizada com várias pessoas chamando outras (na pesquisa) apenas uma vez acaba tendo efeito diferente de, no caso dos 6,2%, onde apenas três pessoas ocupam tal espaço.

A decisão de classificar um grupo como “outros meios” ocorre para facilitar a visualização do quanto representa verdadeiramente a gama de pessoas que foi convidada ao Coletivo ou nele chegou por conta própria, especialmente por canais digitais, desde links de WhatsApp até acessando o site do Coletivo. Há também pessoas que tomaram conhecimento do Coletivo através de eventos como a Virada Sustentável em Porto Alegre, ou simplesmente participando em um primeiro momento por curiosidade das rodas de conversa, que até 2023 já passavam de quinhentas, com muitas pautas alinhadas à cidade. Por fim, nessa questão, os 15%

de respondentes indicaram chamamento direto de dois fundadores, Cesar Paz e Alexandre Peixoto. O primeiro, figura central, permanente e catalisadora. O segundo, egresso, mas apoiador contínuo, uma articulação política importante.

Gráfico 10 – Quem te convidou ao POA Inquieta?



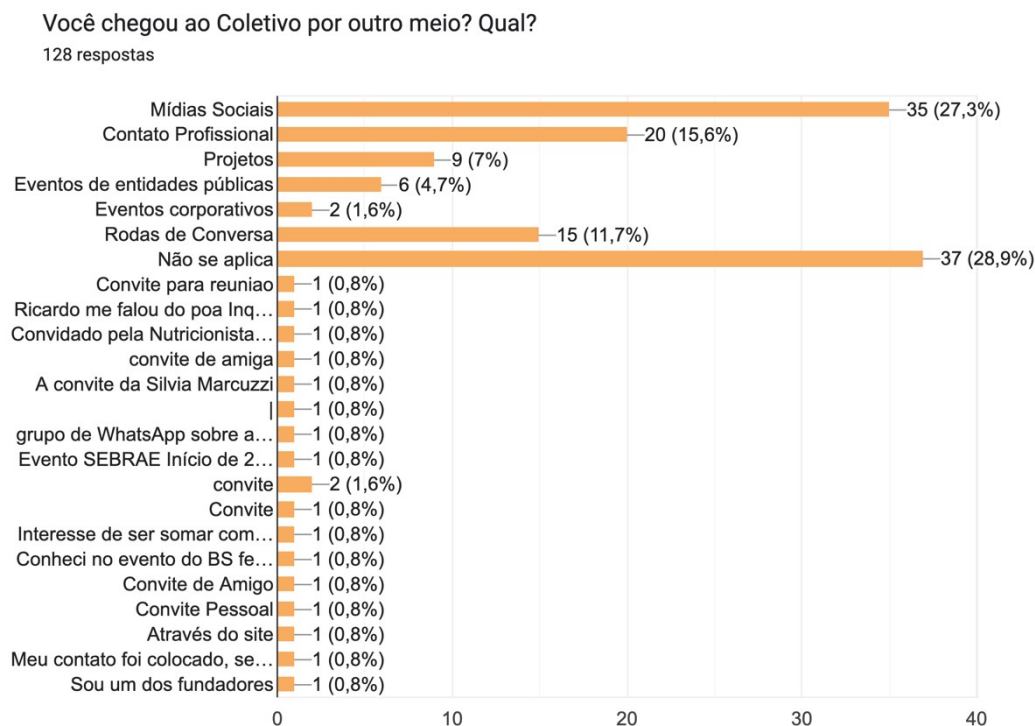
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tão importante quanto saber se a pessoa foi convidada por alguém a participar do Coletivo, é poder ir além indagando sobre o caminho dela até chegar. Parece semelhante à pergunta anterior, e realmente é. No entanto, nessa solicitação, há adesão total da amostra (N=128). Somam-se às indicações pessoais, nomeadas novamente até, como no caso da jornalista Silvia Marcuzzo (articuladora engajada nas questões ambientais e criadora de dois spins bem ativos no Coletivo, de nomes Sustentável e Resíduos), razões impessoais, motivos diversos, situacionais, onde os respondentes puxam na memória o que realmente lhes marcou como porta de entrada, sem a responsabilidade direta de algum já inquieto ocupando um papel de tutor neste processo, podendo indicar algo mais natural, menos induzido. O que de certa maneira mostra o gráfico com 27% da amostra tendo chegado ao Coletivo por mídias sociais. A liberdade de busca e encontros mediados por tecnologia, como as múltiplas entradas trazidas aqui, mostra que o modelo de atratividade dos novos movimentos sociais, coletivos, ações e quaisquer iniciativas políticas e sociais vai além de “causas” apenas, mas de percepções

construídas, sejam físicas ou digitais. São abordagens novas pelas ferramentas, mas antigas pela interação indivíduo-sociedade.

A sociedade, na visão de Simmel, é o lugar onde vários indivíduos entram em ação recíproca; é por isso que parece ser um mundo difícil de entender. Toda “ação social” pode ser “entendida” por meio de um procedimento interpretativo baseado na elaboração de categorias que são consideradas úteis ao interpretar os vários problemas de explicação colocados pela história. Portanto, no que diz respeito aos indivíduos e à sociedade, não há diferença entre off-line e on-line porque ambos os modos são adequados para a sociabilidade do indivíduo que conhece diferentes abordagens que, por sua vez, permitem que se mostre por meio da autenticidade e da individualização. O ponto é incluir as próprias narrativas nas redes sociais, narrativas que parecem ser uma mistura de público e privado. O aumento da individualização levou a uma maior incerteza, mesmo que o senso de rotinas diárias não desapareça completamente. A busca pela autenticidade é uma busca pela liberdade de autodeterminação, que gera um novo subjetivismo de tipo reflexivo. A reflexividade, portanto, é a consciência do caráter provisório das próprias teses, uma busca contínua, uma disposição para questionar a si mesmo e empregar mais de uma perspectiva (TESSAROLO, 2019).

Gráfico 11 – Meio por onde chegou ao POA Inquieta?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

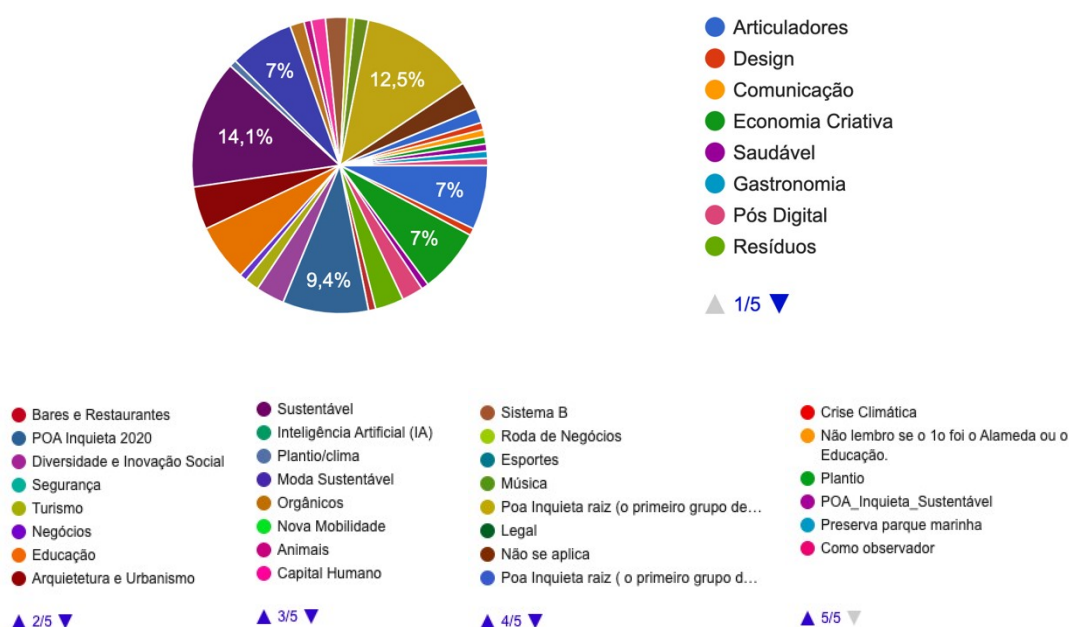
Conhecidos os acessos, para onde foram as pessoas dentro do Coletivo? Para responder a Esta pergunta, o autor pediu à amostra o primeiro spin pelo qual

cada perfil entrou. É possível ver que o trabalho de captação e algumas pautas tem relevância maior perante o desejo de ativismo, como a do meio ambiente através do spin “Sustentável”. Porém, há liberdade de adesão e trânsito em qualquer spin que se deseje participar.

Gráfico 12 – Por qual spin você entrou no Coletivo?

Por qual Spin (grupo de WhatsApp) você entrou no Coletivo?

128 respostas



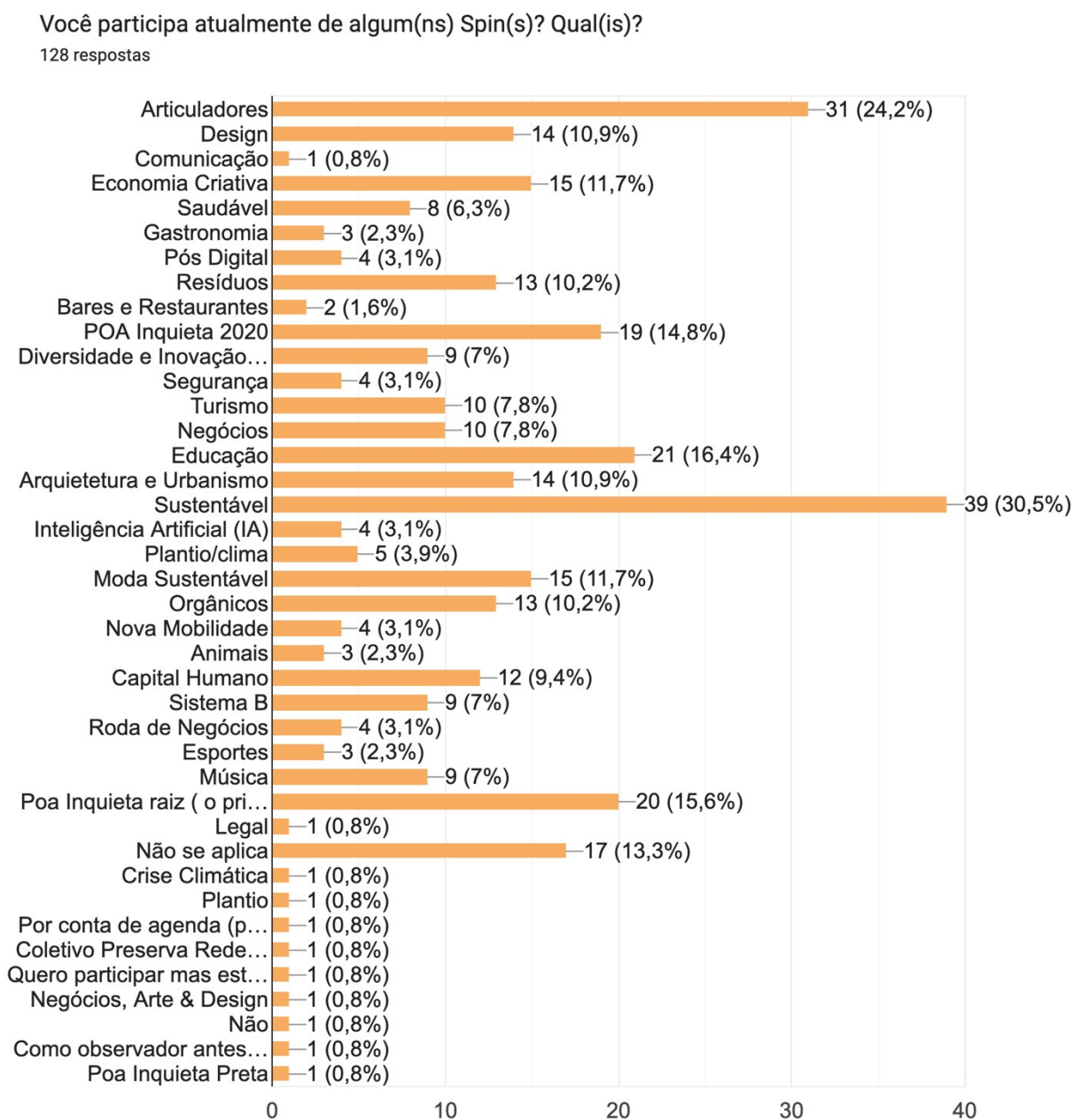
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Após a entrada por um determinado spin, cada pessoa descobre se o ambiente realmente atende às suas expectativas, ou pode optar por atuar em mais frentes. Algumas pessoas estão em vários spins (lembrando que se trata de nome dado a cada grupo de WhatsApp derivado do grupo primeiro, chamado raiz), e podem atuar mais ou menos, dependendo da disponibilidade e aderência à pauta vigente.

Nesse ponto, ocorrem diferenças de ponto de vista sobre “participação”, porque para alguns participar é estar somando e às vezes interagindo em uma ou outra discussão. Para outros, participar é estar presente em rodas de conversa sempre que possível para alimentar conhecimento, sugerir caminhos etc. E, há ainda aqueles que atribuem à participação uma entrega absoluta de estar nos grupos digitais, nos presenciais, fomentar ações e obter protagonismo nelas.

O próprio modelo não institucionalizado do POA Inquieta pode ser permissivo à estas deferentes leituras por parte dos integrantes, inquietos em diferentes níveis, de onde a realidade de cada um se insere. De qualquer forma, toda participação é acolhida e saudada, portanto passa a ser dado válido a ser extraído, que a amostra traz na sua totalidade, sob sua leitura e entendimento do que pode ser o participar, o que por si só já cabe em um estudo específico.

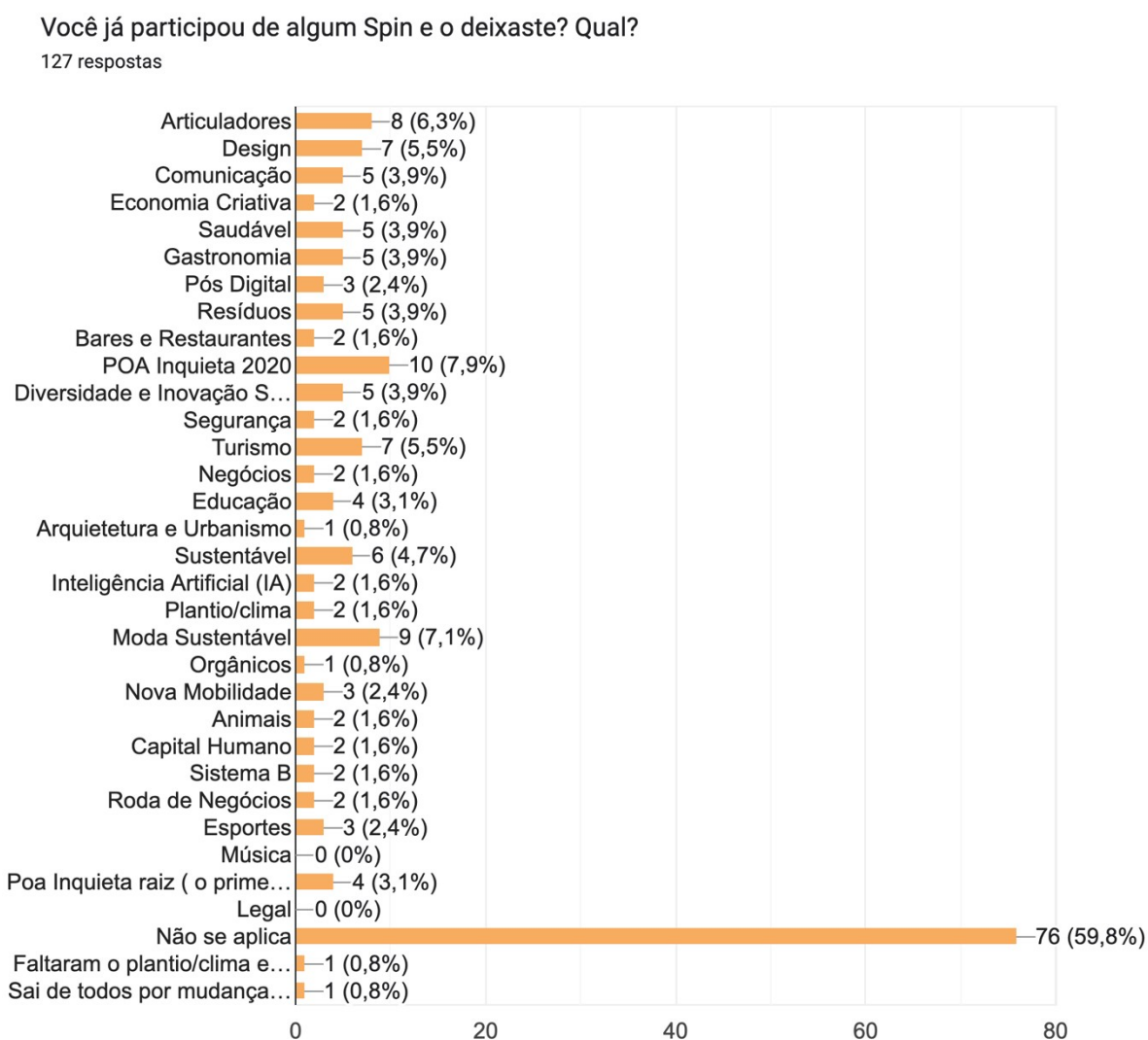
Gráfico 13 – Participação no POA Inquieta por Spins?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Justamente pela liberdade em “participar” e as várias interpretações do que a palavra representa, pessoas podem deixar grupos, ou não, ou permanecerem em apenas o que optaram no início, o que coube investigar também. E o fato de a maioria ter assinalado “não se aplica”, leva a crer que permanecem em ao menos o grupo escolhido inicialmente, conforme aponta o gráfico abaixo:

Gráfico 14 – Participou ou deixou de algum Spin

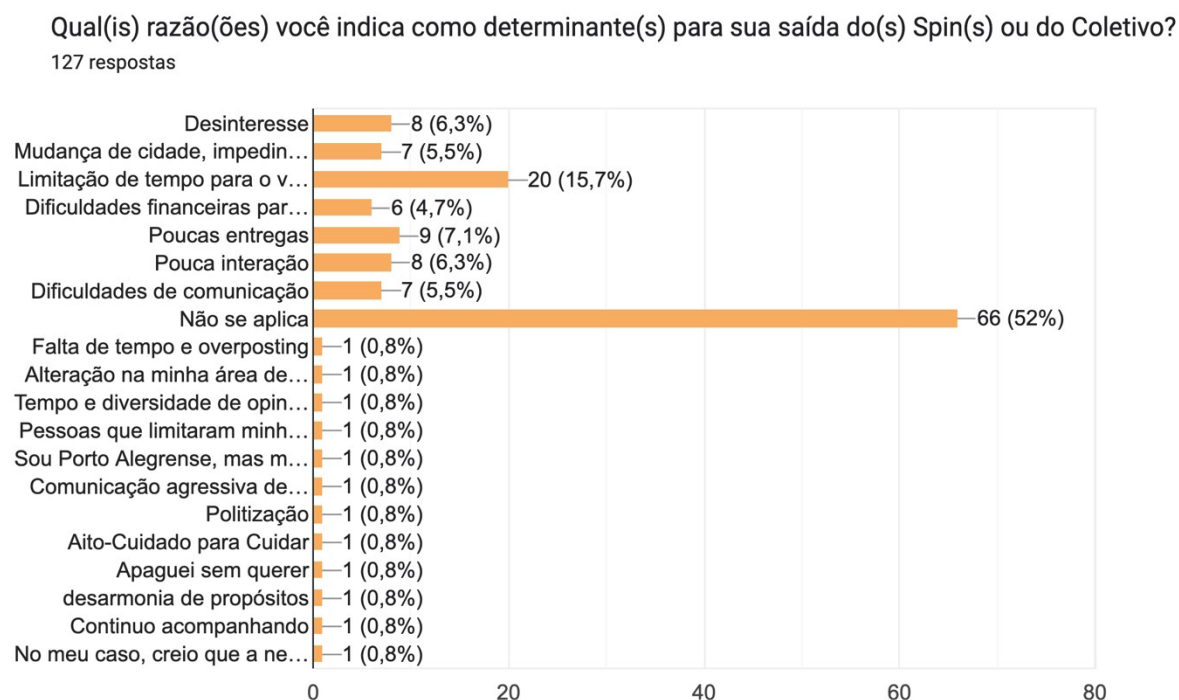


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Enquanto participantes de spins, a rotina, os interesses, ou a realidade podem mudar. E eventualmente pessoas saem de grupos. Exceto por um respondente, todos respondem aqui. Além da maioria que aparentemente continua em spins ao assinalarem “não se aplica”, frisa-se logo em seguida a limitação de tempo para dedicação ao voluntário, o que sinaliza uma “perda de fôlego”, afinal o tempo

particular é um ativo importante e essencial no modelo social em que se vive. O maior desafio na equação que constam o voluntariado e o suporte estrutural para permanecer nele.

Gráfico 15 – Razões para saída de algum Spin



Fonte:Elaborado pelo autor (2023).

Por uma felicidade metodológica, diante dos 52% de abstenção na pergunta sobre abandono de spins, seguiu-se à esta, sobre razões para as pessoas se manterem nos spins onde estavam. Foi uma pergunta aberta, e na tabela a seguir, constam as respostas (N=127) com a devida limpeza e tratamento de dados.

Tabela 10 – Razões para permanecer nos spins e/ou Coletivo

PERGUNTA: E que motivo(s) faz(em) você permanecer em algum(ns) Spin(s) ou no Coletivo?
Interesse nas pautas
Informações de qualidade
Nunca fui ativa.
Conteúdo e rede de relacionamentos
Educação - acompanhar e divulgar ações que estão acontecendo em POA nessa área

Interatividade
Interação
Não gosto de sair de grupos
Conhecimento do que vem acontecendo em Porto Alegre
Minha insistência no coletivo. Mas saí de outros por achar muita briga de ego e discussões sem lógica.
propostas estruturantes
Ficar por dentro do que está acontecendo
Esperando a melhor oportunidade para poder estar por inteiro, no coletivo e hoje somente pelas relações individuais
Gosto de me informar por eles e não cometi o equívoco de apagar, conforme aconteceu com os outros...
Curiosidade - sempre tem novidades
Entender mais sobre os problemas da cidade e achar alternativas para resolver tais problemas.
propósito de construção coletiva
Tenho vínculos de confiança e de afinidade e um ambiente de criatividade e inovação para contribuir para a transformação da cidade.
Atualização permanente de notícias e materiais de qualidade sobre o tema do spin e possibilidades de articulação de ações cidadãs.
Conectividade.
Me manter informada
A diversidade de conteúdo
Trocas
Me atualizar
Esqueceram de colocar o Spin Legal (jurídico)
Foco temático
Conexões.
Informação
Informações atualizadas e vigentes sobre Porto Alegre (editais, eventos, informações)
Interesse profissional
Gosto de aprender e trocar experiências com outras pessoas
poder contribuir, e trocar experiência
Empatia

interesses compartilhados
É interessante e diverso.
Desejo de promover mudanças. Compartilhamento de saberes. Autodesenvolvimento
Amo a natureza e tudo o que se refere a sua raiz
Meu interesse por temas na área de sustentabilidade e para poder acompanhar as questões ambientais e ações que têm ocorrido da/na minha cidade natal.
Tentativa de articular mais pela cidade
O de Articuladores, para ficar atualizada, o de Negócios porque fiquei lá... deixei de ser ativa há bastante tempo.
Temas de interesse
Não permaneci porque, aos poucos, me retiraram do grupo de articuladores, talvez por não poder participar das reuniões presenciais (que vinham ocorrendo aos sábados)
Admiração
Acompanhar as atividades do coletivo
Informação e trocas
Quero acompanhar o movimento.
Afinidade com o tema e a dedicação dos colegas
Interesse pela causa. Laços com as pessoas
Estar em contato com pessoas que parecem ter algo em comum
Conexão com pessoas
Saber o que acontece de novidades na cidade e sobre temáticas específicas
Troca de ideias
Esperança que algumas coisas mudem e espírito curioso de pesquisadora e clínica.
Objetivos afins
Oportunidade de informar e ser informado
Identificação com a causa, especialmente cidadania
Interesse na construção de uma cidade melhor
O meu interesse em suas temáticas
Troca de saberes e informações
Circulação de informações e possibilidade de rede para alguma eventual atividade da entidade da qual faço parte.
Interesse no avanço do sistema B
Conhecer o que anda acontecendo em Porto Alegre em termos de movimentos de preservação da cidade de forma sustentável
Informação, bons contatos, divulgação (eventual) voluntariado, qdo me for possível

Curiosidade cidadã-política na perspectiva sociológica
Fornece informações atualizadas sobre temas de interesse
Informações importantes
A troca de informações.
Informações
Sustentabilidade e Meio Ambiente são temas de nossa sobrevivência.
As trocas e conexões
Os motivos estão relacionados a ações culturais,
A interação é formação de rede de contatos sobre temas importantes para a cidade
CONHECIMENTO
o interesse pela área foco do Spin
Obter informações sobre o que está acontecendo na cidade
Não participei
Troca de informações, contatos
Verificar novidades, saber de eventos, trocar informações, contatos...
Conexão; informação; ação; provocação.
Interação e comunicação
Poder estar, a medida do possível, informado sobre projetos, Mobilizações e notícias.
Retornar assim que tiver disponibilidade
Networking
Por não ser de Porto Alegre, mas estar morando na cidade o grupo tem sido muito importante para eu conhecer as iniciativas em andamento e me manter atualizada sobre os principais debates na área ambiental que estão acontecendo. É um aprendizado constante!
Atualidade e possibilidades
Gosto de saber das novidades e oportunidades
Saber o que está acontecendo na cidade
Interação e intercâmbio de informações sobre iniciativas inovadoras, em especial na área de sustentabilidade.
Não quero perder o contato com o POA Inquieta, então decidi ficar em apenas 1 coletivo dos vários que participava.
Informação
Interesse nas opiniões e notícias
A dinâmica dos grupos e projetos do coletivo
Meu interesse pelos temas tratados, e a possibilidade de me aprofundar mais nesses temas e ter contatos com pessoas com os mesmos interesses

Trocas e aprendizados
A sustentabilidade na moda me interessa muito
Interesse pelo tema
Interesse no tema
Compromisso
Acredito no propósito do coletivo apesar de não participar muito ativamente por falta de tempo. Gosto de estar informado sobre as ações do coletivo e as divulgo entre meus contatos.
Adquirir conhecimento e ampliar a rede de contatos.
Conexões e informação
O grupo não é muito ativo, mas quando tem movimentação gosto de ler os assuntos envolvidos
A força que existe neles para impulsionar a mudança pessoais e sociais
Conhecimento
Manter-me informada e com possibilidades de colaborar
Me manter atualizada dos assuntos da comunidade
Contato com pessoas e ações democráticas
Boas informações
Relacionamento
Por acreditar que sozinho não conseguimos mudar nossa sociedade, mas juntos temos força de fazer a diferença por um mundo melhor
Tenho afinidade com o tema e Gostaria de participar de forma mais ativa e integrar outros Spins que também gosto
Novidades, projetos, iniciativas
Curiosidade
Acompanhar o crescimento
Informação
Para tentar auxiliar de alguma forma, mas recebo informações demais diariamente de muitos grupos
Idealismo
E um espaço importante de troca de informações de interesse coletivo.
Informações disseminadas
Potencializar ideias
Sinergia
Interação ativa e propostas efetivas de mudanças relativas aos temas propostos.
Curiosidade e informação

Informações relacionadas e atualmente relevantes.
Interação com outros atores
Conhecimento, informação

Fonte:Elaborado pelo autor (2023).

Estas respostas corroboram as categorias extraídas das entrevistas em profundidade, especialmente nas partes de dinâmica, articulação, interação e comunicação sociodigital, ainda que aspectos sobre política e sustentabilidade estejam também à mostra na tabela. Outra parte, bem representativa, menciona oportunidade de troca, aprendizado, compartilhamento de ideias, mas nada ainda surgia relativo a projetos ou ações de forma consistente. Porém, antes de se buscar tais dados, optou-se pela sondagem sobre o papel e capacidade de voluntariado, porque há um desejo do autor, também membro do Coletivo, de incentivo a práticas mais profissionais para maior dedicação das pessoas, para que possam renunciar às suas atividades principais e utilizarem mais tempo vivendo pautas cidadãs. Assim, temos a seguinte questão semiaberta:

Figura 5– Viabilização financeira para o voluntariado

Com relação à viabilização financeira da atuação voluntária no Poa Inquieta: *

- ☐ Tenho fonte de recursos familiares ou próprios (aposentadoria, etc.)
- ☐ Artigo com minha atividade profissional
- ☐ Consigo expandir meus negócios através do networking do Coletivo
- ☐ Obtive oportunidades de trabalho através da rede de relações do Coletivo
- ☐ Outros...

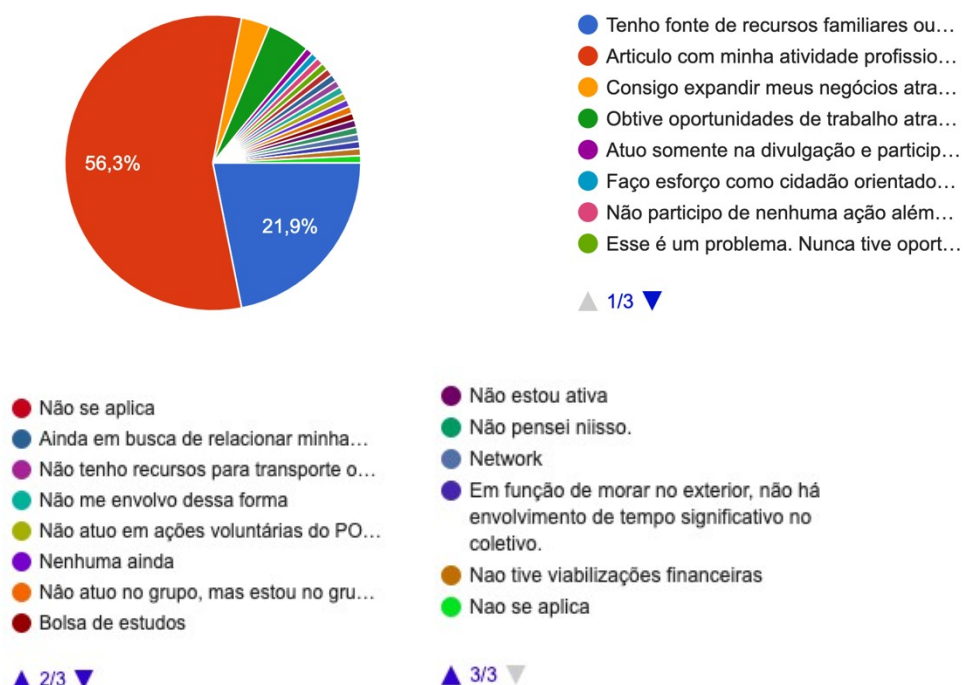
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A seguir, exibe-se o gráfico com as alternativas colocadas. A “pizza” ficou bastante colorida por alguns respondentes trazerem suas repostas e impressões para a questão levantada.

Gráfico 16 – Viabilização financeira para o voluntariado

Com relação à viabilização financeira da atuação voluntária no Poa Inquieta:

128 respostas



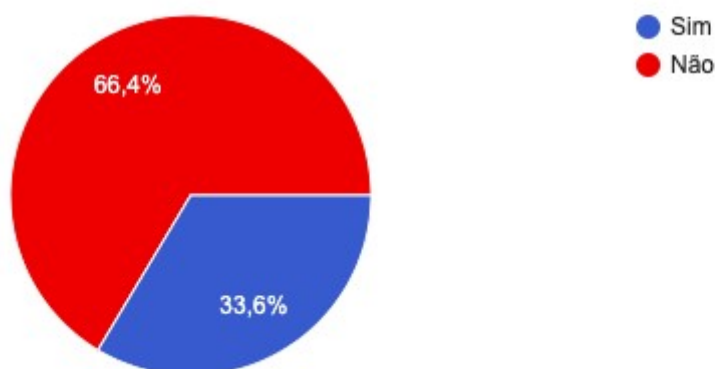
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quase 60% da amostra consegue articular suas atividades profissionais com o trabalho voluntário, o que traz aparentemente um grande benefício, fazendo crer que o sacrifício de tempo talvez seja menor para execução de tarefas em projetos. E realmente há muitos inquietos ocupando posições importantes em entidades, universidades, prefeitura e governo estadual. Então o que fica para análise gira em torno da capacidade de priorização de pautas. A razão para Esta colocação está nas respostas expostas no gráfico a seguir, mostrando a visão de projetos por parte dos ideais do POA Inquieta e sondando sobre o nível, caso existisse, de envolvimento da amostra (N=128), em trabalhos pelo ou com o Coletivo.

Gráfico 17 – Participação em projetos do Coletivo

Consideramos "projetos" como produtos cocriados no Poa Inquieta, cuja implementação é de médio a longo prazo e que tendem a ser reaplicados. Você participa ou já participou de algum projeto do Coletivo?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Com participação direta de 33% em projetos, mas com ampla circulação e poder de articulação de tantos inquietos, especialmente por mencionarem a relação confortável entre temáticas dos spins e suas áreas de atuação, é de surpreender a aparente baixa adesão em projetos, agindo diretamente em campo. De qualquer maneira, cabia investigar projetos que a amostra trouxesse como importantes, não colocados na questão, semiaberta novamente, de forma proposital, para estimular os respondentes a preencherem ou simplesmente reagirem à menção de projetos.

Figura 6 – Envolvimento em projetos do POA Inquieta

Caso você tenha respondido "sim" na pergunta anterior, indique qual(is) projeto(s). Caso você tenha respondido "não", marque a opção "Não se aplica": *

- ☐ Não se aplica
- ☐ 17+
- ☐ Bares e Restaurantes
- ☐ Carta POA 2050
- ☐ Cidade Aberta
- ☐ Cinco Marias
- ☐ Congresso Popular de Educação para a Cidadania
- ☐ Outros...

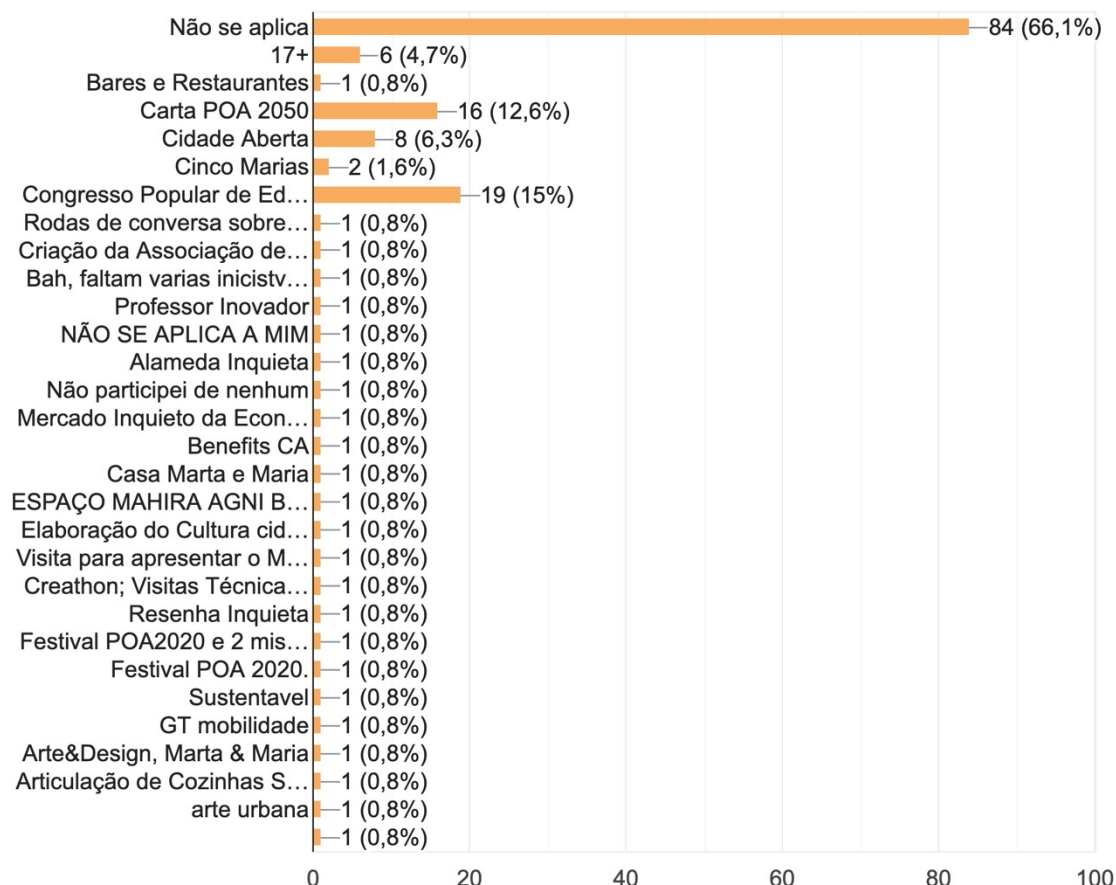
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Novamente o estímulo surtiu efeito, e além dos projetos citados, surgiram outras iniciativas e reações.

Gráfico 18 – Resposta sobre envolvimento direto em projetos do POA Inquieta

Caso você tenha respondido "sim" na pergunta anterior, indique qual(is) projeto(s). Caso você tenha respondido "não", marque a opção "Não se aplica":

127 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Dos projetos mencionados pelo pesquisador, dois tiveram adesão especial dos respondentes, o Congresso Popular de Educação para Cidadania - cuja a primeira edição contou com um número expressivo de inquietos voluntários e parceiros públicos e privados, ainda de forma tímida, mas presentes – e a Carta POA 2050 (termo formal propondo visão e comprometimento de longo prazo por parte de candidatos das eleições municipais de 2022 em Porto Alegre). Outros tantos com valor “1” mostram que se houvesse uma amostra ainda maior, muitos nomes de iniciativas poderiam surgir como comprovação de envolvimento direto “braçal” e intelectual das pessoas.

Indo um pouco mais a fundo, ainda foi perguntado, sem obrigatoriedade de resposta, em quais projetos a pessoa julgava ter se envolvido de forma marcante, decisiva. 53 pessoas responderam à indagação apontando projetos onde pontuaram firmemente. As repostas estão editadas e tratadas pelo autor na tabela abaixo:

Tabela 11 – Envolvimento marcante em projetos

Articulação das Cozinhas Solidárias
17 mais
GT Mobilidade
Ainda dúvida pois não vi a pós entrega
POA 2020
Congresso Popular de Educação para Cidadania
Em todos em que participei.
Em todos, com incidência menor no Festival POA2020.
Cidade Aberta
5marias
I congresso da Educação e Carta 2050
TODAS as Rodas de Conversa Online durante a pandemia ajudei organizando, facilitando. Contribuo como Social Media no Coletivo POA Inquieta.
2º CPEC
Festa feira inquieta, rodas de conversa do Sustentável, visitas às UTs, etc.
Cidade Aberta
ação comunitária em saúde
Nos indicados
Cidade Aberta, Alameda Inquieta
Não fui efetiva nos projetos, porque quando tomou forma eu comecei a me distanciar dos Grupos de Empreendedorismo Feminino.
Trabalhei na ação educativa da câmara e acreditava que divulgar suas ações era de interesse
Congresso Popular para Educação e Cidadania (CPEC)
Carta POA 2050
Educação ambiental, animais
Turismo
Projeto Inquieto Negócios em Arte&Design, Marta & Maria,
Professor Inovador

Congresso Popular de Educação para a Cidadania
Carta poa 2050
Carta poa 2050
Visitas Técnicas, Congresso Educação, Creathon, Rodas de Conversa Temáticas.
Cine Kafuné
Congresso Popular para Educação e Cidadania 2022
Mercado Inquieto da Economia Criativa, Mapa da Economia Criativa de Porto Alegre, Cidade Aberta e Carta Poa 2050
Planejamento do spin turismo e Visita ao Museu da Ilha da Pintada
2º Congresso Popular de Educação para a Cidadania
Não participei efetivamente de nenhum projeto, infelizmente...
Ainda nenhum
Iniciativas em defesa das árvores da cidade, com atuação junto ao governo municipal anterior, possibilitando o salvamento e recuperação de várias que seriam suprimidas pelas terceirizadas. Também, a tentativa de fortalecer o OP através da troca e disseminação de informações através do Inquieta Sustentável.
todos listados
Casa Marta e Maria
Não participei de nenhum
Não tive oportunidade de participar de forma efetiva
Cidade aberta

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

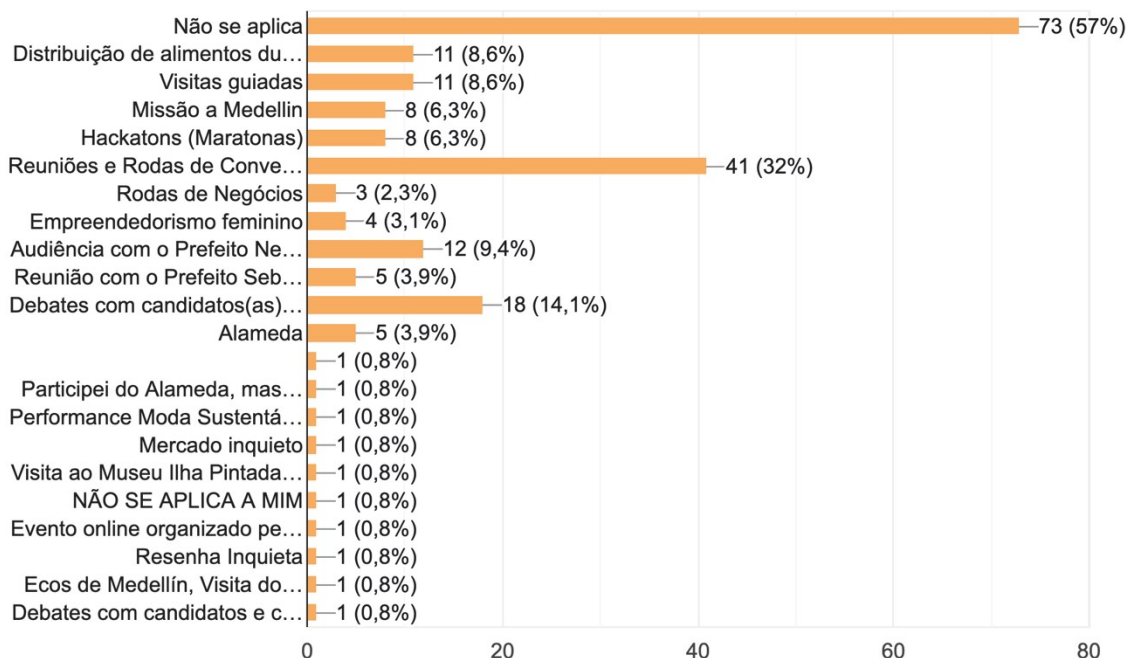
Neste ponto do questionário surgem dados e leituras sobrepostas, sendo que as nomenclaturas usadas parecem não terem definições ou encaixe em determinado lugar na mente dos inquietos, porque “ações”, “projetos” e até “spins” se confundem nas respostas dadas. Pessoas podem enxergar projeto como ações, e até spins como projetos, mas são conceitos com lugares separados e definidos.

A robustez metodológica entra em ação pela construção planejada do instrumento que previa possível confusão, porque os pesquisadores, também membros do Coletivo, já haviam vivenciado e testemunhados tais comportamentos. Assim, na questão seguinte, ajustam-se as definições em busca do entendimento por parte da amostra do que significa cada conceito dentro do Coletivo, conforme o enunciado explicativo da questão.

Gráfico 19 – Resposta sobre envolvimento AÇÕES do POA Inquieta

Consideramos “ações” como atividades pontuais que foram cocriadas no âmbito do Coletivo Poa Inquieta e que tiveram início, meio e fim. Você par...osta seja negativa, marque a opção "Não se aplica":

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Um inquieto de codinome “Banzaí” certa vez cunhou o termo “nanoacabativas” como definição para pequenas ações importantes a realizações maiores. Trazendo para o contexto do instrumento de pesquisa, conceituar “ações” e dar a noção exata de algo que se inicia, se desenvolve com processo e se efetivamente acaba e entrega, agrega valor à pesquisa ao passo que tende a apurar a percepção por parte dos respondentes. Por outro lado, gratifica o trabalho dos pesquisadores pela estruturação correta, mantendo o fio condutor na geração das informações.

O gráfico a partir da separação de conceitos, automaticamente traz novos nomes de entregas, e revela uma vontade da amostra se manifestar com orgulho do que construíram até então. Fica notória a vontade de falar além da resposta pontual, dando um nome apenas. A maioria consegue segurar seu ímpeto, mas há espaço também para os mais efusivos, dando detalhes além do esperado.

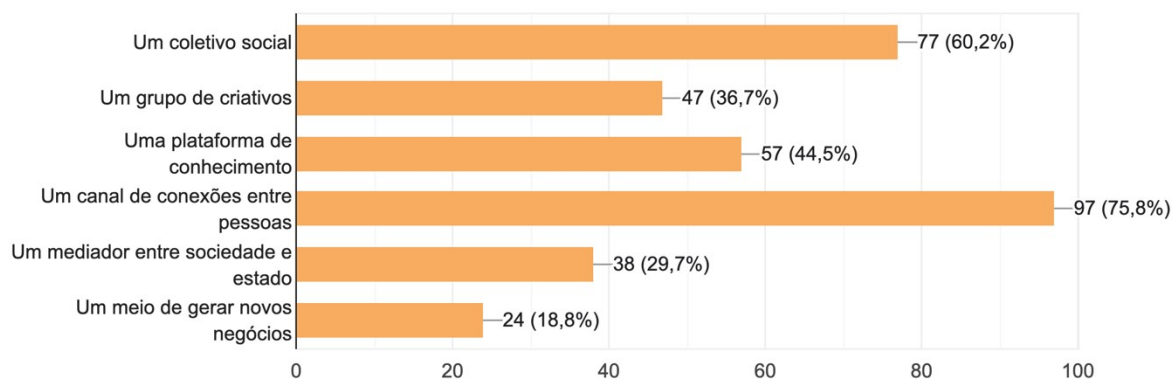
Da fase de entregas, passa-se à fase da autopercepção e autocrítica, que os pesquisadores chamaram de “POA Inquieta – Percepções”. Tratando dessas e

buscando trabalhar conceitos, permitindo mais de uma resposta, pergunta-se à amostra “o que é o POA Inquieta” para cada um.

Gráfico 20 – O que é o POA Inquieta para você?

Para você, o que é o Coletivo Poa Inquieta? Você pode marcar mais de uma opção.

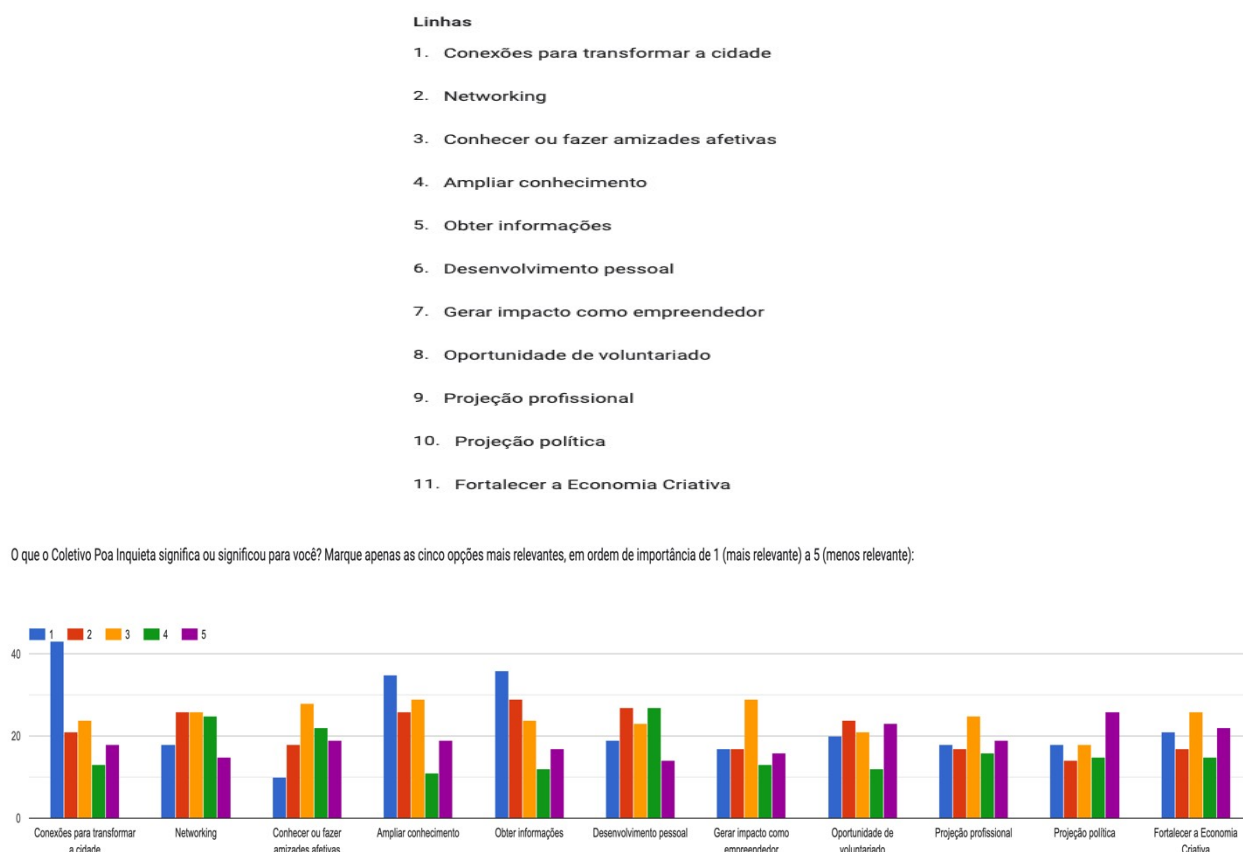
128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Mais uma vez as categorias identificadas e listadas no encerramento do tópico 6.1 emergem nas alternativas de conceitos, que parecem ter se encaixado nas leituras dos respondentes. E sobre essas, tem-se o cuidado de acomodá-las corretamente ao tempo. No início do questionário, à amostra pediu-se o significado do POA Inquieta no momento de entrada e início da convivência com demais integrantes. Após o período de amadurecimento e vivências diversas, no instrumento se apresenta uma nova questão com uma escala Lickert de 5 pontos, onde o ponto azul 1 significa total discordância e o ponto lilás 5 significa total concordância. Seguindo o conteúdo extraído das entrevistas em profundidade e as categorias identificadas, foram listadas 11 linhas, que com as escalas viraram 11 gráficos. Abaixo são apresentados linhas e respectivos gráficos:

Gráfico 21 – O que significa/significou o POA Inquieta para você?



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em respeito à amostra e seu lugar de fala, após a questão apresentada acima, deixou-se um espaço para adição de algum significado/percepção não abordada na lista. Um campo aberto para observações, listados em tabela a seguir:

Tabela 12 – Lista complementar do significado do POA Inquieta - percepções

Aprendizado com realidades diferentes das minhas
Exercício de cidadania
Quando vejo possibilidades de voluntariado procuro informar pessoas interessadas.
Plataforma de conexão para diferentes tipos de pessoas, de diferentes classes.
Coletivo de Pessoas conectadas pelo Social
Tentativa de aproximar as comunidades das políticas públicas
Rede de profissionais interessados em melhorar ambientes e territórios
Coletivo de Inquietude de evolução das relações dos Porto Alegrense para POA.
Acho interessante, mas faz muito barulho com pouco impacto.
Uma Plataforma habilitadora de pessoas e de transformações sociais

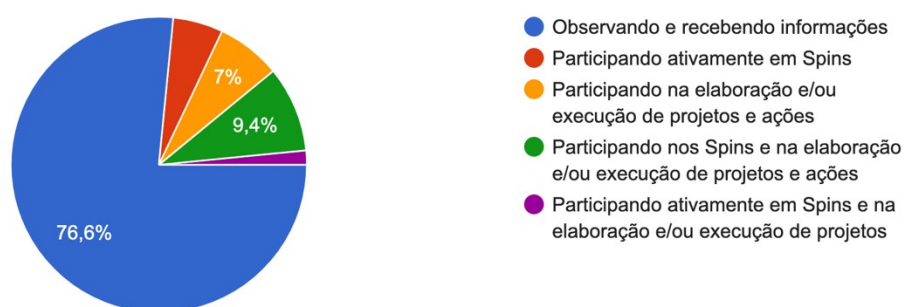
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Continuando na etapa de percepções, e no exercício de autocrítica, chega-se em um ponto que endossa o gráfico anterior onde se tinha 33% de respondentes que apontaram envolvimento direto em projetos. O caráter informativo e formador de opiniões sobre o status da cidade de Porto Alegre tem um princípio de mídia alternativa, onde a amostra evidencia que a participação das pessoas naquele momento está mais em nível intelectual, como em bolhas sociais, onde se tem o conhecimento de situações, mas com aparente distanciamento.

Gráfico 22 – Autocrítica sobre participação no POA Inquieta

Como você define, primordialmente, sua participação no Poa Inquieta?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Se há um comportamento das pessoas, esperado ou não, supõe-se que ele decorra de um ambiente que o facilite ou iniba. Por Esta razão saber pela amostra como ela lê o ambiente do Coletivo com relação à abertura para construção coletiva a partir de cada capacidade individual. O formato aberto à participação, o acolhimento em geral, em princípio, ajuda no desenvolvimento de debates para a cidade. Apesar disso, existem percepções sobre um certo conservadorismo de ideias, que ficam aparentes nas respostas sobre a estrutura ter abertura, mas depois ser restritivas a pensamentos diferentes, lentes com orientações e históricos também diferentes de um grupo maior de pessoas.

Ressaltasse o grande desafio de se conduzir qualquer iniciativa social com pessoas de formações e origens por vezes bem distintas, em meio a um contexto brasileiro que vive intensa polarização política, especialmente a partir de 2016, cenário amplamente abordado por Gohn (2022).

Gráfico 23 – Espaço de construção oportunizado no POA Inquieta

Como você considera o espaço de construção oportunizado no Poa Inquieta?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O modelo descentralizado e orgânico proposto desde o primeiro grupo de WhatsApp, hoje chamado de “spin raiz”, valoriza a não institucionalização. Embora haja uma rede robusta no Coletivo, Este enfrenta limitações em diversos aspectos. E no instrumento de pesquisa o estímulo foi dado para que as pessoas se manifestassem com total liberdade. Dentre as dificuldades iniciais estão as listadas abaixo, e em seguida avaliadas pela amostra.

Figura 7 – Dificuldades e limites do POA Inquieta

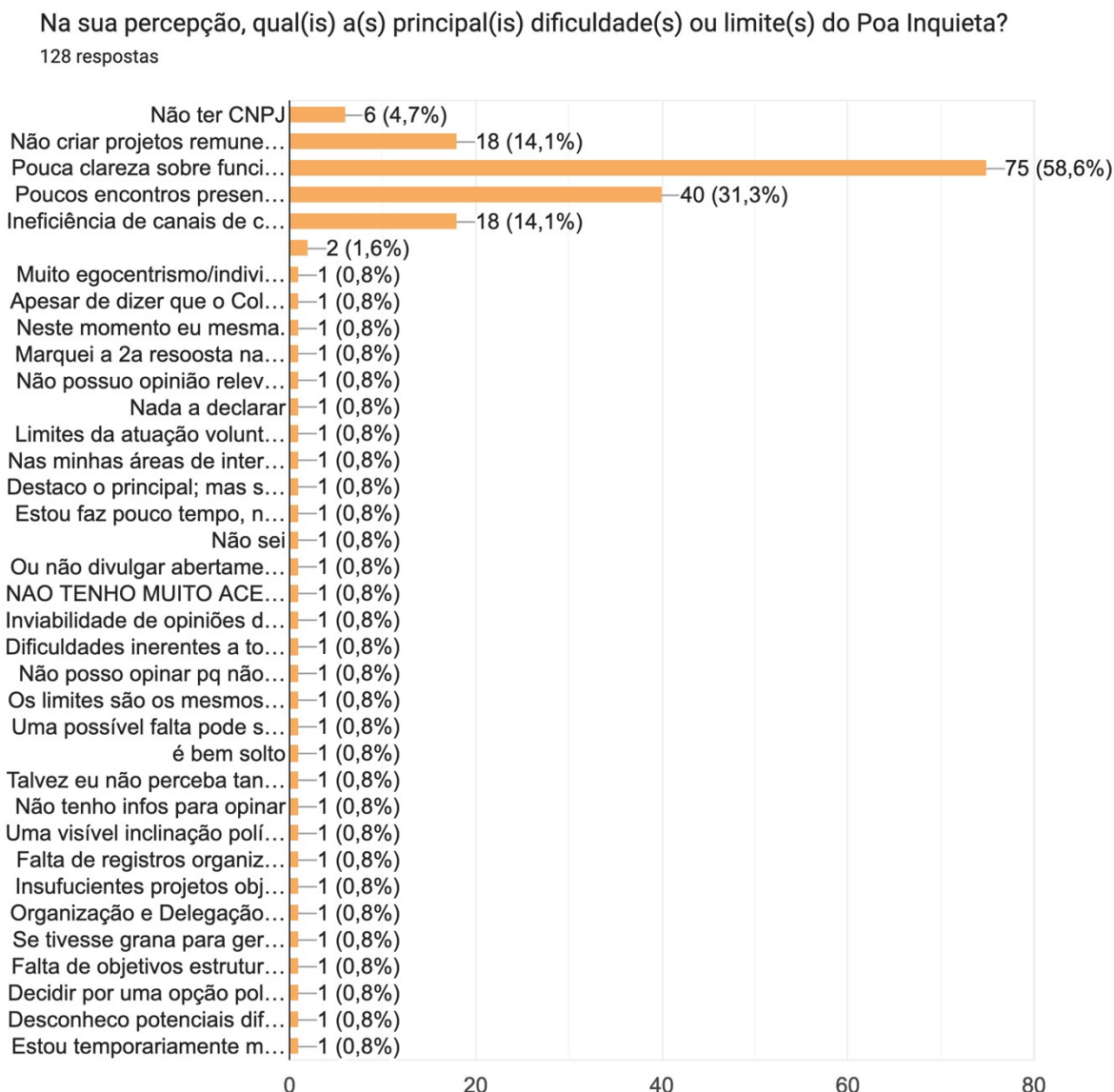
Na sua percepção, qual(is) a(s) principal(is) dificuldade(s) ou limite(s) do Poa Inquieta? *

- ☐ Não ter CNPJ
- ☐ Não criar projetos remunerados
- ☐ Pouca clareza sobre funcionamento do Coletivo e papéis exercidos pelas pessoas
- ☐ Poucos encontros presenciais
- ☐ Ineficiência de canais de comunicação interna
- ☐ Outros...

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A opção “outros” permanece para dar espaço a elogios ou críticas que surjam. E no exercício feito nessa indagação, aspectos ainda não percebidos emergiram.

Gráfico 24 – Resposta sobre dificuldades e limites no POA Inquieta



Fonte: Autor (2023)

Como as pessoas se concentram em assinalarem alternativas pré-existentes, opta-se por manter a cópia do gráfico conforme disponível, sem anexar as frases novas completas, porque as opções produzidas pelos pesquisadores comunicaram satisfatoriamente.

A pauta comunicação interna é trabalhada na sequência do questionário, e algumas novidades aparecem. É surpreendente ver que há pessoas engajadas e seguidores do Coletivo, que ainda apenas “tem uma ideia do que é o Coletivo”.

Gráfico 25 – Informações sobre a comunicação interna no POA Inquieta

Quanto às informações internas e canais de comunicação do Poa Inquieta, qual é a opção que melhor expressa o seu acesso ao conhecimento sobre o Coletivo:

128 respostas



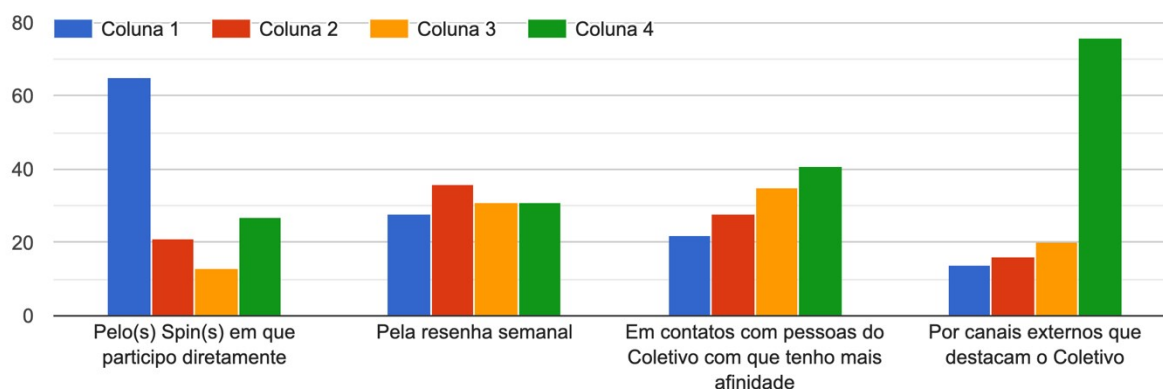
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Ao serem perguntadas sobre como se informam a respeito do próprio Coletivo, em um extremo está uma massa crítica que orbita os spins, mas neles tem carência de informações ou algum desconforto com uso frequente deles. No lado oposto, muitas pessoas se mostram carentes de informação estruturada sobre a rotina do Coletivo, apesar de haver a resenha semanal divulgada em todos os grupos de WhatsApp.

A resenha por alguma razão parece dividir opiniões, é a relação no gráfico com maior equilíbrio.

Gráfico 26 – Atualização sobre acontecimentos do Coletivo POA Inquieta

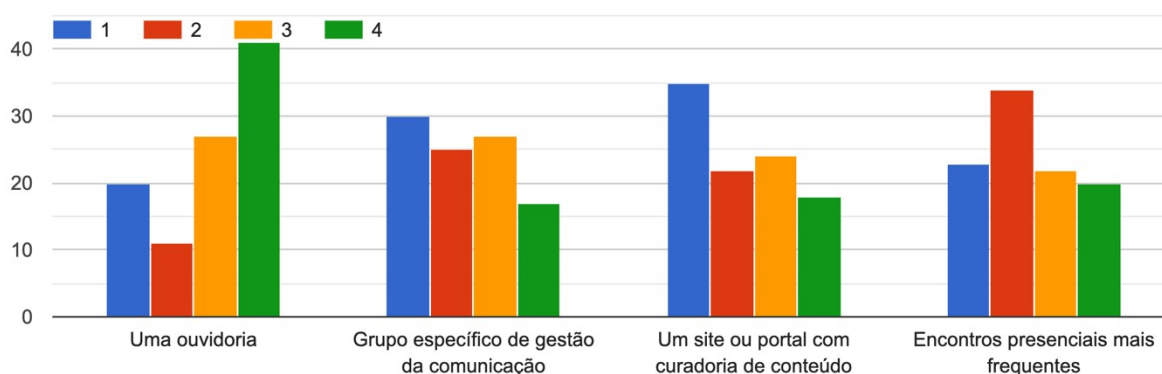
Como você se atualiza sobre os acontecimentos do Coletivo? Marque as opções em ordem de importância de 1 a 4, sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante):



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Gráfico 27 – contribuição para o fluxo de informações POA Inquieta

Na tua opinião, o que contribuiria para melhorar o fluxo de informações e a comunicação interna do Coletivo Poa Inquieta? Marque as opções em ordem ..., sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante):



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Além do cenário conturbado na esfera política onde há perda de foco por vezes, a gestão interna do Coletivo sofre com lacunas de comunicação. Pelos relatos extraídos, tanto das entrevistas em profundidade, quanto em conversas informais sobre a governança do Coletivo, é bastante presente a carência de comunicação fluida e adequada. Sim, adequada, porque há circulação e “overposting” frequente nos grupos. Algumas pessoas ainda não amadureceram o suficiente para conviverem no meio digital e a falta de etiqueta digital, ou “Netiqueta”. Além de debates por pautas referentes à cidade ou aspectos de cidadania, o excesso de tempo em mídias sociais, hábito intensificado durante o período de pandemia e legado desde então, alimenta a dispersão de conteúdos, o que ao longo do tempo afastou do Coletivo bons perfis, articuladores até. Alguns classificados como “egressos” aqui se enquadram nesta realidade e verbalizam suas frustrações.

Ao observar o gráfico e o apontamento maior pela necessidade de uma “ouvidoria”, combinando um equilíbrio na percepção em prol de gestão da comunicação mais qualificada, e retomada de conversas pessoais mais frequentes, pode-se arguir sobre caminhos estratégicos urgentes. A reflexão sobre o que se está compartilhando e os reais objetivos talvez precisem de observação mais cuidadosa.

O choque de realidade apontado na questão sobre Comunicação, encerra o bloco de pesquisa sobre as percepções internas e a análise autocrítica, preparando terrenos para a fase final do instrumento. Este trata também de percepções, mas

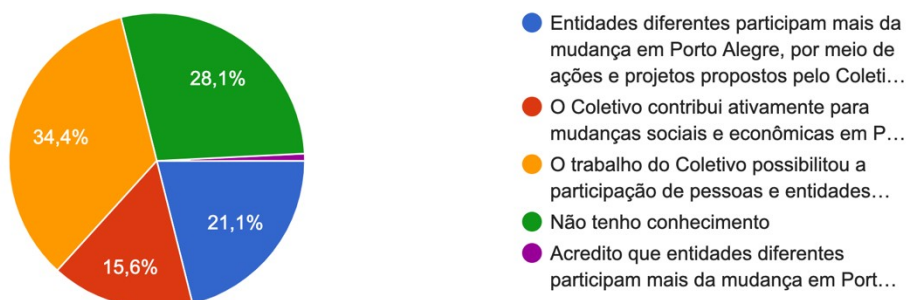
sobre impactos reais do Coletivo em Porto Alegre. Desde que surgiu, o POA Inquieta rapidamente se destacou pelo formato diferente, posteriormente por um contexto favorável à ascensão do uso de ferramentas e canais digitais para todos os fins. Aliado a isso, a própria marca do Coletivo passou a ser um carimbo, um endosso, e uma via de interação entre diferentes na cidade, muitas bolhas sociais têm sido rompidas através das rodas de conversa, mesmo as remotas.

São transformações originais, que mesmo sob crises e ruídos, alcançam pessoas até então incomunicáveis pela não sensibilização diante de suas rotinas e pela distância de realidades, por exemplo, da Microrregião 8 mostrada, em termos de acessos e desenvolvimento socioeconômico. Justifica-se, portanto, captar as percepções sobre o papel do Coletivo em transformações efetivas na cidade de Porto Alegre.

Gráfico 28 – contribuição para o fluxo de informações POA Inquieta

Como você avalia as contribuições do Poa Inquieta nas transformações de Porto Alegre?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Destacam-se aqui aspectos referentes à dinâmica, articulação, interação e colaboração, justamente sobre a convergência apontada, juntando diferentes entidades e pessoas. Estes pontos em comum reforçam o mérito da iniciativa, a capacidade existente de fazer diferente e eficientemente construir pontes. Pontes que, por exemplo, no exemplo referência do POA Inquieta, Medellín na Colômbia, tornaram a comunicação e o contato entre pessoas “distantes” uma rotina saudável para a melhoria das comunidades daquela cidade. O retorno exposto no gráfico mostra a aplicação real de um princípio do Coletivo: “Pensar diferente, fazer junto”.

À amostra, indagou-se sobre a intensidade em termos de transformações na cidade. Embora sejam julgamentos pessoais, tomando-se como amostra

estatisticamente válida, considerar suas projeções tendem a traduzir o sentimento geral, como tem ocorrido em outros pontos de coleta de dados e análises. Tanto é que em boa parte das respostas há coerência da amostra em reconhecer ainda não estar apta a opinar, ou ainda de maneira consciente atribuir com razoáveis as transformações.

É uma discussão, como tantas outras, que cabe em artigos, ou até em teses específicas analisando pontualmente cada fenômeno dentro do maior, trazido como estudo de caso. Sob o conceito de bolhas sociais, firmado com frequência nessa tese, depreende-se que há perspectivas amplas sobre impactos, porque trabalhos executados e metodologias implementadas atingiram muitos cantos da cidade, enquanto outros ainda esperam por suas vezes. Portanto, considera-se natural a dispersão mostrada no gráfico sobre intensidade das contribuições.

Gráfico 29 – Intensidade de contribuições do POA Inquieta para a cidade.

Como você avalia a intensidade das contribuições do Coletivo nas transformações de Porto Alegre?

128 respostas



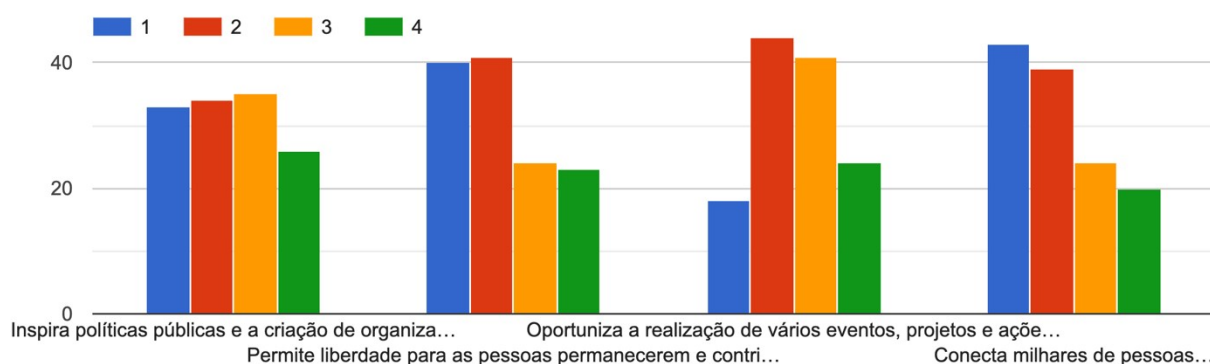
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Ao atribuírem níveis de impactos positivos do Coletivo na cidade, a amostra demonstra realmente a consciência sobre o trajeto percorrido e o quanto ainda é preciso refinar trabalhos e permanecerem ativos. O trânsito inquieto em ambientes díspares dentro de Porto Alegre, por pessoas que em grande maioria jamais pisariam fora de suas regiões, seja por medo, ou insegurança, ou por uma indiferença não proposital gerada pelo desconhecimento, pelo não tangível, pelo não sentido, tem auxiliado em pautas políticas no município e facilitado acessos do poder público via mediação e escuta. Mais uma vez é sintomática a reação à liberdade e participação.

O Coletivo nasceu em formato aberto e orgânico buscando obter apoio natural e contínuo dos que chegassem para agregar, e ao longo dos anos, por motivos já relatados no texto, vários talentos acabaram ficando pelo caminho. Não se desligaram totalmente, continuam ativos em outras frentes e apoiam o POA Inquieta. Apenas demonstram um afastamento seguro de conflitos desnecessários. Porém, tê-los de volta pode representar uma retomada de projetos, e ações necessárias à cidade, dando mais protagonismo ao Coletivo. O destaque dado ao fomento de eventos revela o caminho consolidado na construção de pontes e conexões por Porto Alegre, apesar de ainda não se ter noção do volume de conexões, que certamente foram consolidadas às centenas, mas arriscado projetar a milhares (de pessoas), mesmo sendo possível, muito em razão de ações como os Congressos Populares de Educação para Cidadania.

Gráfico 30 – Fatores de impacto positivo do POA Inquieta para a cidade

A que fatores você atribui os impactos positivos do Coletivo Poa Inquieta? Marque as opções em ordem de importância de 1 a 4, sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante):



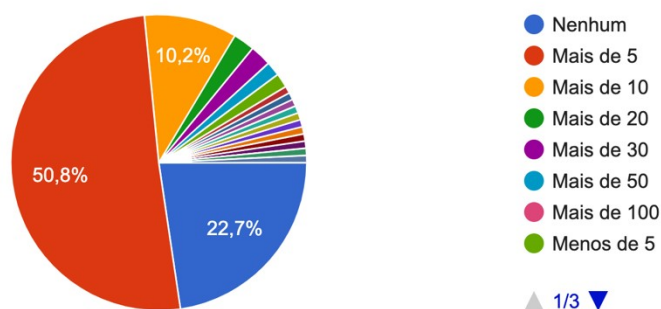
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A realidade de pesquisa é fundamental para embasar discursos. E o fato de os respondentes atribuírem (no gráfico abaixo) em sua maioria conhecimento de uma quantidade de projetos do Coletivo, entre 5 e 10, mostra e reforça a baixa percepção sobre entregas ou ideias consolidadas. Contudo, a pesquisa já apontou a pouca fluidez de comunicação além dos terrenos digitais de cada spin com suas pautas particulares.

Gráfico 31 – Conhecimento sobre projetos do POA Inquieta para a cidade

De quantos projetos desenvolvidos em Porto Alegre (ou que foram inspirados no Poa Inquieta) você tem conhecimento?

128 respostas



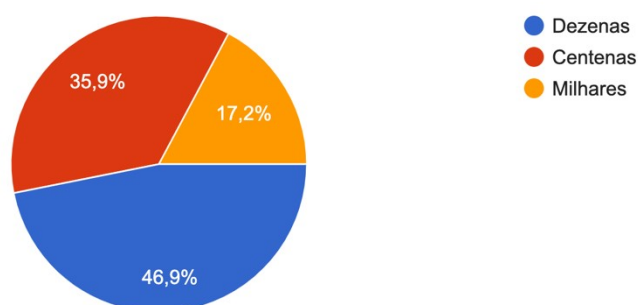
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O conflito entre potencial de impacto e percepção dele é reforçado pela penúltima questão do instrumento de pesquisa. Em seis anos de existência, o POA Inquieta, dentro de suas possibilidades, centralidades, relações, e conversas, mais de quinhentas, provavelmente impactou de maneira subjetiva muitas pessoas. E o que se vê na distribuição na resposta a seguir é a dificuldade em projetar o que fora conquistado em termos políticos e sociais. Parte dessa visão decorre de por vezes a não institucionalização formal do Coletivo demandar associações e parcerias para realização de ações e projetos, especialmente ações, que precisam de recursos financeiros e às vezes estruturais como cessão de espaços públicos e equipamentos do município, onde Este acaba por compartilhar créditos.

Gráfico 32 – Visão sobre impactos de ações e projetos

Quantas pessoas, aproximadamente, você vê impactadas por ações e projetos após o surgimento do POA Inquieta?

128 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Cabe ressaltar ainda que a pergunta abrange tanto projetos quanto ações, sendo projetos atividades iniciadas e em construção e ações atividades iniciadas, geridas e entregues totalmente. Portanto, os 17% de projeção aos milhares alcançados pode se justificar nas respostas, assim como envolvimento em outras entregas a através de parcerias com outros movimentos que tem se agregado ao Coletivo ao longo dos anos enxergando o POA Inquieta como via de acesso.

Com as observações dadas, perspectivas apresentadas, potencialidades, limitações, críticas e autocríticas, chega-se ao ponto final do questionário. Neste momento, os pesquisadores abrem espaço para comentários livres, oportunizando pontos de vista possivelmente não abordados, ainda que em um instrumento tão amplo. Além de metodologicamente ser uma prática positiva, o desejo de dar a liberdade aos pesquisados por parte dos pesquisadores parece ser o fechamento perfeito a um instrumento de análise. O encerramento onde a pessoa pode falar espontaneamente o que ela quiser, sem amarras a uma pergunta ou direcionamento. Inclusive cabe relatar sobre o momento de felicidade vivido após a conclusão do questionário, que fica evidente no texto da questão aberta, um trabalho feito com bastante zelo e atenção. Desde observações mais céticas, passando por ratificações às lacunas de processo e vantagens de estar num grupo tão aberto, até um simples “obrigado”, tudo fez muito sentido, um acabamento digno para a pesquisa.

A questão final e suas respostas seguem abaixo:

Este espaço final é dedicado para você dizer, contar, expor, de coração aberto, sobre algo bom, ruim ou registrar outras observações que você considera importantes e que não tenham sido perguntadas. Entraremos em contato para a devolução dos resultados da pesquisa. Aproveitamos para agradecer muitíssimo pela tua participação!

Tabela 13 – Comentários finais sobre o estudo e o POA Inquieta

Em função de não ter uma participação ativa, fica muito difícil de responder algumas questões. Apesar de tudo, pela movimentação que acompanho, percebo que o grupo está construindo o seu espaço e trazendo contribuições para a cidade.
Acredito no coletivo e na força de cada 7m que consegue se dedicar aos projetos. Parabéns pela pesquisa e iniciativas
A geração de cultura social coletiva, em minha opinião, decorre da estruturação de iniciativas no meio da sociedade, de forma transcendente às pessoas envolvidas; minha experiência em gestão de uma instituição coletiva, sem fins lucrativos, por mais de 12 anos me fez constatar que o investimento na construção de cultura focado essencialmente nas pessoas se perde muito facilmente; há a necessidade de construção estrutural sólida nas instituições, também; no caso da

cidade de Porto Alegre, precisamos de uma consolidação do que é construído nas instituições públicas, independentemente das pessoas da gestão. Um exemplo: trabalhar junto ao orçamento municipal, inclusive na parte legislativa, é imprescindível, penso eu.
Agradeço a oportunidade e tomo a liberdade da reflexão de quanto esta pesquisa possa ser refeita continuamente todo anos para ver a tendência evitando a análise de um corte de tempo. Obrigado
Sou entusiasta do movimento, só tenho orgulho. Gostaria de ter mais tempo para participar mais.
Considero o poa inquieta inovador em todos os sentidos, mas sinto falta de maior presencialidade.
Me parece que a principal contribuição do POAINQUIETA é oportunizar a conexão de pessoas. No entanto isso ocorre de forma orgânica o que é bom, mas tem limites. Um acompanhamento dessas conexões orgânicas na forma de uma curadoria ou um estímulo tático (pontual, sensível e específico) poderia facilitar conexões mais duradouras e críticas. Mas isso é uma sofisticação que não tira o mérito de ações que já estão em curso ou das efetivas contribuições mais suaves, como mudança do "mindset" da participação e cidadania.
Que assim seja...
A integração (como consequência, o desenvolvimento de projetos e ações) poderia ser melhorada a partir de atividades presenciais (rodas de conversa) mais frequentes. Ou achar outras formas de aumentar a participação e engajamento dos integrantes.
Como parceiro de propósito, considero que os aspectos saudáveis do grupo muito aberto, isso talvez seja bom para trazer pessoas num formato Inclusivo como espaço democrático, contudo o engajamento só ocorre qdo há sintonia de propósitos, e isso é o desafio! só será observado no decorrer do tempo, quando as verdadeiras vocações do grupo aflorarem com entregas de Impacto. Mas não creio que possamos "planejar" o sabor do fruto, isso levará um certo tempo... então, a receita é arar a terra, manter os cuidados regando e ser paciente... acreditando que as sementes sejam boas! Pois, se o propósito for genuíno e o propósito verdadeiro, as sementes são boas! Vale cuidar.
Oportunizem para mais pessoas diversas e não centralizem sempre nos mesmos.
Entrei esse ano - pouca contribuição
Definir metas anuais em cada spin
Achei as perguntas difíceis de responder por não ter outras opções para marcar. Muitas não tenho ideia, como a última. Não sei se Porto Alegre de fato foi impactada depois do coletivo ter surgido, pois as ações parecem ser efêmeras. Tenho achado os articuladores muito desmobilizados. E acho muito complicada a situação da comunicação por estar na mão de uma pessoa de difícil trato.
o problema do grupo ode whatts é que discussões que deveriam estar vencidas, voltam com frequência por não haver um alinhamento de conhecimento e informação para pessoas que estão amenos tempo.

Gosto do caráter diverso e aberto do grupo.
De quantos projetos desenvolvidos em Porto Alegre (ou que foram inspirados no Poa Inquieta) você tem conhecimento? Ao responder nenhum devo informar que, de fato, não consigo saber quais projetos desenvolvidos em POA foram, de fato, inspirados no POA Inquieta. Isso ocorre, talvez, por falha na comunicação. Percebo muita movimentação de vários participantes do grupo no WhatsApp, mas não posso afirmar qual o número de projetos na cidade que resultam do coletivo.
Estou totalmente por fora do Coletivo, mas caso tenha sido criado algo no sentido de auxiliar pessoas especiais (termo atual: com deficiência), acometidas por comorbidades, gostaria muito de conhecer, pois participo de um projeto bem interessante na minha empresa, pelo brasil a fora.
O poa inquieta é bom porque tem gente. Mas falta engajamento político radical em defesa do comum e contra o capital. O que estão fazendo em reação a especulação imobiliária? Em relação a valorização do serviço público? Em relação a uma formação crítica política para as eleições? Em relação aos processos neoliberais subjetivos em andamento? Em relação ao processo de uberificação do trabalho? Em relação a espaços de pressão política existentes? Fazem manifestos? Cartas? Falta leitura de Hardt, Negri, Kurz . Mas tudo bem cada grupo é cada grupo, não?
Relatei em outra questão.
Muitos tópicos da pesquisa não apresentam a opção que eu marcaria.
Quero ter tempo e condições de me envolver mais no coletivo
Parabéns pela pesquisa. Certamente vai ajudar a compreender melhor o coletivo e avançar em sua evolução!
Acho que a solução para esse tipo de atividade são estruturas não hierárquicas. Para isso não é bom que pessoas se apropriem do movimento, falando em nome dele. Se a obra é coletiva, ninguém pode representá-la.
Realmente bem interessante responder este questionário, pois me fez pensar na distância que estou com o coletivo. Não sei muito de que forma ser mais atuante.
Sinceramente, desisti de investir no coletivo pois em tentativas de participar fui deixada de lado por não fazer parte do grupo organizador. Não tenho pretensões de ser articuladora do coletivo, mas tenho muito a contribuir e gostaria, mas é difícil achar espaço.
Quando participei inicialmente dos grupos percebi situações de silenciamento de demandas e invalidação de propostas que vão para além da lógica capitalista. Também não vi interesse em projetos internos de fazer-ver as diferenças em categorias como raça/gênero/etnia, que ajudaria muito em pensar projetos com maior impacto social e maior participação de quem precisaria se beneficiar.
Tem sido uma linda experiência!
Parabéns pela iniciativa...buscar dados e relacionar é oportunizar evolução nesse espaço de convivência e relacionamento social.

<p>Sou muito nova no movimento para traçar sugestões que possam render maiores considerações, porém vejo como fundamental que as ações propostas pelo coletivo sejam divulgadas entre todos os Spins e não somente entre aqueles que estão envolvidos nas temáticas. Outra questão que me incomoda é a utilização político partidária do coletivo, por meio de comentários que são pejorativos e ofensivos as pessoas que exercem a gestão pública - temos o direito de discordar, mas as ofensas pessoais não são construtivas - e não vejo nenhuma ação dos coordenadores dos Spins quando essas coisas acontecem, sendo as mesmas pessoas que o fazem.</p>
<p>Inspirador para criar mudanças comportamentais e troca de saberes</p>
<p>Entrei apresentada por minha amiga de Canoas para eu conhecer a realidade da ecologia e sustentabilidade do Rs, assim como as pessoas envolvidas e atuantes nestas áreas, pois admiro e quero participar mais dessas ações, pesquisas e diálogos. Isto foi qdo voltei de Brasília c experiências profissionais diferentes e querendo mudar e atuar mais nessas áreas “inovadoras” e necessárias, tbm abrangendo a saúde, q é minha área</p>
<p>Local de grande respeito a todas as opiniões, isto é fundamental e muito raro.</p>
<p>É conversando que a gente se entende.</p>
<p>Acredito que este projeto tem um propósito inovador na organização de um coletivo, principalmente o coletivo de arte e design, muito ativo e cheio de afetividade, criatividade e ações!</p>
<p>Achei falta de alguns Spins como Poa Inquieta Preta</p>
<p>A entrada no coletivo me proporciona a todo o momento novo conhecimentos, e está alavancando minha carreira profissional.</p>
<p>OBRIGADA</p>
<p>Adorei a iniciativa do questionário, encaminhei por whats as sugestões de aprimoramento dela, avante!!!</p>
<p>O Poa Inquieta é uma excelente iniciativa! Organizar sempre é bom. Mas penso que a informalidade faz parte do processo, engessar demais pode não favorecer.</p>
<p>Vou ficar olhando por enquanto. Mas o coletivo me impactou. Vejo possibilidade real de ações de mudança e desenvolvimento para a sociedade. Penso na possibilidade do coletivo desenhar e executar projetos, mas não sei se não vai de encontro a algum conceito inicial do poa inquieta e tal.. e dá trabalho hehe</p>
<p>Considero o Poa Inquieto um projeto de grande relevância social, inclusivo e fundamental para a evolução do nosso IDH, infelizmente não tenho tido tempo para uma participação mais efetiva, tenho um projeto que gostaria de executar, mas por enquanto não tem sido possível. Sucesso a este magnífico coletivo!</p>
<p>Quero participar mais ativamente, mas a articulação digital não é o meu forte. Tenho acompanhado a realização dos encontros presenciais, mas pela agenda apertada ainda não consegui participar de nenhum. De qualquer forma, a iniciativa dos inquietos é maravilhosa, agregadora e que preza pelo respeito e construção coletiva. Um exemplo a ser seguido em termos</p>

de mobilização e articulação social!
A ideia do Pós Inquieta é muito boa, assim como seus objetivos. Contudo, como acontece em muitos coletivos, há uma concentração em torno de pessoas e/ou ações preferenciais que acabam desestimulando um pouco a participação. Também preciso reconhecer que tenho limitações de tempo e financeiras que acabam inibindo um pouco a minha participação. Fico à disposição. Parabéns e sucesso no desafiador trabalho.
O Poa Inquieta é uma criação muito interessante. Mas vejo que, com o tempo, pessoas que ousam pensar diferente da maioria são expostas e até mesmo desrespeitadas. Mas, infelizmente, isto se vê no mundo hoje.
Acho que o POA Inquieta é o melhor exemplo de Inovação Organizacional dos últimos anos em POA
Nos spins que participo, o POA Inquieta funciona mais como um canal para divulgação de ações e projetos que acontecem nas áreas afins, mas muito pouco é produzido pelo coletivo propriamente, e sim por outras entidades. Também funciona como um canal de notícias e informações sobre os temas de interesse desses spins. Creio que iniciativas do próprio coletivo, desenvolvidas e executadas pelos participantes, seriam uma ótima possibilidade para dar mais solidez ao POA Inquieta.
Enquanto estou fora do país por um período, o Poa Inquieta continua sendo o canal que me mantém conectada às atividades criativas da minha cidade.
Confesso que me sinto envergonhado de não conseguir participar mais efetivamente, mas pretendo mudar isso. O coletivo é uma fortaleza da cidade e deve permanecer atuando como uma voz da população, porém deve sempre procurar a diversidade para que não se torne elitizado onde sempre os mesmos aparecem.
A participação de um coletivo diz muito sobre as relações entre as pessoas, que não são fáceis. Sinto no POA Inquieta, nos spins que participo e que são somente dois, que os articuladores conduzem muito bem, deixando o propósito do coletivo em destaque e sem perder o foco. Acredito que isso faz manter-me nestes grupos.
Deveríamos fazer mais encontros presenciais
Minhas respostas devem ser relativizadas pois não consigo acompanhar o trabalho do Poa.
Sugiro uma reestruturação organizacional do coletivo, nos seguintes aspectos: número de spins, estrutura de governança, estratégias para priorização, monitoramento e comunicação de resultados efetivos de projetos.
Olá, pessoal, pontualmente 3 coisas - 1) Eu gostaria de ser mais estimulado a participar (informações claras e diretas "shorts") 2) Acho que a ideia de "voluntariado" é algo mais que vem "depois" do dinheiro (e aqui ainda me parece distante da "atividade humana" e eu como Educador e "voluntário" creio que minha melhor forma de contribuir é com a minha "atividade humana" e refuto o envolvimento financeiro. 3) Clareza e "Circulo de Ouro", duas cartas que podem ser utilizadas como "Spertrunfo" se utilizadas simultaneamente.

7 DESTAQUES DE PESQUISA E RELATÓRIO FINAL

Os modelos de redes sociais existem desde a pré-história, onde as pessoas se reuniram por uma questão maior de sobrevivência. Com o passar dos séculos, as redes foram se transformando e os interesses variando, se hierarquizando, com maior ou menor distribuição ou centralização. Portanto, do ponto de vista antropológico, o mecanismo de redes acompanha o ser humano e as sociedades desde sua origem.

Na era dita moderna, as sociedades passaram por processos centralizadores de poder, onde alguns se projetavam e exerciam controle sobre outros. E tem sido assim desde então. As chamadas tecnologias sociais começaram a serem incorporadas após o surgimento de artefatos tecnológicos, mas a articulação social de emancipação surgiu antes, com conquistas envolvendo evolução de raças, da inserção das mulheres em participação social, e lentamente coparticipação num processo social decisório, especialmente em nível familiar, base social principal.

Por tanta complexidade, mesmo centrado em um estudo de caso de fenômeno Coletivo em uma cidade do mundo, apenas, ao longo da tese sempre esteve presente a tentativa de conectar raízes antropológicas e sociológicas. Afinal, é natural que qualquer construção possua um histórico, uma linha no tempo, um por quê. Os exemplos sociais de autores tão importantes para Este trabalho como Baran, Simmel, Castells, Lupton e Marres, suportam exatamente o caminho pré e pós tecnologias na vida social. Com as tecnologias, surgem as soluções em escala, e os problemas em proporção semelhante, sendo que esses últimos já se apresentavam escalados pelas relações desiguais historicamente humanas.

Este emaranhado de fenômenos ajudou a compor as relações em redes, que foram propagadas nos anos 60 por Paul Baran nas chamadas “ciências duras” em processos ligados às tecnologias da informação e comunicação (TIC), depois nos anos 90 com mais notoriedade nos estudos sociológicos de Castells. Em meio a estas práticas e estudos das redes, das interações e das relações humanas e urbanidade, a literatura de Simmel foi fundamental, desde seus estudos sobre as cidades e saúde mental das pessoas, com suas interações sociais, sua influência forte nas teorias da escola de Chicago, em conjunto com a teoria social em si e variantes incorporadas também nessa tese, teoria ator-rede e das redes, por exemplo.

A conexão popularizada na virada deste século, somada às desigualdades vigentes, relações de poder entre norte e sul global, com ainda o próprio despreparo social em lidar com tanta rapidez e escalabilidade, sob alterações constantes do ponto de vista político administrativo, traz à academia campo vasto de estudos na esfera sociológica. E, bem recentemente, o deslumbre humano com o avanço da Inteligência Artificial (IA), oportuniza mais habilidade e coerência por parte dos pesquisadores, porque quase tudo está indexado na Internet, e a “originalidade acadêmica” parece ameaçada. Ao longo dessa tese, em leituras, consultas e coletas, o autor constatou que boa parte da originalidade de estudos pode estar justamente em estudos de caso (nas ciências sociais especialmente) envolvendo iniciativas sociais, com suas peculiaridades, debates e conflitos humanos, naturais da convivência com novas realidades, sem conseguir superar totalmente situações problemáticas existentes. Tal subjetividade parece ainda distante do aprendizado de máquinas, o que para a pesquisa social tende a uma diferenciação positiva, e passe livre na transdisciplinaridade.

Tal afirmação advém de vários testes feitos junto ao Chat GPT para uso de informações relevantes ao presente estudo. Ele, o Chat GPT, está ainda limitado aos conteúdos prontos, que para sistematizações teóricas, por exemplo, representa uma ameaça às fraudes. No entanto, para estudos de caso, metodologia tão social, os robôs ainda não superam os pesquisadores. A tecnologia permite construção de ferramentas pelas quais a operação em si de uma pesquisa se torna muito mais confortável, dando mais tempo ao pesquisador para o pensamento, para a análise, o que realmente se espera, da prática acadêmica.

Talvez o tempo disponível para o pensamento crítico tenha permitido a elaboração do instrumento de pesquisa para investigar o Coletivo POA Inquieta, na cidade de Porto Alegre, nascido de uma plataforma de conversas digitais, um exemplo do sul global, inspirado em outro não digital, mas eficiente, o de Medellín, em sua retomada social com visão de longo prazo. Ambas as realidades imperfeitas, mas com perspectivas a partir da articulação de vários agentes.

O estudo identificou um processo de mudança no formato de redes em relação ao Coletivo, tratado e tipificado muito mais como ação coletiva em razão dos formatos em projetos e ações. No início a característica era de uma rede centralizada, dependente do grupo original de WhatsApp, o spin raiz. Assim se tinha a limitação de idas e vindas sempre ao grupo original para que se pudesse atingir outros “nós” e suas ligações com outras redes. A partir da criação de outros grupos de WhatsApp,

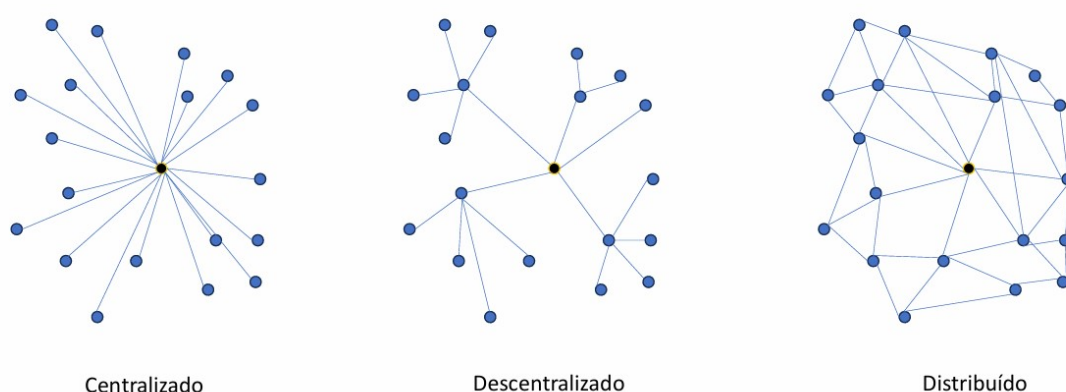
os spin offs mais tarde tratados apenas como spins, a rede do Coletivo vai adquirindo um corpo descentralizado, minimizando a dependência da figura de seu principal fundador, Cesar Paz, mas ainda preso à sua figura (nó forte) em muitos processos, principalmente junto a entidades da iniciativa Pacto Alegre. De certa forma, positiva a descentralização, em razão da dependência ainda da liderança junto às entidades, geraram enfraquecimento da grande ação coletiva. Além do vínculo forte de liderança e representatividade dela, houve a pandemia que provocou distanciamento físico das rodas de conversa, tão necessárias à transformação de acordo com ações citadas ao longo do trabalho.

O maior desafio do Coletivo hoje é reforçar as redes distribuídas dentro do Coletivo através de boa governança e gestão da informação para organização e priorização de pautas de transformação cidadã efetiva em Porto Alegre. Desta maneira se reduz minimamente a dependência da figura central de fundadores, ao mesmo tempo que se fortalecem pequenos núcleos que colaborativamente unem seus nós e reforçam quando necessário por objetivos comuns, em corpos menores, mais ágeis e menos suscetíveis a impactos que fragilizem o todo.

Para ilustrar o argumento, resgata-se o Diagrama de Paul Baran:

Figura 8 – Diagrama de redes de Paul Baran (1964)

Diagrama de Paul Baran



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Através da lente sociológica digital de Lupton (2015), foram identificadas 2 tipologias bem presentes no estudo de caso: Análises da tecnologia digital em uso e crítica sociológica digital a partir da vivência das pessoas em ação coletiva com mediação digital, alterando seus comportamentos.

E 6 categorias puderam ser extraídas das falas das entrevistas e respostas ao questionário:

- Dinâmica e articulação;
- Interação e colaboração;
- Transformação individual e coletiva;
- Comunicação sociodigital;
- Política;
- Sustentabilidade.

A jornada de pesquisa, em rodas de conversa, acontecimentos políticos e ambientais na cidade, procedimentos durante a pandemia, observação de comportamentos das pessoas dentro e fora do Coletivo, embasaram o conceito de bolhas sociais para base de estudos e entendimento sobre comportamentos variados no encontro e descoberta entre pessoas que passaram a terem contato umas com as outras, dentro da realidade abissal e desigual do Brasil, particularmente, Porto Alegre.

O tópico seguinte inserido nesse relatório final traz uma descoberta de corrente de análises e observações de campo, e o atrevimento de pesquisa esperado de um doutorado stricto sensu.

7.1 BOLHAS SOCIAIS A PARTIR DA AMOSTRA EMBASADA

A estratificação digital demonstrada aqui mostra processo social de transformação a partir de individualidades até se tornarem esforços coletivos consistentes, ou não. O autor destaca vivência de campo em Coletivo social desde 2018, passando pelos difíceis anos de pandemia no Brasil e posteriormente com a consolidação de hábitos digitais, como um legado pandêmico, um aprendizado sobre sobrevivência social, onde se criaram e desenvolveram ferramentas. A observação de campo fez emergir uma nova visão sociológica do conceito de bolhas sociais, além das digitais, que dizem respeito ao aprisionamento algorítmico dos indivíduos em realidades simuladas de acordo com cada rotina de navegação na Internet. Portanto, encontrando na sociologia digital a pauta ideal e endosso aos estudos feitos e contínuos.

7.1.1 Indivíduos e redes

Resgata-se aqui Simmel (1983;1986), a sociedade é a soma de indivíduos em interação. A interação ocorre entre indivíduos, de maneira genuína e direta. E, parte de duas premissas, o conteúdo e a forma. Por conteúdo se entende algo intrínseco, que parte do próprio indivíduo, com potencial de influência em outras pessoas. Ocorre que o conteúdo apenas é insuficiente para a interação, que depende de sua união à forma de se passar este conteúdo, seja por conversas, gestos ou expressões variadas (VANDENBERGHE, 2019).

E diante desta leitura sociológica, tende-se a crer que a interação por si só caracteriza o ato de sociabilidade, onde se vai mais a fundo analisando os vínculos reais, evitando possíveis vieses estéticos (LEVINE, 2015). Porém, a sociabilidade envolve uma autonomia em relação à realidade factual. Um exemplo desta característica é praticar alguma atividade que gere interação com outros indivíduos, mas que ao mesmo tempo fuja de uma realidade que os rodeia, de maneira autônoma. Um exemplo que mostra a lente de Simmel e seu método de recortar fenômenos, examinar suas multiplicidades e possibilidades, explicando suas respectivas coerências (LEVINE, 1971).

7.1.2 Bolhas sociais, ampliando o conceito

A vivência empírica do autor em diferentes tecidos sociais, especialmente em iniciativas coletivas de indivíduos e grupos com suas perspectivas e visões de mundo, país e cidade onde vivem, traz à tona a necessidade de refino sobre o conceito de bolhas sociais. Em uma abordagem de restrições impostas pelo período de pandemia do vírus SARS-CoV-2, e propagado pelo governo neozelandês, as bolhas sociais caracterizaram delimitações entre áreas das cidades deste país. Assim, com as áreas separadas, grupos de pessoas conviviam entre si, podendo deixar suas casas e interagirem, tendo maior certeza de não contaminação, uma vez que a bolha geográfica lhes protegeria de novos contaminados, porque esses não podiam adentrar suas bolhas.

Enquanto as bolhas digitais representam um aprisionamento de realidades em razão das opções de navegação e gostos das pessoas em seus acessos à rede de Internet e respectivas plataformas de interesse, as bolhas sociais expandem e

dilatam abordagens privilegiando a subjetividade humana de suas relações familiares, sociais, políticas e econômicas.

Sob o ponto de vista sociológico, há na literatura o tratamento do conceito de bolhas sociais, explícito ou não, como instrumento de isolamento, redes, aspectos comportamentais e segregação social. Bourdieu (1986) já esboçava dinâmicas sociais segregadoras das redes sociais a partir de análises sobre diferentes tipos de capital: social, cultural e econômico. Wacquant (2007) analisa a exclusão e limite de interações sociais desde a divisão entre comunidades marginais e abastadas, explicitando a desigualdade e falta de oportunidades.

Em proximidade com um lado mais construtivo das redes, Granovetter (1973) aborda aspectos como confiança e vínculo social. Destes estudos surgem os conceitos de laços fortes (grupos homogêneos com forte vínculo de interesses) e laços fracos (conexão de pessoas diferentes, sem relação de vínculo). Putnam (2000) já traz uma visão mais contemporânea de sociedade, ampliando Granovetter ao enxergar a segmentação social, limitando interações culturais.

Numa dimensão mais, diga-se, digital política, Sunstein (2001) fala sobre bolhas cognitivas, mostrando comportamentos e segmentação de grupos políticos e sociais, remetendo até a um cenário muito atual, sobre polarizações e radicalizações. De maneira semelhante, as discussões e pesquisas de outros autores abordam divisões, subdivisões e demarcações entre grupos com maior ou menor interesses comum (TILLY, 2005). As relações através das redes descritas por Castells (1996) trazem o elemento da comunicação com a tecnologia num processo de reorganização social por meio de novas relações sociais formando grupos de interesses moldados por lógicas peculiares e particulares.

Talvez pela realidade do sul global, a literatura nacional trate fortemente das relações segregadoras em razão do cenário desigual e abissal da sociedade brasileira. Como no caso de Lima (2014), explicitando como comunidades periféricas permanecem segregadas fisicamente e socialmente por suas situações econômicas desfavoráveis e falta de acesso, um isolamento em bolhas portanto. Já Gohn (2010) exalta o surgimento e organização de movimentos sociais em prol da construção de espaços que autora chama de resistência a uma segregação imposta pela desigualdade vigente.

As relações sociais múltiplas, segundo Schütz (1945; 2019), derivam da experiência originária da totalidade do self do outro na comunidade do tempo e do espaço. E diz ainda que qualquer análise teórica da noção de “ambiente” - um dos

termos menos clarificados usados nas ciências sociais atuais - teria que começar a partir da relação face a face como uma estrutura básica do mundo da vida cotidiana.

Este estudo do “self”, o intrínseco que pode ou não convergir com um outro indivíduo, sendo inteiro ou parcial, em uma abordagem sociológica chama a atenção para a comunicação mais fluida ou não entre pessoas, numa Co presença e uma parceria. A leitura de Schütz remete aos construtos sociais e de sociabilidade, bem como extrapola os limites das ciências sociais. Comunicação e Co presença para entendimento em diálogos e contatos, envolvem construtos relativos ao compartilhamento, colaboração, confiança e ao próprio self (BELK, 1988).

Ainda sob o arcabouço sociológico de Schütz (1945;2019), é citada a questão temporal, o tempo de vida, o tempo histórico, que faz conexão com o passado e o momento atual. Pode haver sobreposição ou interposição nesta temporalidade, o que este autor chama de “movimento de cavaleiro”, em uma alusão ao movimento da respectiva peça em um jogo de xadrez. Assim como o tempo, e as formas, existem os ambientes em que as múltiplas realidades se encontram e se comunicam.

Os movimentos e perspectivas acima conversam construtivamente com as dinâmicas de Simmel (1983;1986) e demais materiais sobre sociedade, sociabilidade e interação, e convidam à ampliação do contexto teórico, especialmente ao se contemplar o raciocínio de comunidades como possíveis conjuntos de relações e interações, além do próprio sentido colaborativo das redes. Simmel ainda acrescenta, sobre a sociedade, que há duas evidências: uma puxada para modelos de influência, chamativos e extravagantes, conduzindo comportamentos; e modelos mais apáticos como os militares, relações diferentes sobre individualidades, elevadas. Porém, em grupo com diferenciações mais fortes que em outros meios, sendo estas mais fortes.

O que se consolida após observação da literatura e empiria é que enquanto conceito, bolhas sociais têm sido tratadas como algo fabricado, induzido, ou provocado de maneira proposital por uma parcela social dotada de maior acesso e poder, resguardando-se em suas propostas bolhas geográficas, econômicas e sociais de uma população não apta à participação em suas dinâmicas de grupos.

Após a abertura e popularização da comunicação digital e a chamada Internet 3.0, onde as pessoas com acesso à rede tem capacidade de produzir conteúdo de forma ilimitada, para si, para seus grupos de interesse e, pela primeira vez, escalar conteúdos em nível global, tem-se novos paradigmas morais e éticos. A pesquisa

ganha novas ferramentas, a interação parece não encontrar mais limites, e novas dinâmicas são colocadas à prova para degustação entre as pessoas em diferentes ambientes, nos quais supostamente antes da larga conexão, indivíduos não entrariam ou estariam, pelas delimitações espaciais e geográficas antes impostas direta ou indiretamente pelos desníveis socioeconômicos e categorizações sociais.

Além da defesa por aprofundamentos de estudos das ciências sociais e sociológicos levando em consideração os aspectos sociodigitais e seus caminhos de pesquisa, julga-se necessário provocar o leitor a refletir sobre uma leitura a mais sobre o conceito de bolhas sociais.

A literatura mencionada ao longo desse tópico, mesmo as mais atuais tratando do construto sociologia digital, falam sobre grupos de interesse, abordam segregação social, exclusão, limites cognitivos, segmentações sociais de diferentes tecidos, privilégios de grupos sociais e políticos. Porém, a menção à terminologia das “bolhas” vem sempre atrelada a grupos fechados e excludentes.

Embora o termo “bolha social” não seja amplamente utilizado, muitos estudiosos abordam fenômenos semelhantes, relacionados à segregação e à criação de fronteiras sociais. No contexto brasileiro, essas bolhas sociais se refletem nas desigualdades socioeconômicas, raciais e de gênero, além de se estenderem às dinâmicas digitais, criando um ambiente ainda mais fragmentado.

O estudo mais aprofundado destes grupos, independentemente de serem ou não periféricos, pode trazer conhecimento novo e saídas para novos caminhos sociais, pelo fio condutor sociodigital, mais descentralizado, formatável, e sim, mais democrático, a partir do ponto em que o acesso se tornou plural. Diferentes regiões de uma mesma cidade podem conter grupos de interesse comum, podendo ainda constatar que as bolhas sociais talvez sejam mais bem tratadas como fenômenos de realidades construídas a partir dos vínculos sociais naturais colocados a todo indivíduo desde o seu nascimento, no convívio em família e pessoas mais próximas, habitando determinada realidade geográfica e social.

A provocação está em entender a gênese de cada tecido social, suas características desde a formação, passando pelo processo educacional, pelo convívio de suas bolhas, com amigos próximos, agentes e estímulos de todas as ordens que cercam cada uma. Pessoas que nascem, crescem, e se desenvolvem a partir de determinadas perspectivas de possibilidades pessoais e do próprio contexto temporal em que vivem. Investigações em andamento do próprio autor já mostraram sinais de que o interesse colaborativo, criativo e político e socialmente justo pode

nascer e emergir em camadas sociais mais privilegiadas, sem o viés usual do próprio meio, mostrando que há poder disponível e conectado para a busca de soluções socioeconômicas sustentáveis. Enxergar-se e estudar-se diferentes bolhas pode contribuir firmemente para tais conquistas. Endossando tal perspectiva, há uma frase representativa da essência do objeto desse estudo de caso que insiste em “furar bolhas”: pensar diferente, fazer junto. É sobre isso que o intenso trabalho de pesquisa se debruça, na inclusão, na escuta, na ação, na cidadania, na transformação, na diversidade, e na convergência, uma vida melhor na cidade.

7.4 DAQUI PARA FRENTE

Este estudo de caso tem recorte até o ano de 2023. Como o Coletivo saindo da pandemia tem retomado ações e estado em frequente movimento interno e externo, sugere-se a continuidade de estudos do mesmo caso, pelas categorias identificadas, para mergulho ainda mais profundo, adaptando instrumento de pesquisa construído a cada mergulho teórico empírico. Da mesma forma, crê-se e recomenda-se estudo de práticas colaborativas entre coletivos e ações coletivas, como a convergência entre a marca POA Inquieta e o Coletivo Ponta Cidadania. Ambos em atividade e adeptos das redes digitais e da presencialidade transformadora. A circulação de dados gerados constantemente pode fomentar mais e mais a participação popular junto às esferas decisórias das cidades. Se a vida digital e exponencial parece inevitável, que a sociedade possa desfrutá-la com equilíbrio, participação, cidadania, e dignidade social.

REFERÊNCIAS

- ABERS, R. N.; SERAFIM, L.; TATAGIBA, L. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo- a experiência na era Lula. **Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.
- ABERS, R.; BÜLOW, M. U. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre estado e sociedade? **Sociologias**, v. 13, n. 28, p. 52-84, 2011.
- ABERS, R.; BÜLOW, M. VON. Agir, interpretar, imaginar: movimentos sociais frente à pandemia. **Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP)**, p. 19-23, out. 2020.
- ALEXANDER, J. **Ciudadano y enemigo como clasificación simbólica**: sobre el discurso polarizador de la sociedad civil. Sociología cultural. Formas de clasificación en las sociedades complejas. Editado por J. Alexander. México: Anthropos, 2000.
- ALONSO, A.; BOTELHO, A. Repertórios de ação coletiva e confrontos políticos: entrevista com Sidney Tarrow. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 11-19, 2012.
- ALVES, F. *et al.* A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 2013-07, 2013.
- BACK, L. Live sociology: social research and its futures. **Sociological Review**, v. 60, n. SUPPL. 1, p. 18-39, 2012.
- BAERT, P.; CARREIRA DA SILVA, F. **La teoria sociale contemporanea**, il Mulino. Bologna, 2002.
- BARAN, P. On distributed communications networks. **IEEE transactions on Communications Systems**, v. 12, n. 1, p. 1-9, 1964.
- BARNES, S. J.; MATTSSON, J. Understanding current and future issues in collaborative consumption: a four-stage Delphi study. [S./]: **Technological Forecasting and Social Change**, 2016.
- BAUMARD, N.; ANDRÉ, J.; SPERBER, D. A mutualistic approach to morality: the evolution of fairness by partner choice. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 36, n. 01, p. 59-78, 2013.
- BELK, R. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, v. 15, p. 139-168, 1988.
- BELK, R. The comfort of things. **Journal of Consumer Culture**, v. 9, n. 2, p. 297-299, jul. 2009.
- BELK, R.; JOIREMAN, J.; DURANTE, K. Extended self and the digital world. **Current Opinion in Psychology**, v. 10, p. 50-54, 2016.

BELL, D. Welcome to the post-industrial society. **Physics today**, v. 29, n. 2, p. 46-49, 1976.

BERNARDES, F.; BARBOSA, C. Movimentos sociais na era da Internet: por todas as formas de ativismo. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 1, p. 6, 2018.

BERNERS-LEE, T. **It's time to recognise internet access as a human right**. 2020.

BEZERRA, H. D. Atores políticos, informação e democracia. **Opinio Publica**, v. 14, n. 2, p. 414-431, 2008.

BIJKER, W. E.; LATOUR, B. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society**. [S.l.: s.n.]. v. 29

BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **What's mine is yours**. London: Collins, 2010.

BÜLOW, M. V. **Internet & política: tecnologias digitais e seus impactos no ativismo e na democracia**, p. 1-9, 2021.

CAPELLA, A. C. N. Análise de políticas públicas: da técnica às ideias. **Revista Agenda Política**, v. 3, p. 239-258, 2015.

CARLOS, E. Contribuições da análise de redes sociais às teorias de movimentos sociais. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 39, p. 153-166, 2011.

Castells, M. **The rise of the network society**. Oxford: Blackwell, 2000.

CASTELLS, M. A network theory of power. **International Journal of Communication**, v. 5, n. 1, p. 773-787, 2011.

CASTELLS, M. La era de la informacion. Prólogo la red y el yo. **Economia sociedad y cultura**, v. 1, p. 1–18, 1996.

CASTELLS, M. **The information age: the rise of the network society**. Cambridge, MA and Oxford: Blackwell, 1996. v. 1.

CASTELLS, M. Toward a sociology of the network society. **Contemporary Sociology**, v. 29, n. 5, p. 693, set. 2000.

CAYRES, D. Ativismo institucional e interações estado-movimentos sociais. **BIB**, n.82, p.81-104. 2017.

CLEMENS, E. S. **Repertórios organizacionais e mudança**. v. 98, p. 161-218, 1977.

COLEMAN, J. S. and a Theory of action. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 6, p. 1309-1336, 1986.

COOPER, D.; MORGAN, W. Case study research in accounting. **Accounting horizons**, v. 22, n. 2, p. 159-178, 2008.

CORRÊA, F. **Poder e participação**. São Paulo: Plural, 2012.

COSTA, F.; AUGUSTO, F.; KATO, D. S. **A teoria ator-rede em uma sequência didática para discussão do tema ecossistemas e suas transformações**, p. 165-88, 2020.

DALKEY, N. C. **The Delphi method**. California: Rand Corporation Santa Monica, 1967.

DAVIDSON, P. *et al.* Voices from practice: mental health nurses identify research priorities. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 11, n. 6, p. 340-345, 1997.

DE MIGUEL, C.; MANZANO, B.; MARTIN-MORENO, J. Oil shocks and the business cycle in Europe. **Economic modelling of climate change and energy policies**, p. 180, 2006.

DE MORAES, D. O capital da mídia na lógica da globalização. C-Legenda - **Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, n. 06, 2003.

DUNHAM, I. M. Big Data: A revolution that will transform how we live, work, and think. **The AAG Review of Books**, v. 3, n. 1, p. 19-21, 2015.

DUNN, W. N. **Social network theory**, p. 453-461, 1977.

ELIAS, E. M. C. A pujança dos movimentos sociais: do império à formação através das redes sociais virtuais no Brasil atual. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 107-126, 2016.

ELLIOTT, A. **Social theory book**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2009.

FARFÁN, R. El debate sobre el comunitarismo desde la perspectiva de la teoría social. La contribución sociológica de Tönnies. **Sociológica**, n. 34, 1998.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.

FELTRAN, G. DE S. Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, n. 79, p. 201-233, 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANÇA, J. Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade. **Revista do Programa de Pósgraduação em Sociologia da UFPE**, 2006.

FRANZOI, L.; DE MORAIS, M. Redemocratização do Brasil. **JICEX**, v. 4, n. 4, 2014

FREITAS, C.; FERRARINI, A. Delphi como alternativa metodológica de pesquisa em ciências sociais: uma experiência sobre consumo colaborativo. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 49, p. 46-62, 2021.

GAIGER, G. **A Reciprocidade e os coletivos de auto-organização da vida comum** : uma resposta ao capitalismo de crise, v. 13, p. 3-24, 2020.

GALLIERS, R. D. *et al.* Datification and its human, organizational and societal effects: the strategic opportunities and challenges of algorithmic decision-making. **Journal of Strategic Information Systems**, v. 26, n. 3, p. 185-190, 2017.

GERTLER, P. *et al.* **Avaliação de impacto na prática: por que avaliar?** [S. l.: s. n.], 2018. v. 1.

GIDDENS, A. **Teoria social hoje**. [S. l.], Unesp, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M.; GOMES FILHO, H. **Internet and social participation in urban policies**: internet y participación. 2013.

GOODMAN, C. The Delphi technique: a critique. **Journal of advanced nursing**, v. 12, n. 6, p. 729-734, 1987.

GOTTDIENER, M. New urban sociology. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Urban and Regional Studies**, p. 1-5, 2019.

GOTTEMS, L. B. D. *et al.* Kingdon's multiple stream model used to analyze health policies: Applicability, contribution and limits. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 511-520, 2013.

GRANOVETTER, M. the_strength_of_weak_ties_and_exch_w-gans.pdf. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

GREEN, B. *et al.* Applying the Delphi technique in a study of GPs' information requirements. **Health & social care in the community**, v. 7, n. 3, p. 198-205, 1999.

GREEN, H.; HUNTER, C.; MOORE, B. Assessing the environmental impact of tourism development: use of the Delphi technique. **Tourism Management**, v. 11, n. 2, p. 111-120, 1990.

HAM, C; HILL, M. **O processo de elaboração de políticas no estado capitalista moderno**. Tradução: Renato Amorim e Renato Dagnino e Adaptação e Revisão: Renato Dagnino. Campinas, [s.n.], 1993. v. 2.

HASSON, F.; KEENEY, S. Enhancing rigour in the Delphi technique research. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 78, n. 9, p. 1695-1704, 2011.

HASSON, F.; KEENEY, S.; MCKENNA, Hugh. Research guidelines for the Delphi survey technique. **Journal of Advanced Nursing**, v. 32, n. 4, p. 1008-1015, 2000.

HEIDER, F. **The psychology of interpersonal relations**. [S.l.]: Wiley, 1958.

HEIKO, A. Consensus measurement in Delphi studies: review and implications for future quality assurance. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 79, n. 8, p. 1525-1536, 2012.

HOWISON, J.; WIGGINS, A.; CROWSTON, K. Journal of the association for information systems validity issues in the use of social network analysis with digital trace data validity issues in the use of social network analysis with digital trace data. **Journal of the Association for Information Systems**, v. 12, n. 12, p. 767-797, 2011.

HSU, C.; SANDFORD, B. The Delphi technique: making sense of consensus. **Practical Assessment, Research & Evaluation**, v. 12, n. 10, p. 1-8, 2007.

HUNG, H. L.; ALTSCHULD, J. W.; LEE, Y. F. Methodological and conceptual issues confronting a cross-country Delphi study of educational program evaluation. **Evaluation and Program Planning**, v. 31, n. 2, p. 191-198, 2008.

JIN, E. M.; GIRVAN, M.; NEWMAN, M. E. J. Structure of growing social networks. **Physical Review E - Statistical Physics, Plasmas, Fluids, and Related Interdisciplinary Topics**, v. 64, n. 4, p. 8, 2001.

JONES, E.; GAVENTA, J. Concepts of citizenship: A review. **IDS Development Bibliography**, v. 19, p. 1-72, 2002.

KATEMBERA; SERGE. Edição Dossiê Política, Democracia e Contestação. Participação e recompensas simbólicas no jornalismo digital: o caso da plataforma de blogueiros Mondoblog 1. **Revista Abordagens, João Pessoa**, v.3, n.1, jan./jun p. 93–113, 2021.

KAUFMANN, P. R. Integrating factor analysis and the Delphi method in scenario development: a case study of Dalmatia, Croatia. **Applied Geography**, v. 71, p. 56-68, 2016.

KEENEY, S.; HASSON, F.; MCKENNA, H. P. A critical review of the Delphi technique as a research methodology for nursing. **International journal of nursing studies**, v. 38, n. 2, p. 195-200, 2001.

KINGDON, W. J. **Epilogue**: agendas, alternatives and public policies. p. 231–247, 2011.

KLEINEBERG, K.-K. *et al.* Digital ecology: coexistence and domination among interacting networks. **Scientific Reports**, v. 5, p. 10268, 19 maio 2015.

LANDETA, J. Current validity of the Delphi method in social sciences. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 73, n. 5, p. 467-482, 2006.

LANIER, C.; SCHAU, H. Culture and co-creation: exploring consumers' inspirations and aspirations for writing and posting on-line fan fiction. **Research in Consumer Behavior**, v. 11, p. 321, 2007.

LASRADO, A.; LUGMAYR, A. Crowdfunding in Finland: a new alternative disruptive funding instrument for businesses. In: Proceedings of International Conference on Making Sense of Converging Media. **ACM**, p. 194, 2013.

LASSWELL, H. D. The immediate future of research policy and method in political science. **American Political Science Review**, v. 45, n. 1, p. 133-142, 1951.

LATOUR, B. Morality and technology: the end of the means. **Theory, Culture and Society**, v. 19, n. 5-6, 2002.

LAVALLE, A. G. **Movimentos sociais e institucionalização políticas sociais , raça e gênero no Brasil pós-transição.** [S.l.: s.n.].

LEE, D.; SHIN, J.; LEE, S. Network management in the era of convergence: focusing on application-based quality assessment of internet access service. **Telecommunications Policy**, v. 39, n. 8, p. 705-716, 2015.

LEE, S. *et al.* Forecasting mobile broadband traffic: application of scenario analysis and Delphi method. **Expert Systems with Applications**, v. 44, p. 126-137, 2016.

LEE, Y. F.; ALTSCHULD, J. W.; HUNG, H. Practices and challenges in educational program evaluation in the Asia-Pacific region: results of a Delphi study. **Evaluation and Program Planning**, v. 31, n. 4, p. 368-375, 2008.

LEVINE, D. N. Georg Simmel: on individuality and social forms: selected writings. **University of Chicago Press**, 1971.

LEVINE, D. Revisitando Georg Simmel. **Sociologia & Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 31-52, 2015.

LIMA, A. **Dataficação da vida.** v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021.

LINSTONE, H.; TUROFF, M. Delphi: a brief look backward and forward. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 78, n. 9, p. 1712-1719, 2011.

LINSTONE, H.; TUROFF, M. **The Delphi method: techniques and applications.** Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.

LIU, W. *et al.* Social Network Theory. **The International Encyclopedia of Media Effects**, p. 1-12, 2017.

LOUGHLIN, K.G.; MOREE, L.F. Using Delphi to achieve congruent objectives and activities in a pediatric department. **Medical Educ.**, v. 54, n. 2, p. 101-106, 1979.

LUDWIG, B. Predicting the future: have you considered using the Delphi methodology? **Journal of extension**, 1997.

LUPTON, D. Critical perspectives on digital health technologies. **Sociology compass**, v. 8, n. 12, p. 1344-1359, 2012.

LUPTON, D. "Better understanding about what's going on": young australians use of digital technologies for health and fitness. **Sport, Education and Society**, v. 25, n. 1, p. 1-13, 2020.

LUPTON, D. Digital risk society. **The Routledge Handbook of Risk Studies**, p. 301-309, 2016.

LUPTON, D. **Digital Sociology.** 1. ed. New York: Routledge, 2014.

LUPTON, D. Introducing digital sociology. **Introduction: the digital age**. n. July, p. 1-16, 2013.

MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, n. 18, p. 248-285, 2007.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo. São Paulo: Florence Universitária, 2006.

MARIOTTI, H. **Complexidade e pensamento complexo**: desafios actuais. p. 727-731, 2007.

MARQUES, E. C. L. Notes on networks, the state, and public policies. **Cadernos de Saude Publica**, v. 35, p. 1-11, 2019.

MARRES, N. **Digital sociology**: the reinvention of social research. [S./]: John Wiley & Sons, 2017.

MCKENNA, Hugh P. The Delphi technique: a worthwhile research approach for nursing? **Journal of advanced nursing**, v. 19, n. 6, p. 1221-1225, 1994.

MEDEIROS, L. S. DE. Os movimentos sociais como campo de pesquisa nas ciências humanas. **Mundos do Trabalho**, v. 4, n. 7, p. 7-31, 2012.

MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. D. F. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, v. 6, n. 12, 2018.

MISOCZKY, M. C. Abordagem de redes no estudo de movimentos sociais: entre o modelo e a metáfora. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 5, p. 1147-1180, 2009.

MONEY, Arthur H.; BABIN, Barry; SAMOUEL, Phillip. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005, p. 237.

MORONARI, D. Trabalho, educação e família: questões e direitos femininos em debate na constituinte de 1934. Dissertação (Mestrado em Economia Familiar) – Programa de Pós-Graduação em Economia Familiar, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

MUCIO MARQUES, K. C.; CAMACHO, R. R.; DE ALCANTARA, C. C. V. Assessment of the methodological rigor of case studies in the field of management accounting published in journals in Brazil. **Revista Contabilidade e Financas**, v. 26, n. 67, p. 27-42, 2015.

MUTZENBERG, R. Conhecimento sobre ação coletiva e movimentos sociais: pontos para uma análise dos protestos sociais em África. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 2, p. 415-447, 2015.

NASCIMENTO, L. **Sociologia digital**: uma breve introdução. [S./]: EDUFBA, 2020.

NEWMAN, M. E. J. Analysis of weighted networks. **Physical Review E - Statistical Physics, Plasmas, Fluids, and Related Interdisciplinary Topics**, v. 70, n. 5, p. 9, 2004.

NEWMAN, M. E. J. The structure and function of networks. **Computer Physics Communications**, v. 147, n. 1-2, p. 40-45, 2002.

NEWMAN, M. E. J.; PARK, J. Why social networks are different from other types of networks. **Physical Review E - Statistical Physics, Plasmas, Fluids, and Related Interdisciplinary Topics**, v. 68, n. 3, p. 8, 2003.

NUNES, N. *et al.* Ação coletiva à escala individual e local: perfis e retratos sociológicos. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 81, p. 95-113, 2016.

OLIVEIRA, J. P. DE. Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 325-332, 2008.

OLIVEIRA; DOWBOR. **Autonomia de Movimentos Sociais**, [S.l. : s.n.], 2020.

ORLIKOWSKI, W. J.; IACONO, C. S. Research commentary: desperately seeking the “IT” in IT research - a call to theorizing the IT artifact. **Information systems research**, v. 12, n. 2, p. 121-134, 2001.

PANG, N.; GOH, D. P. C. Are we all here for the same purpose? Social media and individualized collective action. **Online Information Review**, v. 40, n. 4, p. 544-559, 2016.

PARÉ, G. *et al.* A systematic assessment of rigor in information systems ranking-type Delphi studies. **Information & Management**, v. 50, n. 5, p. 207-217, 2013.

PASSOS, C. Construção de consenso e participação social: um caminho para a cidadania plena. **Revista Controle - doutrina e artigos**, v. 9, n. 1, p. 155-169, 2011.

PIRES, R.; VAZ, A. **Participação social como método de governo?: um mapeamento das “interfaces socioestatais” nos programas federais.**[S.l.: s.n.], 2012.

POWELL, S. Network of Innovators. *In*: FAGERBERG, J.; MOWERY, D.; *et al.* **The Oxford handbook of innovation**. [S.l.]: Oxford: **Oxford University Press**, 2005. p. 56–85.

POZZEBON, M.; DINIZ, E. H. Theorizing ICT and society in the Brazilian context: a multilevel, pluralistic and remixable framework. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 3, p. 287-307, 2012.

PROCTER, S.; HUNT, M. Using the Delphi survey technique to develop a professional definition of nursing for analysing nursing workload. **Journal of Advanced Nursing**, v. 19, n. 5, p. 1003-1014, 1994.

PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**, v. 1, n. 2, p. 75–91, 2004.

RENZI, A.B.; FREITAS, S. The Delphi method for future scenarios construction. **Procedia Manufacturing**, v. 3, p. 5785-5791, 2015.

RIFKIN, J. **The zero marginal cost society: the internet of things, the collaborative commons and the eclipse of capitalism**. USA: David Cochran Heath, 2014. p. 356.

- RODRIGUES, A. P. de L. **A relação indivíduo e sociedade a partir da teoria social: os agentes, as representações sociais e as estratégias de ação.** v. 1, n. 3, p. 1-9, 2009.
- RODRIGUEZ, D.; BUSCO, C.; FLORES, R. Information technology within society's evolution. **Technology in Society**, v. 40, p. 64-72, 2015.
- ROGERS, E. M. The Digital Divide. **Convergence**, 7(4), 96-111, 2001.
- ROWE, G.; WRIGHT, G. The Delphi technique: past, present, and future prospects - introduction to the special issue. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 78, n. 9, p. 1487-1490, 2011.
- SAMET, M. **Network TheoryTED X**, 2013. Disponível em: <http://ed.ted.com/lessons/what---facebook---and---the---flu---have---in---common---marc---samet,video>. Acesso em: 10 maio 2015.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- SANDOVAL-ALMAZAN, R.; CRUZ, D.; NUNEZ, A. J. Social media in smart cities: an exploratory research in Mexican. **Conference Paper**, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rodrigo_Sandoval_Almazan/publications. Acesso em: 10 maio 2015.
- SAVAGE, M.; BURROWS, R. The coming crisis of empirical sociology. **Sociology**, v. 41, n. 5, p. 885-899, 2007.
- SAVAZONI, R. **O comum entre nós**. São Paulo: SESC, 2018.
- SCHÜTZ, A. Sobre múltiplas realidades. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 52, p. 13-47, abr. 2019. ISSN 1676 8965.
- SECCHI, L. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SILVA, F.; BAERT, P. **Teoria social contemporânea**. [S.l.]: Mundos Sociais, 2014.
- SIMMEL, G. La ampliación de los grupos y la formación de la individualidad. *In*: **Sociología: estudio sobre las formas de socialización**. [S.l.: s.n.], 1986. p. 741-808.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. [S.l.]: Zahar, 2006. p. 60.
- SKOCPOL, T. **Protecting Soldiers and Mothers**. [S.l.: s.n.], 2019. p. 1-17.
- SMITH, C.; SMITH, J.; SHAW, E. Embracing digital networks: entrepreneurs social capital online. **Journal of Business Venturing**, v. 32, n. 1, p. 18-34, 2017.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. Thousand Oaks: [s.n.], 1998.

STRAUSS, H. J.; ZEIGLER, L. H. The Delphi technique and its uses in social science research. **The Journal of Creative Behavior**, v. 9, n. 4, p. 253-259, 1975.

STRUECKER, D. R.; HOFFMANN, M. G. Participação social nos serviços públicos: caracterização do estado da arte por meio da bibliometria e da revisão sistemática. **REGE - Revista de Gestão**, v. 24, n. 4, p. 371-380, 2017.

TONNI, I.; OLIVER, R. A Delphi approach to define learning outcomes and assessment. **European Journal of Dental Education**, v. 17, n. 1, p. e173-e180, 2013.

TRAVERS, J.; MILGRAM, S. An experimental study of the small world problem. **The Structure and Dynamics of Networks**, v. 9781400841, p. 130–148, 2011.

UPRICHARD, E. Being stuck in (live) time: The sticky sociological imagination. **Sociological Review**, v. 60, n. suppl. 1, p. 124–138, 2012.

VAN DE VEN, A.; DELBECP, A. The effectiveness of nominal, Delphi, and interacting group decision making processes. **Academy of Management Journal**, v. 17, n. 4, p. 605-621, 1974.

VAN DIJCK, J. The culture of connectivity: a critical history of social media. [S.l.: s.n.].

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**, cap. 7. Editora Vozes Limitada, 2019.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. [S.l.]: Editora Vozes Limitada, 2019. cap. 7.

WHITMAN, W. **Provides in depth analysis of the life, works**. Boston: Twayne Publishers, 1990.

WIERTZ, C.; DE RUYTER, K. Beyond the call of duty: why customers contribute to firm-hosted commercial online communities. **Organization Studies**, v. 28, n. 3, p. 347-376, 2007.

WILLIAMS, P. L.; WEBB, C. The Delphi technique: a methodological discussion. **Journal of Advanced Nursing**, v. 19, n. 1, p. 180-186, 1994.

WITH, I.; CARDON, D. **To think digital sociology**. [S. l.: s. n.], 2010.

YIN, R. (Ed.). **Introducing the world of education: a case study reader**. [S.l.]: Sage, 2005.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. [S.l.]: Bookmann, 2001.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE (N=16)

ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE:

BLOCO 1: DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A):

Nome:

Sexo:

Idade:

Raça:

Escolaridade:

Bairro:

Área de atuação: (profissional/ativismo/projeto)

O que mais consideras importante nos contar sobre você?

BLOCO 2: ATUAÇÃO NO Coletivo

-Desde quando você participa do Coletivo Poa Inquieta? (explorar se participou desde o começo)

-Qual spin ingressou (ou outra forma):

-Como você conheceu o Poa Inquieta? Qual a pessoa que te apresentou o Coletivo? Quais ferramentas ou plataformas você utilizou para chegar ao Coletivo?

-O que te motivou a participar?

-Conte sobre tua participação até o momento atual (buscar detalhamento quanti e quali):

*spins

*atividades desenvolvidas

*faça uma relação de pessoas com quem mantém vínculos mais próximos a partir de atividades e interesses ligados ao Coletivo. São as mesmas pessoas, desde que você ingressou no Coletivo?

-Se participou ou participa de projetos:

- Qual(is) o(s) projeto(s)?

- Como surgiu a(s) iniciativa(s)?

- O que motivou? (quais eram as dores e sonhos?)
- Como foi o desenvolvimento do projeto? (meios, etapas, dificuldades e como superaram)
- Como eram as relações interpessoais?
- Quais as aprendizagens?

- Se você não participa mais do Coletivo Poa Inquieta, qual o motivo do seu afastamento? Se permanece, o que te motiva a continuar?
- Quais as expectativas futuras quanto à tua participação? O que você gostaria de ter feito ou vir a realizar através do Poa Inquieta?

BLOCO 3: ASPECTOS SUBJETIVOS SOBRE O Coletivo POA INQUIETA

- Na tua opinião, o que é o Coletivo Poa Inquieta? Como você o definiria? Qual é a sua finalidade?
- O que o Coletivo Poa Inquieta significa para ti? Na tua vida? (envolvimento)
- Como você adquire informação, interage, se comunica, propõe soluções e projetos, toma decisão, etc. (dinâmica de interação)
- Comente sua percepção sobre o acesso às informações produzidas no dia-a-dia do Coletivo: projetos, eventos, spins, etc. Como o acesso e o fluxo a essas informações poderia ser aprimorado? (gestão do conhecimento).
- Como você percebe essas relações através de meios digitais? Como interferem na construção dos vínculos e na eficiência das atividades com relação às interações presenciais? (Facilitam? Dificultam?) Em sua opinião, houve mudanças na medida em que tudo passou a ser em meio digital, durante o período da pandemia? Em caso afirmativo, quais?
 - Como o Coletivo se adaptou durante a pandemia?
 - O que você considera serem os pontos fortes do Poa Inquieta? Por quê?
 - O que você considera serem as fragilidades do Poa Inquieta? Por quê?
 - O que você acha que poderia mudar para a superação dessas fragilidades?
 - Como você acha que o Poa Inquieta deveria ser?
 - Quais as tuas expectativas quanto ao futuro do Coletivo? E quanto ao seu futuro no Coletivo?

-Apresentação da pesquisa por texto, vídeo e resenha

-Relação dos entrevistados (internos e externos):

Atuantes:

Articuladores:

1-Cesar (fundador)- OK

2-Moisés (histórico)

3-Isabel (histórico)

4-Cristiano (diversidade racial)

5-Cleiton (histórico e atuação relevante)

7-Karen (ativismo social)

8-Sílvia (ativismo social)

9-Sirley (atuação relevante)

10-Monica (atuação relevante)

11-Rita (atuação relevante)

Membros de spins

12-Alexandre Peixoto (histórico)

13-Tania Giacomo

14-Miriam Antunes

15-Tatiane Lisboa

2 Egressos:

16-João

17-Antonio

18-Gisele

19-Paula

ANEXO B – INSTRUMENTO DE PESQUISA QUALI/QUANTI (N=128)**COLETIVO POA INQUIETA EM PESQUISA**

Estimadas inquietas e estimados inquietos

Nós, Claudio Freitas (pesquisador e doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unisinos) e Adriane Ferrarini (orientadora e copesquisadora), com alegria convidamos vocês a participarem da primeira pesquisa em profundidade sobre o Poa Inquieta, que tem a finalidade de conhecer os integrantes, a dinâmica, as ações e os impactos do Coletivo. Em última instância, pretendemos contribuir para a compreensão desta forma inovadora de ação coletiva e para a construção de caminhos futuros.

Considerando que, além de pesquisadores somos também articuladores do Poa Inquieta, esta pesquisa não visa meramente atender demandas acadêmicas, ela é todos nós. Portanto, precisamos de cada um de vocês. Pedimos um pouco do seu tempo para o preenchimento deste questionário, que leva em torno de dez minutos. Posteriormente, teremos uma próxima etapa para o compartilhamento dos dados e análise colaborativa, com todas e todos que desejarem participar. Na próxima página você terá acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é um procedimento ético das pesquisas.

Agradecemos desde já pela tua participação!

* Indica uma pergunta obrigatória

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordo em participar desta pesquisa por vontade própria, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar com a produção de dados. A pesquisa tem o objetivo de conhecer os integrantes, a dinâmica, as ações e seus impactos do Poa Inquieta, almejando ainda contribuir para a compreensão desta forma inovadora de ação coletiva e subsidiar a análise de caminhos futuros do Coletivo.

Fui informado(a) de que:

- a pesquisa é coordenada pelos pesquisadores Claudio Kury Freitas (doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unisinos) e Adriane Vieira Ferrarini (orientadora e copesquisadora);
- poderei contatar os pesquisadores a qualquer momento que julgar necessário através dos e-mails: adrianefferrarini@gmail.com (51)99952.8020 e claudiokfreitas@gmail.com (51)99804.9056.
- os objetivos da pesquisa são acadêmicos e voltados à produção de impacto social;
- o acesso e a análise dos dados produzidos se farão apenas pelos pesquisadores e pelos integrantes do Coletivo Poa Inquieta que desejarem participar da etapa colaborativa, porém os integrantes receberão os dados de forma anônima;
- posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou quaisquer sanções ou constrangimentos. Os pesquisadores me enviarão cópia assinada deste Termo, conforme recomendações da Comissão de Ética do Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), norma 510.

1. *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

2. *

Marque todas que se aplicam.

☐ Concordo com o termo acima

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Estes dados não serão divulgados, de acordo com o código de ética de pesquisa.

3. Nome *

4. Telefone (com DDD, se for o caso) *

5. Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Até 19 anos
- ☐ 20 a 29
- ☐ 30 a 39
- ☐ 40 a 49
- ☐ 50 a 59
- ☐ 60 a 69
- ☐ 70 a 79
- ☐ 80 em diante

6. Como você classifica seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

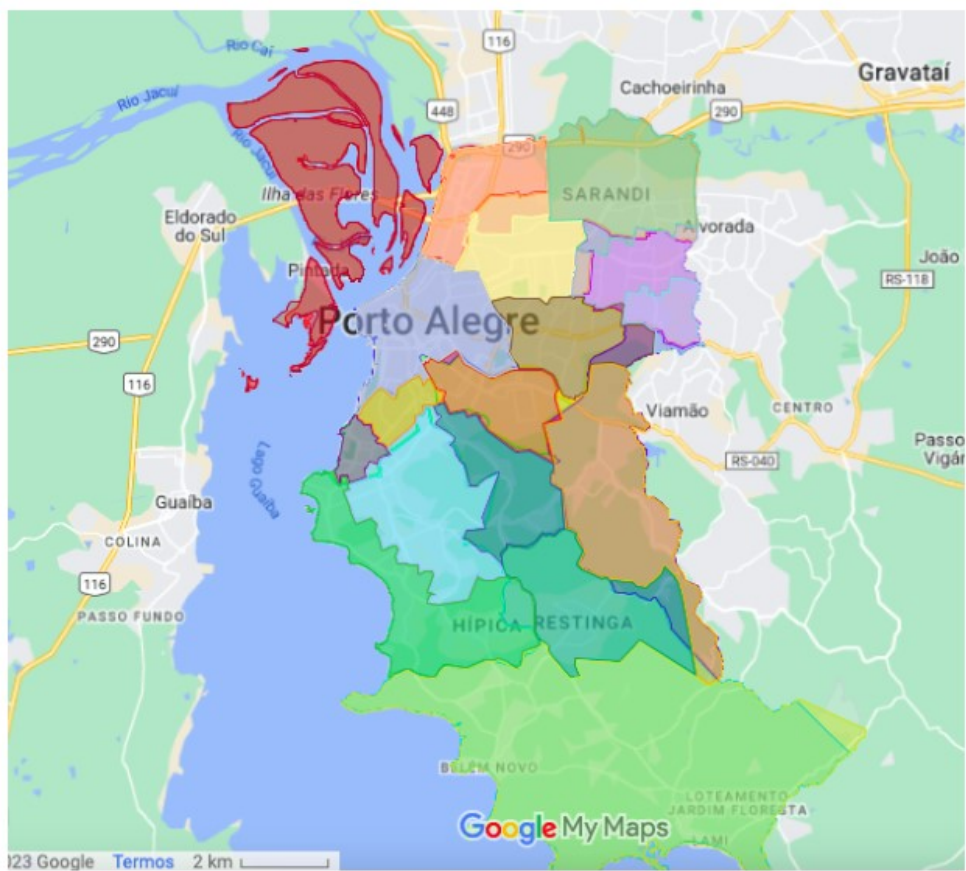
- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não dizer
- ☐ Outro: _____

7. Em qual região de Porto Alegre você mora? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Microrregião 1 - ILHAS, HUMAITÁ E NAVEGANTES (Anchieta, Arquipélago, Farrapos, Humaitá, Marcílio Dias, Navegantes e São Geraldo)
- ☐ Microrregião 2 - SARANDI E NORTE (Boa Vista, Cristo Redentor, Higienópolis, Jardim Floresta, Jardim Lindóia, Jardim Itu Sabará, Jardim São Pedro, Passo D'Areia, Santa Maria Goretti, São João, Sarandí, São Sebastião e Vila Ipiranga)
- ☐ Microrregião 3 - LESTE (Bom Jesus, Chácara das Pedras, Jardim Carvalho, Jardim do Salso, Jardim Itu Sabará, Morro Santana, Três Figueiras e Vila Jardim)
- ☐ Microrregião 4 - PARTENON (Cel. Aparício Borges, Partenon, Santo Antônio, São José e Vila João Pessoa)
- ☐ Microrregião 5 - GLÓRIA, CRUZEIRO E CRISTAL (Belém Velho, Cascata, Cristal, Glória, Medianeira e Santa Tereza)
- ☐ Microrregião 6 - CENTRO SUL E SUL (Camaquã, Campo Novo, Cavallhada, Espírito Santo, Guarujá, Hípica, Ipanema, Jardim Isabel, Nonoai, Pedra Redonda, Serraria, Teresópolis, Tristeza, Vila Assunção, Vila Conceição e Vila Nova.
- ☐ Microrregião 7 - RESTINGA E EXTREMO SUL (Belém Novo, Chapéu do Sol, Lageado, Lami, Ponta Grossa e Restinga)
- ☐ Microrregião 8 - CENTRO (Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Bom Fim, Centro Histórico, Cidade Baixa, Farroupilha, Floresta, Independência, Jardim Botânico, Marcílio Dias, Menino Deus, Moinhos de Vento, Mont' Serrat, Petrópolis, Praia de Belas, Rio Branco, Santa Cecília e Santana)
- ☐ Microrregião 9 - LOMBA DO PINHEIRO (Agronomia e Lomba do Pinheiro)
- ☐ Microrregião 10 - NORDESTE E EIXO BALTAZAR (Mário Quintana, Passo das Pedras e Rubem Berta)
- ☐ Moro em outro município
- ☐ Outro: _____

Microregiões de acordo com o OP



8. Qual a tua escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1º Grau incompleto
☐ 1º Grau
☐ 2º Grau incompleto
☐ 2º Grau
☐ Graduação incompleta
☐ Graduação
☐ Especialização
☐ Mestrado
☐ Doutorado
☐ Pós Doutorado

9. Você possui outra(s) formação(ões) que queira destacar? Em caso afirmativo, qual(is)?

10. Você atua em outros espaços de participação cidadã, além do Poa Inquieta? Em caso afirmativo, qual(is)?

TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO NO COLETIVO POA INQUIETA

11. Quando você conheceu o coletivo (ano)? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ 2017
- ☐ 2018
- ☐ 2019
- ☐ 2020
- ☐ 2021
- ☐ 2022
- ☐ 2023

12. Alguém te convidou? Quem?

13. Você chegou ao Coletivo por outro meio? Qual? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Mídias Sociais
- ☐ Contato Profissional
- ☐ Projetos
- ☐ Eventos de entidades públicas
- ☐ Eventos corporativos
- ☐ Rodas de Conversa
- ☐ Não se aplica
- ☐ Outro: _____

14. Por qual Spin (grupo de WhatsApp) você entrou no Coletivo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Articuladores
- ☐ Design
- ☐ Comunicação
- ☐ Economia Criativa
- ☐ Saudável
- ☐ Gastronomia
- ☐ Pós Digital
- ☐ Resíduos
- ☐ Bares e Restaurantes
- ☐ POA Inquieta 2020
- ☐ Diversidade e Inovação Social
- ☐ Segurança
- ☐ Turismo
- ☐ Negócios
- ☐ Educação
- ☐ Arquitetura e Urbanismo
- ☐ Sustentável
- ☐ Inteligência Artificial (IA)
- ☐ Plantio/clima
- ☐ Moda Sustentável
- ☐ Orgânicos
- ☐ Nova Mobilidade
- ☐ Animais
- ☐ Capital Humano
- ☐ Sistema B
- ☐ Roda de Negócios
- ☐ Esportes
- ☐ Música
- ☐ Poa Inquieta raiz (o primeiro grupo de Whats do Coletivo)
- ☐ Legal

☐ Não se aplica

☐ Outro: _____

15. Você participa atualmente de algum(ns) Spin(s)? Qual(is)? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Articuladores
- ☐ Design
- ☐ Comunicação
- ☐ Economia Criativa
- ☐ Saudável
- ☐ Gastronomia
- ☐ Pós Digital
- ☐ Resíduos
- ☐ Bares e Restaurantes
- ☐ POA Inquieta 2020
- ☐ Diversidade e Inovação Social
- ☐ Segurança
- ☐ Turismo
- ☐ Negócios
- ☐ Educação
- ☐ Arquitetura e Urbanismo
- ☐ Sustentável
- ☐ Inteligência Artificial (IA)
- ☐ Plantio/clima
- ☐ Moda Sustentável
- ☐ Orgânicos
- ☐ Nova Mobilidade
- ☐ Animais
- ☐ Capital Humano
- ☐ Sistema B
- ☐ Roda de Negócios
- ☐ Esportes
- ☐ Música
- ☐ Poa Inquieta raiz (o primeiro grupo de whats do Coletivo)
- ☐ Legal
- ☐ Não se aplica
- ☐ Outro: _____

16. Você já participou de algum Spin e o deixaste? Qual? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Articuladores
- ☐ Design
- ☐ Comunicação
- ☐ Economia Criativa
- ☐ Saudável
- ☐ Gastronomia
- ☐ Pós Digital
- ☐ Resíduos
- ☐ Bares e Restaurantes
- ☐ POA Inquieta 2020
- ☐ Diversidade e Inovação Social
- ☐ Segurança
- ☐ Turismo
- ☐ Negócios
- ☐ Educação
- ☐ Arquitetura e Urbanismo
- ☐ Sustentável
- ☐ Inteligência Artificial (IA)
- ☐ Plantio/clima
- ☐ Moda Sustentável
- ☐ Orgânicos
- ☐ Nova Mobilidade
- ☐ Animais
- ☐ Capital Humano
- ☐ Sistema B
- ☐ Roda de Negócios
- ☐ Esportes
- ☐ Música
- ☐ Poa Inquieta raiz (o primeiro grupo de whats do Coletivo)
- ☐ Legal
- ☐ Não se aplica
- ☐ Outro: _____

17. Qual(is) razão(ões) você indica como determinante(s) para sua saída do(s) Spin(s) ou do Coletivo? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Desinteresse
- ☐ Mudança de cidade, impedindo participação direta
- ☐ Limitação de tempo para o voluntariado
- ☐ Dificuldades financeiras para o voluntariado
- ☐ Poucas entregas
- ☐ Pouca interação
- ☐ Dificuldades de comunicação
- ☐ Não se aplica
- ☐ Outro: _____

18. E que motivo(s) faz(em) você permanecer em algum(ns) Spin(s) ou no Coletivo? *

19. Com relação à viabilização financeira da atuação voluntária no Poa Inquieta: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tenho fonte de recursos familiares ou próprios (aposentadoria, etc.)
- ☐ Artigo com minha atividade profissional
- ☐ Consigo expandir meus negócios através do networking do Coletivo
- ☐ Obtive oportunidades de trabalho através da rede de relações do Coletivo
- ☐ Outro: _____

20. Consideramos "projetos" como produtos cocriados no Poa Inquieta, cuja implementação é de médio a longo prazo e que tendem a ser reaplicados. Você participa ou já participou de algum projeto do Coletivo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

21. Caso você tenha respondido "sim" na pergunta anterior, indique qual(is) projeto(s). Caso você tenha respondido "não", marque a opção "Não se aplica": *

Marque todas que se aplicam.

☐ Não se aplica

☐ 17+

☐ Bares e Restaurantes

☐ Carta POA 2050

☐ Cidade Aberta

☐ Cinco Marias

☐ Congresso Popular de Educação para a Cidadania

☐ Outro: _____

22. Em qual(is) projeto(s) você julga que sua participação foi efetiva na elaboração, execução/operação e/ou entrega?

23. Consideramos "ações" como atividades pontuais que foram cocriadas no âmbito do Coletivo Poa Inquieta e que tiveram início, meio e fim. Você participa ou participou de alguma(s) ação(ões) do Coletivo? Caso a resposta seja negativa, marque a opção "Não se aplica": *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Não se aplica
- ☐ Distribuição de alimentos durante a Pandemia
- ☐ Visitas guiadas
- ☐ Missão a Medellín
- ☐ Hackatons (Maratonas)
- ☐ Reuniões e Rodas de Conversa de interação e planejamento
- ☐ Rodas de Negócios
- ☐ Empreendedorismo feminino
- ☐ Audiência com o Prefeito Nelson Markezan
- ☐ Reunião com o Prefeito Sebastião Melo
- ☐ Debates com candidatos(as) nas eleições 2022 em Porto Alegre (Carta POA 2050)
- ☐ Alameda
- ☐ Outro: _____

Pular para a pergunta 24

POA INQUIETA - PERCEPÇÕES

24. Para você, o que é o Coletivo Poa Inquieta? Você pode marcar mais de uma opção. *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Um coletivo social
- ☐ Um grupo de criativos
- ☐ Uma plataforma de conhecimento
- ☐ Um canal de conexões entre pessoas
- ☐ Um mediador entre sociedade e estado
- ☐ Um meio de gerar novos negócios

25. O que o Coletivo Poa Inquieta significa ou significou para você? Marque apenas as cinco opções mais relevantes, em ordem de importância de 1 (mais relevante) a 5 (menos relevante):

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Conexões para transformar a cidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Networking	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecer ou fazer amizades afetivas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ampliar conhecimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Obter informações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolvimento pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gerar impacto como empreendedor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Oportunidade de voluntariado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Projeção profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Projeção política	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fortalecer a Economia Criativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. Se significa algo além do citado na questão anterior, por favor explique:

27. Como você define, primordialmente, sua participação no Poa Inquieta? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Observando e recebendo informações
- ☐ Participando ativamente em Spins
- ☐ Participando na elaboração e/ou execução de projetos e ações
- ☐ Participando nos Spins e na elaboração e/ou execução de projetos e ações

28. Como você considera o espaço de construção oportunizado no Poa Inquieta? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Há uma cultura de valorização das iniciativas pessoais e de novas ideias em prol do coletivo
- ☐ Há abertura para participação, mas não me sinto à vontade para trazer minhas propostas
- ☐ Há abertura para participação, mas não tenho como contribuir individualmente neste momento
- ☐ Não há abertura para novas ideias

29. Na sua percepção, qual(is) a(s) principal(is) dificuldade(s) ou limite(s) do Poa Inquieta? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Não ter CNPJ
- ☐ Não criar projetos remunerados
- ☐ Pouca clareza sobre funcionamento do Coletivo e papéis exercidos pelas pessoas
- ☐ Poucos encontros presenciais
- ☐ Ineficiência de canais de comunicação interna
- ☐ Outro: _____

POA INQUIETA PESQUISA - COMUNICAÇÃO

30. Quanto às informações internas e canais de comunicação do Poa Inquieta, qual é a opção que melhor expressa o seu acesso ao conhecimento sobre o Coletivo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Conheço o propósito e os valores do Coletivo
- ☐ Tenho uma ideia do que é o Coletivo, mas não busquei maiores informações
- ☐ Conheço apenas os articuladores de spins ou projetos dos quais participo
- ☐ Quando tenho dúvidas, sei onde tirá-las ou a quem procurar

31. Como você se atualiza sobre os acontecimentos do Coletivo? Marque as opções em ordem de importância de 1 a 4, sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante):

★

Marcar apenas uma oval por linha.

	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
Pelo(s) Spin(s) em que participo diretamente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pela resenha semanal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em contatos com pessoas do Coletivo com que tenho mais afinidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por canais externos que destacam o Coletivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

32. Na tua opinião, o que contribuiria para melhorar o fluxo de informações e a comunicação interna do Coletivo Poa Inquieta? Marque as opções em ordem de importância de 1 a 4, sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante): *

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4
Uma ouvidoria	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Grupo específico de gestão da comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um site ou portal com curadoria de conteúdo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Encontros presenciais mais frequentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

IMPACTOS DO COLETIVO POA INQUIETA

33. Como você avalia as contribuições do Poa Inquieta nas transformações de Porto Alegre? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Entidades diferentes participam mais da mudança em Porto Alegre, por meio de ações e projetos propostos pelo Coletivo
- ☐ O Coletivo contribui ativamente para mudanças sociais e econômicas em Porto Alegre
- ☐ O trabalho do Coletivo possibilitou a participação de pessoas e entidades de maneira inédita em Porto Alegre
- ☐ Não tenho conhecimento

34. Como você avalia a intensidade das contribuições do Coletivo nas transformações de Porto Alegre? ★

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito significativas
- ☐ Razoáveis
- ☐ Pouco significativas
- ☐ Não tenho conhecimento
- ☐ Outro: _____

35. A que fatores você atribui os impactos positivos do Coletivo Poa Inquieta? Marque as opções em ordem de importância de 1 a 4, sendo 1 (mais relevante) e 4 (menos relevante): *

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4
Inspira políticas públicas e a criação de organizações do ecossistema de inovação de Porto Alegre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Permite liberdade para as pessoas permanecerem e contribuírem da forma como desejam ou podem, diante da flexibilidade de seu formato	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Oportuniza a realização de vários eventos, projetos e ações na cidade, pela sua alta capacidade de mobilização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conecta milhares de pessoas com propósitos comuns, ativando a participação cidadã (ou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

capital social)
de Porto
Alegre

36. De quantos projetos desenvolvidos em Porto Alegre (ou que foram inspirados no Poa Inquieta) você tem conhecimento? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhum
- ☐ Mais de 5
- ☐ Mais de 10
- ☐ Mais de 20
- ☐ Mais de 30
- ☐ Mais de 50
- ☐ Mais de 100
- ☐ Outro: _____

37. Quantas pessoas, aproximadamente, você vê impactadas por ações e projetos após o surgimento do POA Inquieta? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Dezenas
- ☐ Centenas
- ☐ Milhares

38. Este espaço final é dedicado para você dizer, contar, expor, de coração aberto, sobre algo bom, ruim ou registrar outras observações que você considera importantes e que não tenham sido perguntadas. Entraremos em contato para a devolução dos resultados da pesquisa. Aproveitamos para agradecer muitíssimo pela tua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

<https://forms.gle/3GGT1SfZsB61tdzX9>